UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

ÁREA DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

LUCAS DE SOUZA MARQUES

PROGRAMA AMOR E SEXO: PROTAGONISMO E RELEVÂNCIA SOCIAL NA TELEVISÃO BRASILEIRA

CAXIAS DO SUL

2021

LUCAS DE SOUZA MARQUES

PROGRAMA AMOR E SEXO: PROTAGONISMO E RELEVÂNCIA SOCIAL NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, na Universidade de Caxias do Sul.

Orientação: Profª Ma. Adriana dos Santos Schleder.

CAXIAS DO SUL

2021

LUCAS DE SOUZA MARQUES

PROGRAMA AMOR E SEXO: PROTAGONISMO E RELEVÂNCIA SOCIAL NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, na Universidade de Caxias do Sul.

Orientação: Profª Ma. Adriana dos Santos Schleder.

Aprovado em: **__/__/2021**

Banca examinadora

_____

Profª. Ma. Adriana dos Santos Schleder

Universidade de Caxias do Sul

_____

Profª. Dra. Alessandra Rech

Universidade de Caxias do Sul

_____

Marisol Santos Silva Lazzari

Jornalista e Relações Públicas

Dedico este trabalho àqueles que acreditam no poder do diálogo em mudar o mundo, mesmo que seja apenas 0,01%.

AGRADECIMENTOS

Durante o processo de escrita deste trabalho, inúmeras pessoas se fizeram presentes. Sendo próximas ou não, virtual ou presencialmente, todas acrescentaram e muito para que eu nunca me sentisse só. Primeiramente, agradeço aos meus pais, Maria Inês de Souza Marques e Jean Carlos Marchesan Marques, pelo carinho de sempre e que, mesmo sem entenderem direito o mundo acadêmico e suas exigências, foram atenciosos e dispostos a ajudar em tudo, além de serem incentivadores por natureza. Agradeço a minha irmã, Jéssica de Souza Marques, por acreditar em mim e sempre estar ao meu lado.

Agradeço à minha orientadora, profª Adriana Schleder, pelo apoio, incentivo e ajuda constantes. Nós dois sabemos como parte desse processo foi dificultoso, exigindo uma energia extra difícil de encontrar, mas que no final, com seus puxões de orelha e por acreditar neste trabalho, deu tudo certo. Agradeço a todos professores e professoras que tive o prazer de ser aluno durante toda a graduação. Com toda a certeza, seus ensinamentos se farão presentes durante minha vida profissional.

O ditado de quem tem amigos tem tudo cai como uma luva no momento de agradecer a inúmeros deles que fizeram parte deste momento tão importante. Agradeço, primeiramente, às minhas amigas Daniela Affonso e Letícia Kreling que, em 2021, enfrentaram o TCC ao meu lado, um incentivando o outro a cada momento de dificuldade. Agradeço à minha irmã de outra mãe, Thaís Strapazzon, pelo apoio e escutas quase que diárias. Aos colegas de profissão e amigos incríveis que a UCS me proporcionou, Raquel Carvalho, Mateus Teodoro e Juli Hoff.

Às minhas amigas queridas Clara Sant'Ana e Gabriela Bento Alves, que conheci durante estágio na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul e que seguirão comigo pelo resto da vida. Aos amigos Eduardo Lunelli, Evelyn Jatzkowski, Felipe Gentilini, Guilherme Machado, Lucas Klein e William Leppa por acreditarem em mim e por serem fontes de sorrisos e alegrias em momentos onde era difícil não achar que tudo estava perdido. A todos o meu sincero e afetuoso muito obrigado.

“Não se esconda atrás de arrependimentos, apenas ame a si mesmo e você estará bem.”

Lady Gaga

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo geral investigar qual a relevância social e o protagonismo do programa *Amor e Sexo* da Rede Globo, procurando entender a importância do conteúdo entregue ao público a partir da união da informação e do entretenimento. O método utilizado foi a Análise de Conteúdo, bem como as técnicas de revisão bibliográfica, observação simples e entrevista. Durante os capítulos, a pesquisa apresenta os gêneros e formatos dos programas de TV, nas categorias Informação e Entretenimento, além do subgênero *INFOtenimento*; as etapas de produção do conteúdo audiovisual, da criação do roteiro até a exibição ao telespectador; a sexualidade na televisão brasileira, incluindo a visibilidade LGBTQIA+ na TV. Na pesquisa, percebe-se a importância do programa ao promover diálogos divertidos e informativos sobre temas socialmente relevantes.

Palavras-chave: Programa Amor e Sexo. Produção de Conteúdo Audiovisual. Sexualidade. Protagonismo. Relevância Social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação entre categoria, gênero e formato……16

Figura 2 - Mães e filhos participando de brincadeira promovida no *Amor e Sexo*...128

Figura 3 - Uma sala de aula no palco do *Amor e Sexo*……129

Figura 4 - A representação da puberdade masculina por Mariana Santos……...133

Figura 5 - O advogado do Direito da Família Rodrigo Pereira participando do *Amor e Sexo*……...134

Figura 6 - A diversidade familiar no *Amor e Sexo* parte 1……135

Figura 7 - A diversidade familiar no *Amor e Sexo* parte 2……136

Figura 8 - A convidada Maite participando do *Amor e Sexo*……....137

Figura 9 - As famílias diversas no palco do *Amor e Sexo* em plano geral……....140

Figura 10 - A dança presente no programa *Amor e Sexo*……142

Figura 11 - A iluminação do programa *Amor e Sexo*……143

Figura 12 - A decoração do palco do *Amor e Sexo*……...144

Figura 13 - O figurino da apresentadora Fernanda Lima……..145

Figura 14 - A ação do ator José Loreto ao falar sobre menstruação……..……..147

Figura 15 - Mariana Santos explica o processo da puberdade masculina no *Amor e Sexo*…….....152

Figura 16 - Convidadas diversas presentes no palco do *Amor e Sexo*…….155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO……12

2 GÊNEROS E FORMATOS DOS PROGRAMAS DA TV……..15

2.1 CONCEITOS……15

2.2 CATEGORIA ENTRETENIMENTO……...18

2.2.1 Gênero Auditório……19

2.2.2 Gênero Variedades……..21

2.3 CATEGORIA INFORMAÇÃO……..24

2.3.1 Gênero Debate……..25

2.3.2 Gênero Entrevista……27

2.4 INFOtenimento…..……...29

3 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO AUDIOVISUAL……..33

3.1 ROTEIRO……...……...…33

3.1.1 Ideia……...……..34

3.1.2 Conflito e personagens……35

3.1.3 Ação, tempo e unidade dramática……....37

3.2 PRÉ-PRODUÇÃO……..……..39

3.3 GRAVAÇÃO……..42

3.3.1 Imagens……....43

3.3.2 Áudio……....44

3.3.3 Iluminação……...……...45

3.4 PÓS-PRODUÇÃO……..……..46

3.4.1 Edição……...……...46

3.4.2 Design de áudio……...……48

3.5 ENTREGA DO PRODUTO FINAL……...49

4 SEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA……..51

4.1 A PIONEIRA REVISTA ELETRÔNICA TV MULHER……..…….....52

4.2 SEXO, MÚSICA E MTV BRASIL……..54

4.3 NOITES DE AMOR E SEXO……57

4.4 A COMUNIDADE LGBTQIA+ NA TV BRASILEIRA……..59

5 METODOLOGIA……64

5.1 MÉTODO……...64

5.1.1 Pré-análise……...64

5.1.2 Exploração do material……65

5.1.3 O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação……67

5.2 TÉCNICA……....69

5.2.1 Revisão Bibliográfica……...69

5.2.2 Observação Simples……72

5.2.2.1 Objeto de estudo……..73

5.2.2.2 Corpus da pesquisa……73

5.2.2.2.1 Glossário……75

5.2.2.2.2 Decupagem……....76

5.2.3 Entrevista……..…115

5.2.3.1 Fontes de informação……117

5.2.3.1.2 Daniela Gleiser……....118

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO……..126

6.1 PROGRAMA AMOR E SEXO……..126

6.2 PROTAGONISMO……148

6.3 RELEVÂNCIA SOCIAL……157

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS……...167

REFERÊNCIAS……173

APÊNDICES……..182

ANEXOS……..….183

1 INTRODUÇÃO

Quando se tem um entendimento raso sobre algo, às vezes acaba-se por julgá-lo de forma equivocada. De primeira vista, o programa *Amor e Sexo*, da Rede Globo, pode parecer superficial e apelativo. Porém, por baixo de uma camada de divertimento, riso frouxo e sinceridade sexual, há um programa que debateu temas ainda considerados tabus pela sociedade brasileira do século XXI.

Ao assistir algum episódio da atração, é possível perceber que não há medo de trabalhar com essas pautas. Suas abordagens sempre foram claras e alegres, fazendo a plateia e o público de casa sorrir a cada brincadeira, mas também os levando às lágrimas, visto que muitos dos assuntos tocavam em pontos sérios como, por exemplo, o preconceito e a violência.

Um dos intuitos desta pesquisa é explorar a união do entretenimento e informação promovida pelo programa. O trabalho também busca focar no debate de temas relevantes utilizando do humor, bem como o protagonismo da atração junto a seu público. Com isso em mente, criou-se a seguinte questão norteadora: *qual a relevância social e o protagonismo do programa Amor e Sexo na televisão brasileira?*

O objetivo geral da pesquisa busca *investigar qual a relevância social e o protagonismo do programa na televisão brasileira*. Os objetivos específicos do trabalho são: *estudar os gêneros de programas televisivos para entender em quais categorias e gêneros o programa Amor e Sexo se encontra; conceituar INFOtenimento, para compreender a essência do objeto da pesquisa, que une informação e entretenimento; conhecer o processo de criação do programa Amor e Sexo para compreender desde a concepção da ideia até a distribuição para o público; pesquisar a abordagem da sexualidade na televisão brasileira para o entender a relevância do Programa Amor e Sexo na TV aberta; entrevistar profissionais envolvidos na elaboração do programa; analisar o conteúdo apresentado no corpus da pesquisa sobre o programa Amor e Sexo, a fim de investigar seu protagonismo e relevância social na rede aberta de televisão.*

Contribuindo para responder a questão norteadora e atingir os objetivos estabelecidos, foram elaboradas quatro hipóteses. São elas: *ao abordar temas de*

relevância na sociedade do século XXI, de forma descontraída e usando da informação e do entretenimento, o programa Amor e Sexo assume o protagonismo junto a seu público; o tom de humor utilizado pelo programa em seus quadros permite um debate descontraído entre especialistas, público presente na plateia e telespectadores, possibilitando uma maior compreensão da pauta discutida; a participação do painel de jurados e convidados especiais da plateia do Amor e Sexo permite que a discussão de ideias e conceitos se torne mais rica e inclusiva; a condução do programa, realizada pela apresentadora Fernanda Lima, aproxima o público (plateia e telespectadores) do debate promovido nas edições, trazendo dinamismo para a discussão.

A pesquisa adotou o método de *Análise de Conteúdo*, indicado pela pesquisadora Laurence Bardin (2011), além das técnicas de *Revisão Bibliográfica*, *Observação Simples* e *Entrevista*. No total, foram produzidos seis capítulos, sendo apresentados a seguir.

O capítulo dois aborda os *Gêneros e Formatos dos Programas da TV*, salientando duas categorias que compõem o *Amor e Sexo*: o entretenimento e a informação. Também são destacados quatro gêneros que se assemelham à proposta da atração: auditório e variedades (entretenimento); debate e entrevista (informação).

Os processos de criação do roteiro, pré-produção, gravação, pós-produção e, finalmente, chegada ao telespectador estão contidos no capítulo três, que é destinado às *Etapas de Produção do Conteúdo Audiovisual*.

O capítulo quatro apresenta, de forma cronológica, a abordagem da *Sexualidade na Televisão Brasileira*, que começou nos anos 1980 com o *TV Mulher*, passando por uma série de atrações da *MTV Brasil* nos anos 1990/2000 e chegando ao *Amor e Sexo*, produção mais recente a trabalhar com a temática na rede aberta de televisão. Neste capítulo também é apresentada a representatividade LGBTQIA+ na TV.

A *Metodologia* é o foco do capítulo cinco, que apresenta o método da Análise de Conteúdo. Nele, são detalhadas as etapas de *pré-análise*, *exploração do material*

e tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, além das técnicas de *revisão bibliográfica*, *observação simples* e *entrevista*.

O capítulo seis, que trata sobre a *Análise de Conteúdo*, apresenta a análise da pesquisa em três categorias: *Programa Amor e Sexo, Protagonismo* e *Relevância Social.*

As *Considerações Finais* do trabalho estão presentes no capítulo sete, que também contém a resposta da questão norteadora e a confirmação ou não das hipóteses.

2 GÊNEROS E FORMATOS DOS PROGRAMAS DA TV

Este capítulo é destinado a apresentar os conceitos e características de *categorias*, *gêneros* e *formatos* dos programas da TV, além de elementos como subgênero e hibridismo. Os conteúdos serão descritos a seguir.

2.1 CONCEITOS

Faz parte da sociedade a organização de diversos elementos em grupos. Na televisão, isso não é diferente. Segundo José Carlos Aronchi de Souza, na obra *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* (2004), os programas de televisão precisam ser divididos em *categorias*. Essa divisão atende a necessidade de classificação dos gêneros correspondentes. Na visão do autor, a divisão dos programas em categorias inicia o processo de identificação do produto, seguindo um conceito industrial assumido pelo mercado de produção.

Para o pesquisador, há cinco categorias principais: *entretenimento*, *informação*, *educação*, *publicidade* e *outros*. Ele destaca que “em suma, qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele deve sempre entreter e pode informar” (SOUZA, 2004, p. 39).

Ao tratar de *gênero*, o autor usa o dicionário para explicar o significado da palavra, que é apresentada como “um conjunto de espécies que apresentam caracteres comuns convencionalmente estabelecidos” (SOUZA, 2004, p. 41). Na visão dele, na televisão, esse processo não é diferente, já que, assim como as espécies, os programas que possuem características comuns são agrupados no mesmo gênero. Complementando seu ponto de vista, Souza (2004) explica que a classificação de gêneros também está relacionada com aspectos históricos e culturais.

No livro *A televisão levada a sério* (2000), Arlindo Machado destaca que, na época da publicação da obra, a ideia de gênero sofria com forte repressão por parte da crítica estruturalista e do pensamento pós-moderno, sendo considerada até como irrelevante. Machado (2000) também sinaliza que os gêneros são inúmeros, além de serem altamente mutáveis com o tempo e evolução tecnológica. Mesmo sendo muitos, Souza (2004) complementa o pesquisador ao deixar claro que o

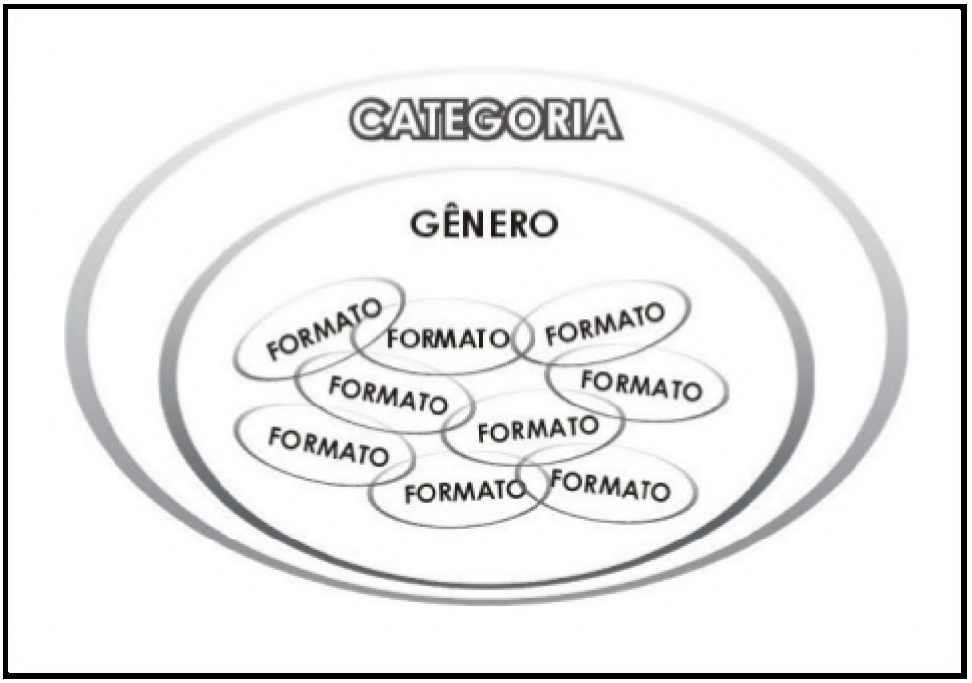
público é capaz de reconhecer este ou aquele gênero e até apontar suas especificidades.

Além de categorias e gêneros, os programas de televisão são compostos por *formatos*. Para Souza (2004), a *forma* é a característica que ajuda a definir o gênero, ou seja, são os aspectos gerais de uma atração. O formato, de acordo com o autor, está sempre associado a um gênero de programa de televisão, assim como gênero está diretamente ligado a uma categoria. Segundo Elizabeth Duarte no artigo *Televisão: entre gêneros, formatos e tons* (2007), o formato é o processo pelo qual um programa passa desde a sua criação até a sua exibição. É um esquema de construção de identidade da atração,

> constituído pela indicação de uma sequência de atos que se organizam a partir de determinados conteúdos, com vistas a obter a representação de caráter unitário que caracteriza o programa televisual: cenários, lugares, linha temática, regras, protagonistas, modalidades de transmissão, finalidades e tom (DUARTE, 2007, p. 6).

A figura abaixo apresentada por Souza (2004) explica como ocorre a ação de categoria, gênero e formato nas produções televisivas.

Figura 1 – Relação entre categoria, gênero e formato.



Fonte: SOUZA, 2006, p. 46.

Para exemplificar, Souza (2004) apresenta as cinco categorias e seus respectivos gêneros. São elas:

a) *Categoria Entretenimento*: auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, *game show* (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quiz show* (perguntas e respostas), *reality show* (tv-realidade), revista, série, série brasileira, *sitcom* (comédia de situações), *talk show*, teledramaturgia (ficção), variedades e *western* (faroeste);

b) *Categoria Informação*: debate, documentário, entrevista e telejornal;

c) *Categoria Educação*: educativo e instrutivo;

d) *Categoria Publicidade*: chamada, filme comercial, político, sorteio e telecompra;

e) *Categoria Outros:* especial, eventos e religioso.

Machado (2000) assinala a obsolescência da utilização de gêneros nas produções audiovisuais, muito ligado a não necessidade/possibilidade de se classificar um programa de televisão com um determinado gênero, pois muitos dos produtos atuais têm uma característica em particular: o *hibridismo* de seus conteúdos.

No artigo *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro - A Liga e o Espetáculo do Pseudo Jornalístico* (2015), as autoras Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro apontam o termo como uma marca da televisão brasileira atual. António Granado e Dora Santos Silva, no artigo *Hibridismo e jornalismo* (2021), afirmam que os sistemas midiáticos sempre foram híbridos, variando apenas na extensão ou no tempo. Andrew Chadwick (2013 apud GRANADO e SILVA, 2021) defende que “o hibridismo é, por isso, a abordagem mais adequada para caracterizar o sistema midiático contemporâneo, permitindo-nos reconhecer a sua complexidade, fluidez e interatividade, em vez de usarmos conceitos obsoletos” (p. 28).

Já na visão de Duarte (2007), a noção de gênero, na televisão, deve ser

compreendida como um feixe de traços de conteúdo da comunicação televisiva que só se

> atualiza e realiza quando sobre ele projeta uma forma de conteúdo e de expressão - representada pela articulação entre subgêneros e formatos, esses, sim, procedimentos de construção discursiva que obedecem a uma série de regras de estruturação, envolvendo seleções e combinações em diferentes níveis (DUARTE, 2005, p.5).

Outro destaque da autora são os subgêneros. Para ela, o subgênero é uma das possíveis atualizações do gênero. Ou seja, o hibridismo de dois gêneros, como, por exemplo, a informação e o entretenimento, formaria um subgênero. Segundo a pesquisadora, “sob sua chancela [subgênero] podem-se agrupar um número infindável de emissões televisuais” (DUARTE, 2007, p. 5). Ela também observa que o subgênero diz muito mais que o gênero de um determinado produto televisivo.

A seguir serão apresentadas as características e conceitos de categorias e gêneros que podem se encaixar no perfil do programa *Amor e Sexo*, objeto de estudo desta pesquisa.

2.2 CATEGORIA ENTRETENIMENTO

Ao ligar a televisão, a sociedade busca por conteúdos que sejam interessantes. Oferecidos pela maioria das emissoras, os programas de entretenimento trazem os mais variados tipos de formatos e modelos. São programas descontraídos, divertidos, cheios de energia e que procuram ser originais.

Segundo Patrícia Ruas Dias, no artigo *Televisão Brasileira e o Entretenimento: do espetáculo ao mito*, publicado na revista *Extraprensa* (2017), o conceito de entretenimento é relativamente novo, surgindo entre os séculos XIX e XX. Para ela, o entretenimento segue uma linha de características: é o divertido, irracional, fácil, sensacional, previsível e subversivo. Por isso, na visão da pesquisadora, a categoria é tão explorada pelas emissoras e solicitada pela audiência.

Citando Maria Ataide Malcher (2009), a autora expõe que o conceito de entretenimento está ligado ao universo popular, carregando até uma carga

pejorativa, já que o que é considerado popular, automaticamente, é de menor qualidade. Dias (2017) aponta que “um dos dogmas da cultura era a necessidade de esforço para compreender a arte, enquanto para o entretenimento não se era exigido nada, apenas aguçar sentidos e emoções” (p. 291).

Em seu artigo, a pesquisadora usa de afirmações do escritor Harris Watts no livro *OnCamera: O curso de produção de filme e vídeo da BBC* (1990) para explicar que o entretenimento se faz importante em qualquer tipo de produção, sem exceções. Caso o programa não provoque entretenimento, ele não terá audiência. O autor afirma que "entreter não significa somente vamos sorrir e cantar. Pode ser interessar, surpreender, divertir, chorar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertando sua vontade de assistir. Isso é entretenimento” (WATTS, 1990, p. 20).

Como visto anteriormente nesta pesquisa, o entretenimento abraça vários gêneros de programas. *Reality shows*, culinária, colunismo social, musicais, infantis, humorísticos e diversos outros estão inseridos no leque da categoria. O programa *Amor e Sexo* é um exemplo de conteúdo centrado no entretenimento. A atração da Rede Globo é compatível com dois gêneros da categoria. Visto isso, é importante conceituar ambos nos subtítulos a seguir.

2.2.1 Gênero Auditório

Classificados como exclusivos das massas, os programas do *gênero auditório* podem ser considerados pioneiros na televisão brasileira, de acordo com José Carlos Aronchi de Souza (2004).

Voltando no tempo na história da humanidade, Ciro Marcondes Filho, na obra *Televisão: a vida pelo vídeo* (1988), destaca que os programas de auditório são, em sua essência, grandes circos que foram absorvidos, primeiramente, pelas rádios e, em seguida, pelas televisões. Na sua obra, Souza (2004) pontua que as atrações que possuem um auditório se conectam com seu público por permiti-lo estar presente no espaço de gravação.

As ideias e opiniões dos autores se encontram quando Marcondes Filho (1988) compara as atrações a atos circenses, ou seja, a plateia que antes acompanhava a domação de leões e as palhaçarias, hoje, nos programas de auditório, acompanha o apresentador e seus mais variados quadros. A participação

do público é característica do gênero, segundo Souza (2004), já que nas atrações, eles podem demonstrar alegria e animação, além da liberdade para dançar e cantar, assim como nos espetáculos de circos.

Contudo, os programas de auditório, antes de chegarem à televisão, já tinham espaço nas rádios. De acordo com Souza (2004), aproveitando o sucesso e popularidade desses programas radiofônicos, as emissoras de televisão foram responsáveis por dar uma nova roupagem aos produtos: o acréscimo da imagem.

Seja no rádio ou TV, os programas de auditório têm a capacidade de prender a atenção de sua audiência devido à variedade de conteúdos apresentados durante duas ou mais horas de duração. Na ótica do pesquisador, “a sucessão de quadros musicais, entrevistas, jogos e atrações diversas faz do programa de auditório um gênero que comporta facilmente vários formatos" (SOUZA, 2004, p. 94).

A posição de apresentador/apresentadora de um programa de auditório também é vista como essencial para a realização de uma atração do gênero. Souza (2004) cita o *Programa do Chacrinha*, comandado por José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha, exibido pela Rede Globo nos anos 1980, como um marco do gênero, servindo como influência para atrações futuras. Já Marcondes Filho (1988), na época da publicação de sua obra, considerava o programa de Hebe Camargo, exibido no SBT, como o mais famoso da televisão brasileira. Citando a tese acadêmica *A noite da madrinha* (1972), de Sérgio Miceli, o autor apresenta o

> programa como um prolongamento familiar, em que a apresentadora busca suprimir o fato de a televisão ser um meio eletrônico ‘frio’: o que se passa na ‘sala de visitas’ de Hebe deve prolongar-se até a casa de cada telespectador. O público pode, assim, conviver em seu lar com personalidades do mundo artístico, cultural, intelectual e político sem as cerimônias que normalmente existiriam entre essas pessoas (MARCONDES FILHO, 1988, p. 70).

Souza (2004) ainda cita Dercy Gonçalves, Moacyr Franco e Bibi Ferreira como exemplos de apresentadores que, assim como Chacrinha e Hebe, saíram das rádios e deram continuidade à fórmula na televisão. Fórmula essa que perdura até 2021 com programas como *Caldeirão* (Rede Globo), *Eliana* (SBT) e a *Hora do Faro* (Record).

O *gênero variedade*s, que também faz parte do perfil do programa *Amor e*

Sexo, será apresentado no próximo subtítulo.

2.2.2 Gênero Variedades

De acordo com Souza (2004), visando promover mudanças aos já clássicos *programas de auditório*, além de retirar a imagem de produto das massas, as emissoras de televisão decidiram dar uma nova roupagem ao gênero, o batizando de *variedades*. Para o autor, essa reclassificação pode ser considerada como o início de uma era para as atrações, onde se procurava certo refinamento de seu conteúdo.

No dicionário de português online[1], a palavra *variedade* está atrelada a multiplicidade. Isso é explicado pelo pesquisador ao afirmar que nos programas de variedades "tem aparecido todo tipo de atração e formato, nos moldes de um programa do gênero revista, porém recorrendo a alguns elementos, como o auditório e o improviso" (SOUZA, 2004, p.139). A utilização desses elementos, que são clássicos do *gênero auditório* (como visto no subtítulo anterior), deixa clara a semelhança entre os gêneros, mostrando como um é descendente direto do outro.

Um elemento que faz parte da realidade de um programa de variedades é sua relação com a publicidade. Para Souza (2004), as atrações dependem dos patrocinadores, sendo eles grandes empresários ou pequenos apoiadores. Com a possibilidade de ser sobre 'qualquer coisa', o pesquisador classifica o gênero como um espaço perfeito para as emissoras com algum tempo livre em sua programação e que precisam alimentar suas cotas publicitárias. Contudo, nem sempre a intenção é ser apenas um 'tapa-buracos'.

Ciro Marcondes Filho (1988) classifica os programas de auditório como espetáculos de circo sugados pela televisão. Aqui, Souza (2004) salienta as diferenças entre os gêneros, pontuando a tentativa dos programas de variedades serem originais e inovadores. O modelo de auditório com apresentador ao vivo ainda é o formato mais usado, porém, o gênero permite variações na estrutura, podendo recorrer aos musicais e à teledramaturgia, não deixando de ter a participação do público no estúdio e convidados. Entretanto, ainda de acordo com o autor, mesmo com tentativas e ideias, as coisas podem se tornar o mesmo circo de sempre.

---

[1] Disponível em <https://www.dicio.com.br/variedades/> Acesso em 21 ago 2021.

A utilização de entrevistas em estúdio ou de reportagens externas colabora para o acréscimo de conteúdo à atração. Quadros semelhantes a *game shows*[2] ou *quiz show*[3], assim como participação de atos musicais e quadros de humor, são recursos utilizados pelas emissoras para fugir da trivialidade imposta pelo formato. Para o autor, "a criatividade e o bom senso da direção são elementos-chave num programa que pode se perder pela falta ou pelo excesso de atrações" (SOUZA, 2004, p. 141).

Entretanto, às vezes, a demanda por produtos criativos e únicos acaba forçando a criação de programas de 'gosto duvidoso'. Souza (2004) explica que algumas dessas atrações do gênero estão envolvidas na abordagem de assuntos considerados *grotescos*. Ele cita como exemplo *O Povo na TV*, sucesso da TVS (hoje SBT) nos anos 1980. Aquele foi o começo para a produção de programas do gênero, onde desastres e tragédias recebiam horas de cobertura e aprofundamento, quase sempre de forma sensacionalista. A exposição de pessoas com doenças graves, deformações no corpo, brigas de família, crimes, abusos e muitos outros eram pautas cotidianas.

Citando Muniz Sodré na obra *A comunicação do grotesco* (1972), o autor pontua que, no Brasil, a banalização da imagem da televisão vem de uma incapacidade do comunicador (diretores e produtores) de entender a natureza da TV, além de elaborar mensagens específicas. Em 2021, a rede aberta de televisão continua com programas que seguem a mesma linha do apresentado pela extinta TVS. *Cidade Alerta* (Rede Record), *Brasil Urgente* (Band) e *Casos de Família* (SBT) são exemplos.

Na monografia *Encontro marcado com o grotesco* (2006), o autor Thiago Lopes de Souza relembra a utilização e banalização do sexo, que é tema abordado pelo objeto de estudo desta pesquisa, em algumas *atrações grotescas*. O uso da sexualidade de forma gratuita é lembrado pelo comunicador ao afirmar que, na época da publicação da monografia, era

---

[2] São programas de televisão que promovem jogos entre os participantes. Esses jogos valem prêmios em dinheiro ou itens, como carros, casas ou aparelhos eletrodomésticos. Souza (2004) afirma que o gênero é mais comum nos Estados Unidos, porém, no Brasil, há atrações que produzem quadros *games show*. O *Programa Silvio Santos* é um exemplo do autor.

[3] Diferente do *game show*, que, geralmente, exige atividades físicas, o *quiz show* é destinado a testar os conhecimentos dos participantes. Os quadros também rendem prêmios. Souza (2004) apresenta o Show do Milhão (1999-2009 e novamente em 2021) como um exemplo de quiz show na TV brasileira.

> comum ligar a televisão e ver uma dominatriz e seu escravo se exibindo para um auditório. Discussões acaloradas sobre o tema também são muito populares. Geralmente superficiais, preconceituosas e fúteis. A tara alheia sempre aumenta os índices de audiência (SOUZA, 2006, p. 25).

Na busca por essa audiência, nas décadas de 1990 e 2000, o *Domingo Legal* (SBT), apresentado por Gugu Liberato, trouxe para as telas o quadro *Banheira do Gugu*. Nele, basicamente, um homem e uma mulher, ambos usando apenas roupas de banho, entravam em uma banheira cheia de água e sabão, e disputavam um sabonete. A atração era exibida aos domingos à tarde, logo após o almoço. Atualmente, o programa ainda está no ar, mas o quadro foi extinto. Em seu site oficial[4], o programa se define como uma atração que faz parte da vida dos brasileiros.

No artigo de opinião *Liberdade de Expressão versus Proteção de Crianças e Adolescentes* (2006), publicado pela revista da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), a Promotora de Justiça Patrícia Pimentel de Oliveira Chambers Ramos aponta que, no ano de publicação do artigo, as emissoras de televisão tinham o sexo como um de seus assuntos carro-chefe, sempre visando altas audiências. Mesmo com críticas vindas de diversas áreas, como, por exemplo, da psicologia e pedagogia, as emissoras insistiam na divulgação de imagens de nudez e conteúdos explícitos.

Para a promotora, são fortes as conseqûencias da exibição extrema, provocando uma

> sexualização precoce de nossas crianças, a divulgação da imagem da mulher brasileira no exterior como uma mercadoria sexual, a banalização do sexo, gravidez precoce, maior disseminação do vírus da AIDS, além de outras doenças sexualmente transmissíveis (RAMOS, 2006, p. 283).

Além do sexo, a religião e até a cultura infantil não escapam de serem utilizadas nas atrações grotescas. De acordo com Souza (2006), os programas exibidos no início do século XXI exploravam o misticismo, satanismo, milagres e cultos exóticos de forma polêmica e até abusiva. Já no âmbito infantil, “as eternas apresentadoras loiras chefiam uma atração repleta de apelos sexuais e eventos banalizantes para uma infância teleguiada” (SOUZA, 2006, p. 25).

A fim de controlar e evitar que menores de idade tenham acesso a tal

[4] Disponível em <https://www.sbt.com.br/auditorio/domingo-legal#fique-por-dentro> Acesso em 29 ago 2021.

conteúdo explícito, desde 1990 a televisão brasileira conta com o serviço de Classificação Indicativa (ClassInd)[5]. Segundo o site do Ministério da Justiça e da Segurança Pública, a ClassInd atua como um serviço às famílias sobre para qual faixa etária o produto audiovisual não é indicado. Contudo, o serviço afirma não substituir o papel dos familiares no controle do que é visto ou não. As classificações são dividas em: Livre, não recomendado para menores de 10 anos, menores de 12 anos, menores de 14 anos, menores de 16 anos e menores de 18 anos.

Apesar do controle governamental, é a família que decide o que a criança irá assistir. Algumas opções do gênero variedades estão presentes na plataforma Globoplay[6], da Rede Globo. Lá, a emissora elenca como *programas de variedades* as atrações *Domingão com Huck*, *Altas Horas* e *Lady Night* (exibido originalmente pelo canal a cabo *Multishow*). Os programas contam com plateias (presenciais ou virtuais), convidados musicais e quadros humorísticos, se assemelhando aos programas de auditório de décadas atrás, mas considerados como produtos do gênero variedades. O *Amor e Sexo*, objeto de estudo desta pesquisa, está incluso nesta lista e se soma a alguns outros, como o *Mais Você*, de Ana Maria Braga, ao *Saia Justa* (original do canal a cabo GNT), apresentado por Astrid Fontenelle, e *Esquenta* (2010-2017), comandado por Regina Casé.

Além de agregar elementos da categoria Entretenimento, o *Amor e Sexo* tem características que podem inseri-lo em gêneros da *categoria Informação*. A categoria e dois gêneros serão descritos no próximo subtítulo.

2.3 CATEGORIA INFORMAÇÃO

Desde o início da manhã até o final da noite, as emissoras de televisão exibem em sua programação alguns produtos jornalísticos. Entre os programas caracterizados na *categoria Informação*, segundo Souza (2006), estão os telejornais, os programas de debate, aqueles destinados a entrevistas, além dos conteúdos especializados em documentários.

De acordo com a autora Olga Curado, na obra *A notícia na TV: O dia-a-dia*

[5] Disponível em <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1> Acesso em 29 ago 2021.
[6] Disponível em <https://globoplay.globo.com/categorias/variedades/> Acesso em 21 ago 2021.

de quem faz Telejornalismo (2002), o decreto lei 52.795/1963[7] estipula que as emissoras de televisão dediquem cinco por cento do horário da programação diária para a exibição de conteúdo noticioso. Para ela, “o programa de notícias existe para oferecer ao público informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento” (CURADO, 2002, p. 15).

Os programas da categoria informação devem trazer materiais que são relevantes para o dia a dia de seu público, ou seja, é necessária uma seleção cautelosa do que será apresentado. A autora destaca que a importância da notícia é julgada de acordo com, primeiramente, a sua abrangência, isto é, o universo de pessoas que será impactada com aquela informação. Curado (2002) explica que, quando se dá certa ênfase na amplitude da notícia corre o risco de se tornar entretenimento ou um espetáculo. A pesquisadora ainda salienta que "fundamentalmente, a notícia é a informação a serviço do público” (CURADO, 2002, p. 16).

O programa *Amor e Sexo*, além de pertencer à categoria Entretenimento, também se compõe de elementos da informação. É de importância para essa pesquisa que esses conteúdos sejam estudados e compreendidos, já que cada vez mais atrações do entretenimento têm buscado alcançar o público por meio da emissão de informações. Nos subtítulos a seguir serão trabalhados dois gêneros que trazem elementos para a atração: o *debate* e a *entrevista*.

2.3.1 Gênero Debate

De acordo com o site Dicio[8], a palavra *debate* tem como significado uma “discussão em que se apresenta os prós e contras de alguma coisa” ou até "uma discussão acalorada na defesa de uma ideologia”. Simples em sua estrutura, um programa que seja do *gênero debate* é exibido, geralmente, na grade noturna de uma emissora de televisão. Segundo Souza (2004), ele tem o objetivo de promover as mais variadas discussões, sendo elas sobre política, cultura, saúde, medicina ou qualquer outro tema. Esse gênero promove o encontro de pessoas para o simples

[7] Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d52795.htm> Acesso em 29 ago 2021
[8] Disponível em <https://www.dicio.com.br/debate/> Acesso em 19 ago 2021

ato de conversar.

No artigo *O Roda Viva e as estratégias de construção e de um debate público* (2010), a autora Fernanda Mauricio da Silva destaca que os programas de debates, assim como os de entrevistas, ganharam espaço na televisão brasileira próximo ao fim da Ditadura Militar (1964-1985), a partir da morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975. O falecimento do profissional, na visão da autora, "tornou-se um marco histórico para que a sociedade começasse a se manifestar contrariamente à censura, às perseguições e às torturas aos inimigos políticos, aos artistas de esquerda e à imprensa" (SILVA, 2010, p. 50).

A partir dessa tensão política e de forte contrariedade à continuidade dos militares no governo do país, as emissoras de televisão começaram a criar espaços visando a inserção de programas focados em entrevistas e debates. Para Silva (2010), o objetivo era dar visibilidade a temas antes pouco explorados ou censurados. Segundo Eliete Sampaio Farneda, na dissertação de pós-graduação *O Debate Televisivo: um estudo das Estratégias Argumentativas no Discurso Feminino* (2007), os programas de debate consistem na troca de ideias, no confronto de pontos de vista, com o objetivo de conversar/persuadir o público/telespectador. Eles também assumem um compromisso social quando o debate midiático busca a resolução de problemas da comunidade, com responsabilidade de ampliar os conhecimentos dos telespectadores.

Para Souza (2004), o que se destaca em um programa de debates é o número de entrevistados e entrevistadores. Segundo ele, "é o número de pessoas que *cria o debate*" (SOUZA, 2004, p. 144). Ele também pontua que os assuntos e os convidados variam conforme a proposta da emissora. Ainda do ponto de vista do autor, a variedade de vozes no debate permite diversidade de opiniões acerca do tema em pauta.

Ele cita o *Programa Silvia Poppovic*, apresentado na Rede Bandeirantes nos anos 1990, como sucesso do gênero, já que seu formato é reproduzido até os dias atuais. Segundo o autor, a atração deixou sua marca pois reuniu uma apresentadora experiente (Silvia Poppovic), alguns debatedores fixos (especialistas) e convidados variados. Um exemplo de programa de debate exibido em 2021 é *O Grande Debate*[9], da CNN Brasil. Nele, dois debatedores, geralmente, com opiniões

[9] Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/o-grande-debate/> Acesso em 21 nov 2021.

diferentes sobre determinado assunto, são mediados pela apresentadora Carol Moreira e discutem um tema que está sendo comentado na sociedade brasileira.

Além do debate, o gênero *entrevista* faz parte da personalidade do programa *Amor e Sexo*. Suas especificações e características serão apresentadas a seguir.

2.3.2 Gênero Entrevista

Neste gênero, os programas, geralmente, são comandados por jornalistas de renome dentro e fora das emissoras. Segundo Souza (2004), o *gênero entrevista* está ligado a programas jornalísticos e tem o objetivo de unir as mais diversas áreas para que possam dialogar frente a frente com o entrevistador.

Para o autor, quando existe descontração e intimidade entre entrevistador e entrevistado, pode ocorrer uma redefinição de gênero, podendo se aproximar do formato conhecido como *talk show*. Ele explica que a entrevista se caracteriza, principalmente, por ter apenas um entrevistador e o entrevistado, um perguntando e o outro respondendo. O foco é a conversa entre as duas partes, evitando que o programa se torne um *show*, ou seja, mesmo com a existência da intimidade, a atração não se desvincula de sua proposta inicial.

Cárlida Emerim, no artigo *Informação Televisiva: Entrevista*, presente na obra *Televisão: entre o mercado e a academia* (2006), organizada por Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro, explica que a relação entre entrevistado e entrevistador sofre com uma interferência: o fato de ambos saberem que aquela conversa, até o momento, particular, será transmitida para um grande número de pessoas. Segundo ela, “na gênese da entrevista está a exposição pública” (EMERIM, 2006, p. 161).

Um exemplo apresentado por Souza (2004) é o *Roda Viva*, programa que há mais de 30 anos faz parte da programação da TV Cultura e que, em 2021, é apresentado pela jornalista Vera Magalhães. Criado em 1986, num período marcado pelo fim da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), o programa foi responsável por entrevistar inúmeras personalidades, sendo elas políticos, empresários, celebridades, artistas, religiosos, líderes de movimentos sociais, entre outros. Em

seu site oficial[10], o programa se afirma como um espaço plural para a apresentação de ideias, conceitos e análises sobre temas de interesse da população, sob o ponto de vista de personalidades notórias.

O programa funciona como uma sabatina, onde jornalistas das mais variadas instituições fazem perguntas ao entrevistado da edição. O cenário do programa chama atenção por colocar o sabatinado no centro de um círculo formado por bancadas onde estão sentados os entrevistadores. Souza (2004) pontua que o programa que coloca seus personagens sentados durante todo o tempo presume uma entrevista de longa duração, o que é o caso da atração da TV Cultura, que chega a ter mais de 1h30min.

O Roda Viva também é conhecido por algumas entrevistas intensas. Uma delas foi com o político Paulo Maluf[11], realizada em 1995, quando ele era o prefeito da cidade de São Paulo (SP). Na entrevista, Maluf foi questionado sobre a lei anti-fumo em estabelecimentos e o uso obrigatório do cinto de segurança, chegando a se irritar com um dos jornalistas que se queixou da obrigatoriedade do equipamento. De tão absurdas as perguntas, em 2020, a entrevista se tornou alvo de comparações[12] com esquetes de humor apresentadas pelo programa *Choque de Cultura*[13]. Para Souza (2004), no gênero entrevista, "o apresentador não tem o compromisso de deixar o entrevistado à vontade, podendo questioná-lo sobre fatos polêmicos e chegar até à discórdia, o que denota seriedade e compromisso com a verdade, atribuições dos programas jornalísticos" (p. 148).

Além de conter elementos dos gêneros citados anteriormente, o programa *Amor e Sexo* promove a união entre as categorias informação e entretenimento, revelando uma hibridização. O conteúdo gerado a partir dessa integração é o *INFOtenimento*, conceito esse que será apresentado no próximo subtítulo desta pesquisa.

---

[10] Disponível em <https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/> Acesso em 20 ago 2021.
[11] Disponível em <https://tvcultura.com.br/playlists/44_roda-viva-retro-entrevistas-polemicas_p7ThZ5buh0o.html> Acesso em 21 ago 2021.
[12] Disponível em <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/12/02/maluf-roda-viva-choque-de-cultura/> Acesso em 17 set 2021.
[13] Programa humorístico de sátiras e análises desenvolvido pela TV Quase, em canal no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/c/tvquase/videos> Acesso em 21 nov 2021.

2.4 INFOtenimento

Como apresentado neste capítulo anteriormente, o conceito de *gêneros televisivos* tem passado por questionamentos, visto que, com o decorrer do tempo, cada vez mais eles têm se fundido e gerado *subgêneros*. Esses novos conteúdos são frutos do *hibridismo*. A hibridização de conteúdos tem permitido, por exemplo, a união entre informação e entretenimento.

Essa parceria tem gerado os mais variados tipos de conteúdos, sejam eles no rádio, na televisão ou na *Internet*. Em suas bases, essas atrações querem divertir, mas também querem informar seus públicos. A união de características das duas categorias gera o *INFOtenimento*. Este conceito é amplamente trabalhado por Fabia Angélica Dejavite na obra *INFOtenimento: Informação + Entretenimento no Jornalismo* (2006). Segundo a autora, o INFOtenimento é aquele jornalismo que traz informação e prestação de serviço, mas que ao mesmo tempo pode oferecer divertimento para quem recebe a mensagem.

O termo INFOtenimento, de acordo Dejavite (2006), surgiu nos anos 1980, ganhando espaço nos veículos de comunicação e em seus conteúdos editoriais, muito motivado pela popularização dos meios audiovisuais. Porém, foi nos anos 1990 que o subgênero ganhou força, tendo popularidade entre profissionais acadêmicos da área comunicacional e apresentado como “uma das mais novas especialidades jornalísticas na mídia em geral” (DEJAVITE, 2006, p.87).

O lado *divertido* do jornalismo recebe denominações que caracterizam o tipo de material trabalhado. Dejavite (2006) os apresenta como:

a) *Jornalismo diversional:* esse se refere às histórias de interesse humano e perfil, entre outros, que procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens;
b) *Jornalismo cultural:* aqui se inclui desde os suplementos dos jornais às revistas especializadas sobre cinema, literatura, artes, espetáculos e televisão;
c) *Jornalismo de entretenimento:* os assuntos mais variados, como, por exemplo, gastronomia, moda, beleza, culinária, saúde, celebridades, entre outros.

Sobre o *Jornalismo Diversional*, no artigo *Jornalismo com traços de*

literatura: alguns apontamentos sobre o gênero diversional (2009), o autor Francisco de Assis destaca que a diversão proposta pelo estilo não é exatamente igual ao o que é trabalhado em produtos humorísticos ou histórias em quadrinhos, mas sim "proporcionar certa dose de diversão, de entretenimento, ao público, por meio de conteúdo interessante, que seja agradável de ler, de ouvir ou de assistir" (ASSIS, 2009, p. 05).

Em seu livro, Dejavite (2006) explica que o INFOtenimento é um espaço destinado a trabalhar matérias sobre, por exemplo, estilo de vida, fofocas ou notícias de interesse humano e, mesmo que a diversão esteja presente na notícia, essas *novas funções* do informar não deixam de seguir os princípios básicos do jornalismo, já que, segundo Dejavite (2006), continuarão a atender as necessidades de informação dos leitores/ouvintes/telespectadores. Ela enfatiza que o jornalismo sempre teve seu papel de informar e formar opinião pública, já o entretenimento explorou a ficção e divertir as pessoas. A chegada do INFOtenimento permitiu que a ideologia que perdura no meio e na prática jornalística fosse repensada. Para a pesquisadora,

> uma mesma matéria pode muito bem informar entretendo ou, então, entreter por meio da informação. Nele, o limite ético que separa jornalismo e entretenimento não existe. Tomemos o exemplo das revistas eletrônicas ou mesmo as especializadas em celebridades. Nunca, como agora, tivemos tanto show da vida como o que o programa Fantástico, da Rede Globo, anuncia desde 1973 (DEJAVITE, 2006, p. 72).

Os conteúdos apresentados em produtos que se utilizam do INFOtenimento podem ser os mais variados. A autora afirma que não é fácil determinar que conteúdos são esses, já que é um conceito *híbrido* que engloba informação e entretenimento. Dejavite (2006), define os elementos de entretenimento no jornalismo como:

a) O sensacionalismo;
b) A personalização;
c) A dramatização de conflito;
d) Matérias com uso de fotos, infográficos, tabelas, entre outros recursos.

Citado por Dejavite (2004) como elemento do entretenimento no jornalismo,

o *sensacionalismo* é algo atual e presente nos produtos da rede aberta de televisão. Produtos da TV, como, por exemplo, programas de *jornalismo policial*, o utilizam como conceito fixo em suas estruturas.

Na dissertação de mestrado *Telejornalismo dramático e vida cotidiana* (2007), Ligia Lana sinaliza que, nos anos 1980 e 1990, começaram a surgir na TV os programas de apelo popular, conhecidos como *sensacionalistas*, que utilizavam de extrema dramatização dos casos. Se tornou comum que assassinatos, assaltos, perseguições policiais, casos de sequestro ou qualquer outro crime hediondo recebessem atenção total, levando a cobertura por horas de duração.

Complementando Lana (2007), Pollyana Cabral Porto, no Trabalho de Conclusão de Curso *Sensacionalismo na TV: interesse público x interesse do público* (2013), destaca que “de forma equívoca e sem cuidados éticos, sociais, é cada vez mais comum programas televisivos que fazem o uso do espetáculo para projetar o real” (PORTO, 2013, p. 11).

Além do sensacionalismo e dramatização dos conteúdos, Dejavite (2006) classifica como gêneros de INFOtenimento os programas populares de radiodifusão, os tabloides, os veículos voltados à cobertura de estilo de vida, televisão e mídia *onlin*e. Porém, para ela, “tal distinção é superficial” (DEJAVITE, 2006, p. 87).

Assim como apontado por Machado (2000) anteriormente neste capítulo, a necessidade de definir uma atração com determinado *gênero* necessita de revisão. Dejavite (2004) compartilha da opinião ao afirmar que, na época de publicação de sua obra, existia a tendência de fragmentação da mídia e o fortalecimento do *hibridismo*. Temer e Ribeiro (2015) salientam que essa hibridização é considerada como marca nas emissoras de televisão atuais. A união entre dois ou mais gêneros diferentes entre si permitem que essas atrações, antes improváveis de irem ao ar, ganhem seus espaços e públicos.

O *Amor e Sexo*, exibido durante 11 temporadas na Rede Globo, é fruto da fusão entre entretenimento e informação, o que gerou um programa de auditório classificado na categoria variedades, que promove o debate de diversos temas e realiza entrevistas com celebridades e especialistas.

Além de compreender gêneros, categorias e formatos em que o programa está inserido, se faz necessário conhecer os processos de produção de conteúdo audiovisual, como, por exemplo, a escrita do roteiro, a gravação, edição e, claro, a

exibição ao público. Essas etapas serão apresentadas no próximo capítulo.

3 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Para que um programa audiovisual chegue até a casa dos telespectadores, precisa passar por etapas que se iniciam no surgimento da ideia, chegam à elaboração e criação do roteiro, percorrem a escolha dos integrantes da equipe e quem serão as personagens daquela atração, além do processo de produção e gravação dos episódios, e a entrega do material ao público. É necessário conhecer e entender cada uma dessas etapas que serão descritas nos subtítulos a seguir.

3.1 ROTEIRO

Uma parte de importância ímpar para um produto do audiovisual é o *roteiro*. O autor e roteirista Doc Comparato, na obra *Da Criação ao Roteiro* (1999), é direto ao explicar que um roteiro tem a função de ser a “forma escrita de qualquer projeto audiovisual” (p. 19), ou seja, para chegar às telas, a atração precisa ter um roteiro para chamar de seu.

Jean-Claude Carrière (1991 apud COMPARATO, 1999) explica que o roteiro é o princípio de um processo visual e não o final de um processo literário. Outro ponto de vista é salientado por Syd Field (1984 apud COMPARATO, 1999), que define o roteiro como a história contada com a ajuda do visual, do diálogo e da descrição. A especificidade dos roteiros é apontada por Comparato (1999) ao falar de sua referência diferenciada a partir de códigos distintos, que, segundo ele, no produto final, “comunicarão a mensagem de maneira simultânea ou alternada” (p.19). Essa questão dos códigos se assemelha à escrita dramática, que, para o pesquisador, também usa da combinação de códigos, pois não alcança a plena funcionalidade até ter sido representado. A representação do roteiro é perdurável, segundo o escritor, muito devido ao uso da gravação.

Carrière (1991 apud COMPARATO, 1999) destaca que escrever um roteiro tem um diferencial, já que usa de silêncios e olhares, movimentos e inércias, e a combinação de imagens e sons que, para ele, é um processo complexo. A relação entre imagem e som pode ser mágica para uns e violenta para outros, além da mistura, entrelaçamento e até repúdio que ambos provocam.

Na opinião de Comparato (1999), para se ter um bom roteiro, é necessário seguir três aspectos:

a) *Logos*: a ferramenta de trabalho que vai dar forma ao roteiro é a palavra, ou seja, logos é a organização verbal do texto;
b) *Pathos*: o roteiro precisa provocar identificação e sentimentos diversos como, por exemplo, tristeza ou dor, por tanto, pathos é o drama, a vida cotidiana e o desenrolar de acontecimentos;
c) *Ethos*: a mensagem do roteiro sempre tem uma intenção, ou seja, busca causar influência e o ethos é a ética, a moral, aquele significado último da história e suas implicações sociais.

O autor afirma que a criação de um roteiro é efêmero, pois “existe durante o tempo que leva convertendo-se num produto audiovisual” (p. 21). Ele lembra da roteirista italiana Suso d’Amico ao comparar o roteiro com uma lagarta que se transforma em borboleta, saindo do rústico para o belo. Entretanto, para que a borboleta ganhe vida e voe, o autor lista seis etapas que são fundamentais para criação de um roteiro. Elas serão descritas a seguir.

3.1.1 Ideia

A primeira etapa é a *ideia*, que, segundo Comparato (1999), segue de uma vontade do roteirista de relatar sobre algum aspecto da sociedade. Porém, para quem acha que se ter ideias para roteiros é algo tranquilo, o pesquisador afirma que “são atividades nem sempre fáceis de abarcar. As ideias são por vezes sutis e difíceis de alcançar” (COMPARATO, 1999, p. 22). Ele ainda destaca que o roteirista precisa dar atenção a sua mente, pois, ao escrever um roteiro, é necessário manter o pensamento nas imagens, além de ser essencial ver e sentir uma cena, mesmo que seja apenas na imaginação.

O autor faz uma comparação entre a procura por uma ideia e a mineração de ouro, já que ambos necessitam de dedicação e persistência. Para que o trabalho seja facilitado, o autor recomenda o *Quadro de Ideias* desenvolvido pelo roteirista Lewis Herman. De acordo com Comparato (1999), no total, são seis

tipos de ideias que partem das mais variadas vertentes. A *ideia selecionada* é o tipo de ideia que vem da memória dos seres humanos, algo parecido com o sonhar acordado. A *ideia verbalizada* é aquela que surge a partir de um comentário de uma outra pessoa, é aquilo que se capta do ambiente em que se está inserido.

Segundo Herman (1951 apud COMPARATO, 1999), a *ideia lida* (*for free* - de graça, em tradução livre) é adquirida a partir da leitura de jornais, tabloides e revistas. Comparato (1999) orienta que o roteirista profissional deve ler com atenção todos os noticiários, sejam eles impressos ou televisivos. *Ideia transformadora* é aquela que parte de uma ficção, filme, livro, peça de teatro e afins, o que é bem diferente da *ideia proposta*, pois ela é encomendada, partindo do pedido de um produtor. O último tipo de ideia é a *ideia procurada*, onde parte de um estudo feito pelo roteirista a fim de identificar que tipo de conteúdo o mercado do cinema/televisão quer.

Seguindo a linha de pensamento de Comparato (1999), Cathrine Kellison, na obra *Produção e Direção para TV e Vídeo* (2006), afirma que transformar uma ideia em um projeto é desafiador, sendo que “o trabalho é duro, nem sempre é remunerado e a competição é intensa” (KELLISON, 2006, p.56). Para a autora, algumas fontes de inspiração podem ser: amigos, famílias ou colegas; pessoas estranhas; jornais; a *Internet*; biografias; bibliotecas; história; feiras de livros e, é claro, a própria criatividade. Para ela, a mente humana é um poço de ideias. A pesquisadora apresenta técnicas como criar um problema na mente e solucioná-lo antes de dormir. Isso, segundo ela, pode ser um bom exercício para o cérebro na hora de se ter uma ideia e colocá-la em atividade.

Comparato (1999) salienta que ideias valem ouro, já que, uma boa ideia “pode mudar a face do mundo ou, pelo menos, nos garantir a sobrevivência” (p. 89). Ele ainda ressalta que uma ideia não deve ser menosprezada, mesmo que pareça boba ou insignificante, pois, lá pode ter algo de bom a ser aproveitado.

3.1.2 Conflito e personagens

Para que a ideia de um roteiro seja eficiente, ela necessita ter um *conflito*. Segundo Comparato (1999), esse *conflito principal* deve ser classificado

como *conflito-matriz*. Mesmo que a ideia tenha traços abstratos, o conflito deve ser bem definido, principalmente por palavras, ou seja, o trabalho de escrita parte deste ponto. O autor destaca que o conflito irá “designar a confrontação entre forças e personagens através da qual a ação se organiza e vai desenvolvendo até o final” (COMPARATO, 1999, p. 95). Para o autor, o conflito pode ser classificado em três tipos de *forças*:

a) *Força humana*: a personagem se encontra em conflito com uma ou mais pessoas;
b) *Força não-humana*: a personagem está lutando contra a natureza ou demais obstáculos, como, por exemplo, extraterrestres;
c) *Força interna*: os conflitos acontecem dentro da própria personagem (conteúdos psicológicos).

Na obra de Comparato (1999), o *conflito-matriz*, citado anteriormente, também é designado de *story line*. Essa *story line* é um breve resumo da história, onde uma síntese dos acontecimentos serão relatados e deve conter a apresentação do conflito, o seu desenvolvimento e sua solução. O autor salienta que é comum a divisão em três blocos (começo, meio e fim).

O conflito de um produto audiovisual está diretamente ligado com outra parte importante de um roteiro: as *personagens*. O pesquisador destaca que a personagem pode ser comparada a uma personalidade que se aplica a pessoas com um caráter definido e que irá aparecer durante a história.

A criação da personagem está relacionada com a sinopse daquele produto audiovisual. Segundo Comparato (1999), a sinopse é uma versão mais completa da *story line*, contendo informações como a temporalidade, a localização, o perfil das personagens e o decurso da *ação dramática* (elemento do roteiro responsável por explicar como a história vai se desenrolar).

Ao descrever como essas personagens devem ser apresentadas, o autor salienta um ponto importante: elas têm que ser reais. Essa realidade está relacionada com os valores universais que serão inseridos no enredo/vida desta personagem. Para Comparato (1999), esses valores são os morais, éticos, religiosos, afetivos, políticos, entre outros, além de valores pessoais que são características específicas daquela personagem. O pesquisador cita como

exemplo uma pessoa que seja obcecada pelo trabalho ou que tenha mania de organização. Outro ponto importante, na visão do autor, é a densidade humana desta personagem. Segundo ele, deve-se evitar o erro de fazer com que as personagens sejam perfeitas, já que, o ser humano é falho, contraditório e conflituoso.

3.1.3 Ação, tempo e unidade dramática

A *ação dramática* de um roteiro está destinada a explicar como as coisas irão acontecer naquela história, ou seja, já com conflito e personagens estabelecidos, é necessário contar ao espectador como será o decorrer daquela trama. O pesquisador explica que, para se construir a ação, é necessária a elaboração de uma 'estrutura', que "é um dos fundamentos do roteiro e a tarefa que maior criatividade exige do roteirista" (COMPARATO, 1999, p. 25). A ação dramática também está associada à organização do enredo em *cenas*. O escritor destaca que cada cena vai ter uma localização no tempo, no espaço e na ação, pois é algo que está acontecendo em algum lugar e em um momento específico.

O conceito dessa estrutura é ampliado por Comparato (1999) ao afirmar que ela

> é a fragmentação da história em momentos dramáticos, em situações dramáticas que mais adiante se irão converter em cenas. Essa fragmentação feita pelo roteirista segue uma ordem consequente com as necessidades dramáticas. É o *como* explicaremos nossa história ao público (COMPARATO, 1999, p. 163).

O autor apresenta dois tipos de estrutura. São elas:

a) *Macroestrutura*: nesta é idealizado tudo, ou seja, a estrutura geral do projeto audiovisual, sendo ele filme, série ou programa de TV. Aqui também serão decididos itens como duração da atração, número de episódios, se vai contar com *flashbacks*[14], etc;
b) *Microestrutura*: esse tipo de estrutura faz referência ao trabalho isolado em cada cena/quadro, como, por exemplo, se as

[14] Tem como significado um fato que aconteceu no passado, mas que está sendo relembrando no momento atual. Disponível em <https://www.significados.com.br/flash-back/> Acesso em 10 set 2021.

personagens estarão em pé, sentadas, à porta, e afins.

Ao se referir ao *tempo dramático*, próxima etapa da criação de um roteiro, Comparato (1999) o classifica como um processo complexo, pois nem sempre o tempo é fácil de se explicar. Para ilustrar, o autor dá um exemplo: dentro de uma cena há a *ação dramática* e isto irá acontecer durante um tempo específico, podendo ser rápido, lento, ágil, etc. Segundo ele, isto é considerado o *tempo dramático*. Para Comparato (1999), "a noção de tempo dramático está presente em cada partícula, em cada fragmento da estrutura e, consequentemente, também no produto audiovisual final" (p. 229). De forma simplificada, esta etapa representa a duração das cenas e do produto final.

Comparato (1999) divide os tempos em dois: o *tempo dramático total* e o *parcial*. O total, é claro, se refere à soma de todos os tempos parciais. O autor aponta um *toque de mágica* presente neste tempo, pois, mesmo que a atração tenha, por exemplo, duas horas de duração, o espectador vive esse tempo de forma diferente do que se realmente estivesse cuidando as horas passarem.

Já o tempo dramático parcial se refere a duração das cenas que compõem o produto audiovisual final. Em sua obra, Comparato (1999) reflete sobre uma cena curta não ser o mesmo que um tempo real curto e nem uma cena longa ser necessariamente um tempo real extenso. Para o pesquisador, um outro elemento que também está associado ao tempo e é necessário na métrica de duração, são os diálogos. Ele salienta que, ao se colocar os diálogos nas cenas, é possível "dar ao trabalho uma forma de roteiro" (COMPARATO, 1999, p.26).

A última etapa se dá na *unidade dramática*. Aqui, segundo o autor, é o ponto de partida para a gravação do projeto, ou seja, o roteiro precisa estar finalizado. Esta etapa está sob o comando do diretor da atração. É ele que vai tirar do papel e colocar a ideia, o conflito, as personagens, a ação dramática e o tempo dramático em ação. Comparato (1999) destaca que "é o momento em que a unidade dramática, a cena, se torna realidade" (p. 27).

Com o processo de criação de um roteiro pronto, é necessário iniciar a próxima fase na construção de um produto audiovisual: a *pré-produção*. Ela será apresentada no subcapítulo a seguir.

3.2 PRÉ-PRODUÇÃO

Para Cathrine Kellison (2006), a *pré-produção* de um produto audiovisual tem diversas etapas que necessitam atenção de seus criadores, pois todas têm suas funções para o pleno funcionamento do projeto. Na visão da autora, uma pessoa da equipe exerce papel de extrema importância desde a concepção do produto: o *produtor*. A pesquisadora afirma que, além de produtor, esse profissional também pode agir como roteirista, diretor ou patrocinador. A sua função é de grande importância, já que “sem um produtor não há projeto. É ele que impulsiona o projeto desde a ideia inicial até a transmissão em cores” (KELLISON, 2006, p. 05).

Na essência, segundo a escritora, o produtor atua como supervisor geral, mas logo se divide em supervisionar cada etapa do projeto. Pode ocorrer que esse papel não seja ocupado pelo criador da ideia, já que, de acordo com ela, algumas emissoras podem chamar produtores para ajudar no trabalho com uma atração que já está em desenvolvimento. Kellison (2006) salienta que o produtor de TV é diferente daquele de produções cinematográficas, pois, nos filmes, o diretor é quem comanda o processo. Na televisão, a palavra final parte do chefe de produção do projeto.

Com a ideia pronta, roteiro finalizado e produtor disposto a trabalhar, a autora orienta a criação de uma planilha que divida o roteiro da atração, organizando necessidades da produção. Kellison (2006) destaca que categorias como equipe técnica, locações e sets de filmagem, elementos cenográficos, figurinos, dublês e artistas são importantes de constarem na planilha. Nas categorias são adicionados itens como: número e nome da cena; elementos cinematográficos; elenco; se a gravação é de dia ou à noite; interior ou exterior; locação (set construído ou locação real); decoração e móveis do cenário, cabelo e maquiagem; equipamentos especiais; necessidade de veículos para transporte; efeitos sonoros e/ou músicas; etc.

Um item considerado essencial por Kellison (2006) é o *caderno de produção*. Este é um documento distribuído para toda equipe que contará com cada detalhe do programa. O caderno possui seções e categorias que se assemelham aos itens da planilha sugerida pela autora, como, por exemplo, detalhes de cabelo e maquiagem. Com os elementos prontos, deve-se iniciar a

pensar na estética e estilo do programa.

Segundo Kellison (2006), “sua abordagem visual fornece pistas importantes para o telespectador. Uma série dramática pode refletir um ar melancólico, enquanto as *sitcoms* são mais brilhantes e coloridas” (p. 154). Na visão da escritora, elementos como iluminação do set (ou estúdio), posições das câmeras, figurinos do apresentador e convidados, assim como maquiagem e design do set irão contribuir para a estética geral do programa, bem como a mensagem que será transmitida ao público.

Assim como o visual, os sons emitidos pela atração fazem a diferença. Para ela, “o som é sutil, e mesmo que alguns espectadores nem sempre estejam conscientes do que ouvem, eles captam uma impressão de áudio” (KELLISON, 2006, p. 155).

Assim como roteiro e elementos técnicos, outra peça importante para a atração audiovisual é o seu *elenco*. O conceito de elenco, segundo Cathrine Kellison (2006), abrange uma ampla variedade de descrições, podendo ser atores profissionais, apresentadores de programas ou indivíduos comuns sem nenhuma experiência prévia em gravações. Na sua visão, “o elenco representa um papel essencial na hora de contar a história, dando ao projeto credibilidade e energia e estabelecendo uma conexão verdadeira com o espectador” (KELLISON, 2006, p. 157).

Para se ter um elenco compatível com a proposta do programa, as emissoras promovem o processo de seleção de elenco. De acordo com Kellison (2006), os diretores de elenco são responsáveis por encontrarem os rostos perfeitos para compor o projeto. Existem agências especializadas em artistas, que, junto a diretores e produtores, ajudam a selecionar as pessoas certas para cada personagem ou figuração. Mesmo com atores disponíveis, alguns produtores preferem que a atração seja composta por ‘pessoas de verdade’. Essas pessoas, segundo a autora, são indivíduos que não tem profissionalização em atuação, mas que imprimem a visão de serem pessoas comuns, do dia a dia. Para ela,

> esses figurantes dão credibilidade e dimensão à cena. Dependendo do caso, os figurantes podem ser profissionais sindicalizados contratados por agências de seleção de elenco ou podem ser pessoas comuns, mesmo amigos ou membros da família (KELLISON, 2006, p. 163).

Para Kellison (2006), os ensaios também são pontos importantes para uma boa atuação do elenco. Contudo, segundo a autora, nem todos os projetos passam por um tradicional ensaio, como, por exemplo, alguns documentários, programas de não-ficção, programas de entrevistas e eventos esportivos. A pesquisadora explica que “na maioria dos programas de entrevistas, os produtores ensaiam qualquer coisa que seja fora do comum, como segmentos de publicidade, apresentações musicais, desfiles de moda, etc” (KELLISON, 2006, p. 164). Também é necessário que o produtor verifique componentes como a entrada do apresentador, a entrada de convidados (ou apresentação dos mesmos) e demais aspectos como a marcação de câmeras.

Ainda no processo de pré-produção, uma equipe de colaboradores é importante para que todas as etapas do projeto sejam atendidas da mesma forma. Kellison (2006) lista uma série de *profissionais-chave.* O *diretor* é aquele que delineia a estética e as abordagens criativas da produção. Para a autora, o diretor “é uma força criativa importante em uma produção, pois supervisiona o roteiro, a seleção do elenco e ensaia com os artistas, lapidando a abordagem estética geral” (KELLISON, 2004, p. 166). Além do diretor, as atrações podem contar com o *assistente de direção*, que tem como função fazer uma ponte entre o diretor e o restante da equipe. De forma irônica, a autora chama o profissional de *policial do mau*, devido às funções de cobranças para com os colaboradores.

Já o *diretor de fotografia* deve*,* na opinião dela, ser o primeiro contratado, já que ele faz com que a visão criativa do diretor seja possível de acontecer. Iluminação e formatos de vídeo e filme são responsabilidades deste profissional, que, para a pesquisadora, faz diferença em qualquer produção audiovisual. Ainda segundo ela, o *gerente de produção* é um cargo destinado para o controle dos gastos e do orçamento da produção, também organizando o cronograma e questões que envolvem contato com fornecedores, hospedagens, além de supervisionar a atividade geral da equipe.

Outro cargo de importância é o *sonoplasta* ou *engenheiro de áudio*. Kellison (2006) salienta que este colaborador exerce uma das funções primárias de uma produção audiovisual: os cuidados com o áudio de toda a produção. O *produtor de arte* é responsável pela criação e organização do set de filmagens/estúdio.

Além dos profissionais-chave, Kellison (2006) apresenta alguns dos

trabalhadores que ocupam cargos nas equipes de apoio. São eles: equipe de roteiristas (pesquisadores, redatores e revisão de roteiros); equipe visual (artista desenvolvedor da *storyboard*[15], diretor de iluminação, operador de câmera, assistente de câmera, fotógrafo, iluminador, assistente de iluminação); equipe de áudio (operador de microfone boom, técnico de som, assistente de áudio); equipe administrativa (secretária de produção, supervisor de roteiro ou continuísta, produtor de locação, chefe de alimentação, chefe de transportes, segundo assistente de direção, terceiro assistente de direção, assistente de produção, estagiário); equipe de arte (cenógrafo, decorador, assistentes, figurinista, camareira, cabeleireiro, maquiador).

Parte importante do processo de pré-produção, as locações do programa precisam ser pensadas estrategicamente. Na visão da autora, “gravar em locações pode acrescentar uma estética ou um tom específico à produção” (KELLISON, 2006, p. 176). Quando uma locação é realizada fora dos estúdios, gera até uma certa economia para a produção, já que, a locação já vem decorada com elementos cenográficos. O lado ruim, para a escritora, é o espaço limitado para a gravação, para os equipamentos da produção e para elenco e equipe técnica.

Com o processo de pré-produção concluído, é hora do projeto audiovisual seguir para a sua próxima etapa: a gravação. Essa nova fase da atração será detalhada no subcapítulo seguinte.

3.3 GRAVAÇÃO

Para que o processo de *gravação* de um projeto audiovisual se inicie, segundo Kellison (2006), todos os itens da *pré-produção* precisam estar concluídos, ou seja, roteiros, figurinos, preparação do set, elencos e elementos visuais e sonoros devem estar prontos para o pleno funcionamento. Na visão da pesquisadora, há um profissional que faz a diferença na hora de captar imagens: o *operador de câmera*. De acordo com ela, “um bom operador de câmera filma cenas interessantes, fornecendo um material que não é apenas bom, mas também

[15] É uma série de desenhos ou imagens mostrando a ordem planejada das imagens. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/storyboard> Acesso em 09 out 2021.

é fácil de se cortar e editar nos estágios de edição e mixagem" (KELLISON, 2006, p. 188). É destacado que o projeto deve ser gravado na melhor câmera possível com base no orçamento da produção, possibilitando que o telespectador receba um material de qualidade.

A seguir serão apresentados três aspectos elencados por Kellison (2006) como de grande importância para o sucesso de uma gravação de um produto audiovisual.

3.3.1 Imagens

A captura de *imagens* parte de uma discussão entre produtor, diretor e diretor de fotografia. A escritora aponta que serão escolhidas as melhores técnicas de captura, pois essas decisões irão afetar diretamente no fluxo da narrativa, além de mexer no ritmo do programa. Elas também guiam a maneira como os espectadores verão o apresentador, o elenco e todos os conteúdos presentes na atração. Para Kellinson (2006), quatro fatores precisam ser levados em conta na hora de capturar as imagens:

a) *Enquadramento e composição*: o conceito de enquadramento envolve filmar algo (pessoa ou objeto) de um tamanho específico no quadro, assim como elementos à sua volta. A composição é a relação dos objetos entre si no quadro ou a sua relação com a forma dos elementos em cena;
b) *Ângulos da câmera*: a cada ângulo, a câmera mostra uma relação entre o que está sendo gravado, criando um efeito visual e temático. Kellison (2006) afirma que "tanto o gênero do programa quanto seu conteúdo ajudam a determinar a maneira como ele deverá ser filmado" (p. 194);
c) *Movimentos de câmera*: a câmera é uma ferramenta fluida e flexível, podendo ser usada de maneiras variadas pelo operador de câmera. Segundo Kellison (2006), há movimentos como *ângulo holândes*, que é usado em reality show e programas de entrevista, procurando dar intimidade para a cena filmada, e o movimento *extensão do quadro*,

onde a câmera fica estática em uma posição, fixa em um objeto ou cenário;

d) *Lista de tomadas da câmera*: é um inventário de todas as tomadas que são necessárias para uma sequência ou cena específica. Kellison (2006) cita termos para cada ângulo da câmera, como, por exemplo, o primeiríssimo plano.

O processo de captação de imagem se complementa com o processo de captação dos áudios da atração. Essa etapa será descrita a seguir.

3.3.2 Áudio

Além da imagem, o *áudio* precisa ser prioridade durante as gravações. A autora chega a chamar a operação de áudio de "uma arte altamente criativa" (KELLISON, 2006, p. 200). Na sua ótica, o que o telespectador ouve influencia o que ele vê. Uma *coreografia* geral de sons gravados é conhecida, segundo Kellison (2006), como operação de áudio, e, em geral, inclui: *diálogos* (conversas entre os presentes na gravação), *fundo ou ambiente* (conversas da plateia bem como sons produzidos pela equipe técnica), *efeitos sonoros* (informações narrativas, toque de celular ou risadas) e *sons adicionais* (informações temáticas, como, por exemplo, uma canção apresentada pela banda ou DJ).

Kellinson (2006) também cita quatro principais elementos da gravação de áudio: o *microfone*, *acústica da locação*, *formato de gravação de áudio* e *perspectiva de som*. O microfone tem diversas maneiras de ser utilizado. Em programas com auditório, o que é o caso do *Amor e Sexo*, o mais comum é o microfone de mão, onde cada convidado tem o seu. Segundo a autora, esse tipo de aparelho é mais seguro porque só necessita do som de quem está falando nele. A acústica é o que se refere a qualidade do áudio captado. Para a pesquisadora, algumas locações/estúdios representam grandes desafios para os sonoplastas. Um ambiente que abafa os áudios externos, geralmente isolado por materiais esponjosos, é considerado ideal para que o áudio seja captado em boa qualidade.

O formato de gravação de áudio está diretamente ligado à qualidade que

será exibida nas televisões. A autora aponta que, no caso de uma filmagem com várias câmeras, se deve ter o cuidado de que o áudio seja o melhor possível, evitando a presença de ruídos e/ou deterioração dos materiais.

A perspectiva de áudio segue a mesma ideia que a perspectiva visual. Para a escritora, os diálogos e sons ambientes são gravados a partir de uma perspectiva auditiva. Ela usa de exemplo as filmagens em close-up, que precisam soar mais íntimas e claras, parecendo estarem em primeiro plano.

O terceiro elemento imprescindível para a gravação de um projeto audiovisual é a *iluminação*. Ele será explicado no subcapítulo seguinte.

3.3.3 Iluminação

A *iluminação* de um projeto audiovisual se junta à imagem e áudio como uma das peças essenciais para a gravação da atração. Na visão da autora,

> o uso da luz cria a atmosfera, o tom, a dimensão e a textura do programa. Ela pode transmitir uma trama, enfatizar elementos-chave, como cor do cenário ou tom da pele e sinalizar as diferenças entre comédia e drama e realidade e fantasia (KELLISON, 2006, p. 198).

Em sua obra, a pesquisadora salienta que a iluminação artificial pode ser dura, produzindo sombras nítidas e bem definidas, mas também pode ser suave, apresentando sombras difusas e com menos imagens ao fundo. Ela ainda apresenta três exemplos de luz e suas posições uma em relação a outra:

a) *Luz-chave ou key light*: luz forte e clara que vai iluminar um objeto ou uma pessoa, além de criar uma sombra bem definida. Ela estará posicionada acima do elemento a ser filmado;
b) *Luz de preenchimento, luz secundária ou fill light*: é mais suave e será usada para preencher uma sombra indesejável que é criada pela luz-chave;
c) *Contraluz ou back light*: ficará posicionada atrás e acima do elemento a ser filmado. Ajuda na criação de profundidade, o que fará com que ele seja *levado* para a frente por contraposição com o fundo.

Kellison (2006) explica que a maioria dos programas de entrevistas, variedades e de entretenimento “utiliza a luz-chave intensa em vez da luz de preenchimento. Isso porque a *key light* de baixa intensidade cria um efeito mais dramático e intenso” (p. 1999). As luzes também possuem temperatura de cor, influenciando no que a câmera irá gravar. De acordo com a autora, a *luz do dia* (externa) é considerada quente, produzindo um tom azul no vídeo. Já a *luz artificial* (interna) é fria, criando um tom amarelo avermelhado nas gravações. A pesquisadora ainda alerta para padrões de cores que devem ser evitados em produções audiovisuais: listras, vermelho, branco, azul e verde.

Após passar por todas as etapas do processo de gravação, é importante focar no processo de pós-produção, conteúdo que será apresentado no próximo subtítulo.

3.4 PÓS-PRODUÇÃO

Após todas as imagens, sons e demais conteúdos terem sido gravados e captados, o material passa para uma nova etapa: a *pós-produção*. Para Cathrine Kellison (2006), “a *pós-produção* pode ser o aspecto menos compreendido do domínio do produtor. É nessa fase que as cenas e o áudio são editados e mixados para criar uma obra coerente e com fluidez” (p. 215).

É comum, segundo a autora, que o projeto tenha um produtor da pós-produção, que ficará responsável por controlar, observar e analisar o material que vai sendo produzido. Esse profissional deve conhecer todas as cenas que foram gravadas, bem como todos os registros, locações, dublagens e planilhas de registros, além de todos os áudios, efeitos sonoros, músicas e deixas musicais.

Os processos de edição de imagem e áudio de um projeto audiovisual serão explicados a seguir.

3.4.1 Edição

De acordo com Kellison (2006), em sua essência, a *edição* consiste em tomadas e cenas que irão ganhar significados específicos, sendo conectados com

outras tomadas, ocasionando a criação de uma sequência com sentido claro. A autora afirma que “é essa conexão que chamamos edição” (KELLISON, 2006, p. 233).

Nessa parte da produção se inicia o trabalho do *editor*, que será o responsável por criar o produto que irá ao público. De acordo com a pesquisadora, um editor pode ser um mágico, um consultor e um juiz eficaz do que funciona e do que não funciona no trabalho. Ela ainda destaca que “como um artista criativo, um editor pode ‘pintar’ o estado de espírito da cena usando ritmo, a perspectiva da ação e sinalizar conflitos ou situações cômicas” (KELLISON, 2006, 224). Também é função do editor a correção de problemas da fase de produção, cobrindo erros ou encontrando soluções para pontos, segundo a escritora, aparentemente impossíveis de corrigir e que são comuns em todos os projetos.

A parceria entre o produtor e o editor é imprescindível para o bom trabalho. Kellison (2006) salienta a necessidade de uma boa relação entre ambos, pois o produtor dará diretrizes específicas para o projeto. Uma dica da autora é que o produtor dê encorajamento ao editor para que edições criativas ganhem espaço na produção, fugindo do óbvio que é esperado de uma atração daquele gênero.

É comum que o processo de edição tenha estágios. Segundo a escritora, a primeira edição consiste em uma montagem inicial da atração, contendo seus conteúdos e sua ideia base, formando uma essência do que virá a ser o produto final. Nesta fase um, é necessário que o editor trabalhe com todo o áudio, criando uma linha narrativa do projeto. Logo, o interesse será transformar essa linha em algo visualmente interessante. Porém, Kellison (2006) afirma que cada projeto é único, "exigindo uma abordagem própria à primeira montagem” (p. 230). Na visão dela, é a partir do gênero do programa e das cenas filmadas que será determinado o ritmo e a cadência da edição.

Após o primeiro corte, mudanças e acréscimos são solicitados pela produção/direção. A autora destaca que a edição leva tempo, pois são necessárias várias versões da montagem inicial até o conteúdo final. Nessa fase final, o editor acrescenta elementos gráficos de alto nível, bem como correções de cores e nivelação do áudio. Kellison (2006) chama esse processo de *off-line* para *on-line*. As questões de áudio do projeto serão explicadas no próximo subcapítulo.

3.4.2 Design de áudio

Assim como a edição, o *design de áudio* do programa deve ter prioridade no processo de pós-produção. O profissional designer de áudio, assim como o editor, de acordo com Kellison (2006), pode fazer 'pequenos milagres' ao manipular o áudio para criar um impacto no espectador. Ela salienta que esse profissional acrescenta uma nova dimensão à ideia original do produtor ao aumentar ou diminuir níveis de diálogos ou sons ambientes, ao remover ruídos do fundo que podem distrair o espectador e ao adicionar efeitos musicais.

Em sua obra, a escritora afirma que, em projetos pequenos, o editor de imagem também é responsável pelo áudio, porém, em grandes programas, o designer de áudio é convocado para refinar o trabalho e acrescentar elementos importantes. Este profissional, segundo Kellison (2006), trabalha com duas qualidades contrastantes de som, tendo uma abordagem para cada uma delas, tanto na parte estética quanto na técnica. São elas:

a) *Som direto*: som ao vivo, gravado na locação. É espontâneo e autêntico, embora possa não ter a qualidade acústica ideal;
b) *Som de estúdio*: som gravado no estúdio. Esse método aprimora a qualidade do som, eliminando ruídos indesejáveis ao fundo, ou o som ambiente. Esse áudio pode ser mixado com o áudio direto.

Assim como na edição, os arquivos de áudio são mixados a fim de criar novas camadas de som. Kellison (2006) aponta como componentes presentes do projeto de áudio o *diálogo*, *efeitos sonoros*, *substituição automatizada de diálogo*, *narração*, *ruído de sala* e *música*. Os diálogos são as falas em si, sendo considerados pela autora como a camada de áudio principal. Os efeitos sonoros são diversos, podendo ser sons de animais, sons que representam uma agressão, o choro de uma criança ou simplesmente sons ambiente. Kellison (2006) apresenta a substituição como uma forma de corrigir algum problema não detectado durante a gravação, havendo a necessidade que o ator/convidado grave novamente a sua fala. Além disso, um grupo de pessoas é levado ao estúdio para que seja criado o som de muitas pessoas, a fim de serem utilizadas como

conversas de fundo, risadas, sussurros ou gritos. Logo depois, todo esse material será mixado com o diálogo que foi regravado.

A narração, para a autora, consiste em um narrador que lê o roteiro. Essa narração poderá trazer informações adicionais à história, tendo até um tom de autoridade. Para Kellison (2006), isso pode ajudar o público a “interpretar ideias ou imagens” (p. 245). O ruído de sala são aqueles sons que a própria personagem fornece, como palmas e passos. De acordo com a pesquisadora, todos esses sons serão criados por um profissional, que utilizará de mãos, pés e demais objetos para dar qualidade ao efeito sonoro. Sobre música, ela divide em três categorias: a original, que é composta exclusivamente para o projeto, incluindo tema de abertura e encerramento; o banco de músicas, que são canções compostas e gravadas para uso variado e disponibilizadas em bancos na *Internet*, onde podem ser adquiridas ou usadas de graça; e as existentes, que são aquelas criadas pelos mais diversos artistas, que são conhecidas ou não do grande público. Porém, Kellison (2006) destaca que para o uso pleno e a não geração de problemas judiciais, as canções precisam ter os direitos de reprodução adquiridos.

Para a finalização da pós-produção de áudio, é necessário iniciar o processo de mixagem de som. De acordo com a autora, esse processo consiste na combinação de todos os áudios existentes no projeto, “formando a trilha mixada final, que, posteriormente, será ‘casada’ e travada com as imagens” (KELLISON, 2006, p. 247).

Após os processos de elaboração do *roteiro*, *pré-produção*, *gravação* e *pós-produção* estarem completos, o programa está pronto para ir ao ar. A entrega do produto final será abordada no próximo subcapítulo.

3.5 ENTREGA DO PRODUTO FINAL

Com todas as etapas concluídas, é hora de entregar o conteúdo ao público. Kellison (2006) afirma que deve ser entregue um material com a maior qualidade possível. De acordo com ela, não importa se ele será para a televisão aberta, ou vendido para um distribuidor, ou utilizado para treinamento educacional. O produto precisa ser bom e atender a alguns requisitos que, normalmente, são descritos no contrato entre as duas partes. Alguns desses requisitos são: formato

de áudio e vídeo corretos, de acordo com as exigências; a duração específica do programa; a existência de legendas; entre outros. Para a pesquisadora, “o final do processo de pós-produção causa uma sensação de triunfo, sinalizando a conclusão do projeto graças à colaboração de todos os envolvidos” (KELLISON, 2006, p. 250).

Entretanto, alguns pequenos detalhes precisam ser conferidos pela produção, assim garantindo que o produto entregue para parceiros e ao público seja de extrema qualidade. Para comemorar o resultado, Kellison (2006) indica a organização de uma festa de encerramento, além da entrega de cópias da produção para a equipe, que terá seus nomes eternizados nos créditos da atração. Uma festa de exibição do primeiro episódio/capítulo e a entrega de cartões de agradecimento também podem fazer parte das comemorações finais do projeto.

Uma última orientação da autora é a atualização do *caderno de produção*, item apresentado no subcapítulo de *pré-produção*. Ali deve conter todos os contatos, informações contratuais e orçamentárias. O caderno, na visão de Kellisson (2006), contém as informações mais importantes e valiosas de todo o projeto.

As etapas de produção de um material audiovisual são essenciais para a compreensão do objeto de estudo dessa pesquisa, o programa *Amor e Sexo*. O próximo capítulo é destinado a ir em busca de explicar as abordagens sobre sexualidade na televisão brasileira. Esse estudo se dará em nível histórico, buscando informações desde o surgimento do tema na TV até os dias atuais.

4 SEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA

A sexualidade pode ser entendida como um processo simbólico e histórico, que vai colaborar na constituição da identidade do indivíduo, se manifestando na forma como ele vive as questões do trato íntimo, bem como morais e éticas do grupo social do qual faz parte. Essa é a visão da Dra. em Psicologia Edna Maria Peters Kahhale, no artigo *Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência*, contido na obra *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (2001), organizado por Ana Mercês Bahia Bock.

Ao longo dos anos, a sexualidade dos seres humanos tem sido tratada como um assunto, no mínimo, delicado. Seja dentro das famílias, escolas, igrejas, governos ou em conversas de bar, falar sobre o sexo e suas ramificações (orientação sexual, sentimentos, descobertas, entre outros) ainda é tabu.

A cartilha *Conversando sobre Sexualidade* (2012), criada pela psicóloga Sabrina Dal Ongaro Savegnago e desenvolvida no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), destaca que falar sobre sexualidade dentro de casa está envolto a uma forte carga emocional, além de preconceitos e mitos.

A psicóloga explica que, para alguns pais, “a sexualidade pode estar vinculada a algo vergonhoso, o que pode ser apontado como uma herança da época em que estes vivenciaram sua própria adolescência” (SAVEGNAGO, 2012, p. 18). Ela ainda aconselha que, mesmo os familiares não tendo aquela resposta exata ou certa, a possibilidade de conversa esteja sempre aberta, fazendo o tema e o debate serem acolhidos.

Visando ampliar o alcance da pauta, desde os anos 1980 até meados do século XXI, algumas emissoras de televisão têm apresentado conteúdos que procuram promover o diálogo com seus telespectadores acerca da sexualidade, do sexo e de questões de gênero, além da quebra de paradigmas.

Para melhor compreender o trabalho realizado por algumas dessas atrações e suas relevâncias sobre o trato do tema sexualidade na televisão brasileira, os programas *TV Mulher* e *Amor e Sexo*, e a emissora *MTV Brasil*, serão detalhados em subtítulos a seguir.

4.1 A PIONEIRA REVISTA ELETRÔNICA TV MULHER

No Brasil, a televisão chegou na década de 1950, mas Silva e Mattos (2011) destacam que foi na década de 1980 que o tema ‘sexo’ começou a ser levado para as casas dos telespectadores. Esse pioneirismo coube à revista eletrônica *TV Mulher*, exibida nas manhãs da Rede Globo. O programa tinha como apresentadores os jornalistas Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias e, para as autoras, o programa pode ser considerado a primeira atração matinal que era dedicada, em sua maioria, ao público feminino.

Na visão de Francielly de Brites Costa Dias, na dissertação de mestrado *TV Mulher: do passado ao presente - A construção da memória sobre a representação feminina* (2018), o programa soube acompanhar e mostrar as transformações que a época impôs, bem como deu voz às demandas de direitos das mulheres, muito provocadas pelos movimentos sociais que despontaram nos anos 1970/1980. Para ela, a atração também “serviu de referência para o público feminino da época, que passou a adquirir protagonismo social e se informar através de seus conteúdos” (DIAS, 2018, p. 30).

A pesquisadora destaca que o programa tinha um certo tipo de favorecimento, já que a sua redação fazia parte do mesmo espaço em que a Rede Globo alocava o seu Departamento de Jornalismo. Dias (2018) reforça o formato híbrido do programa, pois unia informação e entretenimento.

Entretanto, para Silva e Mattos (2011), o pioneirismo do *TV Mulher* está associado a trazer a pauta sexual para a televisão brasileira durante o período da Ditadura Militar (1964-1985). Dentro do programa era apresentado o quadro *Comportamento Sexual*. A apresentação ficava por conta da até então psicanalista e sexóloga Marta Suplicy, que viria a ser prefeita da cidade de São Paulo, além de senadora, deputada federal e ministra do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para a dupla, mesmo com apenas cinco minutos nas manhãs da Globo, não é exagero afirmar que Marta revolucionou a forma de falar sobre sexo na TV brasileira. Para ambas, “pela primeira vez discutia-se temas relacionados ao sexo, ao ato sexual, e à sexualidade de maneira geral - que incluía relacionamentos, divórcios, independência, etc” (SILVA; MATTOS, 2011, p. 04).

No Trabalho de Conclusão de Curso *Sem preconceito? A representação LGBT em ‘Amor e Sexo’* (2015), Laura Moura de Quadros complementa a fala das

autoras ao afirmar que no *TV Mulher* e no quadro *Comportamento Sexual* se debateu questões como menstruação, orgasmo, impotência, entre outros, de forma didática e com o objetivo de levar informação aos telespectadores.

O quadro tinha uma estrutura simples: Marta Suplicy lia e respondia cartas encaminhadas pelos telespectadores, que, em sua maioria, eram mulheres. Na página do *Comportamento Sexual* no site *Memória Globo*[16], é citado que a sexóloga recebeu mais de três mil cartas, sendo recordista para a época. Nessas cartas eram relatadas dúvidas e críticas das mais variadas. As autoras relembram que Marta recebia, geralmente, dois tipos de correspondências: as mais tímidas, que davam voltas e voltas para finalmente chegar ao tema de interesse, e as agressivas, que continham xingamentos e expressões de censura às pautas apresentadas.

Para Silva e Mattos (2011), o quadro tinha um jeito feminista de ser, mesmo o termo ainda sendo pouco conhecido no período de veiculação do programa. Esse *status* é reforçado porque Marta defendia que as mulheres tivessem emancipação, que se libertassem e se permitissem sentir seus desejos sem culpa. Outro ponto que reforça essa opinião é que a apresentadora usava da ironia para comentar sobre algumas atitudes femininas entendidas como ‘submissas’. Essas ações se caracterizavam, na visão das pesquisadoras, “como subterfúgio para evitar o divórcio” (SILVA; MATTOS, 2011, p. 04). Uma dessas desculpas, ironizada por Marta, era sobre as telespectadoras afirmarem que enganavam seus maridos dizendo que estavam com dor de cabeça ou em período menstrual, sendo assim, fugindo do ato sexual.

Mesmo tocando em temas pertinentes à sociedade brasileira e, principalmente, às mulheres, o programa foi cancelado em agosto de 1986 devido a queda expressiva de audiência. O quadro *Comportamento Sexual* permaneceu na estrutura do programa até o fim, sendo exibido de duas a três vezes por semana. Com o fim do *TV Mulher*, a rede aberta viu o tema sumir das telas por um longo período.

Seguindo a ordem cronológica da criação das atrações televisivas, a emissora *MTV Brasil* e seus programas com a temática da sexualidade serão apresentados no subtítulo a seguir.

---

[16] Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/quadros-e-colunas/comportamento-sexual/> Acesso em 19 set 2021.

4.2 SEXO, MÚSICA E MTV BRASIL

Após o *TV Mulher* sair do ar e guardar a pauta sexual nos arquivos da televisão brasileira, demorou mais de 10 anos para o tema voltar às telas. E isso aconteceu em uma emissora novata: a *MTV Brasil*. Recheada de música, jovens, diversão e discussão sobre sexualidade, a MTV marcou uma geração. Criada originalmente nos Estados Unidos, em 1981, a MTV é uma das primeiras emissoras norte-americanas a produzir conteúdo segmentado. De acordo com Zico Góes, na obra *MTV, bota essa p#@% pra funcionar* (2014), a emissora tinha como ideal chegar aos jovens, parte da sociedade que ainda não se via representada nas televisões norte-americanas. Em terras brasileiras, a MTV chegou em 1990, sendo a primeira emissora brasileira a apresentar um conteúdo segmentado. Góes a classifica como “um canal novo, moderninho, bacana, colorido, dinâmico, vanguardista e incrível” (p. 15). Vale lembrar que a MTV é uma TV por assinatura, mas esteve na rede aberta até 2013.

Segundo Nascimento, Rodrigues e Santos (2017), a MTV Brasil foi responsável pela criação de atrações exclusivas para discutir sexualidade, bem como temas vistos como polêmicos pela sociedade. Os programas *Erótica MTV* (1999), *Fica Comigo* (2000), *Peep Show* (2002), *Ponto Pê* (2004), *PodSex* (2009) e *MTV Sem Vergonha* (2012) fizeram parte da história da emissora ao abordar a sexualidade sem medos ou vergonhas, sempre utilizando de uma linguagem que dialogava com os jovens.

O *Erótica MTV*, que estreou próximo a virada do século XX para o século XXI, e era inspirado no programa *Loveline*, da versão americana da emissora, é destacado pelas autoras Silva e Mattos (2011) como um produto que trazia uma proposta de debate intimista. A atração era apresentada pela modelo Babi Rossi e pelo psicanalista e sexólogo Jairo Bauer. Góes (2014) salienta que o programa, logo em sua estreia, marcou dois pontos de audiência no Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), o que era raro para a emissora na época. Ele explica que o programa possuía uma fórmula simples: uma apresentadora bonita, um especialista no assunto, um convidado ilustre e perguntas da audiência. Na sua visão, essa junção de elementos era ótima para um bate-papo sobre sexo sem ‘papas na língua’.

Relembrando o *TV Mulher*, o autor afirma que Marta Suplicy havia sido a

última a falar sobre sexo na rede aberta de televisão. Para ele, o *Erótica MTV* criava o debate de forma mais solta, clara e natural. Ainda em seu ponto de vista, "A MTV fez escola no assunto, influenciou uma série de programas de TV afora e falou sobre um tema tão caro - e comum - à nossa jovem audiência" (GÓES, 2014, p. 80).

Apresentado por Fernanda Lima, que também ocupa o cargo no *Amor e Sexo*, o *Fica Comigo* se tornou uma marca registrada da emissora. Basicamente, o programa trazia participantes a fim de se conhecerem. Em matéria publicada pelo site UOL[17], em 2018, o jornalista Daniel Castro relembrou que o programa promovia esses encontros às cegas, ou seja, o candidato que procurava um romance não via quem eram suas/seus pretendentes.

Na tese de pós-graduação *Namoro MTV - juventude e pedagogias amorosas/sexuais no Fica Comigo* (2005), a pesquisadora Rosângela de Fátima Rodrigues Soares explica que o programa foi acompanhado de polêmicas até seu encerramento, em 2004 (um ano antes da publicação da tese). Segundo ela, mídia e público ajudaram a escrachá-lo, sendo que algumas críticas o caracterizavam como um "'retrato fiel' de uma sexualidade 'alienante e alienada', na medida em que sexo e consumo estão muito próximos" (SOARES, 2005, p. 12). Porém, além das críticas agressivas, a autora pontua que o programa era elogiado por alguns, destacando sua forma divertida e agradável de se encontrar um parceiro/parceira.

Góes (2014), que atuou como vice-presidente de programação da MTV, afirma que, para a equipe da emissora, o *Fica Comigo* sempre fez sentido, já que eles valorizavam o relacionamento com o público. Ele relembra que o formato do programa não era original, afinal, o apresentador Silvio Santos já havia iniciado esse tipo de conteúdo nos anos 1980. Para se diferenciar e ser moderno, Góes (2014) revela que "no nosso programa tinha de rolar beijo na boca e o prêmio não podia ser uma viagem para Poços de Caldas" (p. 65).

O *Fica Comigo* também pode ser relembrado por um marco: um dos primeiros beijos gay na rede aberta de televisão. Para Góes (2014), ao criarem o programa, os idealizadores estavam dispostos a atingir esse marco. O autor destaca que uma das missões da emissora era promover a aceitação da

[17] Disponível em <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/09/15/protagonista-de-beijo-gay-historico-e-religioso-e-critico-de-bolsonaro.htm> Acesso em 19 set 2021.

diversidade na sociedade. Porém, a ‘edição gay’ do *Fica Comigo* sofreu com diversos boicotes. Para Soares (2005), boa parte da crítica viu a edição como mais uma forma de banalização das relações amorosas, algo que já vinha sendo analisado nos episódios com casais heterossexuais.

Em sua obra, Góes (2014) cita que patrocinadores abandonaram a atração assim que foi anunciada a versão homoafetiva. Ele também se disse decepcionado com o próprio público da MTV, pois uma enxurrada de e-mails negativos chegou a ele e sua equipe. Um dos e-mails, de uma jovem de 19 anos, irritou tanto o profissional, o levando a afirmar que

> os próprios jovens com quem nós queríamos falar rejeitavam a diversidade da orientação sexual. Mas nada disso nos intimidou. Pelo contrário: cheguei a imprimir alguns textos e mostrar para minha equipe: ‘É por causa dessa idiota de 19 anos, que acha que homossexualidade é doença, que a gente tem de fazer o programa de qualquer jeito!’ (GÓES, 2014, p. 67).

Em 08 de agosto de 2001 a ‘edição gay’ do programa foi ao ar e, é claro, trouxe muita repercussão e polêmicas. O ex-vice-presidente de programação destaca que, mesmo assim, a atração teve boa audiência, além de elogios por parte dos telespectadores.

Estreando e sendo encerrado em 2002, o *Peep MTV* assumiu a herança deixada pelo Erótica e voltou a debater a sexualidade na programação da emissora. Ele era apresentado por Didi Wagner, Jairo Bauer (ex-*Erótica*) e Penélope Nova. Segundo Quadros (2015), o programa, basicamente, seguia a mesma proposta do antecessor, onde os apresentadores respondiam a questionamentos vindos dos telespectadores. Com o fim do programa, coube a Penélope Nova encabeçar uma nova proposta da emissora para o assunto: o *Ponto Pê*. Para Silva e Mattos (2011), a desenvoltura da apresentadora ajudou o programa a receber atenção do público e da direção da emissora, que manteve o programa no ar até 2007.

Após o fim da atração, apenas em 2009 é que o sexo voltou a pautar a programação da emissora juvenil. A ressurreição do tema coube ao *Podsex*, que foi exibido entre fevereiro e dezembro daquele ano. Desta vez, a apresentação ficou a cargo de Kika Martinez e Titi Müller, que “buscavam conversar sobre sexo com naturalidade e respondiam às dúvidas da audiência que participava por

telefone" (QUADROS, 2015, p. 29). Já em 2012, foi a vez do *MTV Sem Vergonha* ocupar a grade da emissora para falar sobre sexo de forma aberta e sem pudores. De acordo com Quadros (2015), apresentado por Titi Müller e pelo jornalista Didi Effe, o programa recebia convidados que respondiam perguntas sobre sexo e participavam de quadros relacionados ao assunto. O programa ficou no ar até a desistência do Grupo Abril em dar continuidade à emissora. Em 1º de outubro de 2013, a Viacom, dona da marca MTV no mundo, assumiu a gestão do canal. Na nova MTV, os programas de debate sobre sexualidade foram substituídos por reality shows e outros formatos de atrações.

No subtítulo a seguir será apresentada a atração mais recente a trabalhar com o tema sexualidade em sua pauta: o *Amor e Sexo*.

4.3 NOITES DE AMOR E SEXO

Exibido na faixa noturna da Rede Globo durante 11 temporadas, o programa *Amor e Sexo*, que é o objeto de estudo desta pesquisa, propôs ao público a oportunidade de criar discussões sobre os mais variados temas ligados à sexualidade dos seres humanos (masturbação, educação sexual, o ato sexual em si, entre outros), além de pautas sociais como, por exemplo, a violência contra as mulheres, as lutas da comunidade LGBTQIA+[18], as novas formações familiares, etc.

Em conteúdo publicado na página do programa no site *Memória Globo*[19], Ricardo Waddington, diretor de núcleo da atração, destaca que o objetivo era entreter as noites dos telespectadores, além de informar e falar sobre sexualidade e relacionamento. Ainda é destacado por ele que o programa exigia apenas uma coisa de seus convidados: falar abertamente sobre o assunto discutido na edição.

De acordo com Nascimento, Rodrigues e Santos (2017), nas primeiras temporadas da atração, o formato do programa propunha uma certa inclusão,

---

[18] É acrônimo para: Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexo, assexual e o + (mais) é utilizado para integrar demais grupos e variações de sexualidade e gênero. Disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia> Acesso em 20 jun. 2021.

[19] Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/> Acesso em 20 set 2021.

onde o público poderia participar dos debates por meio de reportagens especiais, geralmente externas (nas ruas), além de quando a apresentadora, a jornalista e modelo Fernanda Lima, entrevistava pessoas presentes na plateia.

Na visão do trio,

> as próprias temáticas discutidas e o entrosamento entre espectadores e apresentadora mostram que o programa desempenha uma função educativa, de não só abordar superficialmente as questões, mas de trazer a reflexão e de fornecer espaços para que o público tire suas dúvidas com a especialista convidada (NASCIMENTO et al., p. 07, 2017).

Com o passar das temporadas, o programa passou por mudanças, adicionando números musicais da apresentadora, bem como a presença de uma banda, responsável pela maioria dos efeitos sonoros/músicas apresentados, e a presença de mais convidados. O painel de jurados fixos do programa era composto por nomes como o da atriz Mariana Santos, do ator José Loreto, do ator e humorista Eduardo Sterblitch, do estilista Dudu Bertholini, do ator e apresentador Otaviano Costa e da psicanalista e escritora Regina Navarro Lins. Além dos fixos, demais celebridades da Rede Globo e especialistas (advogados, médicos, juízes, psicólogos, entre outros) também participavam semanalmente, sendo substituídos dependendo do tema da edição.

Segundo o trio de autores, as mudanças também puderam ser vistas nos temas que o programa abordou, sendo que “a cada edição, na última temporada lançada, as discussões abordadas tiveram um tom mais aprofundado e cuidadoso” (NASCIMENTO et al., 2017, p. 08). No artigo, eles também destacam edições em particular, como, por exemplo, a de 02 de março de 2017, quando o programa se posicionou a favor da luta LGBTQIA+.

Outro exemplo apresentado pelos pesquisadores é o episódio que tratou sobre o tema nudez, onde, na abertura do programa, um grupo de pessoas nuas desfilou pelo palco, tudo na intenção de discutir sobre a naturalidade da nudez humana. Outro caso é o do episódio que tinha romantismo como pauta, quando foram levados ao palco três casais, sendo dois deles casais homoafetivos e um heterossexual. Para eles, dessa forma, o programa acabou “propagando a mensagem de que o amor é para todos e que não deve haver distinção” (NASCIMENTO et al., 2017, p. 08).

Com uma abordagem condizente com o século XXI, os autores afirmam

que o *Amor e Sexo* se sobressaía em relação aos demais programas com a mesma temática muito devido a preocupação com as pautas desenvolvidas pela atração. Para eles,

> o programa televisivo corrobora para a construção de pensamentos dos telespectadores e, por essa razão, a discussão aprofundada sobre gênero e sexualidade na TV aberta brasileira se faz necessária porque contribui para o respeito às diferenças de modo a assegurar o exercício da cidadania, como se esperaria de um papel democrático dos meios de comunicação (NASCIMENTO et al., p. 14, 2017).

Marcando presença constante nas pautas abordadas pelo *Amor e Sexo*, a comunidade LGBTQIA+ e a sua representação na televisão brasileira serão detalhadas no próximo subtítulo desta pesquisa.

4.4 A COMUNIDADE LGBTQIA+ NA TV BRASILEIRA

Apesar de pagar os mesmos impostos e de ter os mesmos direitos e deveres que qualquer outro cidadão brasileiro, a comunidade LGBTQIA+ é uma das que ainda não é representada de maneira real na televisão. De acordo com Nascimento, Santos e Rodrigues (2017), as lutas da comunidade LGBTQIA+ tem um histórico de "deslegitimação midiática" (p. 04). Os autores destacam que a Rede Globo é observada pelos movimentos sociais como um canal que manuseia opiniões e apresenta uma grade de programação que acaba realizando uma manutenção de preconceitos. É salientado pelo trio que isso acontece, por exemplo, quando a emissora enfatiza os estereótipos de gênero e de sexualidade.

Porém, mesmo que, segundo o grupo de pesquisadores, a maior rede de televisão do país passe essa mensagem, eles reconhecem que “é possível perceber que muitas das pautas dos grupos minoritários vêm sendo lentamente atendidas na TV brasileira, e a programação da Rede Globo também passa por esse influxo” (NASCIMENTO et al., 2017, p. 04).

No artigo *Call Me By Your Name: Representatividade LGBT no Cinema* (2019), os autores Davi Aparecido Leite e Janaína Vieira de Paula Jordão afirmam que a representação midiática da comunidade ainda é restrita, porém, há uma crescente notoriedade, podendo se tornar um movimento promissor. A dupla

destaca que

> é possível visualizar cada vez menos esta minoria sendo colocada de maneira estereotipada nas produções, saindo do universo humorístico no qual por muito tempo foram colocados e, conquistando espaços que permitem exemplificações mais profundas e complexas do que não é ser heterossexual. (JORDÃO; LEITE, 2019, p. 03).

Em seu artigo, os autores focam na representação LGBTQIA+ voltada para o cinema a partir de análise do filme americano *Me Chame Pelo Seu Nome* (Call Me By Your Name, 2017), do diretor Luca Guadagnino. Contudo, em terras brasileiras, essa representação vem sendo conquistada por meio de um já tradicional produto da televisão brasileira: as novelas.

Para o jornalista Nilson Xavier (criador do site Teledramaturgia, especializado nas novelas produzidas no país), em matéria publicada no site TV História[20], divulgada em comemoração ao Dia do Orgulho LGBTQIA+, em 2021, a representação de gays, lésbicas e transexuais aconteceu de forma gradativa na TV, sendo totalmente proibida na época da Ditadura Militar (1964-1985), correndo o risco do conteúdo ser censurado.

Indo ao encontro da afirmação de Jordão e Leite (2019), o jornalista explica que “hoje, a representação do homossexual alegórico, do gay caricato de programa de humor, já não é mais tão bem aceita, nem em novelas, nem em programas de humor, apesar de ainda existir” (XAVIER, 2021, não paginado).

De acordo com Fernanda Nascimento da Silva, na dissertação de mestrado *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida* (2015), foi em 1970, com o ator Ary Fontoura interpretando a personagem Rodolfo Augusto, na novela *Assim na Terra como no Céu*, que aconteceu a primeira representação LGBTQIA+ na teledramaturgia da Rede Globo. Segundo Silva (2015), de 1970 a 2013, foram 62 novelas da emissora que trouxeram personagens gays em suas narrativas.

Nascimento, Rodrigues e Santos (2017) apontam que, mesmo as personagens estando na obra e enredo, isso não significa que a classe LGBTQIA+ tenha sido bem representada. O trio afirma que esses personagens estão sempre em menor número se comparado com personagens heterossexuais. Eles relembram que foi apenas em 2013, na novela *Amor à Vida*, de autoria de Walcyr

[20] Disponível em <https://tvhistoria.com.br/15-gays-pioneiros-de-novelas/> Acesso em 21 set 2021.

Carrasco, que aconteceu o primeiro beijo entre dois homens em um dos principais produtos da Rede Globo. Ao citarem o *Amor e Sexo*, os autores pontuam que “o programa se destaca por trazer membros da comunidade LGBT desde sua primeira edição, mesmo que nem sempre bem representados” (NASCIMENTO et al., 2017, p. 06).

Integrantes da comunidade LGBTQIA+, as pessoas transexuais ainda caminham à margem da sociedade. Mesmo que ocupem diversos lugares, seja como cabeleireiras, empresárias ou advogadas, elas são a letra do acrônimo que mais sofre com a violência. Em 29 de janeiro se celebra o Dia Nacional da Visibilidade Trans e, no início de 2021, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra) divulgou, por meio do *Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*[21], que o Brasil é o país que mais mata pessoas dessa comunidade. No total, foram 175 assassinatos em 2020, uma média de uma morte a cada dois dias.

Mesmo com os crimes de ódio, a comunidade trans tem vencido lutas. Em 15 de setembro de 2021, Caxias do Sul, cidade da Serra gaúcha, teve a sua primeira vereadora transexual empossada como uma dos 23 parlamentares. Em seu primeiro pronunciamento[22], Cleo Araújo se manifestou sobre a importância de políticas públicas que protejam e deem melhores condições de vida para as pessoas transexuais. Assim como Cleo, diversas outras pessoas trans têm chegado cada vez mais longe, porém, na televisão brasileira, essa representação ainda sofre com barreiras.

No artigo *Representação Trans nas Novelas da TV Globo de 2015 a 2020 (2020)*, de Márcio Correia Gonçalves Vitor e Diego Gouveia Moreira, os pesquisadores afirmam que, até 2019, na rede aberta de televisão, não havia nenhum programa que trazia pessoas trans como protagonistas.

Assim como parte da comunidade LGBTQIA+, a representação trans tem ganhado espaço nas novelas. Contudo, Gonçalves e Moreira (2020) destacam que, durante os mais de 50 anos da Rede Globo, apenas 12 personagens transexuais fizeram parte de novelas, minisséries e seriados da emissora, sendo a maioria deles entre 2015 e 2020 (período em que a pesquisa se limitou).

---

[21] Disponível em <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf> Acesso em 09 out 2021.

[22] Disponível em <http://www.camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/22910> Acesso em 26 set 2021.

Em 2017, por meio da novela *A Força do Querer*, da autora Gloria Perez, com direção geral de Pedro Vasconcelos, o Brasil pode conhecer mais sobre a vida de uma pessoa que não se identifica com seu gênero de nascença e que vai em busca de se encontrar de verdade. Ivana/Ivan, interpretada pela atriz Carol Duarte (uma pessoa cisgênero, ou seja, que se identifica com seu gênero de nascença[23]), um homem que nasceu em corpo de mulher e que vive em conflitos com sua identidade, teve a sua vida explorada a cada episódio. Diariamente, as descobertas, o entendimento sobre quem é e até as mudanças corporais foram acompanhadas de perto pelos telespectadores.

Segundo os autores Jéssica Moreira, Marlon Cavalcante e Mônica C.P. Sousa, no artigo *Visibilidade e Representatividade Transexual: A personagem Ivana em A Força do Querer* (2018), "a novela, ao abordar o tema com certa cautela e bastante lucidez, gera uma discussão entre os telespectadores" (p. 03). Concordando com a visão do trio, Anderson Luiz de Melo, autor do artigo *De Ivana a Ivan: a transexualidade em A Força de Querer, os resultados de um estudo de recepção* (2019), afirma que "'A Força do Querer' rompe com um processo histórico de negligenciamento por parte da grande mídia, buscando amplificar o alcance dessas vozes historicamente silenciadas" (p. 03). Para Cavalcante, Moreira e Sousa (2018), com a novela, a comunidade pode estar sendo vista, falada e comentada, promovendo, assim, maior entendimento sobre suas angústias, felicidades e desafios.

Desde o TV Mulher, nos anos 1980, a sexualidade vem procurando espaços para ser discutida na TV brasileira com a naturalidade necessária. Após o programa matinal da Rede Globo, a MTV Brasil abraçou o tema, onde a juventude ganhou voz para discutir as inseguranças que a vida sexual, orientações e desejos causam durante a adolescência, até chegar ao *Amor e Sexo*, que por 11 temporadas buscou promover o debate de forma informativa e, às vezes, até mesmo educativa. Percebe-se que a sexualidade ganhou importância durante a história da TV brasileira, mas ainda é marcada por espaços em branco.

A fim de responder a questão norteadora, que trata sobre o protagonismo

[23] Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/sexualidade/cisgenero-transgenero.htm> Acesso em 25 set 2021.

e relevância social do programa *Amor e Sexo* na televisão brasileira, o próximo capítulo apresentará a metodologia da presente pesquisa.

5 METODOLOGIA

Essa pesquisa tem como objetivo investigar a relevância social e o protagonismo do programa *Amor e Sexo*, da Rede Globo. A Análise de Conteúdo é o método definido para este projeto, além das técnicas de Revisão Bibliográfica, Observação Simples e Entrevista.

5.1 MÉTODO

Para Laurence Bardin, na obra *Análise de Conteúdo* (2011), o método de análise de conteúdo se apresenta como um conjunto de instrumentos metodológicos que passam por constantes aperfeiçoamentos, se aplicando nos mais variados discursos.

A autora aponta que a análise de conteúdo possui diferentes fases, mas destaca um polo cronológico: *Pré-análise*, *Exploração do Material* e o *Tratamento dos Resultados, a Inferência e a Interpretação*.

5.1.1 Pré-análise

Esta etapa, para Bardin (2011), é a organização da análise propriamente dita. O objetivo é “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 125). A autora destaca que há três missões nesta etapa: *a escolha dos documentos a serem submetidos à análise*; *a formulação das hipóteses e dos objetivos*; e *a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final*. Ainda segundo ela, não há uma obrigatoriedade de uma sequência cronológica entre as missões, embora elas se mantenham estreitamente ligadas uns aos outros.

Laurence Bardin (2011) destaca que a pré-análise passa por cinco etapas. A primeira delas é a *leitura flutuante,* que consiste na tomada de conhecimento do conteúdo, além de conhecer o texto. A segunda etapa se denomina a *escolha dos documentos*, a qual a autora indica a constituição de um *corpus*, que, segundo ela,

“é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos a procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126). Contudo, a pesquisadora indica algumas regras que devem ser seguidas para a constituição do *corpus*:

a) *Regra da Exaustividade*: basicamente, nenhum elemento pode simplesmente ser deixado de lado por esta ou aquela razão que não possa ser justificável no plano do rigor;
b) *Regra da Representatividade*: a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste;
c) *Regra da Homogeneidade*: os documentos precisam seguir uma homogeneidade, obedecendo critérios precisos de escolha e não apresentar singularidade fora desses critérios;
d) *Regra de Pertinência*: os documentos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo que correspondam ao objetivo da análise.

A *formulação das hipóteses e dos objetivos* é outra etapa elencada pela autora. Para Bardin (2011), as hipóteses são afirmações provisórias, que precisam passar por uma verificação (confirmar ou infirmar). Ainda destaca que ela é uma suposição que a origem está associada à intuição, necessitando ficar suspensa enquanto não for submetida à verificação. A etapa seguinte é a *referência dos índices e a elaboração de indicadores*, a qual ela destaca que, se nos textos forem identificadas manifestações que contém índices que a análise irá explicitar, o trabalho preparatório será o da escolha destes (índices) e a organização em indicadores.

A pesquisadora ainda afirma que “uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros” (BARDIN, 2011, p. 130). Por fim, a autora trata da etapa *preparação do material* e, neste momento, é a etapa final antes da análise propriamente dita, onde o material reunido deve ser organizado para que logo passe por um processo de edição.

5.1.2 Exploração do material

Após a coleta do material, chegou a hora de explorá-lo, ou seja, de

acordo com Bardin (2011), essa fase demanda trabalho e dedicação, podendo até ser fastidiosa. Para a pesquisadora, em sua base, essa fase tem duas operações: *codificação* e *decomposição ou enumeração*, em função de regras previamente formuladas.

A codificação é a parte em que se entende o porquê se deve analisar e explicitar de modo que possa se saber como fazer de fato. Segundo Laurence Bardin (2011), tratar o material é codificá-lo. “A *codificação* corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação ou enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (BARDIN, 2011, p. 133).

Dentro da codificação se encontram dois modelos de análise: a *quantitativa* e a *qualitativa*. A pesquisadora apresenta a abordagem quantitativa como sendo aquela que se funda na frequência de aparição e determinados elementos da mensagem. Já a qualitativa recorre a indícios suscetíveis de permitir interferências. Um exemplo é que “a presença (ou a ausência) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição” (BARDIN, 2011, p. 144).

Esta pesquisa utilizará a análise qualitativa, a qual, na ótica da autora, apresenta algumas características particulares, sendo válida na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais, que, em suma, possibilita a criação das hipóteses apresentadas no projeto de pesquisa.

De acordo com Bardin (2011), a maioria dos procedimentos de análise se organizam ao redor de um processo de *categorização*. Essa *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação, e em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

É destacado pela autora que as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (ou unidades de registro, em caso de análise de conteúdo), sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. Ainda segundo a pesquisadora, o critério de categorização pode ser *semântico*, *sintático*, *léxico* e *expressivo*. Bardin (2011) afirma que “a categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma

representação simplificada dos dados brutos" (p. 148-149). Para ela, um conjunto de categorias deve ter as seguintes qualidades:

a) *Exclusão mútua*: esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
b) *Homogeneidade*: um único princípio de classificação deve governar a sua organização;
c) *Pertinência*: a categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido e quando pertence ao quadro teórico definido;
d) *Objetividade e fidelidade*: o organizador da análise deve definir claramente as variáveis que trata, assim como precisar os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria;
e) *Produtividade*: um conjunto de categorias só é produtivo se fornece resultados férteis em índices de interferência, em hipóteses novas e em dados exatos.

Com a exploração do material realizada, é a hora de interpretá-lo e compreender seus resultados. Essa etapa da pesquisa será explicada no subtítulo seguinte.

5.1.3 O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

A organização do processo de análise de conteúdo termina em sua terceira etapa, chamada por Laurence Bardin (2011) de *tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação*. Nesta etapa final é que o pesquisador irá interpretar os resultados de sua pesquisa, procurando que estes sejam significativos e válidos. A interpretação pode gerar dois caminhos para o pesquisador: a utilização dos resultados de análise com fins teóricos ou pragmáticos, ou a geração de orientações para uma nova análise.

A pesquisadora destaca que a análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem. Ainda de acordo com Bardin (2011), teoricamente, a análise de conteúdo pode se apoiar em elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado a mensagem e

seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor.

Para ela, o *emissor* ou *produtor de mensagem* “pode ser aquele indivíduo ou um grupo de indivíduos emissores [...]. Com efeito, pode se seguir com a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor” (BARDIN, 2011, p. 165). Já o receptor pode ser um indivíduo, um grupo ou uma massa de indivíduos. De acordo a autora, nesta ótica, insiste-se no fato de a mensagem se dirigir a este indivíduo (ou conjunto de indivíduos) com a finalidade de agir (função instrumental da comunicação) ou de se adaptar a ele (ou a eles).

O terceiro item é a *mensagem*, que, segundo a escritora, “qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível” (BARDIN, 2011, p. 166). O último item citado pela pesquisadora é o *medium*, ou canal, que é o instrumento, o objeto técnico, o suporte material do código. De acordo com Bardin (2011), este gênero de estudo deve servir-se mais dos procedimentos experimentais do que das análises de conteúdo.

Sobre a *inferência*, Bardin (2011) apresenta uma fala de Holsti (1969) de que a intenção de qualquer investigação é produzir inferências válidas. Ou seja, a pesquisadora aponta que, a partir de fatos encontrados na pesquisa, é possível induzir-se ideias. A autora diz, em outras palavras, que a análise de conteúdo tem um bom instrumento de indução para se investigar as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências do texto).

Bardin (2011) destaca que os indicadores e inferências são, ou podem ser, de natureza muito diversa. Nas palavras da autora, “no estado atual dos conhecimentos, a inferência faz-se, habitualmente, caso a caso, à falta de leis exatas referentes às ligações habituais entre a existência de certas variáveis do emissor (ou do receptor) e as variáveis textuais” (BARDIN, 2011, p. 169). Ela apresenta dois modelos de inferência:

> *Inferências específicas*: quando se procura responder à pergunta ‘será que o país A tem intenções de atacar o país B?; *Inferências gerais*: quando se pretende saber se existe uma lei relacional em que o aumento do nível pulsional do locutor seja acompanhado pela simplificação e normalização das suas escolhas semânticas e estruturais (BARDIN, 2011, p.169).

A autora destaca que as inferências são ferramentas funcionais durante

o processo de pesquisa, mesmo que elas partam de variadas ideias e questionamentos.

Com o método explicado, agora, será necessário compreender as técnicas metodológicas para a realização da pesquisa. Elas serão apresentadas no subtítulo seguinte.

5.2 TÉCNICA

A fim de auxiliar a aplicação do método desta pesquisa, a Análise de Conteúdo, serão utilizadas três técnicas: *Revisão Bibliográfica*, *Entrevista* e *Observação Simples*.

5.2.1 Revisão Bibliográfica

Uma das técnicas mais tradicionais na elaboração de uma pesquisa é a *revisão bibliográfica*, ou pesquisa bibliográfica, esta segunda expressão utilizada pela autora Ida Regina Chitto Stumpf, no artigo *Pesquisa Bibliográfica* (2005). Segundo ela, a pesquisa bibliográfica é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, a localização e obtenção da bibliografia pertinente ao assunto. Para complementar sua explicação, a autora afirma que a revisão bibliográfica é

> um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p. 51).

No artigo, ela reforça a importância de revisar a literatura. Com a evolução da humanidade, a produção de conteúdos de pesquisa foi aumentando, havendo necessidade da criação de mecanismos de armazenamento dessas informações. Segundo Stumpf (2005), com o uso do meio eletrônico para publicar documentos e disponibilizar informações, o fenômeno da chamada ‘explosão documentária’ aumentou em tamanho e complexidade, afetando alunos e

pesquisadores que se deparam com um volume cada vez maior de trabalhos publicados e informações sobre sua especialidade.

Antes de se iniciar a pesquisa, de acordo com a autora, “[...] alunos precisam conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto” (STUMPF, 2005, P. 52). A pesquisadora é clara quando destaca que a consulta à bibliografia pertinente é uma atividade que acompanha o investigador, o docente e o aluno, além de orientar os passos que devem ser seguidos.

Um ponto salientado por Stumpf (2005) é sobre quando revisar a literatura. A autora diz que dissertações e teses acadêmicas seguem uma forma típica: (1) definição do problema, (2) revisão da literatura ou quadro referencial teórico, (3) hipóteses, (4) metodologia, (5) análise dos dados, (6), conclusões. Mesmo com essa sequência pré-determinada, “a revisão da literatura, embora tenha um lugar certo no projeto e no relatório de pesquisa, precede até mesmo a definição do problema e acompanha constantemente o trabalho” (STUMPF, 2005, p. 53).

Segundo a autora, na pesquisa, o indivíduo precisa estar motivado no sentido da ação, com desejo de esclarecer um assunto ainda não investigado suficientemente e isso irá mantê-lo motivado a atingir os objetivos. Para Stumpf (2005), “o foco de interesse será buscado na sua [autor da pesquisa] vida real [...] mas precisa ser estimulado através de um programa de leituras que indique haver um ponto obscuro que precisa ser investigado” (p. 53).

Para a pesquisadora, a leitura colabora na hora de criar vontades investigativas no autor, destacando que

> à medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar. De tudo aquilo que leu, muitas ideias serão mantidas, enquanto outras poderão ser abandonadas (STUMPF, 2005, p. 53).

Com a organização de leitura de pesquisas relacionadas ao seu assunto, segundo Stumpf (2005), o pesquisador poderá encontrar alguns instrumentos já prontos que poderão ser auxiliadores de acordo com as necessidades da pesquisa. A autora destaca que a revisão da literatura continua na etapa de análise dos dados coletados, podendo auxiliar no entendimento de interpretações de fenômenos observados. “[...] a revisão da literatura acompanha o trabalho

acadêmico desde a sua concepção até a sua conclusão" (STUMPF, 2005, p. 54).

Ida Regina C. Stumpf (2005) elenca alguns procedimentos a fim identificar, selecionar e localizar materiais necessários para realização da pesquisa:

a) *Identificação do tema e assuntos*: aqui o pesquisador irá definir seu tema de estudo com precisão. Também deve elaborar um rol de palavras-chave relacionadas ao assunto, servindo como guia de levantamento de dados. Delimitar o tema no tempo e no espaço evitará que tempo seja perdido ao revisar fontes inadequadas;
b) *Seleção de fontes*: após definições de tema e afins, nesta etapa, o aluno deverá realizar o levantamento bibliográfico, a procura de materiais disponíveis a fim de servir de suporte para o estudo pretendido. Além de indicações do orientador, "espera-se que quem vá investigar um tema transcenda os saberes dos mestres, e, através de sua própria busca, traga inovações e atualizações para a temática estudada" (STUMPF, 2005, p. 56);
c) *Localização e obtenção do material*: aqui, basicamente, o pesquisador localizará os documentos em bibliotecas físicas, por meio on-line (*Internet*) ou com editoras dos materiais;
d) *L*eitura e transcrição dos dados: com os documentos e informações em mãos, o aluno deverá organizar as prioridades e interesses dos mesmos para cada parte do trabalho. O material absorvido das leituras deve ser anotado em fichas, sendo iniciado pelo registro das referências do documento que será lido. Stumpf (2005) recomenda que palavras-chave também sejam anotadas, ajudando a organizar o processo de redação da pesquisa.

Com o tema definido e obras de apoio escolhidas, o autor da pesquisa precisa ir em busca de fontes para além dos livros, a fim de dar continuidade nas etapas da pesquisa.

Neste trabalho, a execução da técnica de revisão bibliográfica resultou na criação, elaboração e desenvolvimento de três capítulos: *Gêneros e Formatos dos Programas de TV*, *Etapas de Produção de Conteúdo Audiovisual* e *Sexualidade na Televisão Brasileira*.

5.2.2 Observação simples

Esta segunda técnica é considerada elemento fundamental da pesquisa. Para Antônio Carlos Gil, na obra Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (2011), a *observação* desempenha um papel imprescindível no processo do trabalho, tendo na coleta de dados a sua evidência. O pesquisador salienta que a observação pode ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e, por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação.

Segundo Gil (2011), a observação

> apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida (GIL, 2011, p.100).

O processo de observação pode ser estruturado ou não estruturado, isso vai depender do grau de participação do observador, podendo ser participante ou não participante. De acordo com o autor, os tipos de observação são:

a) *Observação simples*: o observador é alheio àquela situação, observando de maneira espontânea os fatos ocorridos;
b) *Observação participante*: nesta, além de observador, o pesquisador se torna integrante do processo de observação. É a participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma determinada situação;
c) *Observação sistemática*: o objetivo é a descrição dos fenômenos ou testes de hipóteses.

No presente estudo, a escolha da técnica de observação simples se dá também pelo processo de decupagem do *corpus,* que exige detalhamento e profundidade de análise. Para que seja possível compreender melhor essa etapa, o objeto de estudo será explicado no próximo subtítulo.

5.2.2.1 Objeto de estudo

De acordo com o site Memória Globo[24], o *Amor e Sexo* é um programa de entretenimento/auditório produzido e exibido pela Rede Globo de Televisão, que estreou em 28 de agosto de 2009 e que teve o último episódio da décima primeira temporada exibido em 11 de dezembro de 2018. Os programas estão disponíveis na plataforma da emissora, o *Globoplay*[25]. Com uma média de 10 programas por temporada, o *Amor e Sexo* tinha 50 minutos de duração por episódio, indo ao ar uma vez por semana, variando entre as terças, quintas ou sextas-feiras, e aos sábados, sempre na faixa das 23h.

O programa procurava conversar com seus espectadores, em cada episódio, sobre temas tabus, como, por exemplo, a sexualidade na vida da mulher, o fim do preconceito contra a comunidade LGBTQIA+ e a educação sexual nas escolas, tudo de uma forma leve, descontraída e objetiva. Desde sua primeira temporada, o *Amor e Sexo* foi apresentado por Fernanda Lima (jornalista, apresentadora, modelo e atriz).

Também desde seu início, o programa contou com uma plateia formada por pessoas comuns, além de uma bancada de jurados fixos composta pela atriz Mariana Santos, o ator José Loreto, o estilista Dudu Bertholini, a escritora Djamila Ribeiro, a psicanalista e escritora Regina Navarro Lins e o apresentador Otaviano Costa. Convidados esporádicos como os atores Chay Suede, Monica Iozzi e Ingrid Guimarães também compuseram a bancada participando dos debates e atividades relacionadas ao tema. A cada episódio, de acordo com a pauta do dia, o programa utilizava esquetes de humor. A música também era outro elemento utilizado pelo show para contribuir na discussão do tema proposto.

5.2.2.2 Corpus da pesquisa

Nesta pesquisa serão analisados quadros apresentados dentro de quatro

[24] Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/> Acesso em: 21 mai. 2021.
[25] Disponível em <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/t/dXKDGfsMkK/> Acesso em 21 nov 2021.

episódios do programa *Amor e Sexo*, em temporadas exibidas em fevereiro de 2016, março de 2017, outubro e novembro de 2018.

Transmitido em 20 de fevereiro de 2016, o programa foi destinado a falar sobre a maternidade. O quadro a ser analisado fez uma brincadeira entre mães separadas e seus filhos, onde três duplas responderam perguntas sobre amor, sexo, cumplicidade e liberdade. A vida sexual das mães é abordada de forma descontraída, permitindo uma troca entre elas e seus filhos. O principal objetivo do quadro é reforçar a importância da troca de informações nas famílias. Os jurados do programa comentam sobre as relações com suas próprias mães.

Apresentado em 30 de março de 2017, o segundo episódio escolhido debate a educação sexual nas escolas e sua importância para informar os jovens e alertar sobre gravidez na adolescência, além de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). O quadro a ser analisado busca a participação dos jurados do programa para comentarem sobre suas experiências no tempo que eram estudantes, principalmente sobre a discussão da vida sexual durante o período escolar. Eles ainda explicam questões sobre órgãos sexuais e o ato sexual em si como se fossem professores e alunos, tudo com apoio de uma especialista que esmiúça as explicações e ainda corrige informações erradas. Toda a explicação é envolta de brincadeiras e humor.

As árvores genealógicas brasileiras são o tema do terceiro episódio do Amor e Sexo a ter quadros analisados. O programa foi exibido em 23 de outubro de 2018 e teve a sua primeira parte destinada a apresentar as mais variadas formações familiares, fugindo da ideia da ‘família tradicional brasileira’. Outra parte do programa colocou duas famílias lado a lado, ambas com integrantes de diferentes idades, para participar de uma brincadeira onde eles precisavam falar abertamente sobre relações sexuais.

O último episódio do programa a ter seu conteúdo explorado nesta pesquisa coloca em pauta as mulheres brasileiras. Nesta edição, que foi ao ar em 06 de novembro de 2018, a apresentadora Fernanda Lima abre o programa com um ato musical e um monólogo que reforça o poder e liberdade das mulheres. Logo após, Fernanda abre o diálogo sobre o que é ser mulher, trazendo ao palco seis mulheres, sendo elas brancas, negras, transexuais, heterossexuais e bissexuais. A liberdade sexual delas também é foco da discussão.

5.2.2.2.1 Glossário

Para a melhor compreensão de termos utilizados na decupagem dos quadros analisados, recomenda-se a leitura do glossário de palavras com termos do jornalismo/entretenimento audiovisual. As definições apresentadas a seguir tem como base as obras *Produção e Direção para TV e Vídeo* (KELLISON, 2006) e *Dicionário essencial de comunicação* (RABAÇA; BARBOSA, 2014).

‘: significa “minutos”.

‘‘: significa “segundos”.

Cortar: mudança de enquadramento de câmera

Plano americano: enquadramento de câmera no qual as personagens são filmadas de forma quase completa, do joelho para cima;

Plano geral: enquadramento de câmera que captura uma imagem a partir de uma longa distância, procurando mostrar o palco/cenário de forma completa;

Plano médio: enquadramento de câmera que captura as personagens a meio corpo, sendo filmados da cintura para cima;

Primeiro plano: enquadramento de câmera que captura as personagens dos ombros para cima, focando seus rostos ou em detalhes;

Zoom in: movimento de câmera no qual a lente se aproxima rapidamente do objeto/personagem filmado;

Zoom out: movimento de câmera no qual a lente se afasta rapidamente do objeto/personagem filmado;

5.2.2.2.2 Decupagem

Para a decupagem presente nesta pesquisa foram escolhidos quatro quadros de quatro programas do *Amor e Sexo*, exibidos entre 2016 e 2018. Tendo em vista o caráter de entretenimento da atração, os conteúdos apresentados contém a descrição das falas da apresentadora, dos convidados, de integrantes da plateia e de especialistas, além de números musicais. Buscou-se apresentar cada fala, conteúdo sonoro e descrição de movimentos e ações dos participantes do programa. Os links para acesso aos materiais estão disponíveis nas notas de rodapé e nas referências bibliográficas.

a) Quadro 1: A relação entre mães e filho ao falar sobre sexo[26];

   Apresentação: Fernanda Lima;

   Direção geral: Daniela Gleiser;

   Redação final: Antonio Amâncio e Fernanda Lima;

   Data de Exibição: 20 de fevereiro de 2016;

   Duração: 10’50’’ até 16’57’’ (Total de 6’07’’)

A apresentadora Fernanda Lima (FL) está enquadrada no plano médio. Usa uma roupa colorida que tem o formato de borboleta na altura do tórax. A roupa tem muito glitter e as bordas são pretas. Tem cabelos loiros, levemente ondulados que chegam próximo aos ombros. Com a mão esquerda segura o microfone, que é prata. Atrás de Fernanda refletem pontos de luz. É uma escada que compõem o cenário do programa. Nessa escada há inúmeras flores que aparentam ser rosas com tons em branco. Fernanda olha para a câmera enquanto fala.

FL: Mãe é sagrada, mas o mundo mudou e hoje em dia essas mulheres se tornaram donas de seu nariz e de seu corpo (ela gesticula com a mão direita, enquanto segura cartões), mesmo sendo mães. Mudou mais e mudou para melhor. Então que tal uma conversa franca e divertida entre mães e filhos, onde se possa falar sobre tudo com todo respeito, é claro. Elas são livres, independentes e autônomas. As cenas a seguir podem ferir a suscetibilidade dos filhos mais ciumentos. Que entrem

[26] Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4829303/programa/> Acesso em 17 out 2021.

as mães ‘pra frentex’. Canta aí mãe.

Nesse momento a câmera vai para o plano geral enquanto três mães convidadas entram no palco. O plano permite pegar o início da apresentação da banda que começa a cantar a música “Fogo e paixão”, do cantor Wando. A mãe da apresentadora está presente na banda, sentada em um banco. A edição se divide entre focar na banda, que está com os instrumentistas usando terno branco, mais ao fundo do palco. Liderando a banda rente da banda está a drag queen Pabllo Vittar, que tem a pele parda. Ela está no canto esquerdo e usa um vestido prata. Tem cabelos pretos e longos. A mãe de Fernanda Lima, Maria Tereza Pereira, é branca e está no banco do meio. Ela usa blusa branca e calças pretas, tem cabelos curtos e loiros. Ao lado de Maria Tereza, no canto direito, está o cantor Régis Paulino. Ele é negro, usa blazer e calças rosas, com uma blusa branca. Está de óculos de sol. Tem cabelos pretos e curtos. A câmera continua em plano geral, e no vídeo aparece a banda, as mães entrando no palco e a bancada de jurados. Imagens da plateia também são apresentadas. A plateia faz muito barulho e bate palmas no ritmo da música. O plano geral foca no palco. As três mães já estão dispostas. A câmera enquadra Fernanda e Tina (uma das mães). Plano médio de ambas. Tina tem cabelos castanhos e médios, é mais baixa que a apresentadora. Usa casaco laranja e blusa preta. Tem pele morena. Fernanda começa a falar com a convidada.

FL: Tina (animada), quando você arruma um namorado rola aquele pensamento assim “que que minha filha vai pensar dele”?

Primeiro plano.

TINA: Não pensando nisso, mas assim, fico com a vontade de que ele seja aceito, de que seja bacana, que tenha uma relação bacana com ela, isso sim.

Plano geral e vai para plano médio da apresentadora enquanto ela introduz outra convidada.

FL: Vélcia, quando se trata de namoro quem é mais ciumento: você ou o seu filho?

Plano médio da convidada que é branca, tem cabelos longos e pretos, usa uma

blusa tomara que caia na cor preta e calças jeans.

VÉLCIA: Nem eu tenho muito, nem ele.

Plano americano de Fernanda que está ao lado da terceira mãe.

FL: Em um primeiro momento, o seu filho implica com os seus namorados?

Primeiro plano. Ana tem cabelos médios e loiros, está usando um macacão estampado e um colar longo que tem cordas finas e termina em uma pedra escura.

ANA: Nunca implicou.

Primeiro plano.

FL: Como é que se constrói uma cumplicidade nesse campo mãe e filho?

Primeiro plano.

ANA: Eu acho que é muita conversa, né? Como eu me separei já tem 15 anos, ele tinha 10 anos, então eu sempre fui o horizonte.

Primeiro plano.

FL: Hoje ele também é teu conselheiro? Vocês têm essa relação?

Primeiro plano.

ANA: É uma troca infinita.

Plano americano.

FL: É?

Plano americano.

ANA: Eu to na dúvida, conhecendo alguém, eu converso com ele, ele senta e conversa comigo.

Plano geral de todo o palco, com a apresentadora e as mães convidadas aparecendo.

FL: Bom, que agora venham os filhos das mães pra ’frentex’.

A banda volta a tocar e cantar, enquanto mais três convidados entram no palco. A edição do programa retorna a fazer o giro de imagens entre plateia, jurados e a banda. Cada filho abraça sua respectiva mãe e ficam lado a lado enquanto dançam a música que está tocando. A banda continua na formação anterior, mas agora canta uma música no estilo musical samba. A plateia acompanha a banda e bate palmas no ritmo da música. Atrás dos convidados no palco, são instalados bancos e mesas com divisórias. Nessas mesas há pequenas placas.

A câmera volta para Fernanda que apresenta o próximo quadro. Ela está em plano médio e ao lado esquerdo aparecem Tina e sua filha.

FL: Vai começar o papo reto quando mamãe é fogo e paixão. Vocês podem sentar (indica para os convidados que eles se sentem nos bancos e a câmera se divide em mostrar os convidados sentando, focando em alguns rostos). E esse jogo é o seguinte: a gente quer saber se eles tem afinidade e cumplicidade quando o assunto é amor e sexo de ambos (plano geral mostrando a apresentadora de corpo inteiro falando com a câmera e ao fundo os convidados já posicionados, logo após passa para primeiro plano de Fernanda que continua a falar com a câmera). Vocês têm aí três plaquinhas (a edição dá zoom in em cada uma das mesas, mostrando mãe e filho/filha). A verde está escrito ‘hum hum’, que é sim (sobe na tela um plaquinha verde com os dizeres ‘hum hum’ em preto), a laranja que está escrito ‘Ã-ã’ que é não (sobe na tela uma plaquinha laranja com os dizeres ‘Ã-ã’ em preto) e a amarela está escrito ‘Ora, não me amole!’ que significa passo, não vou responder nem que a vaca tussa (sobe na tela uma plaquinha com os dizeres ‘Ora, não me amole!’ em preto).

Nesse momento a plateia ri e a câmera está em plano geral, mas continua a utilizar cortes rápidos mostrando jurados, banda e plateia. Primeiro plano e olhando para os convidados.

FL: Tá bom? Toda vez que as respostas coincidirem a dupla pontua. (Corte rápido

para os convidados e volta para Fernanda em primeiro plano) Sua mãe fala de sexo numa boa?

Plano geral dos convidados levantando as plaquinhas. Todos levantam a plaquinha verde. Efeito sonoro de resposta correta é inserido. Ao fundo, os jurados murmuram palavras como “isso aí”, “muito bem”, “aê”. A edição vai em direção a eles, em plano geral. Plateia aplaude e comemora. A edição volta para os convidados, que comemoram com sorrisos. Primeiro plano da apresentadora.

FL: (sorridente, mas olhando para os jurados, que estão do lado oposto do palco) Começamos assim, vamos dizer, com altíssima cumplicidade, não é? Incrível (jurados e plateia soltam risadas. Retorna para Fernanda que lê a pergunta no cartão). Próxima pergunta: você diria que sua mãe já mandou nudes para alguém.

Enquanto a câmera está em plano geral mostrando todos os convidados no palco, sem aparecer, a jurada Mariana Santos comenta: “Ai meu Deus!” Todos levantam a plaquinha vermelha, que está escrito ‘Ã-ã’ (não). Novamente o efeito sonoro de pontuação correta é inserido. A câmera corta para o jurado Otaviano Costa (OC) que está de camisa branca, cabelos grisalhos, pele branca e microfone na mão direita. A seu lado está Dudu Bertholini e no lado oposto a atriz Fiorella Mattheis. Na sua frente há copos de vidro com água. A bancada é branca.

OC: Quem está mentindo?

A plateia ri enquanto a edição volta para as mesas com mães e filhos, que também sorriem. A câmera fecha em plano médio em Fernanda, que olha para os convidados.

FL: É verdade isso? (apontando para a convidada Ana) Tu nunca mandou nude?

Primeiro plano.

ANA: Nem tenho essa intenção (diz sorridente).

Primeiro plano olhando para os convidados com olhar de desconfiança.

FL: Nem tem essa intenção.

Câmera volta para Otaviano Costa

OC: O filho (dá risada), você mandou? Ele 'não'...

Plano médio.

FL: O filho falando pela mãe. Não, não (em tom debochado).

Corta para a bancada de jurados que dá risada da situação. Câmera vai para o filho, em plano médio, que também dá risada da situação. Luis, filho de Ana, tem cabelos curtos e usa uma camisa social azul com estampas.

FL: (apontando para Tina) Você nunca mandou nudes.

Plano médio.

TINA: Não, nunca.

A câmera está em plano geral na mesa de Tina. Sua filha Carol tem cabelos curtos e pretos. Usa um top também preto e uma saia estampada. Ela comenta: "Minha mãe não manda por falta de tecnologia" (a plateia e jurados dão risada).

FL: (apontando para a filha) Por falta de tecnologia.

Plano geral com a mãe aparecendo ao seu lado.

CAROL: Ela não sabe mexer no telefone, se ela soubesse ela mandava.

Fernanda indo em direção a outra dupla em plano geral.

FL: Fala Ruan.

Plano geral e depois primeiro plano.

RUAN: Minha mãe sabe, mas nunca mandaria. Se mandar… (em tom de

repreensão)

Plano geral, Fernanda volta para seu local inicial. Plateia e jurados dão risada da situação de repreensão que Ruan demonstrou.

FL: Você que pensa (em tom malicioso).

A câmera corta para os jurados, onde José Loreto (JL), que é branco, cabelos curtos, usa blazer branco e camisa preta, comenta.

JL: Imagina a mãe chega e fala ‘filho manda esse nude aqui para o meu amigo'.

Plateia, jurados, convidados e apresentadora dão risadas. Plano médio.

FL: Ruan, você manda nude?

Plateia dá risada e solta murmurinhos. Câmera dá zoom in na dupla de Ruan e ele levanta a placa amarela que está escrita ‘Ora, não me amola’. Muitas risadas voltam a ser ouvidas. Plano médio. Otaviano Costa chama a atenção da apresentadora e pergunta.

OC: Isso é uma curiosidade. Elas são mães separadas?

Plano médio e olhando na direção de Otaviano.

FL: São! E isso é um detalhe muito importante.

Corta para Otaviano.

OC: Às vezes, porque, de repente, o menino quer ser também o homem da relação. Tem uma coisa psicológica nisso, eu acho que envolve.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: Sua mãe assiste filmes eróticos?

Plano geral dos convidados escolhendo e levantando suas plaquinhas. A câmera vai focando em cada dupla para conferir se as respostas correspondem. A apresentadora, jurados e plateia dão risadas das plaquinhas que são apresentadas. Câmera corta para Otaviano.

OC: Ai, ai, que demais cara.

Câmera corta para Mariana Santos (MS), que é branca, tem cabelos loiros, usa blusa preta e segura o microfone em mãos.

MS: Revelações (risos).

Volta para Fernanda em plano médio.

FL: Quem pontuou dessa vez foi Tina e Carol (efeito sonoro de resposta correta).

Câmera corta para a dupla vencedora que comemora. Plano médio e em movimento.

FL: Vélcia falou que vê e Ruan achava que ela não via. Câmera foca na dupla Vélcia e Ruan.

Plano americano.

RUAN: De madrugada (em tom malicioso).

Corta para Otaviano Costa.

OC: Tem que ver a fatura da TV à cabo.

Plateia e convidados riem da fala. Plano geral com a apresentadora em movimento.

FL: Regina, por que a gente tem uma tendência em achar que as mães não têm sexualidade. É só porque são mães?

Corta para o painel de jurados com Regina Navarro Lins (RNL). Ela é branca, tem cabelos curtos e castanhos. Usa óculos e uma camisa verde com roxo. O plano é

geral, Regina está no centro da imagem. Demais jurados estão ao seu lado.

RNL: A tendência é os filhos não admitirem que a mãe goste de sexo, faça sexo, que seja uma pessoa normal.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: É que dá uma ‘vergoinha’, talvez, quando se trata da mãe.

Corta para Mariana Santos.

MS: Dá uma ‘vergoinha’ sim.

Volta para Fernanda no mesmo plano médio, olhando para os convidados.

FL: Será que a sua mãe sabe o que é um dildo?

Efeito sonoro de risada e risos vindo da plateia. Plano geral dos convidados levantando suas plaquinhas. Corta para cada dupla e suas plaquinhas. Corta para Otaviano Costa.

OC: É conhecer ou usa? (em tom malicioso, o que arranca risos vindo da plateia).

Câmera volta para Fernanda.

FL: Bom, a Ana Claudia respondeu um ‘Ora, não me amola!’. Passou a resposta. (Fernanda caminha pelo palco até as duplas). Olha essa mãe e essa filha estão demonstrando uma certa cumplicidade.

A câmera foca na dupla Tina e Carol e entra o efeito de resposta correta. Corta para a dupla Vélcia e Ruan e Fernanda comenta.

FL: Ruan que sim (tom de surpresa), que ela saberia o que é um dildo e a mãe não sabe.

A apresentadora se volta para a própria mãe, que está na banda, e pergunta.

FL: Mãe, tu sabe o que é um dildo?

Ela vai até a sua mãe Maria Tereza Pereira (MTP) que está na banda. A câmera está em plano geral. A senhora responde.

MTP: Não me complica, Fernanda.

Risos da plateia e jurados. Plano americano.

FL: Fala ‘Ora, não me amole!’ então.

Plano médio.

MTP: Me deixe em paz.

A plateia dá risada e entra efeito sonoro de agressão (típico de animações). Corta para a jurada Mariana Santos que comenta.

MS: A minha mãe fala a mesma coisa quando eu pergunto (risos).

Câmera volta para plano médio de Fernanda Lima.

FL: Vamos para a próxima pergunta. Você já regulou a roupa que ela escolheu para sair?

A edição se divide em mostrar as ações das três duplas, que estão levantando as plaquinhas escolhidas. Entra efeito sonoro de pontuação e murmurinhos vindos da plateia e jurados. Fernanda, em plano médio, se dirige ao convidado Luis, filho de Ana Claudia.

FL: Luis?

Corta para Luis em plano médio.

LUIS: Já regulei.

Plano médio.

FL: Você já regulou?

Plano médio.

LUIS: O que ele falou (aponta para o convidado Otaviano Costa) tá muito certo em relação ao filho querer se tornar o homem da relação e eu pequeno até não deixava nem minha mãe tomar sol na praia deitada.

Corta para Mariana Santos.

MS: Ah, tinha ciúmes.

Câmera volta para a dupla Ana e Luis em plano americano.

ANA: Ele chegava na praia e (falava) senta, senta agora!

Plateia e jurados dão risada da história. Corta para Otaviano Costa.

OC: É o marido, né? (risos).

Volta para Fernanda em plano médio.

FL: Bom, todos acertaram e a vencedora dessa primeira fase foi a Tina!

Plano geral e a plateia aplaude e comemora. Fernanda Lima volta e comenta.

FL: E ela vai ganhar uma batedeira.

Entra no palco um assistente de palco usando patins, carregando uma batedeira no colo. Ele está usando vestes de uma dona de casa americana dos anos 1960. Tem o rosto coberto com uma espécie de collant laranja. Fernanda Lima comenta sobre o look do assistente.

FL: Ai que lindo, olha o Zentai (nome do assistente) gente. É uma mamãe à moda antiga.

O assistente vai até Tina, a mãe vencedora, e lhe mostra a batedeira. Logo após lhe faz carinho no rosto.

Final do quadro analisado.

b) Quadro 2: A educação sexual[27];

Apresentação: Fernanda Lima;

Direção geral: Daniela Gleiser;

Redação final: Antonio Amâncio e Fernanda Lima;

Data de Exibição: 30 de março de 2017;

Duração: 04’26’’ até 12’09’’ (Total de 07’49’’).

Início do quadro analisado.

O programa está com o palco todo iluminado. Tem a presença da plateia, da banda e seus integrantes. Os jurados estão no centro do palco. Todos estão sentados em cadeiras e mesas que dão referência a uma sala de aula em uma escola. O chão está cheio de papel picado. Na parte de trás do palco há uma escada iluminada com pequenas lâmpadas. Em cima dessa escada há a representação de blocos de concreto feitos de uma material leve como isopor. Ainda mais para o fundo do palco estão dispostas em formato de arco as letras que compõem o nome do programa AMOR E SEXO. Todas têm o mesmo tamanho e contêm pequenas lâmpadas em seu corpo. No telão atrás dessas letras está escrito ‘A escola é nossa’ em uma fonte que lembra uma arte de grafite. O fundo é vermelho e a frase está em branco. Do plano geral corta para o plano médio da apresentadora Fernanda Lima. Ela usa uma maquiagem forte nos olhos, na cor preto, no estilo rock and roll. Fernanda usa um vestido vermelho xadrez até as coxas e uma jaqueta de couro que cobre seus ombros e abdômen. Ela usa luvas de renda e segura um microfone prateado. Suas unhas estão pintadas de preto. Ela se vira em direção à plateia à sua direita e conversa com uma convidada, sem olhar para a câmera. Atrás de Fernanda aparece a banda que também olha em direção à plateia.

[27] Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5766374/programa/?s=02m15s> Acesso em 17 out 2021.

Plano médio.

FL: Yvonne, sexo se aprende também na escola?

Corta para a convidada uma bancada que está localizada na plateia. A bancada é branca e é composta por quatro pessoas. No canto esquerdo há um homem de óculos, ele é negro e usa camisa social azul. Ao lado dele está a educadora Yvonne Bezerra de Mello, que é branca, cabelos castanhos até o ombro, está de blazer rosa e camiseta branca. Ela segura um microfone preto com detalhes em prata e vermelho. Ao lado dela está uma jovem que é branca, de cabelos longos e pretos e que usa uma jaqueta jeans. Ao lado da jovem está uma mulher também branca, que usa batom vermelho, tem cabelos pretos amarrados junto à cabeça e está de blazer e blusa branca. Todos olham Ivone falar.

YVONNE: Com certeza. Tem que falar sobre prevenção, o tempo todo, ainda mais hoje em dia (corta para Fernanda concordando e volta para o primeiro plano de Ivone) onde você tem um aumento da gravidez precoce no Brasil absurdo e eu diria até criminoso (corta para Fernanda concordando e volta para Ivone em um plano geral da bancada) de você ter crianças de 11 anos, 12 anos sendo mães, não é? E a paternidade irresponsável também lá para os 13, 14 anos. Então eu acho que tem que aprender sim.

Corta para Fernanda no plano médio que está olhando para Ivone na plateia.

FL: A Yvonne tem um projeto chamado Uerê no Complexo da Maré (expressão de dúvida aguardando confirmação da convidada).

Corta para Ivone no primeiro plano.

YVONNE: No Complexo da Maré (concorda com Fernanda). Eu tenho uma escola alternativa com uma pedagogia que eu escrevi, de desbloqueio, de crianças que têm problemas cognitivos de aprendizado devido a violência constante porque nós temos que saber que uma grande parte (corta para Fernanda em plano médio concordando e volta para Ivone) das crianças dessa cidade (Rio de Janeiro) vivem sob violência constante nas comunidades, onde tem guerras todos os dias e isso logicamente bloqueia o aprendizado.

Corta para plano geral do palco. Fernanda faz uma pergunta para outra convidada que está na mesma bancada. Ela olha para a convidada.

FL: Ana Julia, sexo deveria ser uma disciplina mais levada a sério nas escolas, você acha?

Corta para a estudante secundarista Ana Júlia Ribeiro (AJR), em plano médio. Ela é uma moça de cabelos pretos e longos e que usa jaqueta jeans que está ao lado de Ivone.

AJR: Com toda certeza, inclusive há uma necessidade dos estudantes de se terem uma educação sexual na escola, de se ter um acesso à informação e uma informação bem dada, com propriedade, de alguém que sabe falar do assunto.

Corta para plano geral do palco. Dudu Bertholini (DB), que está sentado em uma das cadeiras no meio do palco, começa a falar.

DB: Mas eu acho que a questão é como falar, porque se você fala de uma forma punitiva (corta para o primeiro plano de Dudu. Ele é branco, tem cabelos longos e compridos. Usa uma jaqueta de couro vermelha com detalhes em prata e tem um adereço de couro na garganta), isso pode aumentar muito mais a repressão.

Sem aparecer no vídeo.

FL: Claro!

Plano geral do palco.

DB: A educação sexual surgiu na França, no século XVIII, (volta ao plano médio de Dudu) mas era para combater masturbação, para tipo reprimir a sexualidade das pessoas, então eu acho que o legal é ter uma educação sexual que faça com que você lide com as sua sexualidade de uma forma natural…

Corta para Fernanda em plano médio olhando para Dudu.

FL: Saudável né, que fale da saúde.

Corta para Dudu em plano médio.

DB: E não que faça você ficar mais reprimido, ou mais problemático, encanado, né?

Corta para plano geral do palco. Otaviano Costa começa a falar. Ele é branco, tem cabelos grisalhos e usa óculos de sol escuros. Está de terno cinza e tênis branco.

OC: As melhores salas de aula para educação sexual eram os banheiros.

A plateia dá risada. Plano americano.

FL: Pois é, pois é (sorrindo).

A edição apresenta imagens da bancada de jurados e da plateia aplaudindo e dando risadas. Corta para plano médio de José Loreto que também está sentado no meio do palco. Ele é branco, tem cabelos escuros e usa barba. Está com uma camiseta preta e um colete de couro vermelho com detalhes em prata.

JL: Vão me interpretar com uma cabeça machista (diz ele acanhado mas logo se solta), mas eu acho que eu comecei a aprender a vida sexual, a masturbação, com os amigos.

Corta para Fernanda em plano médio concordando com José.

FL: Claro!

Novamente, a edição apresenta imagens da bancada de jurados e da plateia aplaudindo e dando risadas. Corta para Fernanda em plano médio olhando para a câmera.

FL: Olha, a vida sexual começa cada dia mais cedo, mas e a educação sexual? Então vamos falar sobre tudo que gostaríamos de saber sobre sexo e não tivemos espaço para perguntar. (corta para plano geral do palco) Hoje é dia de prova oral no Amor e Sexo (jurados que estão no palco e plateia emitem murmurinhos, a banda começa a tocar uma música e a plateia aplaude).

Corta para Fernanda em plano médio olhando para a câmera.

FL: Eles vão ter que dar aula sobre temas sugeridos por mim e vão ter que convencer (corta para plano geral) todo mundo de que estudaram a matéria, sabendo ou não. (corta para plano médio de Fernanda olhando para os jurados no palco) Mostrem convicção! (corta para a bancada na plateia) E doutora Viviane vai esclarecer (volta para Fernanda) se vocês estão certos ou errados.

Plano geral do palco.

FL: Vamos começar por Biologia! (corta para Fernanda em plano médio olhando para o telespectador) A puberdade, o momento da vida em que o corpo começa a produzir hormônios responsáveis pela transição para a vida sexual.

Plano geral do palco. Fernanda chama a jurada Mariana Santos (MS) para ir até o seu lado. Ao fundo do palco, entra uma pessoa usando uma fantasia de spray de tinta empurrando uma mesa com alguns elementos em cima. Ela estaciona a mesa na frente de Fernanda e Mariana.

FL: Mari vem pra cá.

Mariana Santos é branca, tem cabelos castanhos, usa uma jaqueta com paetês verdes, blusa e calças pretas.

MS: (em tom de brincadeira) Eu sei tudo sobre puberdade.

A plateia dá risada. Corta para o plano americano de Fernanda e Mariana. Na frente delas está a mesa. Na mesa há uma bacia de vidro com duas bolas médias na cor preta, dois recipientes que lembram potes de maionese e ketchup, além de dois recipientes pequenos de vidro. Fernanda fala com a câmera.

FL: Mari, você vai ter que explicar o que que acontece com um menino na puberdade usando alguns elementos aqui desse carrinho.

Plano americano. Mariana está atrás da mesa. Ela mexe nos elementos. A câmera foca na mesa, mostrando todos os elementos presentes. Volta ao plano americano

de Mariana e Fernanda.

MS: Puberdade é uma fase complicada, né? Onde acontecem muitas coisas diferentes no corpo dos meninos e como é que se dá isso? (ela olha para os colegas que estão no centro do palco. Ela assume uma postura de professora. A edição intercala entre Mariana e Fernanda em plano americano e plano geral do palco). Os hormônios começam a ser fabricados, digamos assim, no cérebro (ela movimenta os braços) e eles vão se direcionando (ela gesticula com os braços em direção ao corpo) para lugares certos do corpo. Eles nascem com, com, (ela segura duas pequenas bolas nas mãos) com digamos ovinhos, tá? Desse tamanho (ela mostra para a câmera as bolas e a plateia dá risadas). Quando os hormônios fazem efeito, esses ovinhos começam a se desenvolver e se tornam ovinhos maiores, que são o que esses ovinhos, são castanhas? Não (ela segura bolas maiores que as anteriores). São os sacos (em tom de dúvida olha para Fernanda buscando certeza).

Corta para a ginecologista Dra. Viviane Monteiro, na plateia, em plano médio. Ela está ao lado de Ana Julia.

DRA VIVIANE: São os testículos.

Volta para Mariana em plano americano.

MS: Quando os hormônios vão realmente fazendo efeito aparecem muitas mudanças (corta para plano geral do palco). A voz de vocês vai engrossando (volta para o plano americano), os pelos pubianos, o que são pelos pubianos? (em tom de dúvida) São pelos que nascem onde? No púbis (plateia ri e corta para os jurados no palco fazendo graça e sorrindo). (Volta primeiro plano de Mariana) Então tudo vai se modificando. As espinhas, acne, o seu corpo vai tomando uma forma, de uma forma humana (fala em tom descontraído e começa a rir), sim é uma forma humana (volta para o plano americano) que é o que a gente vai ser. Até que chega a fase que vocês vão, é (segura o recipiente que lembra o de um pote de maionese) começar a ter desejo sexual e vocês começam a fazer o quê? (corta para plano geral dos colegas prestando atenção) Vocês começam (Mariana começa a rir e a plateia também, assim como Fernanda e os demais jurados) a mexer, a ter curiosidade, aí você vai mexendo até que vai acontecer isso (nesse momento, Mariana simula uma

ejaculação masculina. Ela sacode o recipiente, o aperta e sai um líquido branco. A plateia e os jurados dão risada do momento e fazem bastante barulho).

Volta ao plano americano. Fernanda olha para a plateia onde está a doutora Viviane.

FL: Boa Mari. É, doutora Viviane, dá para esclarecer? Ela foi bem, ela errou muito?

Dra. Viviane em plano médio.

DRA. VIVIANE: Não, ela foi bem, mas um detalhe que eu acho interessante falar é que puberdade e adolescência não são sinônimos. A puberdade faz parte da adolescência. O principal marco para o menino, da puberdade, é a primeira ejaculação que acontece em torno dos 13 anos de idade em média, tá?

Sem aparecer no vídeo.

FL: Tá certo, muito bem.

Sequência de imagens da plateia e convidados aplaudindo. Plano geral.

FL: Zé Loreto vem pra cá.

José Loreto se levanta e vai para o lado de Fernanda, atrás da mesma mesa que Mariana estava. Plano americano.

FL: (olhado para José) Agora você vai explicar o que acontece com a menina quando ela entra na puberdade.

Plano americano.

JL: (olhando para os colegas e gesticulando) É o seguinte: a menina quando entra na puberdade é diferente do menino. Primeiro: a menina entra mais cedo que o menino. Sim, nós somos atrasados.

Plano americano

FL: Quando?

Corta plano geral do palco. Os jurados que estão no palco começam a também perguntar “quando”? Volta para o plano americano de Fernanda e José.

JL: É relativo, entre 12 e 14 anos.

Nesse momento Fernanda olha em direção a doutora Viviane e pergunta, mexendo a cabeça, se ele está certo. Corta para a doutora Viviane em plano médio.

DRA. VIVIANE: Está certíssimo. Os meninos mais ou menos com 13 (palmas da plateia e jurados) e as meninas com 12.

Corta para José e Fernanda em plano americano.

JL: Quando elas entram na puberdade, o que acontece?

Ele pega o recipiente que lembra um pote de ketchup em mãos, aperta e derrama um líquido vermelho. Com isso, ele representa o início da menstruação para a mulher. Corta para Mariana Santos em plano médio.

MS: Que que é isso? (em tom de brincadeira)

Volto ao plano americano de José.

JL: Sangue, sangue. Eu não entendo muito bem porque sai sangue, mas é vida.

Sequência de imagens da plateia e jurados dando risada. Corta para José em plano americano.

JL: E o seguinte, elas ficam muito temperamentais (fica mais dramático), muito mais do que a gente (homens), é tipo, começa a TPM na puberdade.

Risos vindo da plateia. Volta para José em plano americano.

JL: E outra coisa, crescem os peitinhos (ele pega duas pequenas bolas nas mãos e coloca na região do peito, simbolizando os seios femininos). Algumas já “pluf” (larga as pequenas bolas e substitui por bolas maiores que estão na mesa e encena o crescimento dos seios femininos).

Corta para o plano médio de Mariana Santos.

MS: Ah eu fui muito rápido, meu peito foi muito rápido (ela faz gesto de crescimento dos seios).

Volta para José em plano americano.

JL: Outras, você não caçoem, nasce buço (ele leva a mão à região do bigode), porque os pelos começam a nascer, muito mais rápido que a gente, entendeu?

Corta para plano médio do jurado Eduardo Sterblitch (ES), que está no centro do palco. Eduardo está sentado, é branco, não tem cabelos, usa uma camisa xadrez vermelho e preto, e um colete preto com detalhes em prata. Ele olha para José.

ES: Aonde professor?

Volta para José em plano americano.

JL: Nessa região aqui (ele aponta para a virilha), acima da (pensa qual palavra usar) vagina.

Plano geral do palco. Os colegas concordam com José e aplaudem. Corta para José em plano americano.

JL: E as mulheres ficam lindas, maravilhosas e inteligentes e elas podem procriar depois disso. Muito obrigado (faz uma reverência).

Aplausos e gritos da plateia e jurados. Corta para a doutora Viviane em plano médio, na plateia.

DRA. VIVIANE: Ele foi bem, mas assim, novamente, a puberdade é, de uma forma bem simples, é a capacidade de que o jovem passa a ter de gerar filhos, então por definição é isso.

Corta para Fernanda em plano americano.

FL: E o que é menstruação? Você pode nos explicar?

Corta para a doutora Viviane em plano médio, na plateia.

DRA. VIVIANE: A menstruação, ela é decorrente de um ciclo. Aquele ovário ele produziu um óvulo, ele não foi fecundado. É como se o endométrio, que é a camadinha dentro do útero, ele faz como se fosse um tapete para receber um bebê que não aconteceu. Então descama esse endométrio e aí é o sangramento e começa o novo ciclo.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: E com o homem, o que é acontece?

Corta para a doutora Viviane em plano médio, na plateia.

DRA. VIVIANE: Geralmente, o menino tem uma puberdade um pouco mais tardia e um contexto geral.

Volta para Fernanda em plano médio.

FL: O que deve causar uma insegurança enorme, né? Para os meninos que demoram mais para entrar na puberdade…

Corta para a doutora Viviane.

DRA. VIVIANE: Com certeza, tanto que é normal que as meninas prefiram meninos mais velhos, isso é normal.

Fim do quadro analisado.

c) Quadro 3: As novas formações familiares[28];

Apresentação: Fernanda Lima;

Direção geral: Daniela Gleiser;

Redação final: Antonio Amâncio e Fernanda Lima;

Data de Exibição: 23 de outubro de 2018;

Duração: 04’15’’ até 08’07’’ (Total de 03’52’’)

Início do quadro analisado.

A edição escolhe um plano geral do palco para mostrar a entrada dos convidados no estúdio. O palco é bastante iluminado. As cores são puxadas para o preto, mas as inúmeras lâmpadas fazem um contraste. Na parte de trás, o nome do programa AMOR E SEXO está em letras grandes, também iluminado com pequenas lâmpadas. Uma escada, igualmente iluminada, dá suporte para o nome. Acima do nome há galhos de árvores em tons de verde e marrom. Serpentinas de diversas cores estão espalhadas pelo chão e caindo do teto. Os convidados, homens e mulheres das mais variadas idades, cores e vestimentas, estão no centro do palco, uns mais a frente e outros mais afastados. Nas bordas da tela aparece parte da banda que compõem o programa e uma pequena parte da plateia. A apresentadora Fernanda Lima está na frente, aplaudindo a entrada dos convidados. A banda toca e canta uma música que remete à composição da família brasileira. Junto com o som da banda, a plateia aplaude, assim como uma parte dos convidados e jurados. Todos dançam e expressam sorrisos. Alguns estão de mãos dadas e até cantam a música que a banda apresenta. Ainda em plano geral, a apresentadora Fernanda Lima está caminhando pelo palco enquanto entrevista alguns convidados. Ela está com uma roupa preta com listras em branco. Usa brincos dourados nas orelhas, cabelos loiros amarrados junto à cabeça. Segura um microfone.

FL: Boa noite (em tom alegre). Quanta família linda.

A edição faz uma sequência de imagens dos jurados, em plano geral, enquanto

[28] Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7109730/programa/?s=08m07s> Acesso em 17 out 2021.

aplaudem os convidados. Em plano americano, Fernanda Lima começa a entrevistar os convidados. Fernanda entrevista a convidada Elen, que é negra, tem cabelos crespos e escuros. Ela usa blazer prata, calças e blusa pretas. Está de mãos dadas com um rapaz (seu filho), que também é negro, cabelos escuros, usa camiseta preta e calça jeans. Ele está abraçado a uma outra mulher, que é mais baixa. Ela é branca, usa óculos com detalhes em preto e usa uma blusa prateada. Essa mulher está abraçada a outro rapaz, que tem cabelos pretos cacheados até os ombros. Usa camiseta preta e tem uma camisa jeans amarrada na cintura.

FL: Me conta quem é a sua família?

Plano americano.

ELEN: Eu sou casada com a Karen, minha mulher e meus dois filhos.

Plano americano.

FL: Parabéns, Elen. Muito obrigada.

Palmas e assovios são emitidos. A banda continua a tocar, agora apenas como música de fundo. Sequência de imagens dos jurados, em plano geral, enquanto aplaudem os convidados. Elen e família deixam o palco. Dois rapazes se aproximam e são entrevistados por Fernanda. Saulo está de mãos dadas com o marido. Ele é branco, tem cabelos escuros, usa uma jaqueta azul escura, camisa azul e calças cinzas. O seu marido também é branco e de cabelos escuros. Usa uma jaqueta verde escuro, camiseta cinza com estampa em branco e calças pretas. Plano geral.

FL: Quem é a sua família, Saulo? (em tom alegre)

Plano geral

SAULO: Eu, meu marido e meu filho Teodoro que tá em casa.

Plano geral.

FL: Bem-vindos.

Sequências de imagens dos jurados, em plano geral, enquanto aplaudem os convidados. Mais assovios e palmas vindas da plateia. Saulo e o marido já deixaram o palco. Um senhor branco, que usa camisa branca e terno azul, se aproxima. Ele é calvo e mais baixo que a apresentadora, que se curva para entrevistá-lo. Atrás dele está uma moça de cabelos compridos, que é branca e usa blusa bege e calça estampada com folhas. Ela está com a mão no ombro do senhor que se chama Manuel. Ao lado da filha está a mãe, que segura sua outra mão. Ela é mais baixa que a filha, tem cabelos escuros e curtos, na altura dos ombros.

Plano americano.

FL: Quem é a sua família Manuel?

Plano médio.

MANUEL: É minha filha adotiva e minha esposa (ele está tímido).

Plano americano.

FL: Oh, muito bem-vindos. (muitas palmas da plateia e animação da apresentadora).

Manuel e família saem do palco. Plano geral. Uma nova família se aproxima, todos dançantes e felizes. Fernanda foca a entrevista em uma integrante. Ela é branca, tem cabelos curtos e escuros. Usa blusa verde e calças jeans. Plano geral.

FL: Mônica? (chamando atenção da entrevistada e lhe entrega o microfone).

Plano americano.

MÔNICA: Meus dois filhos, meu pai e a esposa dele. (Ela aponta para a família que está ao seu lado sorridente. O filho é branco, usa camisa preta, calça jeans e é mais alto que a mãe. A filha está ao lado do irmão, é branca, usa óculos e tem cabelos lisos até o ombro. Usa um blazer florido, camisa cinza e calça jeans, tem uma gargantilha com longos fios. Ao lado dela a namorada do avô é loira e branca, usa uma blusa branca e calça marrom. O pai de Mônica está ao lado da namorada, de mãos dadas. Ele tem pele clara, cabelos brancos, usa camisa preta e calça caqui).

Câmera volta para o plano fechado de Fernanda.

FL: Essa veio a família toda. Muito obrigada (sons de palmas da plateia).

A família de Mônica sai do palco. Uma nova família se aproxima. Fernanda entrega o microfone para Cida, uma senhora branca, de cabelos curtos e castanhos, usa um vestido bege de veludo, tem um colar grande e dourado que vai até sua cintura. Atrás dela, uma mulher de cabelos pretos e longos, usa um vestido preto. Ao lado dela uma moça de jaqueta jeans e vestido curto preto. Ela também é branca de cabelos pretos. Do lado oposto está um rapaz branco, mais alto que a senhora. Tem cabelos curtos e barba. Está de casaco jeans com uma camiseta cinza. Usa calças jeans. Todos estão sorridentes. Plano americano.

CIDA: Meu filho, minha filha e minha neta (diz ela apontando para cada membro).

Plano americano.

FL: Muito bem-vindos ao Amor e Sexo, muito obrigada.

Plano americano.

CIDA: Obrigada.

Plano americano.

FL: Podem sentar lá e ficar à vontade, a casa é de vocês (aponta para a plateia).

Palmas da plateia e imagens dos jurados na bancada. Câmera volta para o plano geral, agora dando um *zoom out*, se afastando da apresentadora, que fica sozinha no palco. Volta para um plano médio da apresentadora. Ela está olhando para a jurada Mariana Santos, que não aparece no vídeo.

FL: Maricota, família é?

Corta para a bancada de jurados em plano médio. Mariana Santos tem cabelos

loiros, levemente ondulados. Usa um vestido preto com brilhos e batom cor vinho.

MS: Família é tudo, família é a base, família é estrutura, família é amor.

Corta para Fernanda em plano médio. Ela divide o olhar para a câmera e para o jurado José Loreto.

FL: Zézinho, quanto eu tô em família eu?

Volta para a bancada, agora focando em José Loreto. Ele é branco, cabelos curtos e encaracolados. Usa um blazer marrom com blusa amarelo-queimado.

JL: Ah, eu tô no melhor lugar do mundo.

Câmera corta para Fernanda, em plano médio, que se dirige ao jurado Eduardo Sterblitch.

FL: Edu, na minha família eu rio quando?

Corta para o outro lado da bancada de jurados. Eduardo Sterblitch está sentado na ponta. Ele é branco, cabelos pretos e curtos, usa blazer preto e blusa florida. Está sorridente.

ES: Ah, quando briga (ele sorri).

A plateia dá risada. Corta para plano geral do palco com Fernanda no centro.

FL: Entendi.

Corta para Eduardo.

ES: A briga é boa, eu acho, às vezes (risos).

Retorna ao plano geral do palco. Fernanda se vira em direção a plateia, à sua direita, e chama uma convidada que está lá.

FL: Eliane, na minha família não falta?

Corta para Eliane, que está em plano médio, atrás de uma bancada branca. Ela é negra, tem cabelos encaracolados. Apenas sua blusa é visível e ela é xadrez. Tem anéis e pulseiras douradas. Segura um microfone preto com detalhes em prata e vermelho.

ELIANE: Na minha família não falta força, né? Nós somos pessoas extremamente fortes e protetoras. A gente meio que se protege muito.

Sem aparecer no vídeo.

FL: Que coisa boa.

A plateia aplaude. A câmera volta para Fernanda em plano geral, que está de frente para a câmera, mas ela já se vira em direção a plateia novamente, na mesma direção que está Eliane. A edição corta para um homem que está na bancada da plateia ao lado de Eliane. Ele é branco, tem cabelos grisalhos, usa um terno azul e blusa xadrez. Segura um microfone preto com tons de prata e vermelho. Plano médio.

FL: Família é mesmo muita coisa. Doutor Rodrigo da Cunha Pereira (câmera foca nele) é possível definir como se estrutura (câmera foca em Fernanda) a família brasileira hoje?

Corta para o advogado especialista no Direito da Família Rodrigo da Cunha Pereira (RCP), em plano médio.

RCP: Pois é, a família é um núcleo de estruturação da pessoa, do sujeito, que é o lugar (corta para plano geral do palco, mostrando Rodrigo, Fernanda e parte da plateia) de formação do sujeito, de amparo, e faz a sua estrutura psíquica (corta para plano médio de Rodrigo).

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: Então vamos definir alguns tipos de família. (corta plano geral) O que é uma família homoafetiva?

Corta para Rodrigo em plano médio.

RCP: É uma família constituída por pessoas do mesmo sexo.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: E uma família monoparental?

Corta para o plano geral da conversa

RCP: É aquela constituída por (corta para plano médio de Rodrigo) quaisquer dois pais ou seus descendentes, ou seja, um pai e filhos, uma mãe e filhos.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: E a anaparental?

Corta para Rodrigo em plano médio.

RCP: É aquela que não tem uma relação conjugal, são apenas irmãos ou primos.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: E a família unipessoal?

Corta para Rodrigo em plano médio.

RCP: É aquela que se constitui de apenas uma pessoa. Estranho dizer uma família de uma pessoa (vai a plano geral), mas essa nomenclatura foi preciso ser encontrada no Direito (volta para plano médio de Rodrigo) para proteção ao bem de família, para que a casa da pessoa não seja, não possa ser penhorada (vai a plano geral) como nas outras famílias comuns com mais de (volta para plano médio de Rodrigo) uma pessoa, o que nós chamamos de família unipessoal.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: O que é uma família mosaico?

Corta para Rodrigo em plano médio.

RCP: É a família constituída pelos meus, os seus e os nossos, ou seja, os novos casamentos, as pessoas que se casam novamente, traz para aquele novo núcleo conjugal filhos do casamento anterior e tem também filhos dessa nova relação.

Corta para Fernanda em plano médio

FL: O que é cada vez mais comum, né?

Sem aparecer no vídeo.

RCP: É.

Plano geral

FL: E o que é paternidade (corta para plano médio de Fernanda) socioafetiva?

Corta para Rodrigo em plano médio.

RCP: É uma nomenclatura nova para dizer da paternidade que se constitui pelos laços de afeto somente. O afeto tornou-se um valor jurídico e aí surgiu essa expressão paternidade socioafetiva que não está necessariamente ligada aos laços biológicos.

Corta para plano médio de Fernanda que se movimenta para o palco e olha para a câmera.

FL: Viu quantos tipos de família?!

A plateia e jurados aplaudem.

Fim do quadro analisado.

d) Quadro 4: As mulheres e a caça às bruxas do século XXI[29];

Apresentação: Fernanda Lima;

Direção geral: Daniela Gleiser;

Redação final: Antonio Amâncio e Fernanda Lima;

Data de Exibição: 06 de novembro de 2018;

Duração: 02’00 até 14’28’’ (12’28’’).

Início do quadro analisado.

A câmera está em plano americano da apresentadora Fernanda Lima. Ela veste um vestido tomara que caia, preto, de um material que se assemelha ao látex. Ele tem detalhes em prata. Fernanda tem pele clara, mas parece estar bronzeada (pode ser pela luz alaranjada que é utilizada no momento). Os cabelos de Fernanda são loiros e compridos. Ela está no centro do palco. Ao seu lado e nas suas costas há dançarinos. Eles vestem roupas de couro, mas mostram um pouco dos ombros, peito e pernas. Atrás dos dançarinos há uma escada iluminada com pequenas lâmpadas e na escada há uma cerca formada por cordas. Essa rede se assemelha à uma teia de aranha, cheia de quadradinhos. Atrás da cerca há uma mulher com vestes vermelhas. Ela é uma cantora lírica e tem cabelos pretos na altura dos ombros. A iluminação é escura, dando um ar mais intimista para o palco e uma sensação de calor. Os dançarinos e Fernanda aparentam estar suados. Fernanda e os dançarinos participam de um número musical. Quando inicia sua fala, Fernanda para e olha para a câmera que está em plano americano. A banda continua a tocar a música mas apenas ao fundo. A plateia aplaude. Os dançarinos continuam a dançar e observam a apresentadora fazer sua fala.

FL: (de forma enérgica) Tocaram fogo em nossas vestes, queimando nossos corpos. Acharam que assim apagaria nosso fogo. Resistimos, resistimos e resistimos. (plano geral) Hoje o nosso fogo já não pode mais ser apagado (primeiro plano de Fernanda) Ele agora age dentro da gente, queima de dentro pra fora. Nosso fogo é vida, é emoção, é tesão. Nosso fogo apavora. Nosso fogo transforma. Não vamos mais nos calar. Não vamos mais nos curvar. Não vamos mais nos separar. Vamos

[29] Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7143317/programa/?s=0s> Acesso em 17 out 2021.

todas juntas lutar.

Aplausos e gritos vindos da plateia. Aumenta o som da música e a câmera vai a plano geral. Fernanda e seus dançarinos continuam o número musical. A cantora lírica começa a performar no palco, atrás da teia de cordas. A edição faz sequências de imagens de diferentes ângulos do número musical. Plano geral, primeiro plano de alguns dançarinos, plano americano da apresentadora fazendo a coreografia, que é enérgica, cheia de movimentos de braços e pernas. O grupo corre até o fundo do palco, chega às escadas. A câmera acompanha o movimento. Todos sobem nas escadas e começam a abrir a grade de cordas, permitindo a saída da cantora lírica, que continua a cantar. Agora fora das grades de cordas, a câmera dá *zoom in* na cantora, que solta a voz. Vai ao plano geral do movimento dos dançarinos que continuam a abrir as grades e da cantora no centro do palco. Os dançarinos saem das escadas e a câmera se aproxima do rosto da cantora que continua a cantar. Corta para plano geral do palco. Fernanda está no centro e com dançarinos em sua volta. Ao fundo, nas escadas, está a cantora lírica. A música para. Gritos, aplausos e assobios vindos da plateia e da bancada de jurados. A edição apresenta imagens dos convidados aplaudindo e gritando em comemoração ao ato musical. Agora no palco estão Fernanda e algumas dançarinas ao seu lado. O vídeo está em plano americano e ela fala com a câmera de forma enérgica.

FL: A mulher com tesão tá louca de tesão. A mulher com raiva tá louca de raiva. A mulher sem paciência tá louca ou tá de TPM. Muitos ainda diriam “mulheres se excedem, não cabem nelas, sentem coisas demais”. Chamar uma mulher de louca (as dançarinas se retiram do lado de Fernanda e vão para o fundo do palco e se juntam à cantora lírica) é uma forma de desqualificar e controlar seus sentimentos, desejos, ações e, claro, o nosso tesão. Quer ver?

Plano geral. Fernanda sai para a lateral do palco dançando. No fundo do vídeo, nas escadas, estão a cantora lírica e as dançarinas. A música aumenta o som e o público está batendo palmas. A cantora volta a soltar a voz. No palco entram seis mulheres. A iluminação está baixa, com pontos de luz dourado e azul. Em linha reta, as seis mulheres caminham do fundo do palco para frente, onde está a apresentadora. Corta para o plano fechado da cantora lírica. Volta ao plano geral,

onde Fernanda vai até as seis mulheres e faz gestos as exaltando, no ritmo da música que é no estilo musical *rock and roll*. A música para, a iluminação fica mais clara e a plateia aplaude. Já ao lado das convidadas, Fernanda, que está em plano americano, começa a conversar com a bancada de jurados do programa.

FL: Mônica Iozzi, te chamam louca quando?

A câmera corta para a atriz Mônica Iozzi (MI), que está sentada atrás da bancada. Mônica é branca, tem cabelos pretos e lisos até os ombros. Usa uma camisa preta.

MI: Eu já fui chamada de louca quando eu vi um namorado com outra pessoa e ele conseguiu me convencer que eu tava errada, que eu tava louca (plateia da risada).

Corta para Fernanda em plano americano.

FL: Djamila o que está por trás da frase você tá louca?

A câmera volta ao painel de jurados, agora focando em Djamila Ribeiro (DR) que está atrás da bancada. Ela é negra, usa tranças nos cabelos que estão amarradas junto à cabeça. Usa uma jaqueta com detalhes em xadrez.

DR: É, dentro desse contexto é sempre no sentido de desqualificar a mulher, né? Inclusive de fazer com que ela acredite que de fato ela tá enlouquecendo, porque tem táticas, né? Que se chama de gaslighting.

Corta para Fernanda.

FL: Como no caso que a Mônica (aponta para Mônica) acabou de dizer.

Corta para Djamila.

DR: Como o que a Mônica acabou de falar, mas sobretudo em relação a mulheres que não aceitam as imposições de uma sociedade machista. Toda a vez que a gente se coloca contra, toda vez que a gente tenta transcender isso, colocam a gente nesse lugar de louca.

A plateia aplaude a fala de Djamila. O vídeo volta para Fernanda que continua em plano americano. Agora chama Regina Navarro Lins olhando para a jurada.

FL: Regina, explica pra gente o que é o patriarcado?

Corta para Regina que está atrás da mesma bancada que Mônica e Djamila. O plano é médio. Regina Navarro Lins é branca, tem cabelos curtos e levemente loiros. Usa óculos. Está com uma blusa cor coral.

RNL: Olha, patriarcado é um sistema social em que o poder do pai, então é um sistema de dominação que começou em cima do controle da mulher e se estendeu a outras esferas, por exemplo, as guerras são exemplo muito bom de uma mentalidade patriarcal de competição, de luta, de dominação.

Plano geral. A apresentadora começa a conversar com as convidadas que estão ao seu lado no palco.

FL: Bom, a Carol Teixeira é instrutora de tantra (plateia aplaude). Carol (corta para plano médio de Fernanda que olha para a entrevistada), você é idealizadora de um curso que estimula mulheres a valorizarem a relação com suas vaginas e orgasmos. Explica pra gente como é que funciona.

Plano fechado. Carol Teixeira (CT) é branca e tem cabelos rosa. Tem um pingente colado na testa. Usa maquiagem pesada nos olhos. Está com uma blusa preta com lantejoulas e segura um microfone prateado.

CT: Então, é um curso de empoderamento feminino através do tantra e eu criei ele porque eu comecei a perceber que tinha muita mulher que se dizia empoderada, feminista, mas entre quatro paredes ela ainda fingia orgasmo. Então, no meu curso, eu trago muito isso. Desbloquear emoções, desbloquear, quebrar crenças limitantes, mas depois eu levo elas realmente a terem contato com a vagina, olhar a vagina.

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: Espelho mesmo.

Corta para Carol em primeiro plano

CL: Espelho mesmo. Eu dou um vibrador pra cada uma e elas se masturbam. Então eu vejo uma sala inteira de 40 mulheres se masturbando. Eu acho que isso é revolução.

A plateia aplaude e os jurados gritam palavras como “amei”, “delícia”. Corta para Fernanda em plano americano olhando para a câmera.

FL: A Mayumi Sato é diretora de comunicação de uma (corta para primeiro plano de Mayumi) rede social para maiores de 18 anos (plano geral) que estão interessados em sexualidade. (corta para Fernanda em plano médio olhando para a entrevistada) Qual é o papel da masturbação no aperfeiçoamento do prazer feminino?

Corta para plano médio da entrevistada. Mayumi Sato (MS) é branca, tem cabelos pretos e longos. Usa uma camiseta preta com detalhes em rosa e roxo. Tem tatuagens nos braços.

MS: A masturbação é essencial principalmente pelo autoconhecimento, né? Que a gente tava falando sobre o tantra que também ajuda as mulheres a encontrarem esse lugar de conseguirem indicar o que dá mais prazer, o que dá menos. Mas eu também gosto de trazer esse assunto e tirar do lugar comum de que é só responsabilidade da mulher saber se masturbar e chegar lá (plano geral e mostra as demais convidadas concordando com a fala) e atingir o orgasmo, né? Muitas vezes essa sensação de frigidez, de não consigo me lubrificar com o meu companheiro, e a gente tem que colocar que é responsabilidade dele também.

Aplausos da plateia. Vai ao plano geral com Fernanda olhando para a câmera.

FL: A Preta Rar é historiadora e rapper. O que que a gente perde quando nos ensinam que sexo não é (corta para plano médio de Fernanda olhando para a convidada) para ser celebrado e sim para ser temido?

Corta para o plano médio de Preta Rar (PR). Ela é negra, usa *dreads*. Está de batom roxo da mesma cor que os seus cabelos. Usa maquiagem azul nos olhos. Está com

uma blusa preta com lantejoulas douradas, pretas e rosas. Há também transparência na roupa, o que acaba mostrando seu colo. Tem brincos em formato de lâmpadas acesas.

PR: Bom, sim, a gente acaba perdendo muitas coisas, né? Quando eu saí da minha cidade e fui morar em São Paulo que eu percebi as possibilidades, saca? Porque sempre teve essa questão dos padrões, né? E aí eu enquanto mulher gorda, sempre fui mulher gorda, eu achei que eu não podia escolher com quem eu pudesse me relacionar e hoje em dia eu to vendo que eu posso, sabe?

Corta para Fernanda em plano médio.

FL: E qual a importância da sexualidade na construção da liberdade da mulher?

Corta para Preta em plano médio.

PR: Bom, a importância é se aceitar da forma que você é, fazer o exercício diário que eu falo, que é se olhar no espelho e perceber o quanto você é bonita, né?

Palmas da plateia. A edição traz imagens dos convidados sorrindo e batendo palmas. Corta para Fernanda olhando para a câmera que deixa a imagem no plano americano.

FL: Regina, a caça às bruxas estava ligada ao controle da sexualidade feminina?

Corta para Regina em plano médio.

RNL: A caça às bruxas foi a pior página da história do ocidente, onde centenas de milhares de mulheres foram queimadas vivas na fogueira (a edição corta para os rostos dos convidados na bancada e da apresentadora enquanto Regina fala). Então a história começou assim (corta para Regina): desde a antiguidade as mulheres tinham, dominavam alguns saberes, faziam parto, elas aprimoraram conhecimentos e se tornaram muito ameaçadoras ao poder médico. Se espalhou uma notícia de que iam derrubar os reinos com magias, com envenenamento, então as mulheres foram acusadas de fazer sexo com o diabo. Bastava a mulher ser atraente para ser considerada uma feiticeira e isso deixou marca na história, na submissão da mulher

e no temor da própria sexualidade.

A edição apresenta imagens da plateia e dos jurados batendo palma. Corta para Fernanda em plano americano, olhando para a câmera. Tem ao seu lado a convidada que será entrevistada.

FL: A Sá Olbear tem um canal feminista que fala sobre autoestima e maternidade de mulheres negras. (passa para plano médio de Fernanda olhando para Sá) Sá o que que pesa sobre uma mulher que assume abertamente gostar de sexo?

Corta para plano fechado em Sá Olbear (SO). Ela é negra, não tem cabelos e está usando um batom roxo. Usa brincos de argolas prateadas e grandes. Está com uma blusa preta com transparência, trazendo detalhes de lantejoulas pretas e rosas.

SO: Pesa simplesmente a culpa, né? Essa culpa que a gente carrega, que como mulher já carrega, que como mãe carrega mais ainda.

Corta pra Fernanda no plano médio.

FL: Quantos filhos você tem?

Corta para Sá em plano médio.

SO: Quatro.

Corta para os jurados que demonstram surpresa. A plateia também emite murmurinhos de surpresa. Volta para Sá em plano médio.

SO: Dois filhos adolescentes e dois filhos pequenos. Não tem como eu falar sobre autoestima, empoderamento e não levar isso para dentro de casa, porque ela (sua filha) precisa desde pequeninha (corta para Fernanda concordando com Sá) entender que o corpo é dela (volta para Sá), que ela deve tocar sim e quando outra pessoa for tocar que seja com consentimento dela.

Corta para Fernanda.

FL: É importante esse diálogo com a filha porque pelo menos ela sabe como se comportar, né? (Fernanda gesticula e olha para os jurados) Seja lá quando for (olha para Sá), ela tá preparada, né?

A plateia aplaude. Fernanda se vira para o seu lado esquerdo onde estão as outras duas convidadas. Plano geral.

FL: Deixa eu falar com a Dora.

Plano americano, Fernanda olha para a câmera.

FL: A Dora Figueiredo tem um canal na *Internet* que fala sobre relacionamentos e sexualidade feminina (plateia aplaude e Fernanda se vira para a convidada)

Primeiro plano de Fernanda olhando para a convidada.

FL: O que a gente faz na cama define a nossa orientação sexual?

Corta para Dora Figueiredo (DF) em um plano médio. Dora é branca, tem cabelos pretos e lisos até os ombros. Ela está de batom vermelho e usa brincos de argolas prateadas. Está vestida com uma blusa preta que tem transparência. Há também lantejoulas pretas e em tons de rosa.

DF: Fernanda, eu acho que não. Temos os rótulos que a gente tem, sou bi, sou lésbica, só que assim, se você não consegue se enquadrar em um grupo, tá tudo bem, tá tudo ótimo. Eu, por exemplo, eu nunca consegui falar eu sou hetero, ou eu sou bi, porque eu gostava do homem, achava o príncipe encantado, mas eu olhava as menininhas e falava 'O meu Deus o que que é isso' (Dora faz uma brincadeira, algo no estilo de malandragem e a plateia da risada). Eu gosto de mulher, olho para a Fernanda e 'Meu Deus do céu' (gesticula para a apresentadora, no sentido de elogiar sua forma física e a plateia aplaude e dá risada). Mas também dá pra você ter ali aquele relacionamento monogâmico. Nada te define, entendeu?

A plateia aplaude e mais imagens dos jurados são apresentados. Corta para

Fernanda, olhando para a convidada que está ao lado de Dora, que lhe entrega o microfone. Plano geral das três.

FL: A Maite (aponta para a convidada) é consultora de diversidade (olha para a câmera).

Corta para o primeiro plano de Fernanda.

FL: Maite, define pra gente o que é ser mulher.

Corta para o plano fechado de Maite (não é informado o sobrenome da convidada). Ela é branca, tem cabelos pretos longos e lisos até os ombros. Usa uma roupa parecida com a de Dora, que é preta com transparência, lantejoulas em preto e tons de rosa. Usa brincos prateados.

MAITE: Olha, difícil, né. Porque eu nasci Alexandre, tenho 47 anos de idade, então eu nasci Alexandre, vivi uma experiência de construção social como Alexandre (plateia aplaude e corta para plano geral que mostra as demais convidadas no palco também aplaudindo e volta para primeiro plano de Maite) e daí a partir dos 17 anos eu vivi e construí essa Maite, né. E daí eu fico pensando: esse homem construído dentro de tudo isso que a Regina falou (corta para Regina sentada atrás da bancada e volta para primeiro plano de Maite) esse é o tipo de padrão que eu não quero (corta para plano médio de Fernanda e Dora observando Maite e volta ao primeiro plano de Maite), porque em um país como o Brasil, né Fê, que tipo, por dia 12 mulheres são mortas, você pega aí 135 mulheres sendo estupradas todo dia (corta para a bancada de jurados que demonstram indignação/surpresa e volta para plano fechado de Maite) e elas continuam de cabeça erguida, sabe? E elas não querem guerra, elas tão fazendo amor, elas tão tentando ensinar através dessa feminilidade, dessa maternidade, que é possível sim a gente reverter esse processo histórico de tantos anos (abre plano americano de Fernanda, Dora e Maite, que olha para a bancada) e tantos milênios (volta para plano médio de Maite) e eu acho que o homem inteligente é aquele que aprende com essa feminilidade, né?

Plateia aplaude e é apresentada sequência de imagens da bancada. Plano geral. Fernanda olhando para a câmera.

FL: Olha, a escritora Simone de Beauvoir diz que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. A Vivian, a nossa cantora lírica maravilhosa (já em plano americano, Fernanda se vira no palco em direção a plateia, onde está sentada Vivian, e caminha até a cantora), eu quero saber de você, que desafios você teve que vencer para se tornar uma mulher?

Corta para plano médio em Vivian que está sentada na plateia.

VIVIAN: Olha, todos, né (sorri). Eu sou mulher trans, então eu tive, na verdade, que resgatar internamente essa mulher que já estava lá. Só que antes era oprimida (corta para os jurados na bancada que prestam atenção e volta para Vivian), não era possível de existir essa mulher. (corta para Fernanda que olha para Vivian atentamente e volta para a cantora) Na verdade eu me sentia um CD virgem, você não é nada, você não é nem um nem o outro e você tenta caminhar pelo meio sempre. 'Você é assexual?', as pessoas perguntavam muito isso pra mim, porque realmente eu não expressava nada, porque eu não podia ser quem eu era, mas também jamais seria o que eu não era.

Corta plano geral do palco.

FL: Olha o que importa é que você é um talento, uma menina maravilhosa (palmas da plateia), o mundo tá em desconstrução, as coisas estão mudando (corta para plano médio Fernanda) e tudo vai melhorar.

Corta para a bancada de jurados, onde Dudu Bertholini pede a palavra. Dudu está na bancada. Ele é branco, tem cabelos pretos que estão presos em duas tranças. Usa um terno prateado, uma blusa preta e no pescoço usa uma gargantilha preta com detalhes em prata.

DB: O Fê, posso dizer uma coisa?

Corta para o plano geral, com Fernanda se movendo para o centro do palco com as demais convidadas.

FL: Oi, claro amor.

Corta para Dudu em plano médio.

DB: É, que orgulho dessa representatividade trans em um programa que fala sobre mulheres (corta para plano geral e depois volta para Dudu). Eu acho que a gente tem um compromisso enorme em legitimar o direito de vocês de ser mulher (corta para a convidada Maite e ela sorri. Logo, a câmera volta para Dudu) no país que mais mata trans e LGBTQ+ hoje em dia, que é o Brasil , então justamente eu acho que a gente tem um compromisso em garantir o direito de vocês de ser mulher.

Aplausos e gritos de apoio da plateia. No plano geral, as convidadas se movimentam em direção a plateia para se sentarem.

FL: Isso aí Dudu, muito obrigada. Palmas para as manas, obrigado meninas podem se sentar.

Sequência de imagens dos jurados aplaudindo e comemorando.

Fim do quadro analisado.

5.2.3 Entrevista

Para o desenvolvimento desta pesquisa, uma técnica metodológica utilizada foi a da *entrevista*. De acordo com Antônio Carlos Gil (2011), a entrevista é uma técnica que os investigadores utilizam para alcançar objetivos que lhe interessam para determinada investigação.

Segundo Gil (2011), o método da entrevista é o mais comum a ser usado na coleta de dados no âmbito das Ciências Sociais. O autor destaca que a técnica de investigação é flexível, podendo ser adotada nos mais diversos campos. O autor Jorge Duarte, no artigo Entrevista em profundidade (2005), apresenta seu ponto de vista de que a entrevista, quando em profundidade, se destaca por ser um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de

uma fonte, selecionada por deter informações que deseja conhecer.

Mesmo sendo um método positivo para a pesquisa, Gil (2011, p. 110) destaca que a entrevista tem suas vantagens, mas pode enfrentar algumas limitações. Segundo o autor, as vantagens são as seguintes:

a) A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;
b) A entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento;
c) Os dados obtidos são suscetíveis de classificação e quantificação.

Gil (2011) também apresenta algumas das desvantagens. São elas:

a) A falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas;
b) A inadequada compreensão do significado das perguntas;
c) O fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes.

No espectro da entrevista, existem algumas técnicas apontadas por Antônio Carlos Gil (2011). Entre elas está a *entrevista informal*, que não apresenta uma estrutura específica. Em sua ótica, o que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado. Outro modelo apresentado é o da *entrevista focalizada*, que se assemelha com a informal, porém, é destinada a um tema um pouco mais específico. Gil (2011, p. 112) observa que “a entrevista focalizada requer grande habilidade do pesquisador, que deve respeitar o foco de interesse temático”.

Outro modelo é o de *entrevista por pautas*. O autor explica que esse modelo possui um grau de estruturação, tendo intenção de deixar que o entrevistado fale mais livremente sobre a pauta. Ainda é abordado por Gil (2011) que essa preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada por questões culturais do entrevistado ou pela natureza do tema tratado.

A *entrevista estruturada* é outra possibilidade de técnica a ser utilizada

no processo de pesquisa. Segundo o autor, destaca que esse modelo se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número. Para ele, entre as principais vantagens das entrevistas estruturadas estão a sua rapidez e o fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores.

Já para Jorge Duarte (2005), os modelos de entrevistas se dividem em três:

a) *Entrevista aberta*: é essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas;
b) *Entrevista semiaberta*: tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa;
c) *Entrevista fechada*: é realizada a partir de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas.

Nesta pesquisa foi utilizado o modelo de entrevista estruturada, tendo sido elaborado um questionário padrão e encaminhado via e-mail para as fontes escolhidas, fontes essas que serão apresentadas a seguir.

5.2.3.1 Fontes de informação

Visando aplicar a técnica de *Entrevista*, foram escolhidos como entrevistados a criadora, apresentadora e roteirista do *Amor e Sexo*, Fernanda Lima, a diretora geral da atração nas últimas temporadas, Daniela Gleiser, e uma das redatoras do programa, a jornalista Milly Lacombe. O contato com as fontes foi realizado pela rede social Instagram e por e-mail entre agosto e setembro de 2021.

No Instagram, nenhuma resposta foi obtida. Com isso, tentou-se contato via Antonio Amâncio, que atuou como redator final do programa e que comanda a empresa ArtCênicas, responsável pelo assessoramento de Fernanda e Milly. Antonio se demonstrou solicito encaminhando e-mail de contato direto da

assessoria, o que facilitaria a conversa.

O primeiro e-mail, explicando a proposta da pesquisa e o conteúdo que seria questionado, foi encaminhado no início do mês de setembro. No mesmo dia, a empresa emitiu resposta solicitando que as perguntas fossem encaminhadas, além de informar que fariam o possível para que ambas respondessem e, logo em seguida, todo o conteúdo foi encaminhado. Os dias passaram e a empresa não encaminhou resposta sobre o pedido.

A única resposta positiva partiu da diretora geral da atração, a jornalista Daniela Gleiser. O primeiro contato com Daniela foi feito em agosto de 2021. Mesmo não tendo o endereço de e-mail da diretora disponível no site da Rede Globo, um amigo de redes sociais do autor desta pesquisa, que trabalha na emissora, carinhosamente encaminhou o endereço online, o que possibilitou o envio do e-mail explicativo sobre a pesquisa e o pedido de entrevista. Em sua resposta, Daniela foi atenciosa e se disponibilizou a participar. Na mensagem, solicitou que as perguntas fossem enviadas juntamente de um número de telefone para que pudesse encaminhar as respostas em formato de áudio pelo aplicativo de mensagens WhastApp. Logo em seguida, os 10 questionamentos e o telefone foram encaminhados para a jornalista. Após alguns dias de espera pelo retorno, em meados de setembro de 2021, Daniela encaminhou o material. Ele será apresentado a seguir.

5.2.3.1.2 Daniela Gleiser

Em entrevista ao pesquisador, Daniela Gleiser (2021) afirmou que é contratada da Rede Globo de Televisão há 19 anos. Graduou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). No *Amor e Sexo*, atuou como assistente de direção, diretora e, nas últimas temporadas, assumiu a posição de diretora geral. Paralelamente ao programa, Daniela atuou como diretora de atrações, como, por exemplo, *Esquenta*, *Tamanho Família* e *Se Joga*. A jornalista também foi responsável pela direção de clipes musicais do músico Matheus VK, seu atual marido.

O questionário e as respostas de Daniela Gleiser serão apresentados a seguir. Os prints dos e-mails estão disponíveis nos anexos da pesquisa.

a) Como era comandar um programa com a dimensão do *Amor e Sexo* (em níveis de produção, plateia, conteúdo e audiência)?

DANIELA GLEISER (DG): Oi Lucas, vou começar a responder aqui e acho que tem algumas respostas que vão ser meio parecidas, né? No todo das perguntas, mas vamos lá, eu vou respondendo. Então, vamos lá. Como era comandar um programa com a dimensão do Amor e Sexo em níveis de produção, plateia, conteúdo e audiência. É, eu trabalho na Globo agora tem 19 anos, então, assim, eu já fiz vários programas, então essa questão da audiência, é, da produção, da plateia, é uma coisa assim que eu estou, digamos, habituada, né? A gente tinha uma plateia, eu acho que era de, agora já tem alguns anos, não estou conseguindo lembrar, mas eu acho que eram umas 90 pessoas, se não me engano, talvez 120, não me lembro exato para te falar. A audiência, a gente trabalha para fazer um bom produto. A audiência é meio que um resultado disso, né? É assim que eu trabalho e é nisso que eu acredito. É muito bacana ter um programa de plateia porque a plateia esquenta, você sente ali na hora a temperatura daquilo que está sendo feito, né? Então eu acho, eu gosto muito de trabalhar com programa de plateia. O conteúdo é isso, eu vou esmiuçar nas outras perguntas que você fez, mas assim, a gente fazia reuniões sobre cada programa, muito debate, muita pesquisa, muitos roteiristas debruçados em cima ali daquilo que a gente ia falar, porque é muita responsabilidade falar sobre temas tão relevantes e importantes para o Brasil todo.

b) Durante as primeiras temporadas do programa, você foi assistente de direção e logo depois se tornou diretora geral da atração. Quais desafios eram impostos na hora de criar e dar vida às edições?

DG: É, eu faço o programa desde o comecinho mesmo, acho que só metade da primeira temporada que eu não fiz. Eu entrei logo na primeira, mas já tinha começado um pouquinho. Ah, é muito gratificante, né? Fazer um programa que você acredita no que está sendo dito e tudo isso, e foi

um processo natural da minha carreira, na medida que eu fui ficando mais madura profissionalmente, né? Eu comecei como assistente, como você mesmo disse, depois virei diretora e depois virei diretora geral, não foi um pulo não, foram alguns anos, porque, na verdade, o programa durou bastante anos, por temporada, né? Então eu fazia outros programas em paralelo. Aí você quer saber quais desafios impostos na hora de criar. Olha, os desafios são muitos, como eu falei um pouco antes. É ser original, ser relevante, conseguir transmitir o que a gente achava importante de transmitir com leveza, com humor quando possível, com seriedade, com beleza, né? Porque não dizer isso. A gente sempre fez um programa muito preocupado esteticamente, que a roupa conversa com o tema, todas as músicas escolhidas, tem uma banda, tem uma bancada com pessoas que tenham coisas a acrescentar àquilo tudo. Então, eu acho que o desafio é ser original sempre, e relevante. Original, relevante e ser uma boa companhia para a noite das pessoas, porque é isso que a gente faz: a gente pede licença para entrar na casa das pessoas, tentando ser uma boa companhia. Digo boa em vários aspectos, né? Podendo estar educando, ensinando alguma coisa, criando algum debate na casa das pessoas. A gente recebia muitos espectadores dizendo que “Ah... foi a primeira vez que eu contei para os meus pais sobre o fato de eu ser gay”, ou “A primeira vez que eu conversei com os meus pais sobre algum tema que era um tabu em casa”. Então, isso é o mais gratificante e, talvez, ao mesmo tempo, o maior desafio.

c) Qual era o seu papel na escolha das pautas tratadas na atração?

DG: É, qual era o meu papel eu acho que já respondi acima. A gente debatia tudo, assim, o programa era muito democrático nesse sentido. Claro que os roteiristas eles ficavam debruçados mais tempo em cima de cada pauta para então apresentar para mim qual seria a proposta daquele programa, mas o papel é de debate, de ponderar qual é a melhor forma de tratar aquele assunto.

d) Nas suas 11 temporadas, o *Amor e Sexo* explorou temas sensíveis para uma parte da sociedade brasileira. Educação sexual nas escolas, masturbação feminina, machismo, causas da comunidade LGBTQIA+, a luta das mulheres por seus direitos e muitos outros temas eram abordados de forma criativa, buscando chamar a atenção do público para as discussões. Acredito que a criatividade tenha sido importante para dar o tom de cada edição. Como era pensar em cada programa para que eles não se tornassem abordagens rasas?

DG: É, esse é o meu trabalho (risos). É como pensar em cada programa para ele não ser raso, para ele também não ser chato, para ele não ser apenas colocar o dedo na ferida. Então, assim, é difícil responder com uma palavra, né, sobre isso. É, era esse o trabalho. Pensar como abordar esses temas todos de maneira lúdica, de maneira divertida, de maneira séria, de maneira musical, de maneira dançante. Então, é isso, assim, tentar tratar esses temas tão importantes de maneira criativa. A gente sempre buscou muito tentar inovar e acho que também essa coisa de ser temporada ajuda nesse sentido porque tem um frescor, não é um programa que está na grade o ano inteiro, então a gente sempre buscava vir com novidades. Primeiro, ele era um programa só com a Fernanda, depois passou a ter a bancada, aí passou a ter um ballet, aí o ballet era só masculino, depois passamos a incluir mulheres no ballet, passamos a ter o Zentai, enfim, uma porção de coisas que a gente foi criando para deixar aquilo sempre fresco e interessante, e pessoas novas na bancada. Enfim, esse é o desafio de fazer um programa de televisão assim, um programa de televisão que tenha um conteúdo extremamente importante.

e) Uma marca registrada do *Amor e Sexo* era o uso do humor e de brincadeiras. Porém, alguns programas tratavam de temas que pediam seriedade como, por exemplo, a violência contra as mulheres. Por parte da direção, quais cuidados eram tomados para que o humor não ultrapassasse a discussão e levasse a atração para o sensacionalismo?

DG: É, eu acho assim, o cuidado é o bom senso, é estar sempre muito atenta ao que está sendo dito e não deixar escorregar mesmo, sabe? Não tem, é difícil de te responder quais cuidados exatamente, né? Era sempre estar muito atenta, se informar muito, estudar sobre aquele assunto para não cair em nenhuma armadilha de brincar com algo que não dá para brincar. O programa ele é editado, então isso também é bacana, porque qualquer coisa que a gente acredite que tenha saído um pouquinho do tom, a gente edita. Muito longe de ser uma censura, tá? De maneira nenhuma, o programa não havia nenhuma censura, o que eu digo é uma edição mesmo, sabe? Porque às vezes as coisas tomam umas proporções que não são tão bacanas. Mas eu acho que assim, é possível fazer humor com coisa séria, está aí o Porta dos Fundos para provar isso. Óbvio que o programa não tem nada a ver com essa linha, não estou dizendo isso, mas estou dizendo que dá para usar o humor em vários aspectos, mas dá para falar sério na hora de falar sério. Acho que a Fernanda é muito boa nisso. Ela consegue transitar muito bem também entre o humor e a seriedade, então eu acho que isso era um processo meio natural, sabe? Acho que o programa nunca foi sensacionalista, nunca esbarrou em nada nesse sentido, acho que o programa era contundente, eu diria.

f) Números musicais fizeram parte do *Amor e Sexo* durante as últimas temporadas. Como eram a criação e condução desses atos? O que eles agregaram para a atração?

DG: É, eu adoro os números musicais do programa (risos), modéstia à parte. Não só minha, mas principalmente do Antonio Amâncio, que era o redator final do programa. Ele é também um cara muito musical, ele sempre pesquisa muitas músicas e gosta muito de dança. Então, a gente tinha a Dani Lima que era nossa coreógrafa. Ela tinha sempre uma proposta muito fresca para acrescentar quando o Antonio vinha com a ideia de qual música fazer a atração musical. Mas essa curadoria musical era muito do Antonio e da equipe de roteiro. E eu vinha com a questão de como fazer aquilo no palco. Ele falava: “Ah, eu queria uma pessoa voando”, aí eu tinha que quebrar a cabeça de como farei isso. “Queria a Fernanda

descendo de avião, de um avião de papel", "Queria três, sei lá, o final daquele quadro das drags [queens], três drags voando com saias flutuantes". E aí a gente tinha que ir pensando. Eu com a equipe de cenário, figurino, efeito especial, todo mundo junto quebrando a cabeça em como fazer aquilo funcionar no palco, né? E como captar aquilo com as câmeras e tudo mais. Eu acho que eles agregam muito, porque eu acho que a música é uma das formas mais potentes de arte que temos. As danças são muito fortes e a Fernanda também arrebenta ali junto com o corpo de baile da gente. Eu acho que elas agregam muito, porque é mais uma forma de transmitir o que a gente está querendo transmitir, só que sem ser falado, é dançado. Então, acho que é sempre muito bom poder usar música e dança para isso. O poder do corpo em movimento.

g) O *Amor e Sexo* contava com a participação de especialistas, jurados e plateia. Qual a importância da participação deles para qualificar o programa?

DG: É, eu acho assim, especialistas, jurados, plateia, falando muito dos especialistas, eu acho que assim, era muito importante para a gente ter especialistas porque a equipe ou mesmo os jurados, ou a Fernanda, todo mundo, não tem local de fala de qualquer assunto, né? Então é muito importante a gente trazer para falar quem tem lugar de fala ou quem é especialista naquele assunto. Não dá para ficar falando sobre qualquer assunto quando tem gente que sabe muito mais sobre aquilo. Então, eu acho muito importante dar voz ao próprio personagem daquilo, a um estudioso daquele assunto. Então, a gente colocou a Djamila [Ribeiro], ela quase ficou meio fixa ali no programa. Túlio Gadelha, enfim, posso falar um monte de gente que estava ali para atestar o que está sendo dito. É diferente do que a Fernanda falar, ou o [José] Loreto falar. Enfim, acho muito importante. Aquilo dá uma força e uma verdade para o que está sendo dito e é uma decisão política mesmo. Colocar quem é protagonista do assunto falar. A plateia, como eu já falei, eu acho que deixa o programa quente, a gente entende a temperatura ali. Muitas vezes eram plateia barra personagem, eram pessoas pesquisadas que a gente levava. E os jurados

eu acho que eles funcionam também muito bem. Os jurados não sabiam sobre o que ia ser falado em cada programa, então eu acho que isso também é bacana porque eles estavam ali, ouvindo pela primeira vez aquilo tudo. Então, acho que é uma forma quase de colocar o Brasil na tela, sabe? Tipo, o Loretto [falava] nunca ouvi falar disso, como se fosse o espectador, tendo as mesmas dúvidas e os mesmos anseios e os mesmos questionamentos do telespectador. Então eu acho que funciona muito bem, funcionava muito bem essa nossa bancada de jurados.

h) A mediação do programa pela apresentadora Fernanda Lima aproximava o público dos temas e facilitava a compreensão da pauta?

DG: Sem dúvida. Eu acho a Fernanda muito boa apresentadora. Em algumas temporadas ela também foi roteirista do programa, o que torna tudo muito melhor no sentido dela dominar os assuntos que ela estava ali falando. Ela não estava apresentando apenas, ela estava estudando aquele temas todos. Então, isso é super bacana, acho que ela fala muito claramente sobre os assuntos, acho ela muito boa comunicadora.

i) Na sua opinião, qual o protagonismo e a relevância social do programa *Amor e Sexo* na televisão brasileira?

DG: É difícil de responder isso, não sei te dizer qual o protagonismo e relevância social do programa Amor e Sexo na televisão. Eu acho que enquanto a gente estava no ar, a gente debatia assuntos que estão aí, mas que muitas vezes estavam escondidos embaixo do tapete. Acho que muitas vezes a gente levantava esse tapete, botava uma lupa e “Oh, vamos falar disso aqui”. Acho que era um programa de relevância social, mas não sei te falar isso em termos de uma linha do tempo e tudo mais, mas eu acho, eu acredito muito no trabalho social que o programa fez, né? Acho que é isso que eu falei, muita gente, um retorno muito bacana das pessoas.

j) Olhando para os programas que foram ao ar, de que forma você acredita que o *Amor e Sexo* conseguiu impactar o público?

DG: Acho que conseguiu impactar o público de maneira muito positiva. A gente tinha um retorno muito positivo de tudo. Muitas vezes incômodo, né? A gente colocava o dedo na ferida, então não é um retorno só 'Ah que programa legal, que programa divertido''. Muitas vezes era 'Ai, duro ouvir isso tudo' ou pessoas ficarem incomodadas com o que está sendo dito. Você se enxergar, assistir o programa e se enxergar como uma pessoa que tem seus preconceitos, que tem muito a evoluir, não é fácil, mas eu acho necessário e extremamente importante, e conseguir falar, né? Eu acho que o maior mérito seja esse, falar sobre, porque sexo não pode ser um tabu que as pessoas não falem sobre e nem o amor (risos). Acho que as pessoas têm que poder e conseguir falar sobre porque isso é muito importante. Se a pessoa não fala, ela não fala sobre violência doméstica, violência contra a mulher, ela não fala sobre a sexualidade dela e isso tudo vai deixando as pessoas muito amargas. Acho que o melhor jeito é poder falar e aceitar que o outro é como é e viva a diversidade e todos temos o direito e o dever de amar.

Após a apresentação do desenvolvimento metodológico, será possível iniciar a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), a fim de responder a questão norteadora 'Qual é a relevância social e o protagonismo do programa *Amor e Sexo* na televisão brasileira?'. A análise dos conteúdos será apresentada no próximo capítulo.

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Neste capítulo, serão apresentadas três categorias de análise, resultantes da aplicação do método de Análise de Conteúdo proposto por Laurence Bardin (2011): *Programa Amor e Sexo*, *Protagonismo* e *Relevância Social*.

6.1 PROGRAMA AMOR E SEXO

Desde sua primeira edição, o programa *Amor e Sexo* passou por processos de criação, desenvolvimento e entrega ao público. Como apresentado no terceiro capítulo, essas etapas envolvem a ideia, o roteiro, o cenário, as gravações, edições e, finalmente, a exibição aos telespectadores. Neste subtítulo, serão trabalhados os processos que dão vida à atração.

Para iniciar, é necessário ter em mente que para um programa audiovisual existir ele precisa surgir de uma ideia. No terceiro capítulo, Comparato (1999) destaca que as boas ideias não aparecem do nada na mente de um criador, sendo elas sutis e difíceis de alcançar. Kellinson (2006), no mesmo capítulo, afirma que as ideias vêm de diversas maneiras, podendo ser inspiradas em amigos, na família, em algum acontecimento, nas notícias em destaque nos jornais, na *Internet*, etc.

A ideia que deu vida ao *Amor e Sexo* não é tecnicamente nova, afinal, desde 1980 se fala sobre sexualidade na televisão brasileira. No quarto capítulo é apresentada uma ordem cronológica de programas que discutiram questões envolvendo a sexualidade na rede aberta de televisão. Silva e Mattos (2011) destacam o *TV Mulher*, com o quadro *Comportamento Sexual*, como pioneiro ao falar sobre sexo de forma natural durante as manhãs da Rede Globo. Logo em seguida, Nascimento, Rodrigues e Santos (2017) apontam a *MTV Brasil* como um celeiro de programas que debateram pautas sexuais com o público jovem entre 1999 e 2013.

Outro programa citado no capítulo é justamente o objeto de estudo desta pesquisa: o *Amor e Sexo*. Exibido entre 2009 a 2018, o programa partiu da ideia de expandir o diálogo e falar abertamente sobre sexualidade e suas ramificações, além de outros temas pertinentes na sociedade do século XXI, provocando uma revisão de paradigmas e preconceitos. Com isso, é possível perceber o nível de

distanciamento entre o *Amor e Sexo* e as atrações citadas anteriormente. Isso não se dá apenas pela diferença de épocas em que foram veiculadas, mas também pelo fato de usar da diversão e da informação para tocar em pontos de uma sociedade ainda preconceituosa.

O *Amor e Sexo*, até então com *status* de ideia, deu vida a um roteiro, um caminho a ser seguido. Como aponta Comparato (1999), uma das partes mais importantes do produto audiovisual é o seu roteiro. Ele destaca que sem roteiro não há programa, afinal, é ali que a identidade da atração, seus objetivos e a ideia serão apresentados ao grande público. Na análise do roteiro do programa por meio da decupagem (presente no capítulo cinco), percebe-se o tom cuidadoso, demonstrando a forma acessível e refinada que os assuntos eram introduzidos, sem apelar para expressões pejorativas associadas ao tema.

A atração que nasceu a partir do roteiro é um programa de variedades, inspirado nos clássicos programas de auditório, que promove debates e brincadeiras, com música e humor, se tornando um conteúdo híbrido resultado da união da informação e do entretenimento, como visto no capítulo dois. De acordo com Daniela Gleiser (2021), diretora geral do *Amor e Sexo*, em entrevista concedida ao pesquisador, a atração era firme no objetivo de “muito debate, muita pesquisa, muitos roteiristas debruçados em cima daquilo que a gente ia falar, porque é muita responsabilidade falar sobre temas tão relevantes e importantes para o Brasil todo”. Como fica claro, um time de roteiristas trabalhava de forma dedicada ao aprofundamento das pautas apresentadas nos episódios. Isso também é levantado por Nascimento, Rodrigues e Santos (2017), no quarto capítulo, onde elogiam o programa pelo seu roteiro aprofundado, principalmente nas últimas temporadas.

Um exemplo está presente no primeiro quadro analisado, que promoveu uma brincadeira entre mães e filhos sobre conteúdos sexuais. Em certo momento, a apresentadora Fernanda Lima, que também atuou como redatora final, começou a sua fala com o seguinte texto: “Mãe é sagrada, mas o mundo mudou e hoje em dia essas mulheres se tornaram donas de seu nariz e de seu corpo mesmo sendo mães. Mudou mais e mudou para melhor” (Amor e Sexo, 9ª temporada, episódio ‘A relação entre mães e filhos ao falar sobre sexo’, 2016). Isso demonstra que, por meio desse roteiro em específico, o programa buscou abandonar o conceito das mães que cuidavam exclusivamente do lar e dos filhos, não limitando essas mulheres a figuras maternas, mas as apresentando como seres humanos que

transam, que realizam suas fantasias, que, diariamente, conquistam seu lugar no mercado de trabalho, que são chefes de família e que garantem o sustento da casa. Tudo isso ao mesmo tempo que são mães. Esse texto em específico, na minha visão, reforça a ideia de um roteiro atencioso, pertinente e relevante.

Figura 2 - Mães e filhos participando de brincadeira promovida no *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 9ª temporada, episódio ‘A relação entre mães e filhos ao falar sobre sexo’, 2016.

Durante a entrevista, Gleiser (2021) destacou a palavra ‘cuidado’, reforçando o alto nível de preocupação para que o programa fosse construído de forma coerente, afinal, a perpetuação de preconceitos e estereótipos deixariam a produção em contradição com seus princípios.

Outro ponto observado era a necessidade que as abordagens fossem feitas de maneira ‘fora da caixa’, fugindo de padrões convencionais. No quarto capítulo é destacada a importância do quadro *Comportamento Sexual*, do programa *TV Mulher*. Contudo, o quadro seguia o formato simples e básico de pergunta e resposta, o que era bem diferente da proposta do *Amor e Sexo*, que, por meio de

seu roteiro cuidadoso e atualizado, usou e abusou da ludicidade e do humor para discutir suas pautas, como, por exemplo, quando recriou uma sala de aula no seu palco para falar sobre educação sexual. Isso demonstra a preocupação do programa em não ser apenas ‘mais do mesmo’.

Figura 3 - Uma sala de aula no palco do *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 10ª temporada, episódio ‘A educação sexual’, 2017.

Para continuar inovador, provocando curiosidade e interesse no público, de acordo com a diretora geral,

> a gente sempre buscou muito tentar inovar e acho que também essa coisa de ser temporada ajuda nesse sentido porque tem um frescor, não é um programa que está na grade o ano inteiro, então a gente sempre buscava vir com novidades. Primeiro ele era um programa só com a Fernanda, depois passou a ter a bancada, aí passou a ter um ballet, aí o ballet era só masculino, depois passamos a incluir mulheres no ballet, passamos a ter o Zentai, enfim, uma porção de coisas que a gente foi criando para deixar aquilo sempre fresco e interessante, e pessoas novas na bancada (GLEISER, 2021).

Analisando a fala da diretora, acredito que seja perceptível a evolução do

programa. Se compararmos as 11 temporadas será visível o nível de refinamento e de novidades que foram agregadas, sendo elas, em sua maioria, positivas, como, por exemplo, destaca Gleiser (2021), a inclusão da bancada de jurados. As inovações apresentadas pelo programa também estão associadas ao fato da equipe ter como foco a entrega de um produto diferenciado, que, segundo a diretora, tinha o objetivo de ser

> original, relevante e ser uma boa companhia para a noite das pessoas, porque é isso que a gente faz: a gente pede licença para entrar na casa das pessoas, tentando ser uma boa companhia. Digo boa em vários aspectos, né? Podendo estar educando, ensinando alguma coisa, criando algum debate na casa das pessoas (GLEISER, 2021).

Ainda que abordasse temas difíceis, como preconceitos que as mulheres enfrentam, o *Amor e Sexo* era um bom companheiro para as noites de sua audiência. Em nenhum momento se nota que o programa subestima seu público, pois não usa de artifícios manjados ou estereotipados para a contextualização de pautas. Por que não um jogo entre mães e filhos para mostrar que a cumplicidade entre ambos pode existir sem receio? Por que não, em meio a um discurso feminista, dançar e mostrar o poder das mulheres?

Essas novas formas de apresentar os conteúdos estão associadas, na minha visão, ao fato do programa ser um produto do *INFOtenimento*, subgênero apresentado por Dejavite (2006) no segundo capítulo. O INFOtenimento é um conceito que nasceu da união entre a informação e o entretenimento, onde os programas de televisão cumprem seu papel de informar a população, mas sem deixar de entreter. Neste mesmo capítulo, Chadwick (2013) afirma que o hibridismo de categorias é a abordagem adequada para o sistema de mídia atual (século XXI).

Em meio às informações emitidas, o humor (uma das características deste subgênero) era utilizado de forma complementar, fazendo com que plateia e convidados sorrissem e se divertissem, mas que ao mesmo tempo recebessem conteúdos importantes para o entendimento das pautas. Na hora de falar sobre educação sexual, por exemplo, uma das convidadas chegou a responder de forma mais séria e contundente, porém, isso não anulou a graça em que o momento estava envolto. Percebo a inteligência do programa ao usar do humor para tornar o conteúdo mais ‘palatável’.

No quadro com mães e filhos é possível perceber o desconforto que o roteiro causou nos convidados devido aos conteúdos sexuais contidos nas perguntas da apresentadora. Porém, nenhum dos filhos ficou constrangido ou se sentiu humilhado, um deles até concordou com os apontamentos. Quando questionado se já tinha regulado a roupa da mãe, Luis, filho de Ana, afirmou que sim, e ainda concordou com a fala do jurado Otaviano Costa ao dizer que havia assumido a posição de homem da relação, isso ainda quando criança. Ou seja, aquelas perguntas e ideias que partiram do roteiro híbrido possibilitaram que o convidado (e o público de casa, porque não?) percebesse as suas atitudes reprováveis, mas sem sair da graça do momento.

Ao meu ver, o INFOtenimento proporciona uma maior liberdade aos programas, pois dificilmente ficam presos em formatos pré-estabelecidos de se levar informação, optando por seguir seu caminho próprio, o que é o caso do *Amor e Sexo*, que leva ao público abordagens fora dos padrões de demais programas e emissoras.

Para a continuidade da conversa ‘fora da caixa’, o programa contava com um diferencial: as personagens que compunham seu elenco. No terceiro capítulo, Kellison (2006) destaca que um elenco bem escolhido faz a diferença no produto audiovisual, afinal, ele é um dos principais elementos que causam boas ou más impressões no público. As personagens do *Amor e Sexo* eram as seguintes: convidados principais, que estavam ligados aos temas do episódio; os especialistas (advogados, médicos, educadores, psicólogos, escritores, etc); os jurados e convidados famosos; a plateia formada por pessoas inscritas via site da emissora; a apresentadora Fernanda Lima.

Essa presença de diferentes personagens permitiu que o programa fosse composto de vozes diversas. No segundo capítulo desta pesquisa, Souza (2004), ao apresentar o gênero debate, destaca que o número de participantes engrandece a conversa, criando uma diversidade de opiniões. Na visão da diretora geral, a dinâmica dos convidados/jurados dentro da atração atuava de maneira interessante e agregadora. Entre os jurados fixos estavam os atores Mariana Santos, José Loreto e Eduardo Sterblitch, a psicanalista e escritora Regina Navarro Lins, o apresentador Otaviano Costa e o estilista Dudu Bertholini.

Na entrevista, Gleiser (2021) destaca que os jurados fixos tinham papel importante na concepção do programa, pois eram colocados na posição de

telespectadores. A diretora informou que a bancada de jurados fixos e artistas convidados não sabia qual pauta seria abordada no episódio, vindo a descobrir apenas na hora da gravação. Segundo ela,

> eles estavam ali ouvindo pela primeira vez aquilo tudo. Então, acho que é uma forma quase de colocar o Brasil na tela, sabe? Tipo, o Loreto falava 'nunca ouvi falar disso', como se fosse o espectador, tendo as mesmas dúvidas e os mesmos anseios e os mesmos questionamentos do telespectador. Então eu acho que funciona muito bem, funcionava muito bem essa nossa bancada de jurados (GLEISER, 2021).

Concordo com a diretora geral quanto aos jurados funcionarem de maneira agradável na dinâmica da atração. No primeiro episódio analisado, que trata sobre a relação entre mães e filhos ao falar sobre sexo, os jurados tiveram papel interessante na hora de conduzir a brincadeira. Essa participação veio em comentários engraçados e provocativos feitos durante uma resposta ou outra, principalmente, quando algum filho comentava algo que não ia ao encontro da resposta da mãe. Otaviano Costa era um dos que mais gerava comentários maliciosos, o que arrancou risos da plateia, dos participantes e do público de casa, ajudando a 'quebrar o gelo'.

No segundo quadro analisado, por exemplo, quem explicou sobre a puberdade de meninos e meninas foram Mariana Santos e José Loreto, respectivamente. Nesse momento em específico, eles utilizaram do humor para explicar termos e processos científicos, mesmo sendo pessoas leigas no assunto.

Figura 4 - A representação da puberdade masculina por Mariana Santos

Fonte: Amor e Sexo, 10ª temporada, episódio ‘A educação sexual’, 2017.

Todavia, o fato dos jurados serem leigos não inviabiliza suas participações, já que os responsáveis por dar respaldo aos comentários e brincadeiras das personagens do programa eram os especialistas convidados. A cada episódio, advogados, médicos, autores e educadores se revezavam para atuar como ‘vozes da razão’, promovendo um equilíbrio entre a diversão e a informação. Segundo a diretora,

> era muito importante para a gente ter especialistas porque a equipe ou mesmo os jurados, ou a Fernanda, todo mundo, não tem local de fala de qualquer assunto, né? Então é muito importante a gente trazer para falar quem tem lugar de fala ou quem é especialista naquele assunto (GLEISER, 2021).

Em todos os episódios analisados percebe-se a preocupação da direção em ter esses profissionais presentes. Na hora de falar sobre educação sexual, uma educadora e uma médica ginecologista estiveram participando do debate dando dicas. Quando Fernanda Lima apresentou os mais variados tipos de família, foi um advogado especialista no Direito da Família que explicou o que significava

cada modelo perante a Justiça.

Figura 5 - O advogado especialista em Direito da Família Rodrigo da Cunha Pereira participando do *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As novas formações familiares’, 2018.

Ao analisar os quatro quadros, é possível perceber que esses profissionais estão lá para agregarem e não serem apenas corretivos. Suas participações dão segurança ao programa de que os temas serão debatidos de forma coerente, sem deixar que conteúdos mal explicados sejam transmitidos ao público, fazendo com que aquela pauta seja protegida. Um dos pontos altos também é o fato de esses especialistas entrarem no clima da atração, pois eles mesmos promovem um diálogo coloquial, sem atuarem como ‘pessoas sérias’, o que poderia causar um engessamento daquele momento, levando o público a aprender de um jeito mais repreensível do que divertido.

Em conjunto com os especialistas convidados, outro grupo de personagens também faz a diferença no *Amor e Sexo*: os convidados que tem ligação com o tema do episódio. São pessoas comuns da sociedade, mas que foram escolhidas pela produção para comporem a atração por trazerem em suas

histórias informações que conversam com o tema e que merecem ser compartilhadas com o público. No episódio que discute os modelos familiares, são as mais diversas famílias que ocupam o palco do programa e os microfones.

Figura 6 - A diversidade familiar no *Amor e Sexo* parte 1

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As novas formações familiares’, 2018.

Figura 7 - A diversidade familiar no *Amor e Sexo* parte 2

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As novas formações familiares’, 2018.

Ao contar com essas variadas personagens, o programa dá espaço para mostrar como o país é diverso, possibilitando que o público de casa se veja representado. E a presença desses ‘especialistas da vida real’ reforçam a credibilidade da atração perante o público, pois mesmo que os roteiristas fizessem o estudo mais aprofundado possível, que construíssem o roteiro mais completo, nada faria sentido se os indivíduos presentes no palco fossem pessoas que não sabem o que é viver aquela realidade.

No quarto quadro, uma das convidadas foi a consultora de diversidade Maite Schneider, uma mulher trans. Em seu relato sobre o que é ser mulher, Maite contou como se descobriu mulher, quais foram as dificuldades, afirmando que nasceu Alexandre, viveu uma experiência de construção social como Alexandre e a partir dos 17 anos viveu e construiu a Maite. Não seria possível Fernanda, Mariana ou algum outro integrante do *Amor e Sexo* falar por Maite ou por qualquer mulher trans, afinal, nenhum deles (até o momento) se identificava como uma pessoa transexual.

Figura 8 - A convidada Maite participando do programa *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulheres e a ‘caça às bruxas’ do século XXI’, 2018.

No quarto capítulo, Márcio Correia Gonçalves Vitor e Diego Gouveia Moreira (2020) afirmam que, até 2019, na rede aberta de televisão, não havia nenhuma atração que trouxesse pessoas trans como protagonistas. O *Amor e Sexo* não foi diferente disso, a produção não colocou pessoas desse grupo social para comandar a atração, porém, a participação de Maite foi um exemplo da relevância do programa na hora de dar voz para quem realmente tinha algo a dizer.

É genuína e importante a ideia de se debater esse tema, porém, se a atração não colocar um homem ou uma mulher trans para falar sobre, o debate irá perder todo o sentido. O mesmo acontece quando uma mulher preta, no mesmo episódio, falou sobre as vivências e estereótipos experienciados diariamente. Se a apresentadora, uma mulher branca e loira, assumisse o microfone e falasse que a vida de uma mulher preta era de tal forma, ela poderia se equivocar e ainda silenciar um grupo da sociedade que já está acostumado com o silêncio.

Assim como os jurados fixos e famosos, e convidados especiais, a plateia do *Amor e Sexo* é um ponto que merece ser analisado. No segundo

capítulo desta pesquisa, Souza (2004) afirma que os programas dos gêneros *auditório* e *variedades* dependem de sua plateia, o que acaba por ser uma de suas principais características. Nas atrações do gênero, segundo ele, as pessoas têm liberdade para cantar, dançar, se divertir e participar ativamente do programa. Em seu site oficial[30], a Rede Globo dá instruções para que o público em geral se inscreva para participar das plateias de programas como *Altas Horas*, *Encontro com Fátima Bernardes* e *Caldeirão*.

Mesmo que faça parte da linha de programas de variedades da emissora, o *Amor e Sexo* não aparece na lista para inscrições, pois durante a produção desta pesquisa o programa não está sendo exibido. Nas temporadas, segundo o site Memória Globo[31], o programa chegava a contar com uma plateia eclética de aproximadamente 400 pessoas. Para Gleiser (2021), o fato de ele ter plateia ajudava na hora de sentir “a temperatura daquilo que está sendo feito”.

Para completar o grupo de personagens da atração está Fernanda Lima, criadora, redatora final e apresentadora do programa, que esteve presente desde o princípio. Além de introduzir quadros, chamar convidados e anunciar músicas, Fernanda era responsável por fazer a atração acontecer. Ao comentar as características dos programas de auditório, Souza (2004) afirma que a posição de apresentador/apresentadora é essencial para a realização de uma atração do gênero.

Para a diretora geral, a atuação de Fernanda à frente do *Amor e Sexo* e como redatora final tornava “tudo muito melhor no sentido dela dominar os assuntos que ela estava ali falando. Ela não estava apresentando apenas, ela estava estudando aqueles temas todos” (GLEISER, 2021).

Visto os apontamentos de Souza (2004), da diretora e da análise dos quadros, acredito que Fernanda teve êxito no trabalho de mediação entre público e pauta. Além de ser divertida nos momentos certos e de ser séria quando o assunto pedia, Fernanda, muitas vezes, se colocava no lugar do telespectador, atuando como ouvinte. Um exemplo é o terceiro episódio quando ela faz perguntas ao especialista questionando sobre o significado de distintos tipos familiares.

---

[30] Disponível em <https://gshow.especiaisgshow.globo/gshow/plateia/inscricoes/> Acesso em 17 out 2021.

[31] Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/> Acesso em 10 set 2021.

Nesse momento, é como se Fernanda fosse o público buscando informações sobre aquelas composições. Conforme descrito na decupagem, a ação acontece da seguinte forma:

> então vamos definir alguns tipos de família. (corta plano geral) O que é uma família homoafetiva? Corta para Rodrigo em plano médio. **RCP:** É uma família constituída por pessoas do mesmo sexo. Corta para Fernanda em plano médio. **FL:** E uma família monoparental? Corta para o plano geral da conversa. **RCP:** É aquela constituída por (corta para plano médio de Rodrigo) quaisquer dois pais ou seus descendentes, ou seja, um pai e filhos, uma mãe e filhos. Corta para Fernanda em plano médio. **FL:** E a anaparental? Corta para Rodrigo em plano médio. **RCP:** É aquela que não tem uma relação conjugal, são apenas irmãos ou primos. Corta para Fernanda em plano médio. **FL:** E a família unipessoal? Corta para Rodrigo em plano médio. **RCP:** É aquela que se constitui de apenas uma pessoa. Estranho dizer uma família de uma pessoa (vai a plano geral), mas essa nomenclatura foi preciso ser encontrada no Direito (volta para plano médio de Rodrigo) para proteção ao bem de família, para que a casa da pessoa não seja, não possa ser penhorada (vai a plano geral) como nas outras famílias comuns com mais de (volta para plano médio de Rodrigo) uma pessoa, o que nós chamamos de família unipessoal (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As novas formações familiares', 2018).

O diálogo com o especialista demonstra o interesse de Fernanda pelo o que estava sendo discutido, sendo assim, permitindo que o público a utilizasse como canal de compreensão das pautas, fazendo da apresentadora uma peça importante na composição do *Amor e Sexo*.

Além das personagens, algumas partes mais técnicas, que também estão ligadas à ideia e ao roteiro, são essenciais para existência da atração. O roteiro do programa, como salientado por Comparato (1999), pode ser entendido como o coração do projeto. Ali estará presente a sua essência e o que ele quer ser para o público. No *Amor e Sexo* percebe-se a atenção sobre a união entre roteiro e imagem. Para Comparato (1999), o roteirista precisa ter em vista as imagens, além do texto. E esse elemento fez toda a diferença no programa. Na decupagem, é possível analisar a transição constante de plano geral para o primeiro plano, para o plano detalhe, para o enfoque em momentos e ações. Essa mudança de planos, na minha visão, contribuiu para que o telespectador tivesse uma visão do todo. Um exemplo é o início do terceiro quadro analisado, aquele que conta sobre os mais variados tipos de famílias. Durante a entrada dos familiares, o plano geral é usado de forma inteligente, pois mostra que aquelas formações familiares são completamente diferentes, assim, demonstrando a diversidade dos núcleos. A

cada entrevista com as famílias o plano se tornava mais próximo e íntimo, valorizando a família entrevistada.

Figura 9 - As famílias diversas no palco do *Amor e Sexo* em plano geral

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As novas formações familiares’, 2018.

Assim como pensar na imagem, um roteiro como o do *Amor e Sexo* precisava ver e usar a ludicidade em tudo que colaborasse na promoção do diálogo. Nas últimas temporadas, o programa começou a contar com apresentações musicais da apresentadora Fernanda Lima e seu ballet. Segundo Marcondes Filho (1988) e Souza (2004), esses momentos musicais e dançantes são comuns nos programas de auditório, até sendo comparados com shows circenses, como reforçado pelo primeiro autor. Porém, no contexto do *Amor e Sexo*, os números musicais faziam parte do conceito proposto no roteiro, sendo um casamento inteligente entre o uso da música, da banda, da iluminação e do palco.

No quadro que aborda a liberdade sexual e a quebra de estereótipos femininos, Fernanda Lima faz uma coreografia enérgica, cheia de movimentos. Durante um intervalo entre alguns passos, Fernanda para, olha para a câmera e fala:

> tocaram fogo em nossas vestes, queimando nossos corpos. Acharam que assim apagaria nosso fogo. Resistimos, resistimos e resistimos. Hoje o nosso fogo já não pode mais ser apagado. Ele agora age dentro da gente, queima de dentro pra fora. Nosso fogo é vida, é emoção, é tesão. Nosso fogo apavora. Nosso fogo transforma. Não vamos mais nos calar. Não vamos mais nos curvar. Não vamos mais nos separar. Vamos todas juntas lutar (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As mulheres e a caça às bruxas do século XXI', 2018).

Além de ser um texto forte, ele se complementa com a dança que, claramente, busca mostrar a coragem feminina. Para Gleiser (2021), os atos musicais do programa eram responsáveis por trazer novas formas de se debater o assunto da vez. Segundo ela, Antonio Amâncio, um dos responsáveis pela redação final do *Amor e Sexo*, era incentivador da existência desses momentos artísticos. Para a jornalista, as danças e músicas tinham espaço importante na hora de criar o conteúdo do programa. Na entrevista concedida ao pesquisador, Gleiser (2021) destacou que "elas agregam muito, porque é mais uma forma de transmitir o que a gente está querendo transmitir, só que sem ser falado, é dançado". Outro ponto a ser levantado era o fato do programa conter uma banda própria, que ficava encarregada de produzir a maioria dos elementos musicais. Isso reforça a importância da música, já que era feita ali no momento da gravação, causando mais intensidade e força.

Figura 10 - A dança presente no programa *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulheres e a caça às bruxas do século XXI’, 2018.

A fala de Fernanda citada acima é um texto tão destemido que é responsável por um outro ponto positivo que faz parte do roteiro da atração: a iluminação. Enquanto Fernanda declama o texto, o fogo destacado é representado por cores quentes que percorrem o palco, deixando a imagem com uma impressão de calor e chamas. Segundo Kellison (2006), a iluminação de um projeto audiovisual é peça essencial, assim como a imagem e o roteiro. Na sua visão, é o uso da luz que cria a atmosfera, o tom, a dimensão e a textura da atração.

Figura 11 - A iluminação do programa *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulhere e a caça às bruxas do século XXI’, 2018.

Assim como o roteiro pensava nas performances musicais e iluminação, a utilização do palco do *Amor e Sexo* também estava ligada à construção de conteúdos. Nesse mesmo quarto episódio analisado, o palco do programa possuía uma decoração de cenário e estética que conversava com o tema. Na decupagem é descrito como o palco está decorado, dando destaque para ‘grades’ formadas por cordas. Atrás das grades estava uma cantora lírica que fazia parte do número musical. Em certo ponto do número, a cantora sai das amarras, representando as mulheres se libertando dos estereótipos da sociedade. No capítulo três, Kellison (2006) salienta que o design do set de filmagens colabora para a criação da estética geral do programa. Na entrevista, Gleiser destaca que, assim como a dança, a cenografia do programa contribuia com as discussões, mas que demandavam trabalho. Segundo ela, a equipe de redação propunha os mais variados jeitos de criar um espetáculo:

> ‘queria a Fernanda descendo de avião, de um avião de papel’, ‘Queria três, sei lá, o final daquele quadro das drags [queens], três drags voando com saias flutuantes’. E aí a gente tinha que ir pensando. Eu com a equipe de cenário, figurino, efeito especial, todo mundo junto quebrando a cabeça em como fazer aquilo funcionar no palco, né? (GLEISER, 2021).

Na minha visão como espectador e pesquisador, todas essas propostas agregam e muito para a atração, principalmente na questão de reforçar a ludicidade e originalidade do programa. É perceptível a vontade e a coragem de se ressignificar cada episódio, cada temporada, evitando que a mesma pauta fosse tratada sempre do mesmo jeito.

Figura 12 - A decoração do palco do *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulheres e a caça às bruxas do século XXI’, 2018.

Contudo, não diria que o *Amor e Sexo* tinha uma estética específica, pois ele assumia a identidade necessária para acompanhar o tema do dia. O que também colabora com a personalidade do programa são os figurinos utilizados pelas personagens. Merece destaque as roupas da apresentadora Fernanda Lima, pois cada uma das vestimentas eram pensadas para se conectarem com a pauta. De

acordo com a diretora, “a gente sempre fez um programa muito preocupado esteticamente, que a roupa conversa com o tema” (GLEISER, 2021). Kellison (2006), no terceiro capítulo, salienta que figurinos são um dos elementos mais importantes na hora de se pensar um projeto audiovisual, tendo a necessidade de serem criados pelos profissionais certos. Assim como a estética do palco, as roupas precisavam fazer parte da mensagem. Se a proposta do roteiro buscava tratar de educação sexual de uma forma mais *rock n’ roll*, esse estilo precisa ser transposto para a atitude e design das roupas e não se limitando a uma personagem, mas no todo do programa.

Figura 13 - O figurino da apresentadora Fernanda Lima

Fonte: Amor e Sexo, 10ª temporada, episódio ‘A educação sexual’, 2017.

Assim como o trabalho de imagem, das danças, da iluminação, do uso do palco e dos figurinos são destacáveis, uma ação da etapa de pós-produção do programa precisa ser mencionada: o processo de edição. Kellison (2006) classifica o

editor de imagem como o profissional capaz de fazer mágica com o programa. No caso do *Amor e Sexo*, a partir dos quadros analisados, percebe-se uma edição preocupada em mostrar para o público as diferentes reações, comentários e imagens que surgem durante a exibição de algum quadro ou durante a fala das personagens.

Na análise do quarto quadro, uma das convidadas, que é uma mulher jovem e está sendo filmada em primeiro plano, afirma que tem quatro filhos. Automaticamente, boa parte dos presentes demonstra surpresa. De forma rápida, a edição corta para o plano geral da bancada de jurados e convidados famosos e mostra suas reações. Esse momento de surpresa parte do público de casa também. Ou seja, o telespectador descobre junto com os participantes, compartilhando da surpresa, assim, criando um vínculo. Na minha visão, o jogo de imagens promovido no *Amor e Sexo* ajuda na contextualização de qual momento a atração se encontra, dando dinâmica e incluindo o público de casa nas descobertas.

O processo de edição também funcionava como uma etapa de correções. Segundo Gleiser (2021), o programa contava com a possibilidade da retirada de momentos e comentários indesejáveis na hora da edição, porém, isso não deveria ser encarado como um movimento de censura. Em nenhum dos quadros analisados é perceptível esse corte de comentários.

Contudo, é importante ressaltar uma questão que chamou atenção. No quadro sobre educação sexual, o jurado fixo José Loreto, um homem branco e cisgênero, explicou a menstruação de forma, na minha visão, insensível, visto que este é um processo delicado e importante na vida das mulheres. Na decupagem é detalhada a ação e o jeito que o ator se refere ao conteúdo menstrual. O que acontece é o seguinte:

> ele pega o recipiente que lembra um pote de ketchup em mãos, aperta e derrama um líquido vermelho. Com isso, ele representa o início da menstruação para a mulher. Corta para Mariana Santos em plano médio. **MS:** Que que é isso? (em tom de brincadeira). Volta ao plano americano de José e Fernanda. **JL:** Sangue, sangue. Eu não entendo muito bem porque sai sangue, mas é vida (Programa Amor e Sexo: A educação sexual, 2017).

Figura 14 - A ação do ator José Loreto ao tratar sobre a menstruação

Fonte: Amor e Sexo, 10ª temporada, episódio ‘A educação sexual’, 2017.

Naquele momento, todos riram da situação, nenhuma mulher, inclusive a apresentadora Fernanda Lima, emitiu comentários sobre se o que o ator estava fazendo poderia ser encarado como desrespeitoso com as mulheres. Na minha opinião, o uso da edição neste caso teria sido benéfica ao programa, já que não estaria censurando o convidado, mas evitando que uma informação desajeitada chegasse ao público. No processo de edição do programa, aquele ato de Loreto pode não ter sido visto como algo desagradável, afinal, durante a cena, todos os presentes acharam graça. A própria diretora geral afirma que o corte era utilizado em falas que fugissem do contexto do programa. Então, entendo que o conteúdo transmitido teve o aval da equipe para ir ao ar sem problema algum.

Este caso em específico une a edição do programa com a importância dos especialistas, visto que, logo após a fala de Loreto, a ginecologista convidada dá uma rápida explicação sobre o processo da menstruação. Ou seja, a rede de cuidados tomados pela atração não exigiu uma edição mais contundente, permitindo que o conteúdo fosse ao ar.

Observando todos os pontos apresentados no decorrer do subtítulo, é possível perceber a forma única em que o *Amor e Sexo* envolve e une todas as suas etapas de produção. O roteiro está conectado a tudo, desde as discussões de pautas até um simples jogo de câmera (mas que faz uma tremenda diferença). Como explicado por Gleiser (2021), uma equipe estava dedicada a criar esses materiais com a maior atenção, não deixando pontas soltas, fazendo da atração um produto completo, que, ao chegar na casa dos telespectadores, faz o máximo para cumprir o seu objetivo.

Analisada a categoria *Programa Amor e Sexo*, é necessário compreender o *Protagonismo* da atração na televisão brasileira. O conteúdo será apresentado no subtítulo a seguir.

6.2 PROTAGONISMO

Em um momento onde a televisão por assinatura e os serviços de *streaming*[32] tendem a assumir o protagonismo junto ao público, o programa *Amor e Sexo*, durante a sua exibição na grade noturna da Rede Globo, trouxe para o vídeo conteúdos que promoveram novas formas de se debater sexualidade, gênero, feminismo, machismo, entre outros temas relevantes para a sociedade brasileira do século XXI.

Como citado anteriormente nesta pesquisa, desde os anos 1980 a sexualidade tem sido debatida na televisão, tendo as mais diferentes abordagens. Contudo, ao comparar o *Amor e Sexo* com as demais atrações, principalmente aquelas desenvolvidas pela *MTV Brasil*, percebe-se uma grande diferença. Os programas da emissora dos jovens tiveram vida curta, alguns sendo iniciados e finalizados no mesmo ano. Mesmo que tenham tido seu impacto na vida de muitas pessoas, os programas, como apresentam Góes (2014) e Quadros (2015) no quarto capítulo desta pesquisa, eram basicamente perguntas e respostas, sem focar na discussão de um tema em específico.

---

[32] Em tradução literal para o português significa ‘transmissão’. Representa os canais que produzem conteúdo de áudio e audiovisual para a *Internet*. Disponível em <https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/streaming.html> Acesso 25 out 2021.

No caso do programa global, além de ter status de superprodução, como apresentado em detalhes na decupagem, traz consigo um refinamento ao tocar em pautas que dedicam mais atenção e cuidado, tudo para fugir da ideia de ser mais um ‘besteirol’ ou um simples pergunta e responde. Na categoria anterior, o *Amor e Sexo* foi destacado como um produto original na televisão brasileira. A originalidade em relação às suas pautas pode até ser contestada por alguns ao afirmarem que os temas do programa são comuns.

Contudo, os argumentos perdem sentido no momento em que se analisa como esses temas são trabalhados. Um programa focado na saúde das pessoas, por exemplo, até pode promover um debate sobre como mães e pais podem conversar sobre sexo com os seus filhos, porém, ele irá cumprir apenas o papel básico (e necessário) de informar o telespectador. O *Amor e Sexo* tinha como propósito fazer a mesma coisa, contudo, de uma forma única. Caso seja analisada a programação da televisão aberta, em 2021, percebe-se que nenhuma emissora aborda a sexualidade e suas ramificações como o *Amor e Sexo* fez até sua última temporada exibida. Isso faz o programa se destacar. Entretanto, ser original tem seus desafios, pois Gleiser (2021) afirma que trazer novidades para a atração era uma adversidade a ser superada constantemente pela equipe, exigindo estudo e preparo para entregar ao telespectador um produto único.

Nos quatro quadros descritos no capítulo cinco, é possível perceber o diferencial que o *Amor e Sexo* proporcionava para sua audiência. No primeiro quadro, por exemplo, o programa é criativo ao juntar três elementos que podem causar conflitos: mães, filhos e falar sobre sexo. No quarto capítulo deste trabalho, ao adentrar a questão da sexualidade e o porquê falar sobre sexo em casa é tão dificil, a psicóloga Sabrina Dal Ongaro Savegnago (2012) explica que, para alguns pais, a sexualidade traz uma carga de vergonha, pudores, mitos e até preconceitos, podendo ter aspectos ligados diretamente à herança emocional dos familiares. Esses bate-papos não são realidade universal, pois contém barreiras psicológicas e sociais construídas por muitos anos.

No palco do *Amor e Sexo*, essa promoção do diálogo foi feita de forma descontraída, mostrando a naturalidade que o tema pede. Com perguntas ‘apimentadas’, a apresentadora Fernanda Lima fez com que os convidados respondessem e se divertissem, além de o público presente cair na gargalhada. Mesmo seguindo um caminho de provocação, a abordagem do programa foi

delicada e divertida, sendo um diferencial imenso, pois tratou o assunto de forma respeitosa, sem banalizar, sem apontar certos ou errados.

Durante a entrevista, a diretora geral salienta que o programa não tinha apenas o objetivo de “colocar o dedo na ferida” (GLEISER, 2021). Na minha visão, seria muito fácil para a atração apresentar os problemas da falta de comunicação entre pais e filhos, todas as consequências ruins que aquele silêncio causa e encerrar a discussão, aguardando que o público presente e o público de casa entendesse o porquê se deve conversar.

No decorrer do quadro, ao pedir se as mães assistiam a filmes eróticos, uma das duplas, Vélcia e Ruan, recebeu destaque devido às suas respostas. A mãe respondeu que assistia, porém, o filho acreditava que não. Nesse momento, além da plateia, jurados e da apresentadora acharem graça, o próprio convidado entrou na brincadeira, maliciando o momento. Entretanto, logo após às risadas, Fernanda Lima faz a seguinte pergunta à jurada Regina Navarro Lins, que é psicanalista: “Regina, por que a gente tem uma tendência em achar que as mães não têm sexualidade. É só porque são mães?” (Amor e Sexo, 9ª temporada, episódio ‘A relação entre mães e filhos ao falar sobre sexo’, 2016).

Logo em seguida, ela responde: “a tendência é os filhos não admitirem que a mãe goste de sexo, faça sexo, que seja uma pessoa normal” (Amor e Sexo, 9ª temporada, episódio ‘A relação entre mães e filhos ao falar sobre sexo’, 2016). Essa ação vai ao encontro de um grande diferencial do programa: a sua capacidade de unir entretenimento e informação de forma fluida. Além de divertir o público com o momento descontraído entre mãe e filho, de forma clara e objetiva, a atração introduz uma informação que age como complemento, proporcionando que o telespectador revise seus pré-conceitos quando o assunto é mães e vida sexual. Em um período onde notícias falsas ganham cada vez mais espaço, ter acesso a essas informações em um formato de fácil compreensão coloca a atração à frente de diversos produtos da televisão aberta que prezam pelo sensacionalismo ou que afastam o público por tratarem da temática de forma dura e sem sensibilidade alguma.

Sendo assim, fica claro que o humor presente na atração cumpre seu papel de ajudar no entendimento da informação, se reafirmando como uma de suas principais características. Porém, para não seguir o caminho do mau gosto e de abordagens inadequadas, segundo a diretora geral, a elaboração do programa

consistia em muita cautela, além de “estar muito atenta, se informar muito, estudar sobre aquele assunto para não cair em nenhuma armadilha de brincar com algo que não dá para brincar” (GLEISER, 2021). Ao ser questionada sobre os cuidados que eram tomados para que o humor não ultrapassasse a discussão, ela destacou que

> é possível fazer humor com coisa séria, está aí o ‘Porta dos Fundos’ para provar isso. Óbvio que o programa não tem nada a ver com essa linha, não estou dizendo isso, mas estou dizendo que dá para usar o humor em vários aspectos, mas dá para falar sério na hora de falar sério (GLEISER, 2021).

No terceiro quadro analisado, que se dedica a discutir a educação sexual, o humor está no centro da troca de informações. Isso vai ao encontro da fala da diretora ao afirmar que há espaço para que a informação e o humor se unam, criando um conteúdo acessível. Em um momento analisado, a jurada Mariana Santos explica o processo da puberdade dos meninos. De forma engraçada, ela ressalta as mudanças hormonais e corporais que se sucedem no corpo masculino. Ela diz:

> quando os hormônios vão realmente fazendo efeito aparecem muitas mudanças. A voz de vocês vai engrossando, os pelos pubianos, o que são pelos pubianos? São pelos que nascem onde? No púbis. Então tudo vai se modificando. As espinhas, acne, o seu corpo vai tomando uma forma, de uma forma humana, sim é uma forma humana que é o que a gente vai ser (Amor e Sexo, 10ª temporada, episódio ‘A educação sexual’, 2017).

Figura 15 - Mariana Santos explica o processo da puberdade masculina no *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 10ª temporada, episódio ‘A educação sexual’, 2017.

As informações passadas ao público não estão incorretas, tanto que logo em seguida a ginecologista presente no programa concorda com a explicação. Isso mostra que o ponto de vista da diretora não está errado, mostrando que sim, é possível fazer humor com informação e com assuntos sérios. Acredito que os atos e falas cômicas precisam ser utilizados de maneira inteligente e isso acontece em boa parte dos quadros analisados.

Vale salientar que, no mesmo quadro da educação sexual, o ator José Loreto, ao falar sobre a menstruação, na visão do pesquisador, agiu de maneira equivocada, mas isso pode divergir da opinião de outros telespectadores e da organização do programa. O humor é relativo, nem sempre toda piada irá funcionar para o todos. Porém, percebe-se a preocupação para que nenhuma informação incorreta seja transmitida por meio da diversão, por isso a presença e participação constante dos especialistas. Caso aconteça algum ruído entre emissão de informação e uso do humor, o programa irá falhar no seu propósito de unir ambos de forma inteligente, dando brecha para críticas. Porém, reforço que cada pessoa entende o humor de uma maneira, podendo dar certo ou não. Isso é

um risco que o programa assumiu.

No caso da explicação de Mariana é possível compreender como o uso do humor atuou de maneira interessante, fazendo com que o assunto fosse encarado de um jeito divertido, mesmo sendo um período de muitas dúvidas. Na entrevista, a diretora geral afirmou que um dos objetivos do programa era “conseguir transmitir o que a gente achava importante de transmitir com leveza, com humor quando possível, com seriedade, com beleza, né? Porque não dizer isso” (GLEISER, 2021). Ou seja, aquele humor gerado pela explicação, pode ter feito o assunto chegar aos telespectadores que estivessem passando por aqueles momentos, demonstrando a naturalidade do processo de crescer, sendo assim, reforçando o objetivo da atração.

Como citado anteriormente, existe o tabu de falar sobre sexo em casa, além de educação sexual não ser uma realidade de todos. Não sendo possível debater o tema de forma adequada, o *Amor e Sexo* pode ser entendido, na visão desse pesquisador, como uma alternativa para se compreender o assunto, porém, sem assumir o papel da família ou da instituição de ensino, mas sim atuando como uma possibilidade extra e divertida.

A partir desse exemplo de Mariana, é possível afirmar que, além das abordagens não convencionais do programa, os jurados da atração também são responsáveis por garantir o protagonismo na TV brasileira. Acredito que os jurados fixos trazem à atração um ar de ‘gente como a gente’, fazendo com que o público se identifique neles e ria com eles. No quadro da educação sexual, nem Mariana nem Loreto demonstram vergonha ao tratar de temas tão íntimos para as pessoas. Otaviano e Eduardo são os que mais geram comentários engraçados, fazendo graça de quase tudo (claro, respeitando os pontos mais sérios da discussão). Dudu Bertholini colabora com comentários mais contundentes que carregam uma carga de conteúdo e informações que agregam. Regina é psicanalista, então acaba sendo a ‘voz da razão’ do grupo, mas longe de agir dessa forma. Em quase todos os quadros analisados ela está presente com explicações e afirmações que servem como um bônus à discussão.

Bem como o humor e as personagens, o diálogo pode ser visto como outro diferencial. De acordo com os conteúdos dispostos no quarto capítulo, verifica-se que o quadro Comportamento Sexual, do TV Mulher, ou o programa Erótica MTV, da MTV Brasil, não faltaram com o diálogo. Ele existiu, porém, foi

feito de uma maneira mais convencional, explicando o essencial ao público. No *Amor e Sexo*, esse diálogo é expandido e atinge o programa como um todo, sendo um elemento essencial e enraizado na proposta.

O ato de dialogar e trocar informações é algo natural dos seres humanos. É utilizado para fazer negócios, parcerias, para encontrar um novo amor, para chegar a lugares novos, entre outros. Farneda (2007), no segundo capítulo, salienta que os programas de debates consistem na troca de ideias, no confronto de pontos de vista, com o objetivo de conversar/persuadir o público/telespectador. Ou seja, usam do diálogo em sua essência.

No caso do *Amor e Sexo*, acredito que pode surgir o questionamento de 'okay, o *Amor e Sexo* promove o diálogo, mas o que isso tem de inovador que o torna protagonista?'. Vejo o fato do diálogo existir já como um grande diferencial, mas o que o torna especial é quem o faz. No quarto episódio, destinado a falar sobre a quebra de estereótipos femininos, Fernanda chamou ao palco seis mulheres com diferentes características. Esse encontro possibilitou que essas pessoas falassem com o público sobre os preconceitos e estereótipos de gênero. Saliento que não é todos os dias que as mulheres encontram espaços na sociedade que as permitam falar sobre seus sentimentos, principalmente na televisão brasileira.

Figura 16 - Convidadas diversas presentes no palco do *Amor e Sexo*

Fonte: Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulheres e a caça às bruxas do século XXI’, 2018.

Uma dessas mulheres, Mayumi Sato, que é diretora de comunicação de um site para maiores de 18 anos, trouxe para a conversa a questão da masturbação feminina, tema polêmico e ainda pouco abordado, destacando que

> a masturbação é essencial principalmente pelo autoconhecimento, né? A gente estava falando sobre o tantra que também ajuda as mulheres a encontrarem esse lugar de conseguirem indicar o que dá mais prazer, o que dá menos. Mas eu também gosto de trazer esse assunto e tirar do lugar comum de que é só responsabilidade da mulher saber se masturbar e chegar lá e atingir o orgasmo, né? (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulheres e a caça às bruxas do século XXI’, 2018).

Já a convidada Sá Olbear, dona de um canal feminista voltado às mulheres pretas, é questionada por Fernanda Lima sobre o que pesa para as mulheres que assumem abertamente gostar de sexo. A convidada responde que “pesa simplesmente a culpa, né? Essa culpa que a gente carrega, que como mulher já carrega, que como mãe carrega mais ainda (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulheres e a caça às bruxas do século XXI’, 2018). A fala de Sá vai ao encontro do primeiro quadro analisado, onde mães e filhos falam

sobre sexo.

Na minha visão, ao discutir a pauta em 2016 (data de exibição do quadro um), o programa tinha o objetivo de criar um espaço onde o tema pudesse ser debatido e questionado por mais pessoas. A questão mães e sexo ser pauta novamente, dois anos depois, demonstra que o tabu ainda está vivo e pulsante. A repetição de pauta não é um problema, mas uma alternativa. Se ainda é uma questão para a sociedade as mães fazerem sexo, então ainda é válida a discussão no programa, trazendo novas abordagens, novos exemplos, novos rostos e vivências, retornando a chance ao telespectador para o pensamento e reavaliação de pré-conceitos. Sendo assim, o programa demonstra a sua persistência em fazer com que as pessoas reflitam e continuem o diálogo sobre o assunto.

Quando questionada se o que se faz entre quatro paredes define a orientação sexual das pessoas, a convidada Dora Figueiredo, que é bissexual, foi contundente: “temos os rótulos que a gente tem, sou bi, sou lésbica, só que assim, se você não consegue se enquadrar em um grupo, tá tudo bem, tá tudo ótimo” (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio ‘As mulheres e a caça às bruxas do século XXI’, 2018). Esses exemplos reforçam que o diálogo é necessário e as pessoas precisam de espaço para falar, principalmente aquelas que não encontram brechas na sociedade e que seguem silenciadas. Mesmo com menos de uma hora de duração por episódio (esse quadro em específico tem pouco mais de 10 minutos), o *Amor e Sexo* é capaz de gerar um debate agregador e que não exclui ninguém, mas que convida para se juntarem àquele momento.

As interações também sinalizam o interesse do programa em querer levar discussões variadas para o grande público, mesmo que nem sempre o assunto fosse de fácil entendimento, ou que precisasse de mais de um episódio para ser trabalhado. Segundo a diretora geral, “a gente debatia assuntos que estão aí, mas que muitas vezes estavam escondidos embaixo do tapete. Acho que muitas vezes a gente levantava esse tapete, botava uma lupa e ‘oh, vamos falar disso aqui’” (GLEISER, 2021). Essa ‘lupa’ citada por ela, na visão deste pesquisador, pode ser compreendida como um fator decisivo na longevidade do programa, visto que os temas explicados e abordados precisam, constantemente, ser revisitados e atualizados.

Acredito que essa atualização promovida pelo programa seria necessária

no atual momento do Brasil (novembro de 2021), onde a desinformação impera. Como a sua mais recente temporada foi exibida em 2018, o programa não presenciou o governo Jair Bolsonaro. É sabido que muitas das pautas levantadas pela atração não se encaixam com as diretrizes e pensamentos do governante. Acredito que o programa faz falta, já que, após a sua última exibição em rede aberta, nenhuma outra produção audiovisual na TV aberta apresentou o mesmo tipo e o mesmo nível de debate que o *Amor e Sexo* entregava ao público. Também vejo que a atração seria uma boa antítese a um governo que não apoia as minorias políticas. O ato de fazer falta também pode demonstrar como o programa é protagonista na televisão brasileira, não deixando dúvidas de que suas brincadeiras e conversas informais iluminam pautas tão pertinentes diariamente, principalmente, em um país como o Brasil, onde crimes de ódio contra minorias são constantes, como destacado no quarto capítulo.

Mesmo que não volte a ser produzido e que se mantenha apenas na plataforma GloboPlay, as pautas, as discussões, os convidados diversos, os momentos de risadas, os números musicais, os belos figurinos e tantos outros aspectos ficarão marcados devido ao êxito do *Amor e Sexo* em dar protagonismo não para si mesmo, mas para o diálogo entre rostos diversos e um público disposto a aprender.

Além do *Protagonismo* que o programa carrega em sua bagagem, outra categoria merece destaque nesta pesquisa: *Relevância Social*. Ela será apresentada e analisada no subtítulo a seguir.

6.3 RELEVÂNCIA SOCIAL

“Acho que conseguiu impactar o público de maneira muito positiva” (GLEISER, 2021). Essa frase dita pela diretora geral do Amor e Sexo durante a entrevista ao pesquisador traz o cerne da última categoria do processo da Análise de Conteúdo: a Relevância Social do Amor e Sexo. Acredito que, ao colocar um programa como esse no ar, produtores, diretores e a equipe em geral desejam que a atração seja bem quista, que agregue algo ao público. Visto o nível dos debates e conteúdos propostos, se entende que apenas entreter não era exatamente o plano da atração, afinal, semanalmente, por 11 temporadas, o programa se comprometeu

a apresentar ao público os mais variados temas de maneiras inovadoras, indo de nudez a violência contra a mulher, do romantismo a educação sexual.

Ao assumir esse posto, em minha visão a partir da análise dos quadros, o *Amor e Sexo* assinou um 'acordo' com seu público: este é um lugar seguro onde iremos falar e educar sobre um tema que gera consequências na sociedade como um todo. E esse 'contrato' com o telespectador é confirmado quando o público responde de forma positiva. Segundo a diretora geral, eram diárias as sinalizações sobre as pautas levantadas pelo programa. De acordo com ela,

> a gente recebia muitos espectadores dizendo que 'foi a primeira vez que eu contei para os meus pais sobre o fato de eu ser gay', ou 'a primeira vez que eu conversei com os meus pais sobre algum tema que era um tabu em casa'. Então, isso é o mais gratificante (GLEISER, 2021).

Neste comentário em específico já é possível perceber que a relevância social do programa existe. O fato da atração ter atuado como um facilitador na hora de se discutir orientação sexual de forma saudável e pacífica dentro de lares brasileiros mostra a força do debate e inclusão gerados pelo programa.

É claro que seria ingenuidade pensar que o respeito iria nascer de uma noite para outra, já que os não apoiadores continuaram a existir, mesmo com uma informação de qualidade ali disponível. Entretanto, esse conteúdo também pode chegar a grupos que nem reprovam e nem aprovam, mas que tem dúvidas ou a mais completa desinformação.

No caso da comunidade LGBTQIA+, acredito que dois grandes serviços são prestados à sociedade por meio do programa: o primeiro envolve a questão de informar ao grande público quem são essas pessoas e as mostrar como seres normais, que também são cidadãos, que pagam suas contas, seus impostos e que tem seus direitos. O segundo serviço é proporcionar que essa educação seja feita pela própria comunidade, permitindo que ela ocupe um lugar valioso na rede aberta de televisão. Espaço esse que nem sempre existiu.

No quarto capítulo, os autores Nascimento, Santos e Rodrigues (2017) salientam que as lutas da comunidade LGBTQIA+ vinham sendo deslegitimadas pela mídia. Silva (2015) relembra que é nas tradicionais novelas que o público LGBTQIA+ era mais representado, mesmo que nem sempre de uma maneira verdadeira, sendo estereotipados e apresentados com exageros, coisa que não

condiz com a realidade, já que a comunidade é diversa e cada pessoa tem suas individualidades.

Outro exemplo da relevância social do programa com as pautas LGBTQIA+ está atrelado a duas convidadas do quarto quadro analisado. Elas são mulheres trans e, como apresentado no quarto capítulo, de acordo com o *Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*[33], o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais no mundo todo. O fato de as participantes Maite e Vivian estarem no palco do programa, usando de suas vozes para expressarem as suas vidas, é de extrema importância. O jurado Dudu Bertholini, durante o quadro, após a fala das convidadas, emitiu comentário importante sobre o significado daquele momento:

> que orgulho dessa representatividade trans em um programa que fala sobre mulheres. Eu acho que a gente tem um compromisso enorme em legitimar o direito de vocês de ser mulher no país que mais mata trans e LGBTQ+ hoje em dia, que é o Brasil, então justamente eu acho que a gente tem um compromisso em garantir o direito de vocês de ser mulher (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As mulheres e a caça às bruxas do século XXI', 2018).

Na minha visão, o comentário emitido pelo jurado destaca que, ao incluir as pessoas trans, o programa exerce um forte papel no reconhecimento dessas pessoas como cidadãos e cidadãs pertencentes à sociedade, que merecem e devem ter seus direitos básicos garantidos, principalmente o direito à vida. Também é importante analisar que ao discutir questões femininas o programa tem sim a obrigação de incluir esse grupo de mulheres, onde mais uma vez irá possibilitar a naturalização de suas presenças, não as transformando em seres estranhos.

Ao serem reconhecidas pelos demais grupos, as pessoas trans e travestis garantem o respeito que merecem, assim como qualquer outro grupo da sociedade. Suas lutas e anseios precisam chegar aos demais públicos, pois se a discussão permanecer apenas no ciclo de convivência, ao furar a bolha e adentrar demais grupos, o desconhecimento poderá continuar a gerar preconceitos e violências. Por isso é importante que a discussão sobre a pauta chegue a todos os públicos e o Amor e Sexo faz isso de forma delicada, sem expor seus convidados ao

[33] Disponível em <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf> Acesso em 09 out 2021.

sensacionalismo, apenas lhe entregando o microfone e permitindo que eles mesmos emitam suas verdades e opiniões.

Em um momento do quarto quadro, Fernanda Lima questiona Vivian, uma das convidadas trans, de quais eram seus desafios na sociedade para se tornar mulher. Vivian é clara na sua resposta:

> olha, todos, né. Eu sou mulher trans, então eu tive, na verdade, que resgatar internamente essa mulher que já estava lá. Só que antes era oprimida, não era possível de existir essa mulher. Na verdade eu me sentia um CD virgem, você não é nada, você não é nem um nem o outro e você tenta caminhar pelo meio sempre. 'Você é assexual?', as pessoas perguntavam muito isso pra mim, porque realmente eu não expressava nada, porque eu não podia ser quem eu era, mas também jamais seria o que eu não era (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As mulheres e a caça às bruxas do século XXI', 2018).

A fala e a presença de Vivian no palco do *Amor e Sexo*, recebendo destaque e atenção, chegaram ao público de maneira natural, mas contundente, pois explanou as dificuldades impostos a uma pessoa trans.

As duas convidadas representam milhares de pessoas que não tem voz na sociedade, que buscam se encontrar e se identificar como seres de valor. É de encher os olhos pensar na diferença que essa presença no palco pode ter feito na vida de uma pessoa que está em casa e que não se entende naquele gênero e corpo que lhe foi designado ao nascer. Essa pessoa recebeu informações de que é possível viver e se entender como ser humano e do seu próprio jeito, mesmo que tenham lutas pelo caminho. E tudo isso por meio de vozes semelhantes.

Como um homem gay, acredito que a atração, por trabalhar com a comunidade de forma natural e inclusiva, tenha se tornado uma espécie de aliado, um refúgio. Nenhum outro programa ou novela apresentou questionamentos, vontades e pautas do grupo LGBTQIA+ como o *Amor e Sexo*. Parece quase impossível, em pleno século XXI, que se comemore esse tipo de espaço, sendo que já deveria estar normalizado. Ao analisar os quadros, é possível perceber que o programa não tinha a pretensão de desaparecer com os preconceitos e nem fazer com que o público aceitasse de uma vez por todas aquela pauta. Alguns entendimentos levam tempo, principalmente para uma sociedade que carrega conceitos e mitos por muitas gerações.

Além do caso de Maite e Vivian, outro destaque está presente no terceiro quadro, que fala sobre as composições familiares. As famílias homoafetivas que estão no palco, representadas por Karen, sua esposa e os filhos, e por Saulo, seu marido e o filho Teodoro (que não está presente), são apresentadas de forma orgânica, sem a necessidade de uma explicação ou contextualização, já que são famílias e ponto.

Neste caso, o potencial das ações do programa se reforçam ainda mais, já que a presença dessas famílias permitiu ao público a descoberta de grupos familiares que são uma realidade brasileira e mundial. As suas presenças no palco do Amor e Sexo validam ainda mais as suas existências. Quando parte da sociedade impõe que família é apenas marido, mulher e filhos, ela exclui qualquer outra possibilidade. Ao colocar essa diversidade em tela, mais uma vez o programa mostra que possibilidades existem e se elas forem questionadas, a Justiça brasileira estará disposta a comprovar que não há problema algum.

Além de pontos da comunidade LGBTQIA+, a relevância social do programa também está associada com a promoção da diversidade, tendo questões que envolvem o público feminino como destaque.

É de conhecimento de todos que as mulheres brasileiras são diversas, cada uma com o seu jeito de ser, com um estilo próprio, que são mais altas, que são mais baixas, que têm pesos diferentes, cabelos mais ou menos coloridos, roupas mais ou menos justas, enfim, infinitas particularidades. Contudo, as mulheres são colocadas na mesma caixa quando lhes são impostos certos estereótipos. No quarto episódio, quando o programa discute e expõe esses pré-conceitos através das vozes de mulheres diferentes umas das outras, ele demonstra que não tem medo de tocar em feridas pertinentes não só para elas, mas para a sociedade como um todo.

Ao analisar o quadro e as falas das convidadas, que envolvem desde a masturbação feminina até questões como pressões sociais em mães, até pode parecer que aquela discussão já existe na sociedade, que são comuns nos lares brasileiros. As convidadas demonstram ser pessoas tão evoluídas e entendidas de si que podem passar ao público uma imagem de que são seres inalcançáveis. Mas não acredito que esse seja o que o público recebe de fato. Esses exemplos trazidos pelo programa, como bem disse Gleiser (2021) na entrevista, são pessoas pessoas pensadas para contribuir ao debate. Ter mulheres empoderadas no palco, falando sobre preconceitos que existem e como driblar essas adversidades, colaboram para

que demais mulheres assumam posições de controle de suas narrativas, que vão em busca de demais conteúdos que as empoderem, que as libertem de imposições de uma sociedade machista.

E o que considero o melhor desse debate é o fato do programa não ter medo ou receio de tocar nesses assuntos. Como salientado na categoria do Protagonismo, o programa não se importava muito se algumas expressões iriam causar desconforto. Um exemplo disso é quando o debate abrange a masturbação feminina, tema que ainda gera 'caras feias'. Mesmo que seja algo normal, assim como a masculina, algumas mulheres rejeitam esse ato de prazer. Uma das convidadas é Carol Teixeira, instrutora de tantra, e na conversa com a apresentadora ela expõe uma questão que se nota em diversas de suas clientes: o não conhecimento do próprio corpo. Ela afirma:

> então, é um curso de empoderamento feminino através do tantra e eu criei ele porque eu comecei a perceber que tinha muita mulher que se dizia empoderada, feminista, mas entre quatro paredes ela ainda fingia orgasmo. Então, no meu curso, eu trago muito isso. Desbloquear emoções, desbloquear, quebrar crenças limitantes, mas depois eu levo elas realmente a terem contato com a vagina, olhar a vagina. **FL:** Espelho mesmo. **CL:** Espelho mesmo. Eu dou um vibrador pra cada uma e elas se masturbam. Então eu vejo uma sala inteira de 40 mulheres se masturbando. Eu acho que isso é revolução (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As mulheres e a caça às bruxas do século XXI', 2018)

Essas informações apresentadas por Carol, além de revelarem uma realidade na vida de muitas mulheres, dá a oportunidade que telespectadoras repensem a relação com seus corpos, incluindo seus sentimentos e desejos. Essa conversa com as mulheres não as impõe que pratiquem a masturbação, mas as apresenta uma nova possibilidade. Esse pequeno ato do programa demonstra, mais uma vez, o serviço social prestado ao público. E esse serviço não é resumido a uma palestra de saúde, o que poderia deixar a situação engessada. Ele é divertido e descontraído, tendo exemplos reais e acessíveis.

Na Idade Média, a sexualidade das mulheres era vista com receio e até como sinais da prática de bruxaria. A 'caça às bruxas' ficou marcada como um dos mais trágicos períodos da história. No quadro, a jurada fixa Regina Navarro Lins explica que

> a caça às bruxas foi a pior página da história do ocidente, onde centenas de milhares de mulheres foram queimadas vivas na fogueira. Então a história começou assim: desde a antiguidade as mulheres tinham, dominavam alguns saberes, faziam parto, elas aprimoraram conhecimentos e se tornaram muito ameaçadoras ao poder médico. Se espalhou uma notícia de que iam derrubar os reinos com magias, com envenenamento, então as mulheres foram acusadas de fazer sexo com o diabo. Bastava a mulher ser atraente para ser considerada uma feiticeira e isso deixou marca na história, na submissão da mulher e no temor da própria sexualidade (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As mulheres e a caça às bruxas do século XXI', 2018).

A combinação da fala de Regina com o restante do conteúdo exposto ao público deixa claro que os tempos mudaram, de que as mulheres têm liberdade para exercerem suas vidas sexuais de forma plena e como quiserem, sem a necessidade de seguir ordens. Contudo, esse discurso da liberdade sexual na televisão brasileira não é exclusivo do *Amor e Sexo*. Nos anos 1980, o quadro *Comportamento Sexual* do *TV Mulher* foi o pioneiro em reforçar os direitos das mulheres. Dias (2018) afirma que o quadro e o programa souberam acompanhar e mostrar demandas das vozes femininas, não deixando que fossem ignoradas. Ao meu ver, neste quesito, o *Amor e Sexo* herdou o melhor do quadro e o potencializou. Se nos anos 1980 as demandas existiam, nos anos 2010 isso não seria diferente, sendo até maior, exigindo ainda mais que informações sérias e embasadas fossem transmitidas a um público disposto a receber aqueles conteúdos e trabalhá-los da melhor forma possível a seu favor.

Para complementar o debate, as juradas fixas e convidadas famosas trazem suas próprias experiências com preconceitos, o que demonstra que elas são pessoas reais e que a fama não as impede de sofrerem com estereótipos. Ao ser perguntada quando a chamam de louca, a atriz Mônica Iozzi afirma que "já fui chamada de louca quando eu vi um namorado com outra pessoa e ele conseguiu me convencer que eu tava errada, que eu tava louca" (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As mulheres e a caça às bruxas do século XXI', 2018). Para complementar a fala de Mônica, Fernanda introduz a escritora Djamila Ribeiro, a questionando o que está por trás de a mulher ser chamada de louca. Djamila responde:

> é, dentro desse contexto, é sempre no sentido de desqualificar a mulher, né? Inclusive de fazer com que ela acredite que de fato ela tá enlouquecendo, porque tem táticas, né? Que se chama de gaslighting. **FL:** Como no caso que a Mônica acabou de dizer. **DR:** Como o que a Mônica acabou de falar, mas sobretudo em relação a mulheres que não aceitam as imposições de uma sociedade machista. Toda a vez que a gente se coloca contra, toda vez que a gente tenta transcender isso, colocam a gente nesse lugar de louca (Amor e Sexo, 11ª temporada, episódio 'As mulheres e a caça às bruxas do século XXI', 2018).

Na minha visão, a fala de Djamila, além de autoexplicativa, é de extrema competência, pois pode atuar como um 'abrir os olhos' de muitas mulheres que passam pelas mesmas situações, seja em relações amorosas ou no mercado de trabalho, levando ao entendimento de que aquelas situações não são normais e que não devem ser repetidas, afinal, ela não está louca, apenas está exercendo seus direitos e validando seus sentimentos.

Quando Gleiser (2021) reforça que o programa buscava se inovar constantemente, trago como sua maior novidade, em relação às pautas femininas, a seguinte: deixar as mulheres falarem. A piada popular de cunho machista de que as mulheres falam pelos cotovelos, no caso do programa, é subvertida em pretexto para que elas falem à vontade sobre o que quiserem, afinal, elas são as donas de suas histórias e vivências.

Esse quarto quadro sobre os estereótipos femininos, de forma não direta, está ligado ao primeiro analisado. Eles se assemelham na desmistificação de preconceitos que são atribuídos às mulheres. Exibido dois anos antes, o quadro um, que traz um brincadeira entre familiares sobre sexo, envolve uma questão delicada, pois abrange um laço entre mães e seus filhos. Laço esse que, na minha visão, mexe com sentimentos profundos.

Contudo, as abordagens do programa, todas com muita diversão e provocação, não afetam esses sentimentos. O que ele faz é possibilitar que novas ideias e novos conceitos sejam introduzidos nessa relação, tornando o laço entre mãe e filho mais resistente e honesto. Aqui, o serviço social é básico: mostrar que a conversa sobre sexualidade, gênero, orientação sexual, fantasias e liberdades sexuais pode existir. E tudo em meio a uma grande descontração.

Entendo que a atração poderia cair, facilmente, para um jogo de correções e repreensões das duas partes, mas o que acontece é longe disso. Por estarem dispostos a participar daquela encontro, mães e filhos se divertiram, acharam e

fizeram graça de situações que poderiam causar timidez. Essa atitude do programa, de seus convidados, da apresentadora e dos jurados mostram ao público de casa que aquela mesma brincadeira pode ser feita nos lares e que poderá criar cumplicidade e honestidade dentro de casa. Porém, destaco que tudo que o programa faz é uma proposta, não uma obrigação dada ao público. E é justamente isso que reforça a sua relevância, já que, uma proposta bem oferecida tem muito mais chances de ser aceita e praticada do que uma ação forçada e imposta.

Algo parecido acontece no segundo quadro, que discute a educação sexual. De forma engraçada, o programa estimula seu público a entender mais sobre um processo natural da vida: a puberdade. Mas além de estimular e propor, o programa oferece fatos ao público. Informações essas que podem ser encaradas como duras e difíceis, mas que ajudam na compreensão da importância daquele tema. No quadro, uma das convidadas, que é pedagoga, é perguntada se sexo se aprende também na escola. Ela responde:

> com certeza. Tem que falar sobre prevenção, o tempo todo, ainda mais hoje em dia, onde você tem um aumento da gravidez precoce no Brasil absurdo e eu diria até criminoso, de você ter crianças de 11 anos, 12 anos sendo mães, não é? E a paternidade irresponsável também lá para os 13, 14 anos. Então eu acho que tem que aprender sim (Amor e Sexo, 10ª temporada, episódio ‘A educação sexual’, 2017).

Além do lúdico e do engraçado, o *Amor e Sexo* também precisa ser sincero com seu público, não deixando que os conteúdos não sejam levadas a sério. É a partir de pessoas como Yvonne, Djamila, o advogado de direito da família Rodrigo, Maite, Vivian, mães e filhos, Carol, Mayumi, a ginecologista Vivian, entre outros, que o programa coloca seus pés na realidade e presta seu serviço ao público, não o iludindo de que o mundo é apenas uma diversão constante, mas que existem dificuldade e adversidades a serem vencidas e que essa vitória pode ser feita com informação de qualidade e diversão na medida certa. Claro que a originalidade do programa e a sua capacidade de transformação fazem a diferença no todo. Entretanto, é a oportunidade e proposta de diálogo que o torna especial e relevante socialmente. Quando perguntei à Daniela Gleiser (2021) se ela sabia qual era a relevância do programa, a diretora disse:

> acho que era um programa de relevância social, mas não sei te falar isso em termos de uma linha do tempo e tudo mais, mas eu acho, eu acredito muito no trabalho social que o programa fez, né? Acho que é isso que eu falei, muita gente, um retorno muito bacana das pessoas (GLEISER, 2021).

No início do texto, destacou-se como esse retorno era importante, pois confirmava que o 'contrato' assinado com o público estava sendo cumprido. Mas além de cumprir com o pré-acordado, o *Amor e Sexo* faz mais e talvez nem tenha noção disso. Ele teve a sagacidade de dar palco e voz a temas que desafiam os bons costumes, que não aguentam mais ser silenciados. Tudo isso sendo apenas um canal de diálogo. Para a diretora geral, o não falar sobre temas como sexualidade, violência contra a mulher, entre outros assuntos abordados na atração, deixa as pessoas 'amargas'. Segundo ela, "acho que o melhor jeito é poder falar e aceitar que o outro é como é e viva a diversidade e todos temos o direito e o dever de amar" (GLEISER, 2021).

Analisadas as três categorias, o próximo passo será a elaboração das considerações finais para responder a questão norteadora desta pesquisa. Assunto do próximo capítulo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Souza (2004) destaca no segundo capítulo desta pesquisa, os programas de auditório fazem parte da história da televisão brasileira. São produções populares, com palcos cheios de gente, com uma energia contagiante e que mistura música, dança, histórias comoventes e conteúdos humorísticos, além de contarem com apresentadores carismáticos.

Mesmo Ciro Marcondes Filho (1988) chamando os programas de auditório de espetáculos circenses, esses programas são parte da nossa cultura, assim como os circos. Seja na Rede Globo, no SBT, na Bandeirantes, na Record, na TV Cultura, na MTV Brasil ou nos diversos canais das emissoras por assinatura, durante às tardes de domingo, nas noites de quarta-feira ou na madrugada de sexta para sábado, os programas de auditório estão lá, levando entretenimento aos seus públicos.

Contudo, além de entreter, as atrações emitem informações para quem as assiste. Dejavite (2006) menciona o *INFOtenimento*, um subgênero que provoca a união da informação e do entretenimento. Em tempos onde os conteúdos jornalísticos apresentam uma grande quantidade de notícias tristes e desanimadoras, ter acesso a um material que informa e diverte é mais do que agradável, é necessário.

O *Amor e Sexo*, um programa brasileiro de auditório, exibido pela Rede Globo de 2009 a 2018, e objeto de estudo desta pesquisa, provoca a união de informação com entretenimento de uma forma que chama atenção mesmo daqueles que rejeitam a categoria. Ao trazer temas considerados tabus pela sociedade para a discussão na rede aberta de televisão, o programa ganhou destaque. E também instigou o desenvolvimento dessa pesquisa por meio da seguinte questão norteadora: *qual o protagonismo e relevância social do programa Amor e Sexo na televisão brasileira?*

Na busca por responder a questão, foram desenvolvidas quatro hipóteses. A primeira delas discorre que *ao abordar temas de relevância na sociedade do século XXI, de forma descontraída e usando da informação e do entretenimento, o programa Amor e Sexo assume o protagonismo junto a seu público*. A hipótese pode ser confirmada pois percebe-se a forma original que a atração trabalhava com suas pautas. Os temas, sendo alguns considerados tabus pela sociedade, eram

apresentados e discutidos de maneira única, fugindo da convencionalidade, utilizando do entretenimento e sem pudor algum. A diretora geral do programa, Daniela Gleiser (2021), no quinto capítulo, em entrevista, destacou o trabalho da equipe de produção em apresentar um produto com originalidade, salientando o cuidado e estudo que cada episódio demandou. Outra evidência que demonstra o protagonismo da atração é o fato de explicar cada assunto por meio de convidados (público ou especialistas) que têm o lugar de fala sobre a temática, possibilitando assim que suas histórias e vivências sejam vistas pelo grande público, o que dá a chance para a existência da inclusão e do diálogo.

A segunda hipótese frisa que *o tom de humor utilizado pelo programa em seus quadros permite um debate descontraído entre especialistas, público presente na plateia e telespectadores, possibilitando uma maior compreensão da pauta discutida*. A partir da análise de conteúdo é possível confirmar a hipótese. O fato do programa usar do humor em praticamente todos os momentos dos quadros analisados, deixa claro que a intenção de divertir o público era primordial. A fácil compreensão dos temas acontecia pelo fato do programa não dificultar o debate. As falas de especialistas e convidados especiais eram naturais, além de explicarem conceitos e termos de forma simples. O humor era introduzido entre esses momentos, com gracejos e brincadeiras, possibilitando que o público sorrisse, mas também gerando o pensamento e a revisão de conceitos. Como destacado no capítulo anterior, Daniela Gleiser (2021) confirmou que era possível o programa tratar de temas sérios com humor, desde que os conteúdos fossem bem trabalhados. E é o bom trabalho que garante a compreensão.

A terceira hipótese destaca que *a participação do painel de jurados e convidados especiais da plateia do Amor e Sexo permite que a discussão de ideias e conceitos se torne mais rica e inclusiva*. A hipótese pode ser confirmada, pois a participação de convidados especiais é considerada como um dos principais triunfos do programa, afinal, é a partir de seus relatos que o *Amor e Sexo* acontece. A diversidade apresentada nos episódios mostra a preocupação do programa de que todos tivessem voz durante a discussão do tema, saindo do silenciamento e ganhando espaço na televisão. Essa ação leva conteúdos de qualidade ao público, fazendo com que as pautas sejam transmitidas por quem realmente as vive, ajudando o telespectador a compreender melhor os temas. No caso dos jurados fixos e convidados famosos esporádicos, percebe-se que as brincadeiras e

observações descontraídas contribuem para a dinâmica do programa. Mesmo que sejam pessoas leigas e às vezes cometam deslizes, talvez por saberem da pauta apenas no momento da gravação ou por realmente não terem conhecimento do assunto, as suas participações se demonstram interessantes ao público também pelo fato de apresentarem informações de cunho pessoal, os aproximando da audiência.

A quarta e última hipótese avalia se *a condução do programa, realizada pela apresentadora Fernanda Lima, aproxima o público (plateia e telespectadores) do debate promovido nas edições, trazendo dinamismo para a discussão*. Essa hipótese pode ser confirmada pois é perceptível o interesse da apresentadora por cada pauta discutida. Isso fica claro na análise do terceiro quadro, onde Fernanda se coloca na posição de público e questiona o advogado do Direito da Família sobre os mais variados tipos familiares. Naquele momento, mesmo já podendo saber todas as respostas (afinal, ela era redatora final do programa e, como salientado pela diretora geral, estudava e tinha domínio sobre os assuntos a serem abordados), Fernanda ouve cada fala junto ao seu público, fazendo com que o telespectador não se sinta sozinho naquele processo de descoberta. Talvez fazer parte da etapa de redação final dê a oportunidade de Fernanda pensar como o público, de levar ao programa os questionamentos de pessoas leigas que estão dispostas a ouvir e entender.

O método de Análise de Conteúdo, apresentado por Laurence Bardin (2011) no quinto capítulo, foi o fio condutor para a elaboração da resposta da questão norteadora. A aplicação do método por meio das técnicas de revisão bibliográfica (que gerou os capítulos Gêneros e Formatos dos Programas da TV, Etapas de Produção dos Conteúdos Audiovisuais e Sexualidade na Televisão Brasileira), observação simples (análise de quatro quadros do programa *Amor e Sexo*) e entrevista (com a diretora geral Daniela Gleiser) possibilitaram a elaboração da resposta.

A partir disso, é possível perceber que o *Amor e Sexo* não pode ser considerado apenas mais um programa de auditório. Mesmo que cumprisse todas as ‘exigências’ impostas à categoria, a cada temporada, debates e conteúdos diferenciados eram apresentados ao público. E a partir deste jeito diferenciado de ser é que se percebe o protagonismo da atração, já que suas características mostram a capacidade de entreter o público com originalidade e humor, sempre

procurando lhe apresentar boas e embasadas discussões sobre temas relevantes na sociedade brasileira. Vale lembrar que essa ação de informar e divertir ao mesmo tempo não é uma novidade, afinal, como diz Dejavite (2006), no segundo capítulo, o conceito do INFOtenimento está presente nas emissoras desde a década de 1980. Contudo, o *Amor e Sexo* destaca-se ao ser o programa que melhor usa do subgênero para se dedicar a temática sexual na televisão brasileira. No quarto capítulo, onde é apresentada uma ordem cronológica de programas que discutiram o tema e suas ramificações, percebe-se que não há nenhum outro parecido com a proposta da atração global. Além do tratamento das pautas, a presença de jurados agregadores de conteúdo, convidados que apresentam suas histórias e as utilizam como incentivadores do diálogo, e uma equipe interessada e cuidadosa com o que está sendo apresentado ao público fazem do *Amor e Sexo* um produto único.

Durante a entrevista, Daniela Gleiser (2021) chegou a afirmar que entre os retornos que a equipe do programa recebia estavam comentários de como era difícil assistir a alguns temas, pois geravam um incômodo, além fazer com que o público se enxergasse como perpetuador de preconceitos. Ao analisar os quadros, é fácil compreender o apontamento de Daniela, já que eu mesmo me vi repensando alguns questionamentos, principalmente no quesito mães e filhos falando sobre sexo. Aquela ação me colocou a pensar sobre a minha relação com meus pais, como lidamos (ou não) com o fato do sexo existir e ser algo do dia a dia.

Também é perceptível que o programa não tinha a pretensão de desaparecer com os preconceitos e nem fazer com que o público aceitasse de uma vez por todas aquela pauta. Alguns entendimentos levam tempo. E é nesse aspecto que se visualiza a relevância social do programa ao se colocar a serviço do público, disposto a explicar e a ensinar sobre o mundo atual, onde as vozes são diversas e pedem respeito. Essa ação educativa, em todos os momentos analisados, está envolta em diversão e descontração, sendo assim, fazendo do humor uma ferramenta útil na absorção de novas informações. Quando o programa coloca em seu palco mulheres pretas, mulheres trans, gays, idosos, os mais variados tipos de famílias, mães e filhos de mente aberta, se exerce a relevância social colocando temas silenciados no centro de um debate sem medos ou tabus e que tem como bônus uma grande celebração das diversidades.

Com a confirmação das hipóteses e a resposta da questão norteadora, é

possível constatar que o objetivo geral da pesquisa (*investigar qual a relevância social e o protagonismo do programa Amor e Sexo na televisão brasileira*) foi atingido. Os objetivos específicos foram igualmente alcançados: *estudar os gêneros de programas televisivos para entender em quais categorias e gêneros o programa Amor e Sexo se encontra; conceituar INFOtenimento, para compreender a essência do objeto da pesquisa, que une informação e entretenimento; conhecer o processo de criação do programa Amor e Sexo para compreender desde a concepção da ideia até a distribuição para o público; pesquisar a abordagem da sexualidade na televisão brasileira para o entender a relevância do Programa Amor e Sexo na TV aberta; analisar o conteúdo apresentado no corpus da pesquisa sobre o programa Amor e Sexo, a fim de investigar seu protagonismo e relevância social na rede aberta de televisão.*

O único objetivo específico atingido de maneira parcial foi *entrevistar profissionais envolvidos na elaboração do programa*. A entrevista com profissionais contou com apenas uma participante: a diretora geral Daniela Gleiser. O contato com a apresentadora Fernanda Lima e com a redatora Milly Lacombe foi realizado, porém, sem retorno positivo. Todavia, a não participação delas não comprometeu a pesquisa, sendo que o retorno de Gleiser (2021) teve grande relevância para a pesquisa.

Com a produção deste trabalho, é possível afirmar que o programa *Amor e Sexo* entrega ao seu público uma boa combinação entre informação e entretenimento. Portanto, percebe-se que a pesquisa é de grande importância para a compreensão da hibridização de duas categorias tão distintas, mas que quando trabalhadas juntas, de maneira inteligente, se tornam um potente veículo para a criação de uma sociedade mais tolerante, informada e, porque não, mais feliz. Quando cito sociedade, não me excluo desse grupo, pois acredito que, durante a pesquisa, pude me questionar e perceber que algumas de minhas atitudes mereciam uma revisão.

Mesmo não sendo exibido na rede aberta neste momento, o programa ainda atua como esclarecedor e educador. É interessante sentar no sofá, assistir a atração (disponível na plataforma Globoplay) e perceber que seus temas e debates continuam atuais. Isso demonstra, por um lado, o debate bem feito, mas também a necessidade da continuação dos diálogos.

A pesquisa também possibilitou a compreensão dos processos de construção de um programa tão complexo e diferenciado, que tem em sua essência um clássico, mas que soube se adaptar às mudanças sociais que os anos impuseram. O Jornalismo tem um papel importante ao dar espaço e mostrar essas mudanças, fazendo com que sejam vistas e discutidas, proporcionando o conhecimento. Como futuro jornalista, acredito que todos os profissionais têm o dever de colaborar para que esse papel social não seja engolido por interesses individuais, não permitindo que a humanidade do Jornalismo seja trocada por uma rápida explicação que será esquecida em cinco minutos.

Programas como o *Amor e Sexo* oferecem uma chance de não desistir da ideia de que é possível criar um debate humanizado e potente sem a exclusão da diversão, tão necessária em tempos sombrios. Assim como a diversão, a educação também é indispensável, afinal, o mundo está em constante evolução. O ato de aprender deve ser contínuo, pois tenho certeza que ninguém quer ficar preso nos tempos do preconceito.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gabriel Bento Alves. **O Jornalismo interpretativo no Globo News Internacional:** a informação além do hard news. Orientadora: Profª Ma. Adriana dos Santos Schleder. 2019. 240 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5458;jsessionid=82D13152F1045AAA8BC4360817323CB5> Acesso em 21 ago. 2021.

ANTRA BRASIL. **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf> Acesso em 09 out 2021.

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo com traços de literatura**: alguns apontamentos sobre o gênero diversional. Intercom: Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0967-1.pdf> Acesso em 26 ago. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL ESCOLA. **Cisgênero e transgênero**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sexualidade/cisgenero-transgenero.htm> Acesso em 25 set 2021

BUENO, Rita de Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação sexual no Brasil: apontamentos para reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 29, n. 01, p. 49–56, Dez. 2018. Disponível em: <https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/41> Acesso em 22 set. 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Cleo Araujo é empossada como a primeira vereadora transexual da história de Caxias do Sul**. Disponível em: <http://www.camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/22910> Acesso em 26 set 2021.

CARRIÈRE, Jean-Claude. Práctica del guión - Cinematográfico. Barcelona: Paidós, 1981.

CHADWICK, Andrew. **The Hybrid Media System:** Politics and Power. Oxford: Oxford Scholarship Online, 2013. *E-boo*k. Disponível em: <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780199759477.001.0001/acprof-9780199759477> Acesso em 26 ago. 2021.

CNN BRASIL. **O Grande Debate**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/o-grande-debate/> Acesso em 21 nov 2021.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CURADO, Olga. **A notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002.

DIAS, Francielly de Brites Costa Dias. **TV Mulher do passado ao presente**: a construção da memória sobre a representação feminina. Orientador: Prof. Dr. Flavio A. C. Porcello. 2018. 114 f. Dissertação (mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178302> Acesso em 30 set. 2021.

DIAS, Patrícia Ruas. Televisão brasileira e entretenimento: do espetáculo ao mito. **Extraprensa: Cultura e Comunicação na América Latina**, São Paulo, v. 10, n. , Jul. 2017, p. 284-298. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/issue/view/9894/1046> Acesso em 22 ago. 2021.

DICIO. **Debate**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/debate/> Acesso em 19 ago 2021

DICIO. **Variedades.** Disponível em: <https://www.dicio.com.br/variedades/> Acesso em 21 ago 2021.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: entre gêneros, formatos e tons**. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0399-1.pdf> Acesso

em: 04 jun. 2021.

EDUCA MAIS BRASIL. **Qual o significado da sigla LGBTQIA+?.** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia> Acesso em 20 jun. 2021.

FARNEDA, Eliete Sampaio. **O Debate Televisivo**: um estudo das Estratégias Argumentativas no Discurso Feminino. 2007. Orientadora: Profª Dra. Zilda Gaspar de Oliveira Aquino. Dissertação (mestrado em Filosofia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05122007-143336/publico/TESE_ELIETE_SAMPAIO_FARNEDA.pdf> Acesso em 22 ago. 2021.

FIELD, Syd. **The Screen Writers's Workbook**. New York: Dell Publishing, 1984.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GLEISER, Daniela. Entrevista concedida ao pesquisador deste trabalho de conclusão de curso em 15 de setembro de 2021.

GLOBOPLAY. **Variedades**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/categorias/variedades/> Acesso em 21 ago 2021.

GÓES, Zico. **MTV, Bota Essa P#@% Pra Funcionar**. São Paulo: Panda Books, 2014.

BRASIL. **Classificação Indicativa**. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1> Acesso em 29 ago 2021.

BRASIL. **Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d52795.htm> Acesso em 29 ago 2021.

GRANADO, Antonio; SILVA, Dora. Hibridismo e Jornalismo. **Media & Jornalismo***,* Lisboa, v. 21, n. 38. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/462/197 >. Acesso em: 26 jun. 2021.

KAHHALE, Edna Maria Peters. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOOK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

KELLISON, Cathrine. **Produção e Direção para TV e Vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana:** Estudo de caso do programa Brasil Urgente. Orientadora: Prof. Dra. Vera Regina Veiga França. 2007. 118 f. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAFI-7TJQ2R/1/dissertacao.pdf> Acesso em 27 ago. 2021.

LEITE, Davi Aparecido; JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. ***Call Me By Your Name*****:** Representatividade LGBT no cinema. Intercom Centro-Oeste: Goiânia, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0410-1.pdf> Acesso em 21 set. 2021.

LOPES, Tiago de Souza. **Encontro marcado com o grotesco**. Orientadora: Profª Potiguara Mendes da Silveira Júnior. 2006. 66 f. Monografia (graduação em Comunicação social). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/TLdeSouza.pdf> Acesso em 23 ago. 2021.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAIA, Jussara Peixoto. Programas de Variedades na TV e Entretenimento: Investigando o Rastro dessas Relações. **Ação Midiática**, v. 8, p. 01-13, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/38011/23989> Acesso em 20 ago. 2021.

MALCHER, Maria A**. Teledramaturgia: agente estratégico na construção da TV aberta brasileira.** São Paulo: Intercom, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

MELO, Anderson Luiz de Melo. **De Ivana a Ivan:** a transexualidade em A Força do Querer, os resultados de um estudo de recepção. Intercom: Belém, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1039-1.pdf> Acesso em 27 set. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. **Amor e Sexo**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo> Acesso em 21 mai. 2021 e 20 jun. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. **Comportamento Sexual**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/quadros-e-colunas/comportamento-sexual/> Acesso em 19 set 2021.

MEMÓRIA GLOBO. **Memória Globo**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/> Acesso em 27 set. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. **TV Mulher**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/> Acesso em 19 jun. 2021.

MOREIRA, Diego Gouveia. ‘Meu nome é Natacha’: Novas narrativas sobre transgeneridade na ficção seriada brasileira a partir da conquista de direitos. **REVISTA ALCEU**, v. 20, n. 41, p. 112-128, jul/set. 2020. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/84/75> Acesso em 27 set. 2021.

MOREIRA, Jéssica; CAVALCANTE, Marlons; SOUSA, Mônica C. P. **Visibilidade e Representatividade Transexual:** A personagem Ivana em “A Força do Querer”. Intercom Joinvill, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0665-1.pdf> Acesso em: 21 jun. 2021.

NASCIMENTO, Iúrio Ferreira do; SANTOS, Maria Andreia dos; RODRIGUES, Isadora Meneses. **Gênero e Sexualidade:** Uma análise do Programa 'Amor e Sexo' exbido em 02 de Março de 2017. Intercom Nordeste, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1282-1.pdf> Acesso em 20 jun. 2021.

NETTO, Reynaldo Carilo Carvalho. **Amor e Sexo. O *framing* da Globo e quebra de tabu**. 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/netto-reynaldo-amor-e-sexo.pdf> Acesso em 28 ago. 2021.

PORTO, Pollyana Cabral. **Sensacionalismo na TV:** interesse público x interesse do público. 2013. Orientadora: Ana Maria Fleury Seidl Pinheiro. 44 f. Monografia (graduação em Jornalismo) - Faculdades Integradas Promove de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: <http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/b9e454b6afdc3eb4cf8750929d2a66e0.pdf> Acesso em 28 ago. 2021.

QUADROS, Laura Moura de. **Sem preconceito? A representação LGBT em "Amor e Sexo"**. 2015. Orientadora: Prof. Drª. Clarissa Schwartz. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1883/Quadros_Laura_Moura_de.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 jun. 2021.

RAMOS, Patrícia Pimentel de Oliveira Chambers. Liberdade de expressão versus Proteção de Crianças e Adolescentes. **Revista da EMERJ**, v. 09, n. 33, 2006. Disponível em: <https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista33/Revista33_279.pdf> Acesso em 27 ago. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 20 de fevereiro de 2016**. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/4829303/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 30 de março de 2017**. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/5766374/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 23 de outubro de 2018**. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/7109730/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 06 de novembro de 2018**. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/7143317/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

ROHRIG, Daniel. **Humor no telejornalismo:** o potencial informativo do INFOtenimento no programa Furo MTV. 2017. Orientadora: Nadja Hartmann. 63 f. Monografia (graduação em Jornalismo) - Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2017. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/1531/1/PF2017Daniel%20Rohrig.pdf> Acesso em 26 ago. 2021.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Travestimentas e transexualidades no entretenimento televisivo**. Intercom, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2532-1.pdf> Acesso em 28 set. 2021.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. **Conversando sobre Sexualidade na Família**. 2012. Orientador: Profª Drª Dorian Mônica Arpini, 10 f. Cartilha (Programa de Pós-graduação) - Universidade de Santa Maria. Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/518/2020/08/Cartilha-Conversando-sobre-sexualidade-na-familia.pdf> Acesso em 27 set. 2021.

SBT. **Domingo Legal**. Disponível em: <https://www.sbt.com.br/auditorio/domingo-legal#fique-por-dentro> Acesso em 29 ago 2021.

SILVA, Denise Tavares da; MATTOS, Táia Rocha. **Sexo, perguntas e videoteipe:** uma discussão acerca dos programas brasileiros sobre sexualidade, da TV ao *YouTube*. Intercom Sudeste, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-1056-1.pd> Acesso em: 20 jun. 2021.

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (nem tão) má:** representações da homossexualidade na telenovela *Amor à Vida*. 2015. Orientadora: Ana Carolina Damboriarena Escosteguy. 226 f. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7112/1/000467545-Texto%2bCo mpleto-0.pdf> Acesso em: 21 jun. 2021.

SILVA, Fernanda Mauricio da. **O Roda Viva e as estratégias de construção de um debate público**. 2010. p. 49-74. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-03.pdf> Acesso em 20 ago. 2021.

SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Namoro MTV - juventude e pedagogias amorosas/sexuais no Fica Comigo**. 2005. Orientadora: Dra. Guacira Lopes Laura. 175 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/182> Acesso em 27 set. 2021.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51 – 61.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. **Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro - A Liga e o Espetáculo do Pseudo Jornalístico**. Intercom Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1084-1.pdf> Acesso em: 04 jun. 2021.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. De tudo um pouco: o telejornalismo e a mistura de gêneros. **Revista Metodista**, v. 13, n. 13, p. 97-111, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/2194> Acesso em 27 ago. 2021.

TENHO MAIS DISCOS QUE AMIGOS. **O dia em que Paulo Maluf transformou o Roda Viva em um episódio do Choque de Cultura**. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/12/02/maluf-roda-viva-choque-de-cultura/> Acesso em 17 set 2021.

TV CULTURA. **Roda Viva**. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/> Acesso em 20 ago 2021.

TV CULTURA. **Roda Viva com Paulo Maluf**. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/playlists/44_roda-viva-retro-entrevistas-polemicas_p7ThZ5buh0o.html> Acesso em 21 ago 2021.

TV HISTÓRIA. **15 gays pioneiros de novelas que abriram caminho para a discussão da homossexualidade**. 2021. Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/15-gays-pioneiros-de-novelas/> Acesso em 21 set. 2021.

UOL TV E FAMOSOS. **Protagonista de beijo gay histórico é religioso e crítico de Bolsonaro**. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/09/15/protagonista-de-beijo-gay-historico-e-religioso-e-critico-de-bolsonaro.htm> Acesso em 19 set 2021.

VITOR, Márcio Correia Gonçalves; MOREIRA, Diego Gouveia. **Representação Trans nas Novelas da TV Globo de 2015 a 2020**. Intercom VIRTUA, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1136-1.pdf> Acesso em 27 set. 2021.

YOUTUBE. **Choque de Cultura**. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/tvquase/videos> Acesso em 20 nov. 2021.

WATTS, Harris. **OnCamera: O curso de produção de filme e vídeo da BBC.** São Paulo: Summus, 1990.

APÊNDICE A – PROJETO DE PESQUISA TCC I

Projeto de pesquisa desenvolvido no primeiro semestre de 2021.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

LUCAS DE SOUZA MARQUES

PROGRAMA *AMOR E SEXO* E AS MINORIAS: A RELEVÂNCIA SOCIAL E O PROTAGONISMO NA TELEVISÃO BRASILEIRA

CAXIAS DO SUL

2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO

LUCAS DE SOUZA MARQUES

PROGRAMA *AMOR E SEXO* E AS MINORIAS: A RELEVÂNCIA SOCIAL E O PROTAGONISMO NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação na disciplina de TCC I.

Orientador(a): Ma. Adriana dos Santos Schleder

CAXIAS DO SUL
2021

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A relação de Categorias, Gêneros e Formatos entre si 28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO…….....6

2 TEMA……...7
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA……...7

3 JUSTIFICATIVA……..……...8

4 QUESTÃO NORTEADORA……....11

5 HIPÓTESES……....12

6 OBJETIVOS…….....13
6.1 OBJETIVO GERAL…….....13
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS……....13

7 METODOLOGIA……...…...14
7.1 MÉTODO……....14
7.1.1 Pré-análise……..14
7.1.2 Exploração do material……...16
7.1.3 Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação……..17
7.2 TÉCNICA……....19
7.2.1 Revisão bibliográfica……...19
7.2.2 Entrevista……...22
7.2.3 Observação…….....24
7.2.3.1 Objeto de Estudo…….…….....25
7.2.3.2 Corpus da Pesquisa…….…….....26

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA……..…...28
8.1 GÊNEROS E FORMATOS DOS PROGRAMAS DA TV.....……..…….....28
8.1.1 Categoria Entretenimento.....30
8.1.1.1 Gênero Auditório.....30
8.1.1.2 Gênero Variedades.....31

8.1.2 Categoria Informação.....32
8.1.2.1 Gênero Debate.....32
8.1.2.2 Gênero Entrevista.....33
8.1.3 INFOtenimento.....34
8.2 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO AUDIOVISUAL……...…...37
8.2.1 Roteiro.....37
8.2.2 Pré-produção.....38
8.2.3 Gravação.....41
8.2.4 Pós-produção.....42
8.2.5 Entrega do produto final.....43
8.3 SEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA…….43
8.3.1 A representação LGBTQIA+ na TV.....47

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS.....50

10 CRONOGRAMA.....52

REFERÊNCIAS.....53

1 INTRODUÇÃO

Mesmo que façam parte do dia a dia da sociedade, os temas relacionados à sexualidade e suas ramificações não aparecem com tanta frequência na televisão brasileira. A pauta está ganhando mais espaço na grade das emissoras, porém, nem sempre com a abordagem necessária para informar do jeito correto. Exibido nas noites da Rede Globo, o programa *Amor e Sexo*, além de abrir o leque de discussões sobre a sexualidade em 11 temporadas, adentrou o assunto e levou temas de relevância social para dentro das casas brasileiras, tudo isso, utilizando do entretenimento.

Com o tempo, o programa se aperfeiçoou para que pautas como educação sexual nas escolas, feminismo, maternidade, a luta contra a LGBTQIA+fobia, a importância do sexo na vida das pessoas e tantos outros assuntos saíssem das sombras. Ao assumir a posição de ensinar e entreter, o *Amor e Sexo* abriu espaço para que debates envoltos na sexualidade sejam esmiuçados por especialistas e cheguem ao grande público.

Investigar e entender se o programa Amor e Sexo assume uma posição de protagonismo na televisão brasileira é o objetivo desta pesquisa. Ela segue a seguinte estrutura: no capítulo dois, é apresentado e delimitado o tema do projeto. Logo, a justificativa da escolha do tema é detalhada, assim como a questão norteadora. Nos capítulos cinco e seis, respectivamente, serão explicadas as hipóteses, objetivos gerais e objetivos específicos. Já o capítulo sete é destinado a apresentar a Análise de Conteúdo, método escolhido para compor a pesquisa. Além do método, as técnicas de pesquisa também são apresentadas.

O capítulo oito deste projeto é reservado para a revisão bibliográfica dos assuntos que permeiam o trabalho, como Gêneros e Formatos dos Programas de TV, focando nas categorias de Entretenimento e Informação, visto que o programa mescla e une as duas categorias. Também são apresentadas as Etapas de Produção do Conteúdo Audiovisual e como a Sexualidade tem sido trabalhada na Televisão Brasileira. No capítulo nove, é elaborado o roteiro dos capítulos para o Trabalho de Conclusão de Curso II, a ser desenvolvido no próximo semestre. O cronograma de atividades para o TCC II é detalhado no capítulo dez deste projeto.

2 TEMA

O programa *Amor e Sexo* e as minorias: a relevância social e o protagonismo na televisão brasileira.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O programa televisivo *Amor e Sexo*, da Rede Globo de Televisão, apresentado por Fernanda Lima, na faixa noturna da emissora durante 11 temporadas, é um produto da televisão aberta que promovia o debate de assuntos que podem ser considerados tabus pela sociedade. A liberdade de expressão sexual das mulheres, os desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ diariamente e as possibilidades de prazer durante as relações sexuais são algumas das pautas trazidas a cada semana.

Com uma plateia formada por pessoas comuns, uma bancada de jurados fixos e alguns convidados famosos e especialistas esporádicos, o programa discutiu seus temas de forma leve e descontraída. Por meio dessa abordagem, a apresentadora Fernanda Lima conduzia o programa em meio a muita música, dança e oportunidade de debate. Especialistas (médicos, psicólogos, escritores, etc.) nas pautas de cada episódio ganhavam espaço para expor opiniões embasadas.

O programa levava informações ao seu público de uma forma que não fosse cansativa, mas sim didática e divertida. A existência de protagonismo do programa e sua relevância social na televisão aberta serão analisadas nesta pesquisa, utilizando do método de Análise de Conteúdo, sua estrutura, passando pelo conteúdo informativo e de entretenimento, chegando até a discussão da sexualidade na televisão brasileira.

3 JUSTIFICATIVA

Quando se tem um conceito superficial sobre algo, às vezes acabamos por julgá-lo de forma errada, tudo por apenas não saber do que realmente se trata. De primeira vista, o programa *Amor e Sexo*, da Rede Globo de Televisão, exibido sempre na faixa noturna da emissora, durante 11 temporadas, pode até parecer sem profundidade ou apelativo. Contudo, apenas parece. Por baixo da camada colorida de divertimento, riso frouxo e sinceridade sexual, há um programa que aparenta se preocupar com a compreensão de sua audiência sobre os temas tratados. E foi exatamente isso que me encantou, que fez o faro de jornalista despertar e ficar atento àquele material.

Todo o entretenimento do programa contém uma troca de informações valiosa com o seu público. Desde os temas tratados até os diversos convidados, se percebe um planejamento de roteiro para que, de forma didática, o público de casa, sentado no sofá, entenda, por exemplo, sobre o preconceito sofrido por uma transexual, sobre a importância do sexo na vida da mulher, ou até sobre a força poderosa de um grande amor.

Isso me fascinou desde a primeira vez que entendi a proposta daquela festa realizada semanalmente na minha televisão. Sempre gostei de pensar que seria ótimo trabalhar naquela produção que buscava informar quem quer que seja, levando o público a colocar a mão na consciência, apresentando uma possibilidade de revisão de preconceitos, ideologias e costumes que já não se encaixam no século XXI.

A partir desse pensamento, acredito que a classe de comunicadores, sejam eles já grandes mestres ou iniciantes como eu, pode ter no programa *Amor e Sexo* um exemplo de como informar o seu ouvinte/leitor/telespectador sobre o tema que for, de forma leve, saudável e até divertida, mas sem tirar a seriedade das pautas tratadas. O programa virou assunto nas redes sociais por diversas vezes. Não faltaram críticas, ameaças ou boicotes, mas também surgiram elogios e apoios, tanto dos espectadores quanto de membros de grupos sociais e médicos. Mesmo com comentários de ódio[1] contra o programa e a apresentadora Fernanda Lima**,** não

[1] Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2018/11/apos-discurso-feminista-fernanda-lima-gera-polemica-nas-redes-sociais-cjo7iuxmj0c4q01rxpmfp2jyk.html> Acesso em: 8 abr. 2021.

houve interrupção na produção de conteúdos, priorizando sempre levar a informação, o que, na teoria, deveria ser a função primordial de um comunicador.

No âmbito acadêmico, acredito que ambos têm a ganhar: eu e a Universidade. Eu, pois, como criador e desenvolvedor desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), poderei ter a honra de integrar um grupo de estudantes que já trilharam caminho no mundo da pesquisa oferecido na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Penso que a união de entretenimento e informação, promovida pelo programa *Amor e Sexo*, abrange uma área que merece ser explorada ainda mais. Pode ser que pensem que entretenimento é algo supérfluo e que não deveria competir com a informação pela atenção do espectador. Entretanto, quando se tem um objeto de pesquisa que une ambos, existe a oportunidade de expandir essa área de estudos dentro da Academia.

No ar há mais de 10 anos, agora disponível em uma plataforma de *streaming* (*GloboPlay*), o *Amor e Sexo* teve seu lugar no entretenimento da TV aberta. Com um jeito provocador e único, o programa conquistou fãs e *haters* ao longo de sua história por deixar sua marca bem clara: diversão e informação podem andar de mãos dadas. Quando se tem um programa, em rede aberta de televisão, que fala sem pudores sobre a vida e que não esconde os males da sociedade, ele pode ser considerado, no mínimo, um produto pra lá de corajoso.

Acredito que para a sociedade, essa pesquisa poderá servir como um esclarecimento se as informações emitidas traziam, de fato, conteúdos relevantes para o crescimento pessoal acerca de questões da sociedade. O programa abrangeu temas como a saúde sexual da mulher, o combate a LGBTQIA+fobia, a masculinidade tóxica e tantos outros assuntos. As pautas tiveram discussões feitas entre especialistas, convidados e o público, onde a troca de ideias era o principal objetivo. Segundo dados de 2018, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e publicados em matéria do site UOL[2], cerca de 96,4% dos lares brasileiros tinham um aparelho de televisão. Esse dado pode indicar que, dentro da parcela com acesso à rede aberta de televisão e que se interessava pela proposta do programa, existia a possibilidade de conexão entre público e *show*, o que poderia resultar em interações e trocas de opiniões sobre os temas tratados em cada edição.

[2] Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/29/internet-chega-a-80-das-casas-do-brasil-e-presenca-de-tv-cai-diz-ibge.htm> Acesso em: 27 mar. 2021.

Na minha visão, os brasileiros que acompanharam o programa podem ter recebido ali, em meio a sorrisos e lágrimas, informações valiosas. Esta pesquisa também pode vir a fazer alguma diferença ao compreender as mensagens emitidas via *Amor e Sexo* e sua possível contribuição para a sociedade, não deixando que ensinamentos e informações transmitidos de forma clara e, quase sempre com um sorriso no rosto de Fernanda Lima (apresentadora), seus convidados e sua plateia, sejam esquecidos. Devido a pandemia da covid-19, enfrentada pelo mundo desde janeiro de 2020, não se tem a confirmação da produção ou lançamento de uma nova temporada do programa. Entretanto, não existem informações do cancelamento oficial do *Amor e Sexo*.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Qual a relevância social e o protagonismo do programa *Amor e Sexo* na televisão brasileira?

5 HIPÓTESES

a) Ao abordar temas de relevância na sociedade do século XXI, de forma descontraída e usando da informação e do entretenimento, o programa *Amor e Sexo* assume o protagonismo junto a seu público;
b) O tom de humor utilizado pelo programa em seus quadros permite um debate descontraído entre especialistas, público presente na plateia e telespectadores, possibilitando uma maior compreensão da pauta discutida;
c) A participação do painel de jurados e convidados especiais da plateia do *Amor e Sexo* permite que a discussão de ideias e conceitos se torne mais rica e inclusiva;
d) A condução do programa, realizada pela apresentadora Fernanda Lima, aproxima o público (plateia e telespectadores) do debate promovido nas edições, trazendo dinamismo para a discussão.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Investigar qual a relevância social e protagonismo do programa *Amor e Sexo* na televisão brasileira.

6.2 Objetivos específicos

a) Estudar os gêneros de programas televisivos para entender em quais categorias e gêneros o programa *Amor e Sexo* se encontra;

b) Conceituar INFOtenimento, para compreender a essência do objeto da pesquisa, que une informação e entretenimento;

c) Conhecer o processo de criação do programa *Amor e Sexo* para compreender desde a concepção da ideia até a distribuição para o público;

d) Pesquisar a abordagem da sexualidade na televisão brasileira para o entender a relevância do Programa *Amor e Sexo* na TV aberta;

e) Entrevistar profissionais envolvidos na elaboração do programa;

f) Analisar o conteúdo apresentado no corpus da pesquisa sobre o programa *Amor e Sexo*, a fim de investigar seu protagonismo e relevância social na rede aberta de televisão.

7 METODOLOGIA

Essa pesquisa tem como objetivo compreender o protagonismo e a relevância social do trabalho realizado no programa *Amor e Sexo*, da Rede Globo. A Análise de Conteúdo é o método de pesquisa definido para este projeto, além das técnicas de Revisão Bibliográfica, Entrevista e Observação Simples.

7.1 MÉTODO

O método escolhido para esta pesquisa foi o de Análise de Conteúdo que é descrito com propriedade por Laurence Bardin na obra *Análise de Conteúdo (2011)*. Para a pesquisadora, esse método se apresenta como um conjunto de instrumentos metodológicos que passam por constantes aperfeiçoamentos, se aplicando nos mais variados discursos.

A autora aponta que a análise de conteúdo possui diferentes fases, mas destaca um polo cronológico: *Pré-análise*, *Exploração do Material* e o *Tratamento dos Resultados, a Inferência e a Interpretação.*

7.1.1 Pré-análise

Esta etapa, para Bardin (2011), é a organização da análise propriamente dita. O objetivo é “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 125). A autora destaca que há três missões nesta etapa: *a escolha dos documentos a serem submetidos à análise*; *a formulação das hipóteses e dos objetivos*; e *a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final*. Ainda segundo ela, não há uma obrigatoriedade de uma sequência cronológica entre as missões, embora eles se mantenham estreitamente ligados uns aos outros.

Laurence Bardin (2011) destaca que a pré-análise passa por cinco etapas. A primeira delas é a *leitura flutuante,* que consiste na tomada de conhecimento do conteúdo, além de conhecer o texto. A segunda etapa se denomina a *escolha dos*

documentos, a qual a autora indica a constituição de um *corpus*, que, segundo ela, “é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos a procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126). Contudo, a pesquisadora indica algumas regras que devem ser seguidas para a constituição do *corpus*:

a) *Regra da Exaustividade*: basicamente, nenhum elemento pode simplesmente ser deixado de lado por esta ou aquela razão que não possa ser justificável no plano do rigor;
b) *Regra da Representatividade*: a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste;
c) *Regra da Homogeneidade*: os documentos precisam seguir uma homogeneidade, obedecendo critérios precisos de escolha e não apresentar singularidade fora desses critérios;
d) *Regra de Pertinência*: os documentos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo que correspondam ao objetivo da análise.

A *formulação das hipóteses e dos objetivos* é outra etapa elencada pela autora. Para Bardin (2011), as hipóteses são afirmações provisórias, que precisam passar por uma verificação (confirmar ou infirmar). Ainda destaca que ela é uma suposição que a origem está associada à intuição, necessitando ficar suspensa enquanto não for submetida à verificação. A etapa seguinte é a *referência dos índices e a elaboração de indicadores*, a qual ela destaca que, se nos textos forem identificadas manifestações que contém índices que a análise irá explicitar, o trabalho preparatório será o da escolha destes (índices) e a organização em indicadores. A pesquisadora ainda afirma que “uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros” (BARDIN, 2011, p. 130). Por fim, a autora trata da etapa *preparação do material* e, aqui, é a etapa final antes da análise propriamente dita, onde o material reunido deve ser preparado para que logo passe por um processo de preparação formal (edição).

7.1.2 Exploração do material

Após a coleta do material, chegou a hora de explorá-lo, ou seja, de acordo com Bardin (2011), essa fase demanda trabalho e dedicação, podendo até ser fastidiosa. Em sua base, de acordo com a pesquisadora, essa fase tem duas operações: *codificação* e *decomposição ou enumeração*, em função de regras previamente formuladas.

A codificação é a parte em que se entende o porquê se deve analisar e explicitar de modo que possa se saber como fazer de fato. Segundo Laurence Bardin (2011), tratar o material é codificá-lo. “A *codificação* corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação ou enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (BARDIN, 2011, p. 133).

Dentro da codificação se encontram dois modelos de análise: a *quantitativa* e a *qualitativa*. A pesquisadora apresenta a abordagem quantitativa como sendo aquela que se funda na frequência de aparição e determinados elementos da mensagem. Já a qualitativa recorre a indícios suscetíveis de permitir interferências. Um exemplo é que “a presença (ou a ausência) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição” (BARDIN, 2011, p. 144).

Esta pesquisa utilizará a análise qualitativa, a qual, na ótica da autora, apresenta algumas características particulares, sendo válida na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais (isso será explicado logo mais a frente no capítulo).

De acordo com Bardin (2011), a maioria dos procedimentos de análise se organiza ao redor de um processo de *categorização*. Essa *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação, e em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

É destacado pela autora que as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (ou unidades de registro, em caso de análise de conteúdo), sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. Ainda segundo a pesquisadora, o critério de categorização pode ser *semântico*, *sintático*, *léxico* e *expressivo*. Bardin (2011)

afirma que “a categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (p. 148 e 149). Para ela, um conjunto de categorias boas deve ter as seguintes qualidades:

a) *Exclusão mútua*: esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
b) *Homogeneidade*: um único princípio de classificação deve governar a sua organização;
c) *Pertinência*: a categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido e quando pertence ao quadro teórico definido;
d) *Objetividade e fidelidade*: o organizador da análise deve definir claramente as variáveis que trata, assim como precisar os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria;
e) *Produtividade*: um conjunto de categorias só é produtivo se fornece resultados férteis em índices de interferência, em hipóteses novas e em dados exatos.

Com a exploração do material realizada, é a hora de interpretá-lo e compreender seus resultados. Essa etapa da pesquisa é explicada no subtítulo seguinte.

7.1.3 O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

A organização do processo de *análise de conteúdo* termina em sua terceira etapa, chamada por Laurence Bardin (2011) de *tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação*. Nesta etapa final é que o pesquisador irá interpretar os resultados de sua pesquisa, procurando que estes sejam significativos e válidos. A interpretação pode gerar dois caminhos para o pesquisador: a utilização dos resultados de análise com fins teóricos ou pragmáticos, ou a geração de orientações para uma nova análise.

A pesquisadora destaca que a análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem. Ainda de acordo com Bardin

(2011), teoricamente, a análise de conteúdo pode se apoiar em elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado a mensagem e seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor.

Para ela, o *emissor* ou *produtor de mensagem* "pode ser aquele indivíduo ou um grupo de indivíduos emissores [...] Com efeito, pode se seguir com a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor" (BARDIN, 2011, p. 165). Já o receptor pode ser um indivíduo, um grupo ou uma massa de indivíduos. Segundo a observadora, nesta ótica, insiste-se no fato de a mensagem se dirigir a este indivíduo (ou conjunto de indivíduos) com a finalidade de agir (função instrumental da comunicação) ou de se adaptar a ele (ou a eles).

O terceiro item é a *mensagem*, que, segundo a escritora, "qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível" (BARDIN, 2011, p. 166). O último item citado pela pesquisadora é o *medium*, ou canal, que é o instrumento, o objeto técnico, o suporte material do código. De acordo com Bardin (2011), este gênero de estudo deve servir-se mais dos procedimentos experimentais do que das análises de conteúdo.

Sobre a *inferência*, Bardin (2011) apresenta uma fala de Holsti (1969), de que a intenção de qualquer investigação é produzir inferências válidas. Segundo o dicionário de português do Brasil[3], inferência significa, entre outras coisas, indução. Ou seja, a pesquisadora aponta que, a partir de fatos encontrados na pesquisa, é possível induzir-se ideias. A autora diz, em outras palavras, que a análise de conteúdo tem um bom instrumento de indução para se investigar as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências do texto).

A pesquisadora destaca que os indicadores e inferências são, ou podem ser, de natureza muito diversa. Nas palavras da autora, "no estado atual dos conhecimentos, a inferência faz-se, habitualmente, caso a caso, à falta de leis exatas referentes às ligações habituais entre a existência de certas variáveis do emissor (ou do receptor) e as variáveis textuais" (BARDIN, 2011, p. 169). Ela apresenta dois modelos de inferências, sendo eles as

[3] Disponível em <https://www.dicio.com.br/inferencia/> Acesso: em 13 jun. 2021.

> inferências específicas quando se procura responder à pergunta ‘será que o país A tem intenções de atacar o país B?’ e as inferências gerais quando se pretende saber se existe uma lei relacional em que o aumento do nível pulsional do locutor seja acompanhado pela simplificação e normalização das suas escolhas semânticas e estruturais (BARDIN, 2011, p. 169).

Com o método explicado, agora, é necessário compreender as técnicas da Análise de Conteúdo para a realização da pesquisa. Elas serão trabalhadas no subtítulo seguinte.

7.2 TÉCNICA

A fim de auxiliar a aplicação do método desta pesquisa, a Análise de Conteúdo, serão utilizadas três técnicas metodológicas: *Revisão Bibliográfica*, *Entrevista* e *Observação Simples*.

7.2.1 Revisão bibliográfica

Uma das técnicas mais tradicionais na elaboração de uma pesquisa é a *revisão bibliográfica*, ou pesquisa bibliográfica, esta segunda expressão utilizada pela autora e pesquisadora Ida Regina C. Stumpf, no artigo *Pesquisa Bibliográfica*, presente na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2005), organizada por Jorge Duarte. Segundo ela, a pesquisa bibliográfica é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, a localização e obtenção da bibliografia pertinente ao assunto. Para complementar sua explicação, a autora afirma que a revisão bibliográfica é

> um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p. 51).

No artigo, ela reforça a importância de revisar a literatura. Com a evolução da humanidade, a produção de conteúdos de pesquisa foi aumentando, havendo necessidade da criação de mecanismos de armazenamento dessas informações. Segundo Stumpf (2005), com o uso do meio eletrônico para publicar documentos e

disponibilizar informações, o fenômeno da chamada *explosão documentária* aumentou em tamanho e complexidade, afetando alunos e pesquisadores que se deparam com um volume cada vez maior de trabalhos publicados e informações sobre sua especialidade.

Antes de se iniciar a pesquisa, de acordo com a autora, “[...] alunos precisam conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto” (STUMPF, 2005, P. 52). A pesquisadora é clara quando destaca que a consulta à bibliografia pertinente é uma atividade que acompanha o investigador, o docente e o aluno, além de orientar os passos que devem ser seguidos.

Um ponto salientado por Stumpf (2005) é sobre quando revisar a literatura. A autora traz em seu texto de que dissertações e teses acadêmicas seguem uma forma típica: (1) definição do problema, (2) revisão da literatura ou quadro referencial teórico, (3) hipóteses, (4) metodologia, (5) análise dos dados, (6), conclusões. Mesmo com essa sequência pré-determinada, “a revisão da literatura, embora tenha um lugar certo no projeto e no relatório de pesquisa, precede até mesmo a definição do problema e acompanha constantemente o trabalho” (STUMPF, 2005, p. 53).

Segundo a autora, na pesquisa, o indivíduo precisa estar motivado no sentido da ação, com desejo de esclarecer um assunto ainda não investigado suficientemente e isso irá mantê-lo motivado a atingir os objetivos. Para Stumpf (2005), “o foco de interesse será buscado na sua [autor da pesquisa] vida real [...] mas precisa ser estimulado através de um programa de leituras que indique haver um ponto obscuro que precisa ser investigado” (p. 53).

É destacado pela autora que

> à medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar. De tudo aquilo que leu, muitas ideias serão mantidas, enquanto outras poderão ser abandonadas (STUMPF, 2005, p. 53).

Com a organização de leitura de pesquisas relacionadas ao seu assunto, segundo Stumpf (2005), o pesquisador poderá encontrar alguns instrumentos já prontos que poderão ser auxiliadores de acordo com as necessidades da pesquisa. A autora destaca que a revisão da literatura continua na etapa de análise dos dados coletados, podendo auxiliar no entendimento de interpretações de fenômenos

observados. “[...] a revisão da literatura acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até a sua conclusão” (STUMPF, 2005, p. 54).

Ida Regina C. Stumpf (2005) elenca alguns procedimentos a fim identificar, selecionar e localizar materiais necessários para realização da pesquisa:

a) *Identificação do tema e assuntos*: aqui o pesquisador irá definir seu tema de estudo com precisão. Também deve elaborar um rol de palavras-chave relacionadas ao assunto, servindo como guia de levantamento de dados. Delimitar o tema no tempo e no espaço evitará que tempo seja perdido ao revisar fontes inadequadas;
b) *Seleção de fontes*: após definições de tema e afins, nesta etapa, o aluno deverá realizar o levantamento bibliográfico, a procura de materiais disponíveis a fim de servir de suporte para o estudo pretendido. Além de indicações do orientador, “espera-se que quem vá investigar um tema transcenda os saberes dos mestres, e, através de sua própria busca, traga inovações e atualizações para a temática estudada” (STUMPF, 2005, p. 56);
c) *Localização e obtenção do material*: aqui, basicamente, o pesquisador localizará os documentos em bibliotecas físicas, por meio on-line (*Internet*) ou com editoras dos materiais;
d) *Leitura e transcrição dos dados*: com os documentos e informações *em mãos*, o aluno deverá organizar as prioridades e interesses dos mesmos para cada parte do trabalho. O material absorvido das leituras deve ser anotado em fichas, sendo iniciado pelo registro das referências do documento que será lido. Stumpf (2005) recomenda que palavras-chave também sejam anotadas, ajudando a organizar o processo de redação da pesquisa.

Com o tema definido e obras de apoio escolhidas, o autor da pesquisa precisa ir em busca de fontes para além dos livros. A próxima técnica, descrita no subtítulo seguinte, explica como a Entrevista faz parte do processo do projeto de pesquisa e a sua importância na jornada.

7.2.2 Entrevista

Para o desenvolvimento desta pesquisa, um aspecto metodológico a ser utilizado é o da *entrevista*. De acordo com Antônio Carlos Gil, no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (2011), a entrevista é uma técnica que os investigadores utilizam para chegar à obtenção de objetivos que lhe interessam para determinada investigação.

Segundo Gil (2011), o método da entrevista é o mais comum a ser utilizado na coleta de dados no âmbito das ciências sociais. O autor destaca que a técnica de investigação é flexível, podendo ser adotada nos mais diversos campos. O autor Jorge Duarte, no artigo *Entrevista em Profundidade*, presente na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2005), que tem como organizadores ele e Antonio Barros, apresenta seu ponto de vista de que a entrevista, quando em profundidade, se destaca por ser um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que deseja conhecer.

Mesmo sendo um método positivo para a pesquisa, Gil (2011, p. 110) destaca que a entrevista tem suas vantagens, mas pode enfrentar algumas limitações. Segundo o autor, as vantagens são as seguintes:

a) A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;
b) A entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento;
c) Os dados obtidos são suscetíveis de classificação e quantificação.

Gil (2011) também apresenta algumas das desvantagens. São elas:

a) A falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas;
b) A inadequada compreensão do significado das perguntas;
c) O fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes.

Dentro do espectro da entrevista, existem algumas técnicas apontadas por Antônio Carlos Gil (2011). Dentre elas está a *entrevista informal*, que não apresenta uma estrutura específica. Em sua ótica, o que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado. Outro modelo apresentado é o da *entrevista focalizada*, que se assemelha com a informal, porém, é destinada a um tema um pouco mais específico. Gil (2011, p. 112) observa que "a entrevista focalizada requer grande habilidade do pesquisador, que deve respeitar o foco de interesse temático".

Outro modelo é o de *entrevista por pautas*. O autor explica que esse modelo possui um grau de estruturação, mas assim como a *entrevista em profundidade*, apresentada por Jorge Duarte (2005), a intenção é deixar que o entrevistado fale mais livremente sobre a pauta proposta. Ainda é abordado por ele que essa preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada por questões culturais do entrevistado ou pela natureza do tema tratado.

A *entrevista estruturada* é outra possibilidade de técnica a ser utilizada no processo de pesquisa. Gil (2011) destaca que esse modelo se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número. Segundo o autor, entre as principais vantagens das entrevistas estruturadas estão a sua rapidez e o fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores.

Já para Jorge Duarte (2005), os modelos de entrevistas se dividem em três:

a) *Entrevista aberta*: é essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas;
b) *Entrevista semiaberta*: tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa;
c) *Entrevista fechada*: é realizada a partir de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas.

Na ótica de Gil (2011), uma entrevista pode assumir diferentes formas, sendo exigido do entrevistador habilidade e cuidados diversos em sua condução. Para uma

entrevista estruturada, o autor destaca que “exige-se apenas mediano nível de inteligência e de cultura, bem como treinamento operacional” (GIL, 2011, p. 115).

Esta pesquisa seguirá o modelo de entrevista estruturada. Será elaborado um questionário padrão e as entrevistas deverão ser aplicadas via e-mail.

7.2.3 Observação

Esta terceira técnica é considerada elemento fundamental da pesquisa. Para Antônio Carlos Gil (2011), a *observação* desempenha um papel imprescindível no processo do trabalho, tendo na coleta de dados a sua evidência. O pesquisador salienta que a observação pode ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e, por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação.

Segundo Gil (2011), a observação

> apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida (GIL, 2011, p.100).

O processo de observação pode ser estruturado ou não estruturado, isso vai depender do grau de participação do observador, podendo ser participante ou não participante. De acordo com o autor, os tipos de observação são:

a) *Observação simples*: o observador é alheio àquela situação, observando de maneira espontânea os fatos ocorridos;
b) *Observação participante*: nesta, além de observador, o pesquisador se torna integrante do processo de observação. É a participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma determinada situação;
c) *Observação sistemática*: o objetivo é a descrição dos fenômenos ou testes de hipóteses.

A observação faz parte do processo de pesquisa para que se conheça profundamente o que se procura ser estudado. Este trabalho de pesquisa utilizará o modelo de *observação simples* e o seu objeto de estudo será explicado, detalhadamente, no próximo subtítulo.

7.2.3.1 Objeto de Estudo

O *Amor e Sexo* é um programa de entretenimento/auditório produzido e exibido pela Rede Globo de Televisão, que teve sua estreia em 28 de agosto de 2009, na faixa das 23h da emissora, com média de 10 episódios por temporada. O programa tinha 50 minutos de duração por episódio, indo ao ar uma vez por semana, variando entre as terças, quintas ou sextas-feiras, e aos sábados.

De acordo com o site Memória Globo[4], o programa procurava conversar com seus espectadores, em cada episódio, sobre temas tabus, como, por exemplo, a sexualidade na vida da mulher, o fim do preconceito contra a comunidade LGBTQIA+ e a educação sexual nas escolas, tudo de uma forma leve, descontraída e objetiva. Desde sua primeira temporada, o *Amor e Sexo* foi apresentado por Fernanda Lima (jornalista, apresentadora, modelo e atriz).

Também desde seu início, o programa contou com uma plateia formada por pessoas comuns, além de uma bancada de jurados fixos composta pela atriz Mariana Santos, o ator José Loreto, o estilista Dudu Bertholini, a escritora Djamila Ribeiro, a psicanalista e escritora Regina Navarro Lins e o apresentador Otaviano Costa. Convidados esporádicos como os atores Chay Suede, Monica Iozzi e Ingrid Guimarães também compuseram a bancada participando dos debates e atividades relacionadas ao tema. A cada episódio, de acordo com a pauta do dia, o programa utilizava esquetes de humor. A música também era outro elemento utilizado pelo show para contribuir na discussão do tema proposto.

---

[4] Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/> Acesso em: 21 mai. 2021.

7.2.3.2 *Corpus* da Pesquisa

Nesta pesquisa serão analisados quadros apresentados dentro de quatro episódios do *Amor e Sexo*, em temporadas exibidas em fevereiro de 2016, março de 2017, outubro e novembro de 2018.

Exibido em 20 de fevereiro de 2016, o programa foi destinado a falar sobre a maternidade. O quadro a ser analisado procura fazer uma brincadeira entre mães separadas e seus filhos, onde três duplas responderam perguntas sobre amor, sexo, cumplicidade e liberdade. A vida sexual das mães é abordada de forma descontraída, permitindo uma troca entre elas e seus filhos. O principal objetivo do quadro é reforçar a importância da troca de informações nas famílias. Os jurados do programa comentam sobre as relações com suas próprias mães.

Exibido em 30 de março de 2017, o segundo episódio escolhido debate a educação sexual nas escolas e sua importância para informar os jovens e alertar sobre gravidez na adolescência, além de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). O quadro a ser analisado busca a participação dos jurados do programa para comentarem sobre suas experiências no tempo que eram estudantes, principalmente sobre a discussão da vida sexual durante o período escolar. Eles ainda explicam questões sobre órgãos sexuais e o ato sexual em si como se fossem professores e alunos, tudo com apoio de uma especialista que esmiúça as explicações e ainda corrige informações erradas. Toda a explicação é envolta de brincadeiras e humor.

As árvores genealógicas brasileiras são o tema do terceiro episódio do Amor e Sexo a ter quadros analisados. O programa foi exibido em 23 de outubro de 2018 e sua primeira parte foi destinada a apresentar as mais variadas formações familiares, fugindo da ideia da ‘família tradicional brasileira’. Outra parte do programa colocou duas famílias lado a lado, ambas com integrantes de diferentes idades, para participar de uma brincadeira onde eles precisavam falar abertamente sobre relações sexuais.

O último episódio do programa a ter seu conteúdo explorado nesta pesquisa coloca em pauta as mulheres brasileiras. Nesta edição, que foi ao ar em 06 de novembro de 2018, a apresentadora Fernanda Lima abre o programa com um ato musical e um monólogo que reforça o poder e liberdade das mulheres. Logo após, Fernanda abre o diálogo sobre o que é ser mulher, trazendo ao palco seis mulheres,

sendo elas brancas, negras, transexuais, heterossexuais e bissexuais. A liberdade sexual delas também é foco da discussão.

Com o detalhamento da metodologia, é possível chegar na etapa seguinte do projeto de pesquisa: a Revisão Bibliográfica dos temas de estudo. O assunto será descrito no próximo capítulo.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta etapa serão abordados os temas: *Gêneros e Formatos dos Programas da TV*, *Etapas de Produção do Conteúdo Audiovisual* e *Sexualidade na Televisão Brasileira*.

8.1 GÊNEROS E FORMATOS DOS PROGRAMAS DA TV

Para a realização desta pesquisa, se faz necessário entender acerca dos processos de produção de conteúdo no audiovisual. Neste subtítulo, serão apresentados conceitos e características sobre gêneros e formatos de programas televisivos.

Segundo José Carlos Aronchi de Souza, na obra *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* (2004), os programas de televisão são divididos em categorias que irão atender à necessidade de classificação de seus gêneros correspondentes. Uma categoria, como, por exemplo, a Informação, pode abranger diversos gêneros e formatos de programas. Segundo o autor, a divisão dos programas em categorias inicia o processo de identificação do produto, chegando a seguir um conceito industrial assumido pelo mercado de produção.

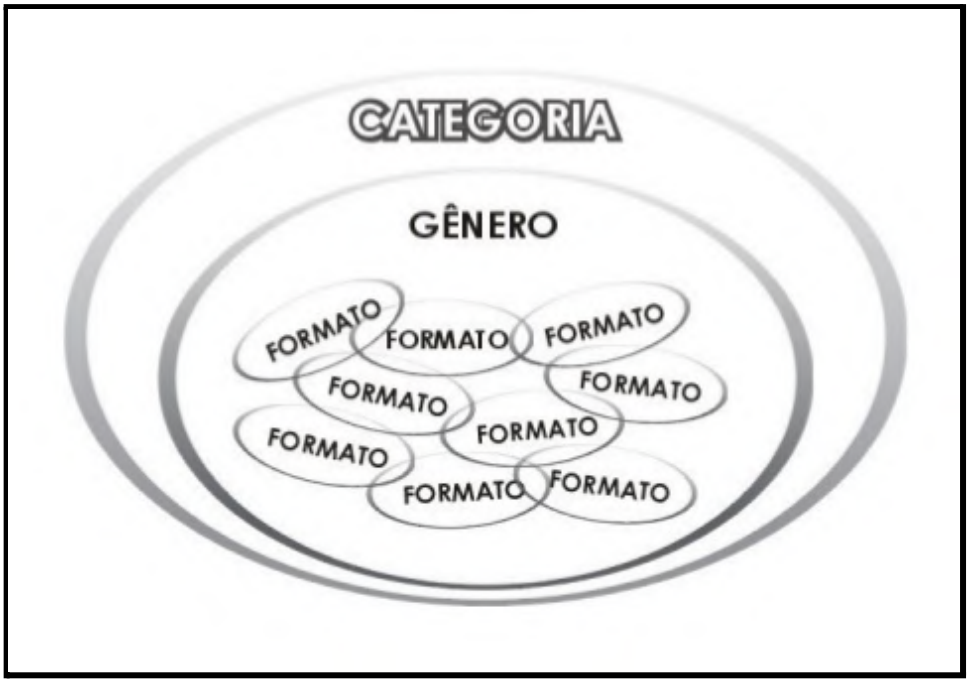
Baseado no manual de produção de programas da British Broadcasting Corporation (BBC), o pesquisador afirma que “em suma, qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele deve sempre entreter e pode também informar” (SOUZA, 2004, p. 39).

Utilizando do dicionário Aurélio, o escritor explica o significado da palavra *gênero*, sendo identificada como um conjunto de espécies que apresentam caracteres comuns convencionalmente estabelecidos. Seguindo essa linha, ele destaca que os programas de televisão, assim como as espécies, também apresentam semelhanças em suas estruturas. Observando demais questões sobre o que o termo identifica, o autor destaca que a classificação de gêneros está envolvida com aspectos históricos e culturais. Além de categorias e gêneros, os programas de televisão são compostos por *formatos*. Para o autor, a ‘forma’ é a característica que ajuda a definir o gênero, ou seja, são os aspectos gerais de uma atração. Ainda de

acordo com ele, o formato está sempre associado a um gênero de programa de televisão, assim como gênero está diretamente ligado a uma categoria.

A figura abaixo, apresentada pelo autor, simplifica a explicação e como categoria, gênero e formato se relacionam uns com os outros:

Figura 1 – A relação entre categoria, gênero e formato.



Fonte: SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**, 2004, p. 47

Para sintetizar os conceitos, o autor apresenta um quadro com cinco categorias e seus respectivos gêneros. São elas:

a) *Categoria Entretenimento*: auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, *game show* (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quiz show* (perguntas e respostas), *reality show* (tv-realidade), revista, série, série brasileira, *sitcom* (comédia de situações), *talk show*, teledramaturgia (ficção), variedades e *western* (faroeste);
b) *Categoria Informação*: debate, documentário, entrevista e telejornal;
c) *Categoria Educação*: educativo e instrutivo;
d) *Categoria Publicidade*: chamada, filme comercial, político, sorteio e telecompra;

e) *Categoria Outros:* especial, eventos e religioso.

O objeto de pesquisa é um programa que percorre duas categorias apresentadas por Souza (2004): *Entretenimento* e *Informação*. Na categoria *entretenimento*, dois gêneros ajudam a compreender melhor a ideia do programa *Amor e Sexo*: *auditório* e *variedades*. Já na categoria *informação*, os gêneros que trazem identificação com as características do programa são *debate* e *entrevista*.

8.1.1 Categoria Entretenimento

Apesar de trazer informações a seu público, as raízes do *Amor e Sexo* estão no entretenimento. Esse gênero é popular na maioria das emissoras de televisão, já que permite a exploração de conteúdos em diversos formatos. Visando entender de quais gêneros o programa Amor e Sexo pode estar inserido, se faz necessário o conhecimento desses gêneros e suas características.

8.1.1.1 Gênero Auditório

Este pode ser considerado um dos primeiros gêneros de programas televisivos, segundo José Carlos Aronchi de Souza (2004). De acordo com ele, os programas que mais aproximam o telespectador da realidade da produção em televisão são os de *auditório*, já que eles permitem a entrada do público nos estúdios e/ou locações. De acordo com o autor, nos anos 1960, aproveitando o sucesso e popularidade dos programas radiofônicos de auditório, a televisão apenas adicionou as imagens às atrações.

Souza (2004) enfatiza que os programas de auditório prendem a atenção do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa, aproximando-se da mesma linguagem utilizada pelos circos. Ele ainda afirma que a sucessão de quadros musicais, entrevistas, jogos e atrações diversas faz do programa de auditório um gênero que comporta facilmente vários formatos. Para ele,

> o público do gênero auditório também comparece para mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar e dar opinião, sempre instigada pela figura do apresentador, que centraliza a atenção e conduz o programa (SOUZA, 2004, p. 94).

Alguns desses apresentadores citados pelo escritor na obra Gêneros e formatos na televisão brasileira (2004) estavam à frente das atrações nas rádios e continuaram com o formato na TV. Nomes como Dercy Gonçalves, Moacyr Franco, José Aberlado Barbosa de Medeiros (o Chacrinha), Hebe Camargo e Bibi Ferreira deram continuidade à fórmula por décadas. Para o autor, a figura do apresentador também é associada aos programas do gênero. Outro gênero que faz conexão com o perfil do programa Amor e Sexo será apresentado no próximo subtítulo.

8.1.1.2 Gênero Variedades

Assim como o próprio nome diz, o gênero *variedades*, segundo o autor José Carlos Aronchi de Souza (2004), funciona quase como um *tapa-buraco* na programação das emissoras. Para ele o escritor, “nele tem aparecido todo tipo de atração e formato, nos moldes de um programa do gênero revista, porém recorrendo a alguns elementos, como auditório e o improviso, para sustentar horas na grade” (SOUZA, 2004, P. 139).

O pesquisador destaca que os programas de variedades são uma nova roupagem para os já tradicionais *programas de auditório*, sendo uma estratégia das emissoras que não querem ter seus conteúdos caracterizados como *populares* ou de *mau gosto*. O autor afirma que “os programas de variedade são os programas de auditório pós-moderno na TV” (SOUZA, 2004, p. 139).

O formato dos programas de variedades também procura se diferenciar dos de auditório, mesmo que acabe caindo no mesmo de sempre. Na visão do escritor, o modelo de auditório com apresentador ao vivo ainda é o formato mais usado, sendo que o gênero permite variações na estrutura, podendo recorrer aos musicais e à teledramaturgia, não deixando de ter a participação do público no estúdio e convidados.

O formato de entrevista em estúdio e o de reportagem também ajudam a acrescentar conteúdo à atração. Souza (2004) também afirma que musicais e

quadros humorísticos associados a *game shows* ou *quiz shows* também aquecem a produção, fazendo do gênero variedades algo no formato *vale-tudo*. Contudo, em sua opinião, “a criatividade e o bom senso da direção são elementos-chave num programa que pode se perder pela falta ou pelo excesso de atrações” (SOUZA, 2004, p. 141).

Além de permear a categoria do entretenimento, o objeto de estudo desta pesquisa tem elementos que podem inseri-lo em gêneros da categoria informação. Os gêneros serão descritos no próximo subtítulo.

8.1.2 Categoria Informação

Visto que o programa *Amor e Sexo*, além de ser um produto do entretenimento, não deixa de informar os seus telespectadores, é importante que seja estudada e compreendida outra categoria em que o programa está inserido: a *informação*. Mesmo que seja tradicional em produtos jornalísticos, cada vez mais atrações do entretenimento tem buscado, na informação, alcançar os seus e novos públicos. O *Amor e Sexo* possui características de dois gêneros da categoria Informação e eles serão descritos nos subtítulos a seguir.

8.1.2.1 Gênero Debate

Quando uma emissora de televisão precisa preencher sua grade de programação, mas quer trazer alguma novidade que acrescente algo a seu público, as atrações que promovem debates podem ser perfeitas para integrar a linha de conteúdos da emissora. Para o autor José Carlos Aronchi de Souza (2004), o gênero debate não necessita de grandes investimentos, já que cenário e transporte de convidados são seus elementos básicos. Sua principal característica é o número de entrevistados e entrevistadores. Para o autor, é a quantidade de pessoas que *cria o debate*. Ele afirma que

> os assuntos e os convidados variam conforme a proposta da emissora: pode-se debater um único tema, com vários convidados opinando e respondendo às indagações dos entrevistadores e apresentadores fixos; pode-se realizar um debate sobre vários temas num único programa, dando-lhe também um tom de atualidade e variedade (SOUZA, 2004, p. 144).

A pluralidade de vozes no debate permite diversidade de opiniões acerca do tema em pauta. O autor explica que “o programa de debate pode ainda apresentar pequenas reportagens que ilustram o tema, ou ainda entrevistas com um convidado principal, que vai debater com o público ou convidados, sempre com a mediação do apresentador” (SOUZA, 2004, p. 145).

Além do debate, outro gênero da categoria informação pode integrar a personalidade do programa Amor e Sexo. Suas especificações e características serão apresentadas no subtítulo a seguir.

8.1.2.2 Gênero Entrevista

Segundo José Carlos Aronchi de Souza (2004), o gênero entrevista está ligado aos programas jornalísticos das emissoras. As redes de televisão procuram pessoas das mais diversas áreas para ficar frente a frente com o apresentador, em sua maioria jornalistas de renome.

Um dos exemplos do autor é o programa *De Frente Com Gabi*, da apresentadora Marília Gabriela, que foi ao ar no SBT de 1998 a 2000; de 2002 a 2003; e de 2010 a 2015. Para Souza (2004), esse é um programa do gênero entrevista que deixa clara a diferença do gênero *talk show*. A entrevista se caracteriza, principalmente, por ter apenas o entrevistador e o entrevistado, frente a frente, um perguntando e o outro respondendo. Os *talk shows* funcionam, de acordo com o autor, quase que como uma espetacularização da entrevista, onde o apresentador comanda um show com plateia, banda, entre outros itens, sendo um exemplo o Programa do Jô (2000-2016).

Para Souza (2004), no gênero entrevista, “o apresentador não tem o compromisso de deixar o entrevistado à vontade, podendo questioná-lo sobre fatos polêmicos e chegar até à discórdia” (p. 148).

O autor descreve as categorias e seus gêneros, explicando as particularidades de cada uma e algumas delas podem fazer parte da estrutura do *Amor e Sexo*. Porém, o programa promove uma união entre as categorias informação e entretenimento. O conteúdo, resultado dessa integração, é o *INFOtenimento*, que será apresentado no próximo subtítulo desta pesquisa.

8.1.3 INFOtenimento

A união entre a informação e o entretenimento tem gerado conteúdos nos mais variados tipos de mídias. Seja no rádio, na televisão, ou na *Internet*, eles têm o objetivo de entreter e informar seus públicos. Essa parceria entre essas duas categorias, apresentadas no subtítulo anterior, recebe a denominação de *INFOtenimento*, que trabalha como uma espécie de terceira via para a produção de conteúdos. Na obra *INFOtenimento: Informação + Entretenimento no Jornalismo* (2006), Fabia Angélica Dejavite apresenta a expressão como aquele jornalismo que traz informação e prestação de serviço, mas que ao mesmo tempo pode oferecer divertimento ao receptor.

O termo INFOtenimento, de acordo com a autora, surgiu nos anos 1980, ganhando espaço nos veículos de comunicação e em seus conteúdos editoriais, muito motivado pela popularização dos meios audiovisuais. Porém, foi nos anos 1990 que o *subgênero* ganhou força, tendo popularidade entre profissionais acadêmicos da área comunicacional e apresentado como “uma das mais novas especialidades jornalísticas na mídia em geral” (DEJAVITE, 2006, p.87).

Esse lado ‘divertido’ do jornalismo recebe algumas denominações que caracterizam o tipo de conteúdo trabalhado, seja no programa audiovisual, em programas radiofônicos ou no jornal impresso. Dejavite (2006) as apresenta como:

a) *Jornalismo diversional:* esse se refere às histórias de interesse humano e perfil, entre outros, que procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens;
b) *Jornalismo cultural:* aqui se inclui desde os suplementos dos jornais às revistas especializadas sobre cinema, literatura, artes, espetáculos e televisão;

c) *Jornalismo de entretenimento:* os assuntos mais variados, como, por exemplo, gastronomia, moda, beleza, culinária, saúde, celebridades, entre outros.

Na obra, a pesquisadora complementa sua explicação sobre o que é o INFOtenimento ao afirmar que esse é “um espaço destinado às matérias que visam informar e divertir como, por exemplo, assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano” (DEJAVITE, 2006, p. 72). Contudo, essas novas ‘funções’ do informar não deixaram de seguir os princípios básicos do Jornalismo, já que irão continuar a atender as necessidades de informação dos leitores/ouvintes/telespectadores. Ela ainda enfatiza que o jornalismo sempre teve seu papel de informar e formar opinião pública, já o entretenimento explorou a ficção e divertir as pessoas. A chegada do INFOtenimento permitiu que a ideologia que perdura no meio e na prática jornalística fosse repensada. Para a autora,

> uma mesma matéria pode muito bem informar entretendo ou, então, entreter por meio da informação. Nele, o limite ético que separa jornalismo e entretenimento não existe. Tomemos o exemplo das revistas eletrônicas ou mesmo as especializadas em celebridades. Nunca, como agora, tivemos tanto show da vida como o que o programa Fantástico, da Rede Globo, anuncia desde 1973 (DEJAVITE, 2006, p. 72).

Os conteúdos apresentados em produtos que utilizam do INFOtenimento podem ser os mais variados. A escritora afirma que não é fácil determinar que conteúdos são esses, já que é um conceito *híbrido* que engloba informação e entretenimento. Para Dejavite (2006), os elementos de entretenimento no jornalismo podem ser definidos como:

a) O sensacionalismo;
b) A personalização;
c) A dramatização de conflito;
d) Matérias com uso de fotos, infográficos, tabelas, entre outros recursos.

São vistos como gêneros de INFOtenimento os programas populares de radiodifusão, os tabloides, os veículos voltados à cobertura de estilo de vida, a televisão e a mídia online. Porém, na visão da autora, essa “tal distinção é

superficial, já que há, hoje, uma tendência, para a fragmentação da mídia, para o hibridismo" (DEJAVITE, 2006, p. 87).

No dicionário de português online[5], a palavra híbrido significa o cruzamento entre espécies, raças, variedades ou gêneros distintos. O *hibridismo* na comunicação, citado por Dejavite (2006), é considerado pelas autoras Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro, no artigo *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro - A Liga e o Espetáculo do Pseudo Jornalístico* (2015), como uma marca da televisão brasileira. Na prática jornalística, o termo não foge do que é trazido pelo dicionário, destacando a união de alguns *gêneros* de programas televisivos para a formação de um novo.

Como apresentado no artigo *Televisão: entre gêneros, formatos e tons* (2007), da autora Elizabeth Duarte, a noção de gênero, na televisão, deve ser compreendida como um feixe de traços de conteúdo da comunicação televisiva que só se

> atualiza e realiza quando sobre ele projeta uma forma de conteúdo e de expressão - representada pela articulação entre subgêneros e formatos, esses, sim, procedimentos de construção discursiva que obedecem a uma série de regras de estruturação, envolvendo seleções e combinações em diferentes níveis (DUARTE, 2005, p.5).

Outro destaque da autora são os subgêneros. Para ela, o subgênero é uma das possíveis atualizações do gênero. Ou seja, o hibridismo de dois gêneros, como, por exemplo, o jornalístico e o entretenimento, formariam um subgênero. Segundo a pesquisadora, "sob sua chancela [subgênero] podem-se agrupar um número infindável de emissões televisuais" (DUARTE, 2007, p. 5). Ela observa que o subgênero diz muito mais que o gênero de um determinado produto televisivo.

Conhecidos os gêneros e subgêneros em que o programa *Amor e Sexo* possa estar inserido, é necessário entender os processos de criação, produção e pós-produção de um conteúdo do audiovisual. Eles serão descritos nos subtítulos a seguir.

---

[5] Disponível em <https://www.dicio.com.br/hibrido/> Acesso em 24 jun. 2021.

8.2 ETAPAS DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL

Para que um programa audiovisual chegue até a casa dos telespectadores, ele precisa passar por etapas que se iniciam no surgimento da ideia, chegam à elaboração e criação do roteiro, percorrem a escolha dos integrantes da equipe e quem serão os personagens daquela atração, o processo de produção e gravação dos episódios e a transmissão do material pela emissora. Visto isso, é necessário conhecer e entender essas etapas que serão descritas nos subtítulos a seguir.

8.2.1 Roteiro

Para que a produção de um programa audiovisual seja iniciada, é necessária uma peça bem importante: o *roteiro*. Nas palavras do autor Doc Comparato (1999, p. 19), na obra *Da Criação ao Roteiro*, o roteiro é “a forma escrita de qualquer projeto audiovisual”. Trazendo Jean-Claude Carrière (1991) como referência, o autor ainda destaca que o roteiro é o princípio de um processo visual, e não o final de um processo literário. Quem escreve um roteiro é chamado de roteirista e, para o escritor, o campo de trabalho de um roteirista está cada vez mais amplo, permitindo que os profissionais caminhem entre áreas desde séries de televisão, noticiários, desenhos animados (caso do próprio autor, que afirma ter caminhado pelas mais diversas especialidades).

Para que a obra desse roteirista chegue ao papel, ela precisa passar por algumas etapas. No seu livro, Comparato (1999) afirma que a construção do roteiro segue uma estrutura lógica, contudo, a personalidade do escritor pode exercer mudanças no modelo. No total, são seis etapas elencadas pelo autor:

a) *Ideia*: um roteiro se inicia com uma ideia, de um fato, de uma curiosidade despertada no autor, causando uma necessidade de relatar aquilo. Comparato (1999) destaca que a busca por uma ideia não é uma atividade fácil e rápida;
b) *Conflito*: a ideia deve ser definida através de um conflito essencial. Esse conflito principal será chamado *conflito-matriz*, o qual irá gerar um esboço da

história, tendo um ponto de partida chamado de *story line*, em outras palavras, é a condensação do conflito básico cristalizado em palavras;

c) *Personagens*: sustentam o peso da ação e são o ponto de atenção mais imediato para os espectadores. Elas precisam ser interessantes ao público, além de trazer profundidade em suas histórias;
d) *Ação dramática*: essa etapa consiste na construção da estrutura do roteiro, sendo um esqueleto formado pela sequência das cenas;
e) *Tempo dramático*: aqui se trata de tempo mesmo. É a introdução de uma noção do tempo de duração de uma cena;
f) *Unidade dramática*: na última fase da construção de um roteiro, quem já trabalha com o texto é o diretor, que irá fazer o que está no papel se tornar real.

Seguindo na mesma linha que Comparato (1999), Cathrine Kellison, autora da obra *Produção e Direção para TV e Vídeo* (2006), traz alguns aspectos importantes sobre a construção de um roteiro. Para ela, transformar uma ideia em um projeto é desafiador, sendo que “o trabalho é duro, nem sempre é remunerado e a competição é intensa” (KELLISON, 2006, p.56). Ideias para programas de televisão podem estar em qualquer lugar. Para ela, algumas fontes de inspiração podem ser: amigos, famílias ou colegas; pessoas estranhas; jornais; a *Internet*; biografias; história; feiras de livros; entre outros.

Uma fonte de ideias trazida por Kellison (2006) é a criatividade daquele que escreve o roteiro. Para a pesquisadora, a mente humana é um poço de ideias. Técnicas como criar um problema na mente e o solucioná-lo antes de dormir são destacados como um bom exercício na hora de se ter uma ideia e começar a trabalhar com ela.

Com o roteiro pronto, é necessário passar para a próxima fase da criação de um produto audiovisual: a Pré-produção. Ela será descrita no próximo subtítulo.

8.2.2 Pré-produção

A *pré-produção* de um produto audiovisual possui diversas etapas que devem ter toda a atenção do criador, já que cada uma tem suas funções e

importâncias dentro do projeto. Com o roteiro pronto, Cathrine Kellison (2006) destaca que uma planilha de divisão do roteiro deve ser criada a fim de se organizar todas as necessidades que a produção solicita. Alguns dos componentes dessa planilha são: número e nome da cena; elementos cinematográficos; elenco; se é de dia ou à noite; interior ou exterior; locação (set construído ou locação real); decoração e móveis do cenário, cabelo e maquiagem; equipamentos especiais; etc. Outro elemento importante, segundo a autora, é o caderno de produção, documento distribuído para toda equipe que contará com cada detalhe do programa.

Com roteiro de produção e elementos prontos, deve-se iniciar a pensar na estética e estilo do programa. Para Kellison (2006, p. 154), "sua [do programa] abordagem visual fornece pistas importantes para o telespectador. Uma série dramática pode refletir um ar melancólico, enquanto as *sitcoms* são mais brilhantes e coloridas". Ainda é destacado que elementos como iluminação, posição da câmera, figurino, maquiagem, cenografia e design de set contribuem para a estética geral do programa. Além do visual, os sons do programa precisam ser bem pensados, já que "o som é sutil, e mesmo que alguns espectadores nem sempre estejam conscientes do que ouvem, eles captam uma impressão de áudio" (KELLISON, 2006, p. 155).

Outra parte importante para um programa, principalmente para um perfil do objeto de análise desta pesquisa, o *Amor e Sexo*, é o *elenco* que o compõe. O conceito de elenco, segundo Cathrine Kellison (2006), abrange uma ampla variedade de descrições, podendo ser atores profissionais, apresentadores de programas ou indivíduos comuns sem nenhuma experiência prévia em gravações. Na visão da autora, "o elenco representa um papel essencial na hora de contar a história, dando ao projeto credibilidade e energia e estabelecendo uma conexão verdadeira com o espectador" (KELLISON, 2006, p. 157).

Para que o projeto audiovisual não se acumule em apenas uma pessoa, uma equipe técnica precisa ser destinada às suas devidas demandas. A pesquisadora lista uma série de profissionais-chave necessários no projeto:

a) *Diretor*: delineia a estética e as abordagens criativas da produção. Para a autora, o diretor "é uma força criativa importante em uma produção, pois supervisiona o roteiro, a seleção do elenco e ensaia com os artistas, lapidando a abordagem estética geral" (KELLISON, 2004, p. 166);

b) *Diretor de fotografia*: o primeiro a ser contratado, já que ele faz com que a visão criativa do diretor seja possível de acontecer;
c) *Gerente de produção*: esse cargo é destinado para o controle dos gastos e do orçamento da produção, também organizando o cronograma e questões que envolvem contato com fornecedores, hospedagens e afins;
d) *Assistente de direção*: tem como função fazer uma ponte entre diretor e o restante da equipe;
e) *Sonoplasta*: é o controlador das questões de áudio envolvendo o projeto, priorizando o cuidado com microfones e a captação de sons;
f) *Produtor de arte*: responsável pela criação e organização do set de filmagens/estúdio;
g) *Supervisor de pós-produção*: profissional destinado para cuidar de questões do pós-gravações, como contratação de editor e mixador de som.

Além desses profissionais essenciais, uma equipe de apoio é crucial para que o projeto ganhe vida. Kellison (2006) apresenta alguns desses trabalhadores que fazem a diferença. São eles: equipe de roteiristas (pesquisadores, redatores); equipe visual (diretor de iluminação, operador de câmera, assistente de câmera, fotógrafo, iluminador, assistente de iluminação); equipe de áudio (operador de microfone boom, técnico de som, assistente de áudio); equipe administrativa (secretária de produção, chefe de alimentação, chefe de transportes, segundo assistente de direção, estagiário); equipe de arte (cenógrafo, decorador, assistentes, camareira, cabeleireiro, maquiador, figurinista).

Outro elemento importante da pré-produção, segundo a autora, são as locações. Em sua visão, “gravar em locações pode acrescentar uma estética ou um tom específico à produção” (KELLISON, 2006, p. 176). Quando uma locação é realizada fora dos estúdios, gera até uma certa economia para a produção, pois a locação já vem decorada com elementos cenográficos. O lado ruim, para a escritora, é o espaço limitado para a gravação, para os equipamentos da produção e para elenco e equipe técnica. O *Amor e Sexo* não realizava gravações externas, apenas algumas entrevistas e matérias esporádicas. O programa tinha seu estúdio próprio, onde todos os programas eram gravados.

Com todos os passos anteriores dados, o produto audiovisual pode seguir para a próxima etapa: a gravação. Essa nova fase do projeto será detalhada no subtítulo seguinte.

8.2.3 Gravação

Kellison (2006) destaca que para o projeto finalmente ganhar vida, todas suas etapas anteriores precisam estar encerradas, ou seja, roteiros finalizados, figurinos construídos, estúdio decorado e elenco afinado.

Ao serem iniciadas as gravações, decisões precisam ser tomadas. Uma delas é o tipo de câmeras que serão utilizadas. Na visão da pesquisadora, há um profissional que faz a diferença na hora de captar imagens: o operador de câmera. De acordo com ela, um bom operador de câmera filma cenas interessantes, fornecendo um material que não é apenas bom, mas também é fácil de se cortar e editar nos estágios de edição e mixagem. A autora também destaca que o projeto deve ser gravado na melhor câmera possível com base no orçamento da produção, possibilitando que um bom material chegue ao telespectador.

Além da imagem, o áudio precisa ser prioridade durante as gravações. A autora chega a chamar a operação de áudio de "uma arte altamente criativa" (KELLISON, 2006, p. 200). Na sua ótica, o que o telespectador ouve influencia o que ele vê. Uma *coreografia* geral de sons gravados é conhecida, segundo Kellison (2006), como operação de áudio, e, em geral, inclui: diálogo, fundo ou ambiente, efeitos sonoros e sons adicionais. Também são apresentados quatro principais elementos da gravação de áudio: o microfone, acústica da locação, formato de gravação de áudio e perspectiva de som.

Após áudio e imagem serem pontos trabalhados e preparados pela equipe, o projeto passa para a gravação propriamente dita. A autora destaca que antes do processo de rodagem das imagens se inicie, itens como figurinos, elenco, marcação de câmeras e iluminação do set precisam ser conferidos cuidadosamente. Com o OK da produção e o ‘gravando’ do diretor, o show se inicia.

8.2.4 Pós-produção

Após todas as imagens, sons e demais conteúdos terem sido gravados e captados, o material passa para uma nova etapa: a *pós-produção*. Para Cathrine Kellison (2006), “a *pós-produção* pode ser o aspecto menos compreendido do domínio do produtor. É nessa fase que as cenas e o áudio são editados e mixados para criar uma obra coerente e com fluidez” (p. 215). É comum, segundo a autora, que o projeto tenha um produtor da pós-produção, que ficará responsável por controlar, observar e analisar o material que vai sendo produzido.

Nessa parte da produção se inicia o trabalho do editor, que será o responsável por criar o produto que irá ao público. De acordo com a pesquisadora, um editor pode ser um mágico, um consultor e um juiz eficaz do que funciona e do que não funciona no trabalho. Ela ainda destaca que “como um artista criativo, um editor pode ‘pintar’ o estado de espírito da cena usando ritmo, a perspectiva da ação e sinalizar conflitos ou situações cômicas” (KELLISON, 2006, 224). Também é apontado pela autora que até que o produto final chegue ao espectador, ele passa por diversos ‘cortes’, ou seja, são criadas algumas versões daquele projeto, até que enfim uma edição final seja aprovada pela equipe.

Assim como a edição, o design de áudio do programa precisa ser priorizado. O profissional designer de áudio, assim como o editor, de acordo com Kellison (2006), pode fazer ‘pequenos milagres’ ao manipular o áudio para criar um impacto no espectador. A autora salienta que esse profissional acrescenta uma nova dimensão à ideia original do produtor ao aumentar ou diminuir níveis de diálogo ou sons ambientes, ao remover ruídos do fundo que podem distrair o espectador e ao adicionar música. Kellison (2006) apresenta duas ‘qualidades’ contrastantes de som que o designer trabalha. São elas:

a) *Som direto*: som ao vivo, gravado na locação. É espontâneo e autêntico, embora possa não ter a qualidade acústica ideal;
b) *Som de estúdio*: som gravado no estúdio. Esse método aprimora a qualidade do som, eliminando ruídos indesejáveis ao fundo, ou o som ambiente. Esse áudio pode ser mixado com o áudio direto.

Após os processos de elaboração do Roteiro, Pré-produção, Gravação e Pós-produção estarem completos, o programa está pronto para ir ao ar. A disponibilização do produto final será abordada no próximo subtítulo.

8.2.5 Entrega do produto final

Com todas as etapas concluídas, é hora de entregar o conteúdo ao público. Kellison (2006) destaca que deve ser entregue um conteúdo com a maior qualidade possível. De acordo com a autora, não importa se o material será para a televisão aberta, ou vendido para um distribuidor, ou utilizado para treinamento educacional. O produto precisa ser bom e atender a alguns requisitos que, normalmente, são descritos no contrato entre as duas partes. Alguns desses requisitos são: formato de áudio e vídeo corretos, de acordo com as exigências; a duração específica, legendas, entre outros.

Para ela, “o final do processo de pós-produção causa uma sensação de triunfo, sinalizando a conclusão do projeto graças à colaboração de todos os envolvidos” (KELLISON, 2006, p. 250).

As etapas de produção de um produto audiovisual são essenciais para a compreensão do objeto de estudo dessa pesquisa. O próximo subtítulo irá em busca das abordagens da sexualidade na televisão brasileira. Esse estudo se dará em nível histórico, buscando informações desde o seu surgimento na TV até os dias atuais.

8.3 A SEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Mesmo que a vida sexual faça parte do cotidiano dos brasileiros, esse tema demorou para chegar às televisões do país. Sabe-se que o sexo é necessário para a continuidade da espécie humana, porém, falar dele fora de quatro paredes pode ser considerado até obsceno.

A discussão sobre sexualidade na televisão brasileira é um tema essencial para a composição desta pesquisa. Mesmo com as emissoras surgindo no Brasil apenas na década de 1950, segundo as autoras Denise Tavares da Silva e Táia

Rocha Mattos, no artigo *Sexo, perguntas e videoteipe: uma discussão acerca dos programas brasileiros sobre sexualidade, da TV ao YouTube* (2011), foi na década de 80 que o tema entrou nas casas dos telespectadores. Esse papel coube ao programa *TV Mulher*[6] (1980-1986), da Rede Globo.

O programa de variedades voltado para o público feminino apresentado por Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias, pode ser considerado o primeiro programa matinal dedicado ao público feminino, além de ser o pioneiro ao trazer o sexo à pauta na televisão brasileira em um contexto de Ditadura Militar no país (1964-1985).

Dentro do programa de variedades existia o quadro *Comportamento Sexual*. Ele era apresentado pela até então psicanalista e sexóloga Marta Suplicy, que viria a ser prefeita da cidade de São Paulo, senadora, deputada federal e ministra. Para Silva e Mattos (2011), mesmo com apenas cinco minutos de quadro nas manhãs da Globo, não é exagero afirmar que Marta revolucionou a forma de falar sobre sexo na TV brasileira. Para ambas, "pela primeira vez discutia-se temas relacionados ao sexo, ao ato sexual, e à sexualidade de maneira geral - que incluía relacionamentos, divórcios, independência, etc." (SILVA; MATTOS, 2011, p. 4).

No Trabalho de Conclusão de Curso *Sem preconceito? A representação LGBT em 'Amor e Sexo'* (2015), Laura Moura de Quadros complementa o que foi dito pelas autoras ao afirmar que no *TV Mulher* e o quadro *Comportamento Sexual*, se debateu questões como menstruação, orgasmo, impotência, entre outros de forma didática, com objetivo de levar informação aos telespectadores.

A estrutura do quadro era simples: as telespectadoras encaminhavam cartas para o programa para serem lidas por Marta durante a exibição do quadro. Ao analisarem trechos de edições, as pesquisadoras afirmam que "a apresentadora [Marta Suplicy] ironiza algumas atitudes femininas que, à época, ainda serviam como subterfúgio para evitar o divórcio" (SILVA; MATTOS, 2011, p. 4). Com o fim do *TV Mulher*, em agosto de 1986, a rede aberta de televisão viu o tema entrar em hiato por um bom tempo.

Somente 13 anos depois, a pauta sexual voltou a despontar nas telas. Foi na MTV Brasil, a *emissora dos jovens*, que o tema ganhou espaço. Criado no Brasil em 1990, o canal era dedicado ao público adolescente, sendo a primeira rede de

---

[6] Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/> Acesso em 21 jun. 2021.

televisão aberta segmentada no país. Para Zico Góes (2014, p. 15), na obra *MTV, bota essa p#@% pra funcionar*, a MTV Brasil "era um canal novo, moderninho, bacana, colorido, dinâmico, vanguardista e incrível".

Segundo os autores Isadora Meneses Rodrigues, Iúrio Ferreira do Nascimento e Maria Andreia dos Santos, no artigo *Gênero e Sexualidade: Uma análise do Programa 'Amor e Sexo' exibido em 02 de Março de 2017* (2017), a MTV Brasil foi um celeiro de programas que falaram abertamente sobre sexo, sexualidade e temas considerados *polêmicos* pela sociedade do final do século XX até meados dos anos 2010 do século XXI. Programas como *Erótica MTV* (1999); *Peep Show* (2002); *Ponto Pê* (2004); *PodSex* (2009) e *MTV Sem Vergonha* (2012) fizeram parte da história da emissora ao abordar a sexualidade sem pudores.

O *Erótica MTV*, que estreou próximo a virada do século, e era inspirado no programa *Loveline*, da versão americana da emissora, é destacado pelas autoras Silva e Mattos (2011) como um produto que trazia uma proposta de debate intimista. A atração era apresentada pela modelo Babi Rossi e pelo psicanalista e sexólogo Jairo Bauer.

Góes (2014) destaca que o programa, logo em sua estreia, marcou dois pontos de audiência no Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), o que era raro para a emissora na época. Ele explica que o programa possuía uma fórmula simples: uma apresentadora bonita, um especialista no assunto, um convidado ilustre e perguntas da audiência. Na sua visão, essa junção de elementos era ótima para um bate-papo sobre sexo sem papas na língua. Relembrando o *TV Mulher*, o autor salienta que Marta Suplicy havia sido a última a falar sobre sexo na rede aberta de televisão. Para o autor, "em *Erótica MTV*, o assunto corria mais solto, claro, natural" (GÓES, 2014, p. 79). O programa foi extinto pela emissora em 2002.

Assim como o *Erótica*, o *Peep MTV* buscou debater a sexualidade na programação da emissora. Criado e finalizado em 2002, o *Peep* era apresentado por Didi Wagner, Jairo Bauer (ex-*Erótica*) e Penélope Nova. Segundo Quadros (2015), o programa, basicamente, seguia a mesma proposta do *Erótica*, onde os apresentadores respondiam a questionamentos vindos dos telespectadores.

Com o fim do programa, coube a apresentadora Penélope Nova encabeçar uma nova proposta da emissora para o assunto: o *Ponto Pê*. Silva e Mattos (2011) destacam que

> sem qualquer formação na área de saúde, ao contrário de seus antecessores Marta Suplicy e Jairo Bouer, especializados em sexologia, o que provavelmente chamou a atenção dos diretores da MTV e acabou por dar maior projeção à Penélope, foi a desenvoltura da apresentadora (SILVA e MATTOS, 2011, p. 5).

Saindo da MTV Brasil, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) também investiu no segmento com o programa *Aprendendo Sobre Sexo*, que estreou na emissora em 2006. A psicóloga com especialização em Sexologia Carla Cecarello era responsável pela condução da atração, que buscava responder a questionamentos e curiosidades acerca da vida sexual humana. Já em 2007, em um quadro do programa *Altas Horas* (Rede Globo), apresentado por Serginho Groisman, o assunto voltou a ter espaço na maior emissora da TV brasileira aberta. Exibido nas madrugadas de sábado para domingo, o programa de Groisman trouxe para o palco a jornalista especializada em Sexologia Laura Muller. De acordo com a dupla Silva e Mattos (2011), Laura era encarregada de receber e responder às dúvidas dos mais variados assuntos relacionados a sexo, saúde sexual e até dúvidas peculiares vindas da plateia ou da *Internet*.

O programa mais recente na história da televisão brasileira a lidar com o tema foi o objeto de estudo desta pesquisa, o *Amor e Sexo*, que estreou em 2009 na grade noturna da emissora. Segundo o diretor da atração, Ricardo Waddington[7],o programa tinha o objetivo de entreter e falar de sexualidade e relacionamento. Uma plateia formada por populares e especialistas integravam a atração que debatia temas envolvendo sexualidade e comportamento, relacionamentos e quebra de preconceitos.

Pautas envolvendo a comunidade LGBTQIA+[8] também fizeram e fazem parte da televisão brasileira. Esse tema será trabalhado no subtítulo a seguir.

---

[7] Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/> Acesso em 20 jun. 2021.

[8] É acrônimo para: Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexo, assexual e o + (mais) é utilizado para integrar demais grupos e variações de sexualidade e gênero. Disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia> Acesso em 20 jun. 2021.

8.3.1 A representação LGBTQIA+ na TV

Apesar de pagar os mesmos impostos e de ter os mesmos direitos e deveres que qualquer outro cidadão brasileiro, a comunidade LGBTQIA+ ainda não é representada de maneira diversa e real, além da violência constante que sofre. Segundo dados divulgados em julho de 2020, pela revista Carta Capital[9], coletados pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), secretarias de Atenção Primária em Saúde e de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRGS) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um LGBT foi agredido a cada hora no país. Dados de 2015 a 2017, divulgados pelo Sistema Único de Saúde, mostram que houveram 24.564 notificações de violências contra a comunidade, sendo em média 22 casos por dia.

De acordo com Isadora Meneses Rodrigues, Iúrio Ferreira do Nascimento e Maria Andreia dos Santos (2017), no artigo *Gênero e Sexualidade: Uma Análise do programa 'Amor e Sexo' exibido em 02 de Março de 2017*, as lutas da comunidade LGBTQIA+ tem um histórico de "deslegitimação midiática" (p. 4). Os autores destacam que a Rede Globo de Televisão é observada pelos movimentos sociais como um canal que manuseia opiniões e apresenta uma grade de programação que acaba realizando uma manutenção de preconceitos. É salientado pelo trio que isso acontece, por exemplo, quando a emissora enfatiza os estereótipos de gênero e de sexualidade.

Mesmo que a emissora passe essa mensagem, para o grupo de autores, "é possível perceber que muitas das pautas dos grupos minoritários vêm sendo lentamente atendidas na TV brasileira, e a programação da Rede Globo também passa por esse influxo" (NASCIMENTO; RODRIGUES; SANTOS, 2017, p. 4). E é nas novelas que a comunidade LGBTQIA+ vem sendo apresentada e representada com mais frequência.

De acordo com Fernanda Nascimento da Silva, na dissertação de mestrado *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida* (2015), foi em 1970, com o ator Ary Fontoura interpretando a personagem Rodolfo Augusto, na telenovela *Assim na Terra como no Céu*, que aconteceu a

[9] Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/> Acesso em 20 jun. 2021.

primeira representação LGBT na teledramaturgia da Rede Globo. Silva (2015) também aponta que foram 62 novelas da emissora que trouxeram personagens gays em suas narrativas entre 1970 e 2013.

Nascimento, Rodrigues e Santos (2017) salientam que, mesmo as personagens estando na obra e enredo, não significa que a classe LGBTQIA+ tenha sido representada com eles. O trio afirma que essas personagens estão sempre em menor número se comparado com personagens heterossexuais. Os autores ainda lembram que foi apenas em 2013, na telenovela Amor à Vida (2013-2014), de autoria de Walcyr Carrasco, que aconteceu o primeiro beijo entre dois homens em uma novela da Rede Globo, dado pelas personagens Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso). Ao citarem o programa *Amor e Sexo*, os autores pontuam que "o programa se destaca por trazer membros da comunidade LGBT desde sua primeira edição, mesmo que nem sempre bem representados" (NASCIMENTO; RODRIGUES; SANTOS, 2017, p. 6).

Integrantes da comunidade LGBTQIA+, as pessoas transexuais ainda caminham à margem da sociedade. Mesmo que ocupem diversos espaços, seja como cabeleireiros, vereadores ou advogados, eles são a letra do acrônimo que mais sofre. Em 29 de janeiro se celebra o Dia Nacional da Visibilidade Trans e em 1° de fevereiro de 2021, o site G1[10] divulgou que o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo, de acordo com a pesquisa Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020, promovida pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra). Foram 175 assassinatos em 2020, uma média de uma morte a cada dois dias.

A representação transexual na TV ganhou mais espaço com a telenovela A Força do Querer (2017), da autora Gloria Perez, com direção geral de Pedro Vasconcelos. A personagem Ivana/Ivan (Carol Duarte), um homem que nasceu em corpo de mulher e vive em conflitos com sua identidade, teve a sua vida discriminada nos episódios diários da novela. Segundo os autores Jéssica Moreira, Marlon Cavalcante e Mônica C.P. Sousa, no artigo *Visibilidade e Representatividade Transexual: A personagem Ivana em A Força do Querer* (2018),

[10] Disponível em <https://g1.globo.com/politica/stories/2021/02/01/visibilidade-trans-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo.ghtml> Acesso em 20 jun. 2021.

> a novela, ao abordar o tema com certa cautela e bastante lucidez, gera uma discussão entre os telespectadores. Agora os transexuais não estão à margem da sociedade e escondidos nas sombras das calçadas, eles também estão sendo vistos, falados e comentados. Os telespectadores são partes essenciais no processo de divulgação de informações, que até um tempo atrás eram completamente negligenciados (CAVALCANTE; MOREIRA; SOUSA, 2018, p. 3).

Desde o *TV Mulher*, nos anos 1980, a sexualidade vem procurando espaço para ser discutida na TV brasileira com a naturalidade necessária. Após o programa matinal da Rede Globo, a MTV Brasil é que abraçou o tema, onde a juventude ganhou espaço para discutir as inseguranças que a vida sexual, orientações e desejos causam durante a adolescência, até chegar ao *Amor e Sexo*, que por 11 temporadas buscou promover o debate de forma informativa e, às vezes, até mesmo educativa. Percebe-se que a sexualidade ganhou importância durante a história da TV brasileira, mas ainda é marcada por espaços em branco.

Com a finalização do subtítulo de Sexualidade na TV, a Revisão Bibliográfica do projeto está concluída. Vale ressaltar que a revisão desenvolvida nesta etapa servirá de base para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso II, que será desenvolvido no 2° semestre de 2021.

Os próximos capítulos do projeto tratarão do roteiro de capítulos e cronograma de estudos.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1 INTRODUÇÃO

2 METODOLOGIA

2.1 MÉTODO

2.1.1 Pré-Análise

2.1.2 Exploração do Material

2.1.3 Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação

2.2 TÉCNICA

2.2.1 Revisão Bibliográfica

2.2.2 Observação Simples

2.2.2.1 Objeto de Estudo

2.2.2.2 *Corpus* da Pesquisa

2.3 ENTREVISTA

3 GÊNEROS E FORMATOS DOS PROGRAMAS DE TV

3.1 CONCEITOS

3.2 CATEGORIA ENTRETENIMENTO

3.2.1 Gênero Auditório

3.2.2 Gênero Variedades

3.3 CATEGORIA INFORMAÇÃO

3.3.1 Gênero Debate

3.3.2 Gênero Entrevista

3.4 INFOTENIMENTO

4 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL

4.1 ROTEIRO

4.2 PRÉ-PRODUÇÃO

4.3 A GRAVAÇÃO

4.4 PÓS PRODUÇÃO

4.5 ENTREGA DO MATERIAL

5 A SEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA

5.1 SEXO NA PAUTA DOS PROGRAMAIS TELEVISIVOS
5.2 REPRESENTAÇÃO LGBTQIA+ NA TV

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 CRONOGRAMA

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
CAPÍTULOS 3 e 4	X				
CAPÍTULO 5 e REVISÃO METODOLÓGICA		X			
ANÁLISE DE CONTEÚDO			X		
REVISÃO GERAL				X	
ENTREGA DO TCC				X	
APRESENTAÇÃO					X

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BESTGROUPEVER. **Senta que lá vem história: Uma jornada pelas hibridizações presentes em Castelo Rátim-Bum**. Disponível em: <https://medium.com/@rodriguesl2019>. Acesso em: 3 jul. 2021.

CARTA CAPITAL. **Um LGBT é agredido no Brasil a cada hora, revelam dados do SUS**. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/> Acesso em 20 jun. 2021.

CASTRO, Karina Lucia de. **Educação Sexual e erotização na televisão: Uma análise crítica do programa Ponto Pê, da MTV Brasil**. 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/castro-karina-educacao-sexual-erotizacao-na-televisao.pdf> Acesso em: 20 jun. 2021.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

DICIO. **Inferência**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/inferencia/> Acesso em 13 jun. 2021.

DICIO. **Híbrido**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/hibrido/> Acesso em 24 jun. 2021.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: entre gêneros, formatos e tons**. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0399-1.pdf> Acesso em: 04 jun. 2021.

EDUCA MAIS BRASIL. **Qual o significado da sigla LGBTQIA+?.** Disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia> Acesso em 20 jun. 2021.

GAÚCHA ZH. **Após discurso feminista, Fernanda Lima gera polêmica nas redes sociais**. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2018/11/apos-discurso-feminista-fernanda-lima-gera-polemica-nas-redes-sociais-cjo7iuxmj0c4q01rxpmfp2jyk.html> Acesso em 8 abr. 2021.

G1. **Visibilidade Trans: Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo**. Disponível em

<https://g1.globo.com/politica/stories/2021/02/01/visibilidade-trans-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo.ghtml> Acesso em 20 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GÓES, Zico. **MTV, Bota Essa P#@% Pra Funcionar**. São Paulo: Panda Books, 2014.

KELLISON, Cathrine. **Produção e Direção para TV e Vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MEMÓRIA GLOBO. **Amor e Sexo**. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/> Acesso em 21 mai. 2021 e 20 jun. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. **TV Mulher**. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/> Acesso em 19 jun. 2021.

MOREIRA, Jéssica; CAVALCANTE, Marlons; SOUSA, Mônica C. P. **Visibilidade e Representatividade Transexual: A personagem Ivana em "A Força do Querer"**. 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0665-1.pdf> Acesso em: 21 jun. 2021.

NASCIMENTO, Iúrio Ferreira do; SANTOS, Maria Andreia dos; RODRIGUES, Isadora Meneses. **Gênero e Sexualidade: Uma análise do Programa 'Amor e Sexo' exbido em 02 de Março de 2017**. 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1282-1.pdf> Acesso em 20 jun. 2021.

QUADROS, Laura Moura de. **Sem preconceito? A representação LGBT em "Amor e Sexo"**. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1883/Quadros_Laura_Moura_de.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 jun. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 20 de fevereiro de 2016**. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4829303/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 30 de março de 2017**. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5766374/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 23 de outubro de 2018**. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7109730/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

REDE GLOBO. **Amor e Sexo exibido em 06 de novembro de 2018**. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7143317/programa/> Acesso em 1° jul. 2021.

SILVA, Denise Tavares da; MATTOS, Táia Rocha. **Sexo, perguntas e videoteipe: uma discussão acerca dos programas brasileiros sobre sexualidade, da TV ao *YouTube***. 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-1056-1.pd> Acesso em: 20 jun. 2021.

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela *Amor à Vida***. 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7112/1/000467545-Texto%2bCompleto-0.pdf> Acesso em: 21 jun. 2021.

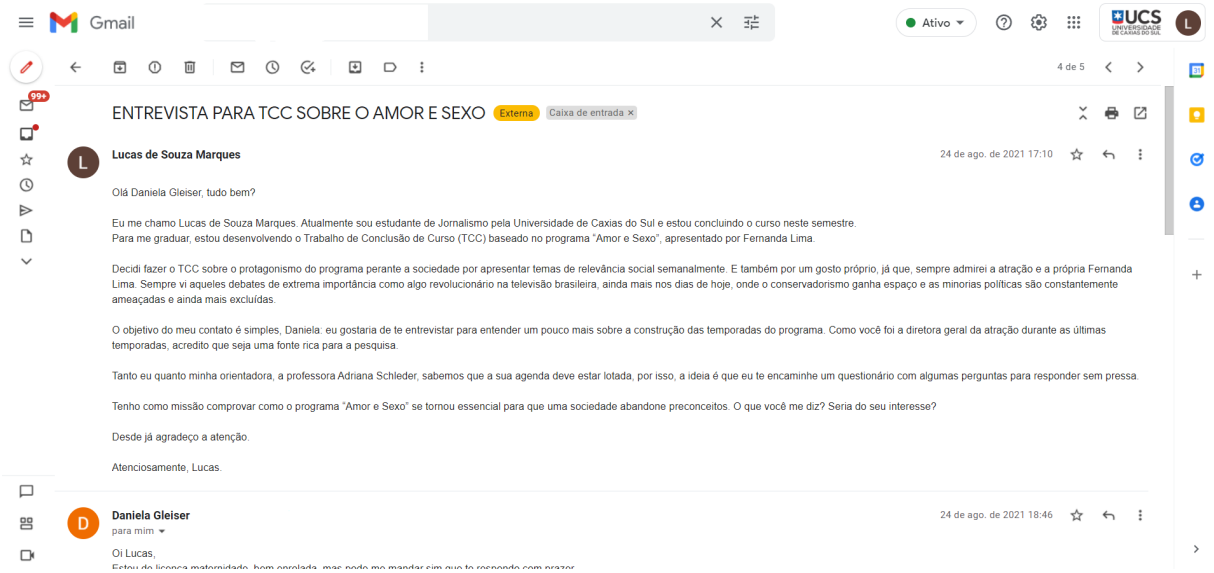
SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51 – 61.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. **Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro - A Liga e o Espetáculo do Pseudo Jornalístico**. 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1084-1.pdf> Acesso em: 04 jun. 2021.

UOL. **Internet chega a 80% das casas do Brasil, e presença de TV cai, diz IBGE**. Disponível em <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/29/internet-chega-a-80-das-casas-do-brasil-e-presenca-de-tv-cai-diz-ibge.html> Acesso em 27 mar. 2021.

ANEXO A - CONTATO COM DANIELA GLEISER VIA E-MAIL



Gmail

Ativo

4 de 5

ENTREVISTA PARA TCC SOBRE O AMOR E SEXO Externa Caixa de entrada ×

Lucas de Souza Marques 24 de ago. de 2021 17:10

Olá Daniela Gleiser, tudo bem?

Eu me chamo Lucas de Souza Marques. Atualmente sou estudante de Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul e estou concluindo o curso neste semestre.
Para me graduar, estou desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) baseado no programa "Amor e Sexo", apresentado por Fernanda Lima.

Decidi fazer o TCC sobre o protagonismo do programa perante a sociedade por apresentar temas de relevância social semanalmente. E também por um gosto próprio, já que, sempre admirei a atração e a própria Fernanda Lima. Sempre vi aqueles debates de extrema importância como algo revolucionário na televisão brasileira, ainda mais nos dias de hoje, onde o conservadorismo ganha espaço e as minorias políticas são constantemente ameaçadas e ainda mais excluídas.

O objetivo do meu contato é simples, Daniela: eu gostaria de te entrevistar para entender um pouco mais sobre a construção das temporadas do programa. Como você foi a diretora geral da atração durante as últimas temporadas, acredito que seja uma fonte rica para a pesquisa.

Tanto eu quanto minha orientadora, a professora Adriana Schleder, sabemos que a sua agenda deve estar lotada, por isso, a ideia é que eu te encaminhe um questionário com algumas perguntas para responder sem pressa.

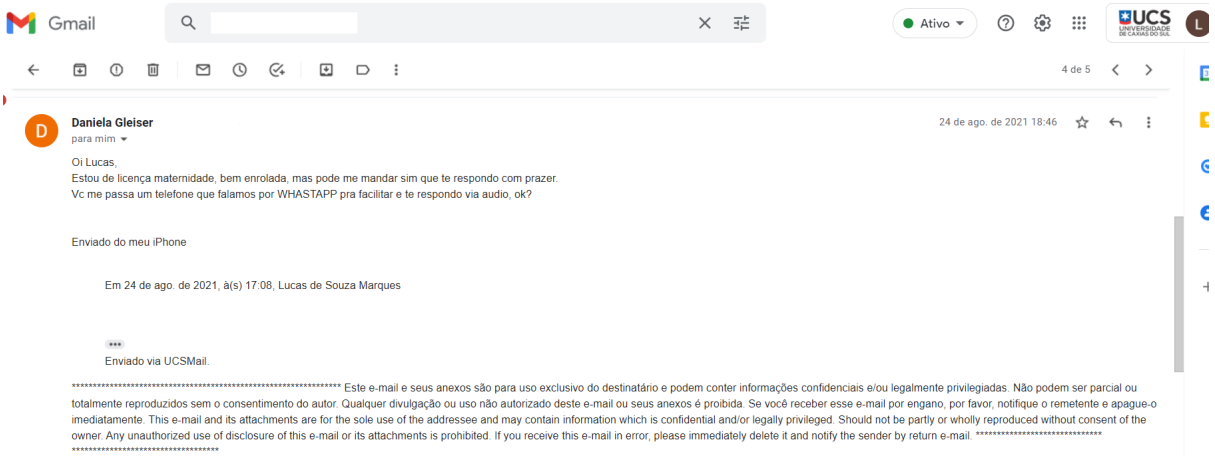
Tenho como missão comprovar como o programa "Amor e Sexo" se tornou essencial para que uma sociedade abandone preconceitos. O que você me diz? Seria do seu interesse?

Desde já agradeço a atenção.

Atenciosamente, Lucas.

Daniela Gleiser 24 de ago. de 2021 18:46
para mim

Oi Lucas,
Estou de licença maternidade, bem enrolada, mas pode me mandar sim que te respondo com prazer.



Gmail

Ativo

4 de 5

Daniela Gleiser 24 de ago. de 2021 18:46
para mim

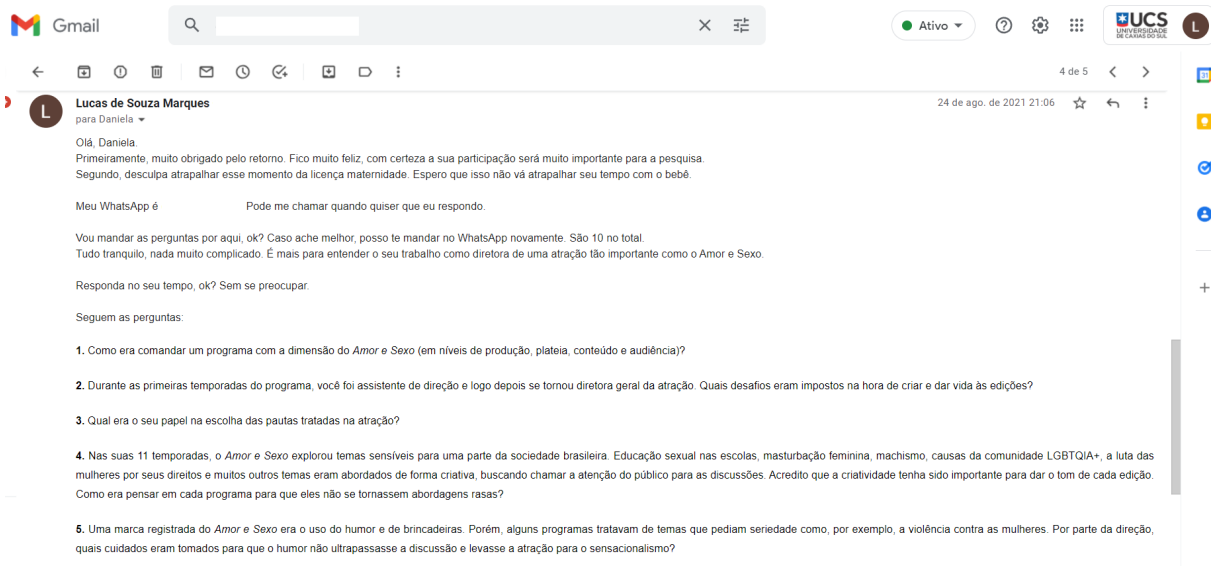
Oi Lucas,
Estou de licença maternidade, bem enrolada, mas pode me mandar sim que te respondo com prazer.
Vc me passa um telefone que falamos por WHASTAPP pra facilitar e te respondo via audio, ok?

Enviado do meu iPhone

Em 24 de ago. de 2021, à(s) 17:08, Lucas de Souza Marques

Enviado via UCSMail.

********** Este e-mail e seus anexos são para uso exclusivo do destinatário e podem conter informações confidenciais e/ou legalmente privilegiadas. Não podem ser parcial ou totalmente reproduzidos sem o consentimento do autor. Qualquer divulgação ou uso não autorizado deste e-mail ou seus anexos é proibida. Se você receber esse e-mail por engano, por favor, notifique o remetente e apague-o imediatamente. This e-mail and its attachments are for the sole use of the addressee and may contain information which is confidential and/or legally privileged. Should not be partly or wholly reproduced without consent of the owner. Any unauthorized use of disclosure of this e-mail or its attachments is prohibited. If you receive this e-mail in error, please immediately delete it and notify the sender by return e-mail. ********** **********



Gmail

Ativo

4 de 5

Lucas de Souza Marques
para Daniela

24 de ago. de 2021 21:06

Olá, Daniela.
Primeiramente, muito obrigado pelo retorno. Fico muito feliz, com certeza a sua participação será muito importante para a pesquisa.
Segundo, desculpa atrapalhar esse momento da licença maternidade. Espero que isso não vá atrapalhar seu tempo com o bebê.

Meu WhatsApp é Pode me chamar quando quiser que eu respondo.

Vou mandar as perguntas por aqui, ok? Caso ache melhor, posso te mandar no WhatsApp novamente. São 10 no total.
Tudo tranquilo, nada muito complicado. É mais para entender o seu trabalho como diretora de uma atração tão importante como o Amor e Sexo.

Responda no seu tempo, ok? Sem se preocupar.

Seguem as perguntas:

1. Como era comandar um programa com a dimensão do *Amor e Sexo* (em níveis de produção, plateia, conteúdo e audiência)?

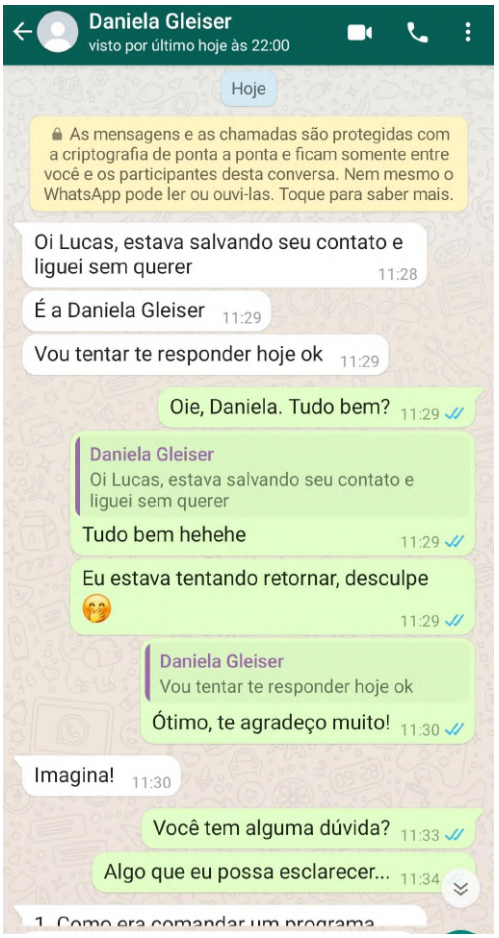
2. Durante as primeiras temporadas do programa, você foi assistente de direção e logo depois se tornou diretora geral da atração. Quais desafios eram impostos na hora de criar e dar vida às edições?

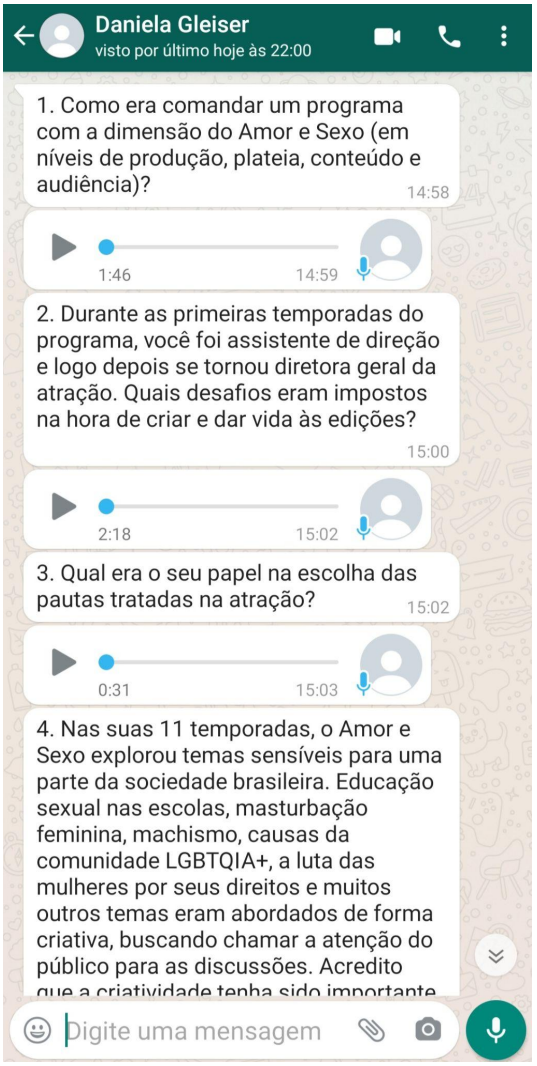
3. Qual era o seu papel na escolha das pautas tratadas na atração?

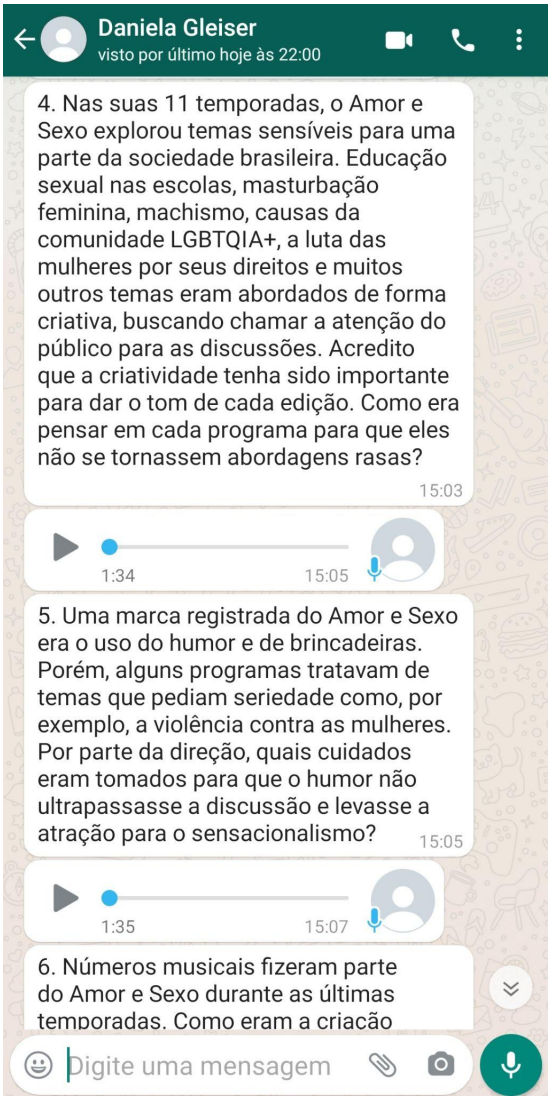
4. Nas suas 11 temporadas, o *Amor e Sexo* explorou temas sensíveis para uma parte da sociedade brasileira. Educação sexual nas escolas, masturbação feminina, machismo, causas da comunidade LGBTQIA+, a luta das mulheres por seus direitos e muitos outros temas eram abordados de forma criativa, buscando chamar a atenção do público para as discussões. Acredito que a criatividade tenha sido importante para dar o tom de cada edição. Como era pensar em cada programa para que eles não se tornassem abordagens rasas?

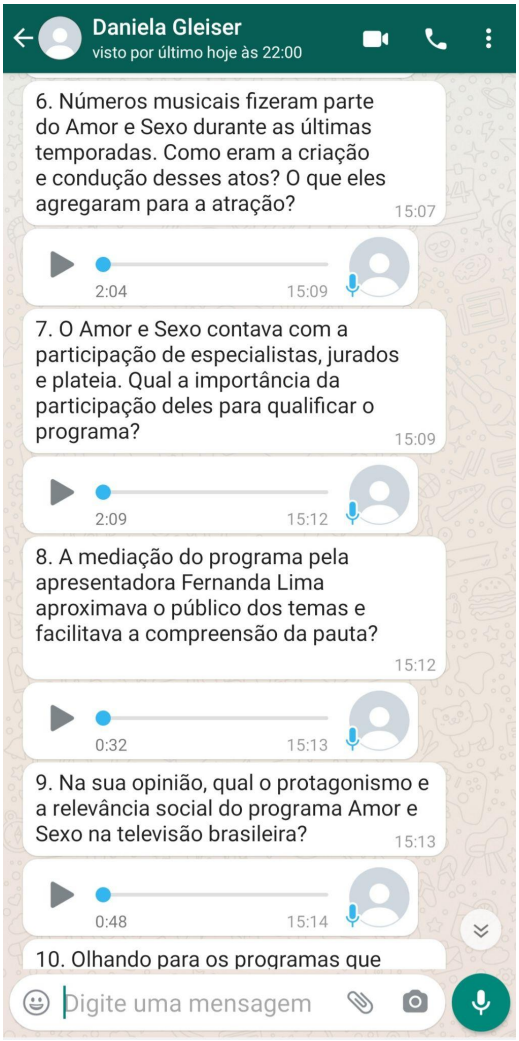
5. Uma marca registrada do *Amor e Sexo* era o uso do humor e de brincadeiras. Porém, alguns programas tratavam de temas que pediam seriedade como, por exemplo, a violência contra as mulheres. Por parte da direção, quais cuidados eram tomados para que o humor não ultrapassasse a discussão e levasse a atração para o sensacionalismo?

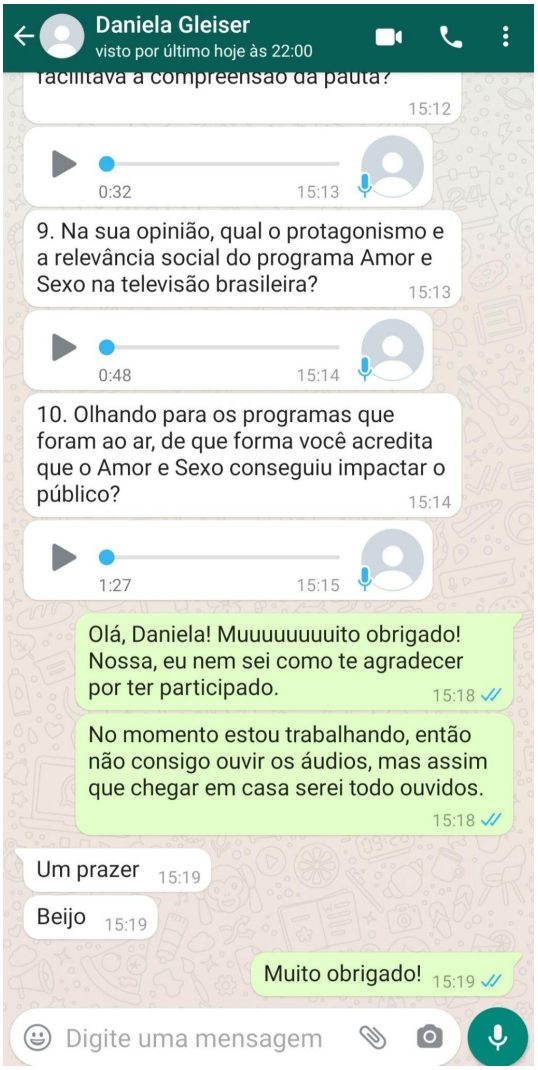
ANEXO B - CONTATO COM DANIELA GLEISER VIA *WHATSAPP*




Daniela Gleiser
visto por último hoje às 22:00
1. Como era comandar um programa com a dimensão do Amor e Sexo (em níveis de produção, plateia, conteúdo e audiência)?
14:58
1:46
14:59
2. Durante as primeiras temporadas do programa, você foi assistente de direção e logo depois se tornou diretora geral da atração. Quais desafios eram impostos na hora de criar e dar vida às edições?
15:00
2:18
15:02
3. Qual era o seu papel na escolha das pautas tratadas na atração?
15:02
0:31
15:03
4. Nas suas 11 temporadas, o Amor e Sexo explorou temas sensíveis para uma parte da sociedade brasileira. Educação sexual nas escolas, masturbação feminina, machismo, causas da comunidade LGBTQIA+, a luta das mulheres por seus direitos e muitos outros temas eram abordados de forma criativa, buscando chamar a atenção do público para as discussões. Acredito
Digite uma mensagem


Daniela Gleiser
visto por último hoje às 22:00
4. Nas suas 11 temporadas, o Amor e Sexo explorou temas sensíveis para uma parte da sociedade brasileira. Educação sexual nas escolas, masturbação feminina, machismo, causas da comunidade LGBTQIA+, a luta das mulheres por seus direitos e muitos outros temas eram abordados de forma criativa, buscando chamar a atenção do público para as discussões. Acredito que a criatividade tenha sido importante para dar o tom de cada edição. Como era pensar em cada programa para que eles não se tornassem abordagens rasas?
15:03
1:34
15:05
5. Uma marca registrada do Amor e Sexo era o uso do humor e de brincadeiras. Porém, alguns programas tratavam de temas que pediam seriedade como, por exemplo, a violência contra as mulheres. Por parte da direção, quais cuidados eram tomados para que o humor não ultrapassasse a discussão e levasse a atração para o sensacionalismo?
15:05
1:35
15:07
6. Números musicais fizeram parte do Amor e Sexo durante as últimas temporadas. Como eram a criação
Digite uma mensagem


Daniela Gleiser
visto por último hoje às 22:00
6. Números musicais fizeram parte do Amor e Sexo durante as últimas temporadas. Como eram a criação e condução desses atos? O que eles agregaram para a atração?
15:07
2:04
15:09
7. O Amor e Sexo contava com a participação de especialistas, jurados e plateia. Qual a importância da participação deles para qualificar o programa?
15:09
2:09
15:12
8. A mediação do programa pela apresentadora Fernanda Lima aproximava o público dos temas e facilitava a compreensão da pauta?
15:12
0:32
15:13
9. Na sua opinião, qual o protagonismo e a relevância social do programa Amor e Sexo na televisão brasileira?
15:13
0:48
15:14
10. Olhando para os programas que
Digite uma mensagem


Daniela Gleiser
visto por último hoje às 22:00
facilitava a compreensão da pauta?
15:12
0:32
15:13
9. Na sua opinião, qual o protagonismo e a relevância social do programa Amor e Sexo na televisão brasileira?
15:13
0:48
15:14
10. Olhando para os programas que foram ao ar, de que forma você acredita que o Amor e Sexo conseguiu impactar o público?
15:14
1:27
15:15
Olá, Daniela! Muuuuuuuuito obrigado! Nossa, eu nem sei como te agradecer por ter participado.
15:18
No momento estou trabalhando, então não consigo ouvir os áudios, mas assim que chegar em casa serei todo ouvidos.
15:18
Um prazer
15:19
Beijo
15:19
Muito obrigado!
15:19
Digite uma mensagem

ANEXO C - TENTATIVA DE CONTATO COM FERNANDA LIMA E MILLY LACOMBE VIA E-MAIL

Gmail

ENTREVISTA COM FERNANDA LIMA PARA TCC SOBRE AMOR E SEXO Externa Caixa de entrada ×

Lucas de Souza Marques qua., 8 de set. 08:00
para antonio

Olá Antonio, tudo bem? Nós nos falamos pelo Instagram.

Eu me chamo Lucas de Souza Marques, atualmente sou estudante de Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul e estou concluindo o curso neste semestre.
Para me graduar, estou desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) baseado no programa "Amor e Sexo", apresentado pela Fernanda Lima.

Decidi fazer o TCC sobre o protagonismo do programa perante a sociedade por apresentar temas de relevância social semanalmente. E também por um gosto próprio, já que, sempre admirei a atração e a própria Fernanda Lima. Sempre vi aqueles debates de extrema importância como algo revolucionário na televisão brasileira, ainda mais nos dias de hoje, onde o conservadorismo ganha espaço e as minorias políticas são constantemente ameaçadas e ainda mais excluídas.

O objetivo do meu contato é simples: eu gostaria de entrevistar a Fernanda. Porém, tanto eu quanto minha orientadora, a professora Adriana Schleder, sabemos da agenda cheia da apresentadora. Por isso, a ideia é que, via você ou um e-mail direto de Fernanda, eu encaminhe um questionário com algumas perguntas para ela responder sem pressa. Peço sua ajuda, pois acredito que ir nas redes sociais incomodar não é o caminho correto, posso só passar por chato.

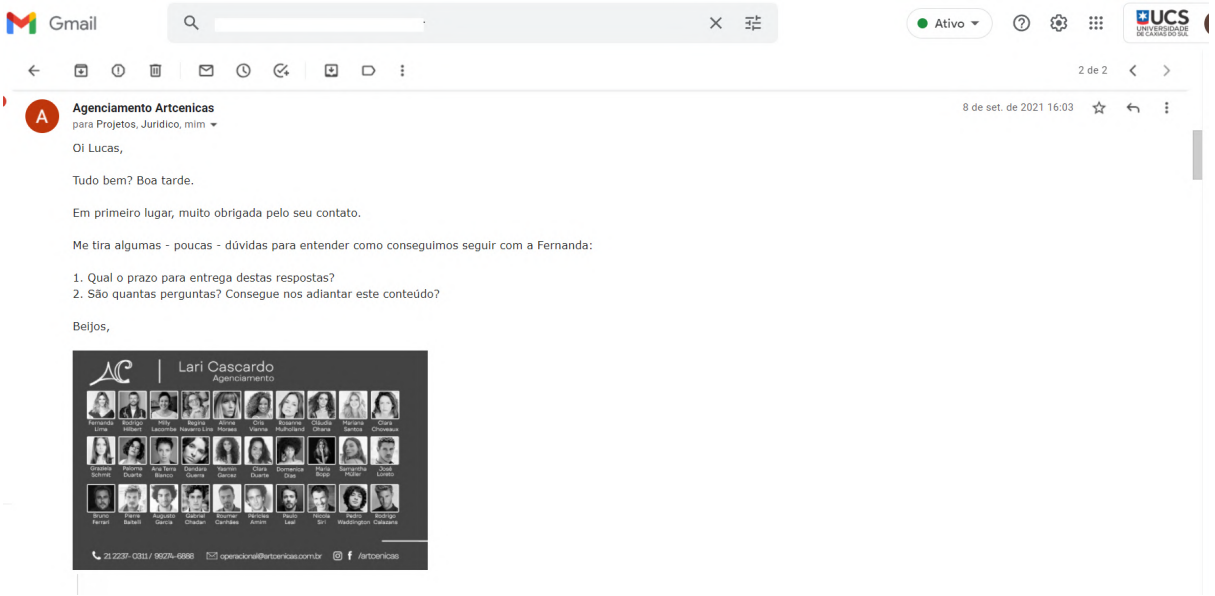
Tenho como missão comprovar como o programa "Amor e Sexo" se tornou essencial para que uma sociedade abandone preconceitos. O que você me diz? Seria incrível contar com o depoimento da Fernanda na pesquisa.

Desde já agradeço a atenção.

Atenciosamente, Lucas.

Agenciamento Artcenicas qua., 8 de set. 16:03
para Projetos, Jurídico, mim

Oi Lucas,



Gmail

Agenciamento Artcenicas 8 de set. de 2021 16:03
para Projetos, Jurídico, mim

Oi Lucas,

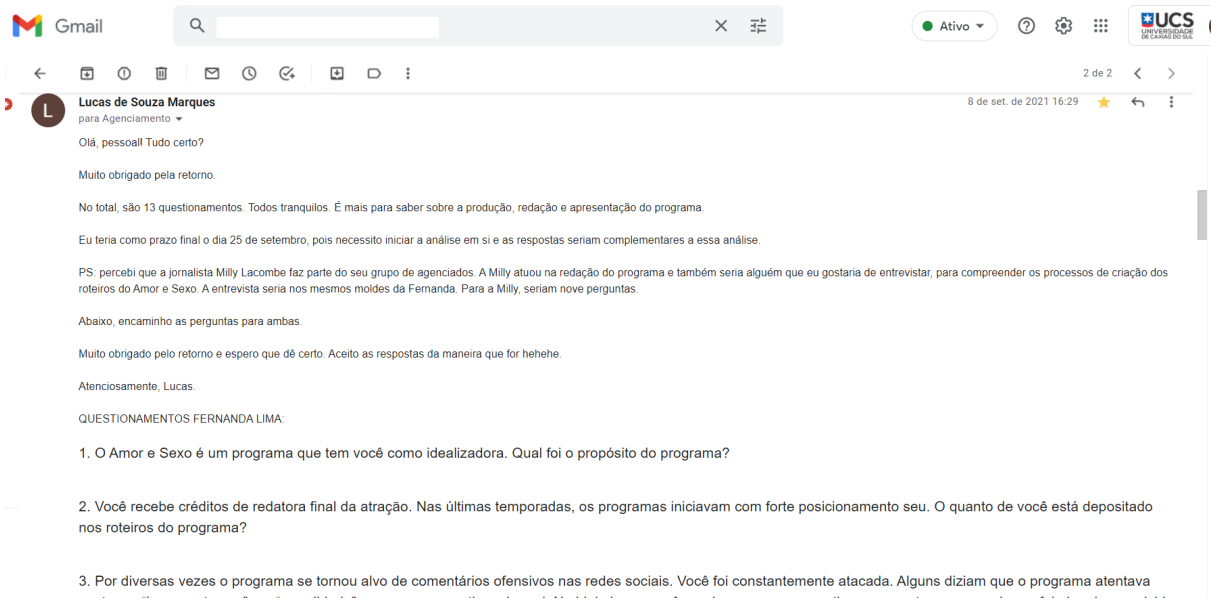
Tudo bem? Boa tarde.

Em primeiro lugar, muito obrigada pelo seu contato.

Me tira algumas - poucas - dúvidas para entender como conseguimos seguir com a Fernanda:

1. Qual o prazo para entrega destas respostas?
2. São quantas perguntas? Consegue nos adiantar este conteúdo?

Beijos,



Gmail

Ativo

2 de 2

Lucas de Souza Marques
para Agenciamento

8 de set. de 2021 16:29

Olá, pessoal! Tudo certo?

Muito obrigado pela retorno.

No total, são 13 questionamentos. Todos tranquilos. É mais para saber sobre a produção, redação e apresentação do programa.

Eu teria como prazo final o dia 25 de setembro, pois necessito iniciar a análise em si e as respostas seriam complementares a essa análise.

PS: percebi que a jornalista Milly Lacombe faz parte do seu grupo de agenciados. A Milly atuou na redação do programa e também seria alguém que eu gostaria de entrevistar, para compreender os processos de criação dos roteiros do Amor e Sexo. A entrevista seria nos mesmos moldes da Fernanda. Para a Milly, seriam nove perguntas.

Abaixo, encaminho as perguntas para ambas.

Muito obrigado pelo retorno e espero que dê certo. Aceito as respostas da maneira que for hehehe.

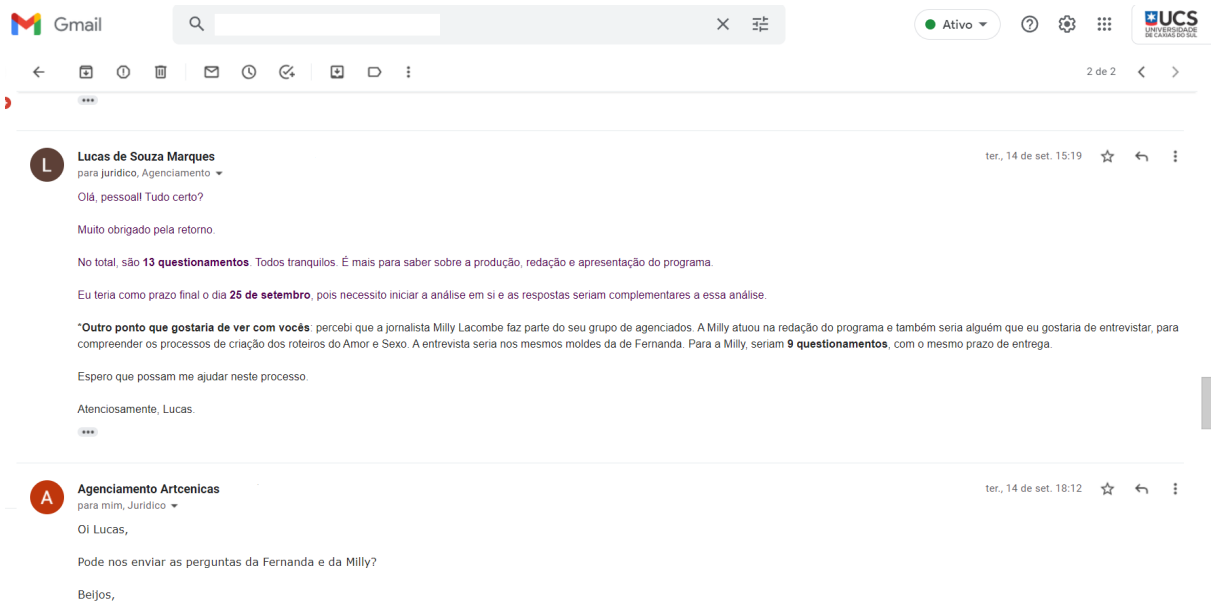
Atenciosamente, Lucas.

QUESTIONAMENTOS FERNANDA LIMA:

1. O Amor e Sexo é um programa que tem você como idealizadora. Qual foi o propósito do programa?

2. Você recebe créditos de redatora final da atração. Nas últimas temporadas, os programas iniciavam com forte posicionamento seu. O quanto de você está depositado nos roteiros do programa?

3. Por diversas vezes o programa se tornou alvo de comentários ofensivos nas redes sociais. Você foi constantemente atacada. Alguns diziam que o programa atentava



Gmail

Ativo

2 de 2

Lucas de Souza Marques
para juridico, Agenciamento

ter., 14 de set. 15:19

Olá, pessoal! Tudo certo?

Muito obrigado pela retorno.

No total, são **13 questionamentos**. Todos tranquilos. É mais para saber sobre a produção, redação e apresentação do programa.

Eu teria como prazo final o dia **25 de setembro**, pois necessito iniciar a análise em si e as respostas seriam complementares a essa análise.

***Outro ponto que gostaria de ver com vocês**: percebi que a jornalista Milly Lacombe faz parte do seu grupo de agenciados. A Milly atuou na redação do programa e também seria alguém que eu gostaria de entrevistar, para compreender os processos de criação dos roteiros do Amor e Sexo. A entrevista seria nos mesmos moldes da de Fernanda. Para a Milly, seriam **9 questionamentos**, com o mesmo prazo de entrega.

Espero que possam me ajudar neste processo.

Atenciosamente, Lucas.

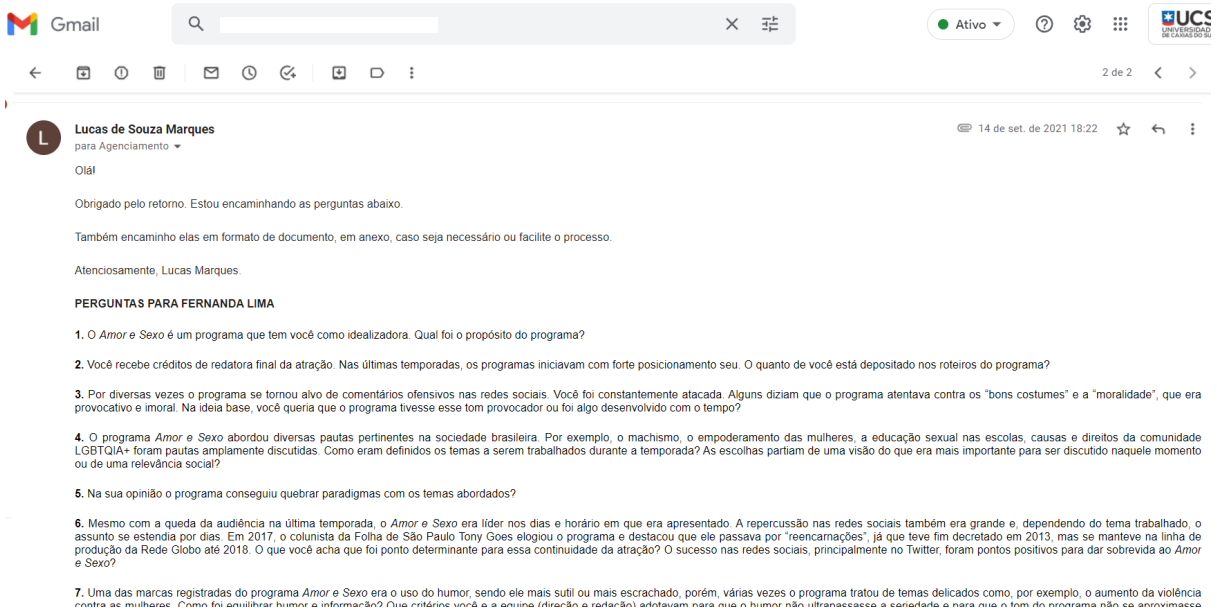
Agenciamento Artcenicas
para mim, Juridico

ter., 14 de set. 18:12

Oi Lucas,

Pode nos enviar as perguntas da Fernanda e da Milly?

Beijos,



Gmail

Ativo

2 de 2

Lucas de Souza Marques
para Agenciamento

14 de set. de 2021 18:22

Olá!

Obrigado pelo retorno. Estou encaminhando as perguntas abaixo.

Também encaminho elas em formato de documento, em anexo, caso seja necessário ou facilite o processo.

Atenciosamente, Lucas Marques.

PERGUNTAS PARA FERNANDA LIMA

1. O *Amor e Sexo* é um programa que tem você como idealizadora. Qual foi o propósito do programa?

2. Você recebe créditos de redatora final da atração. Nas últimas temporadas, os programas iniciavam com forte posicionamento seu. O quanto de você está depositado nos roteiros do programa?

3. Por diversas vezes o programa se tornou alvo de comentários ofensivos nas redes sociais. Você foi constantemente atacada. Alguns diziam que o programa atentava contra os "bons costumes" e a "moralidade", que era provocativo e imoral. Na ideia base, você queria que o programa tivesse esse tom provocador ou foi algo desenvolvido com o tempo?

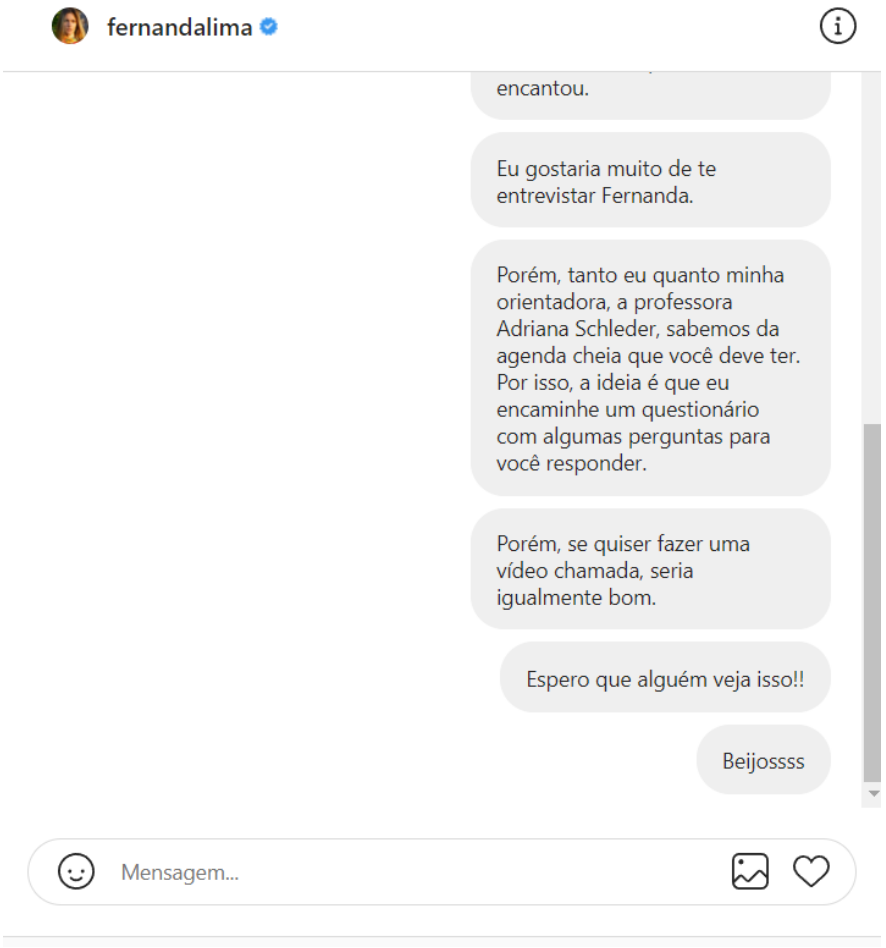
4. O programa *Amor e Sexo* abordou diversas pautas pertinentes na sociedade brasileira. Por exemplo, o machismo, o empoderamento das mulheres, a educação sexual nas escolas, causas e direitos da comunidade LGBTQIA+ foram pautas amplamente discutidas. Como eram definidos os temas a serem trabalhados durante a temporada? As escolhas partiam de uma visão do que era mais importante para ser discutido naquele momento ou de uma relevância social?

5. Na sua opinião o programa conseguiu quebrar paradigmas com os temas abordados?

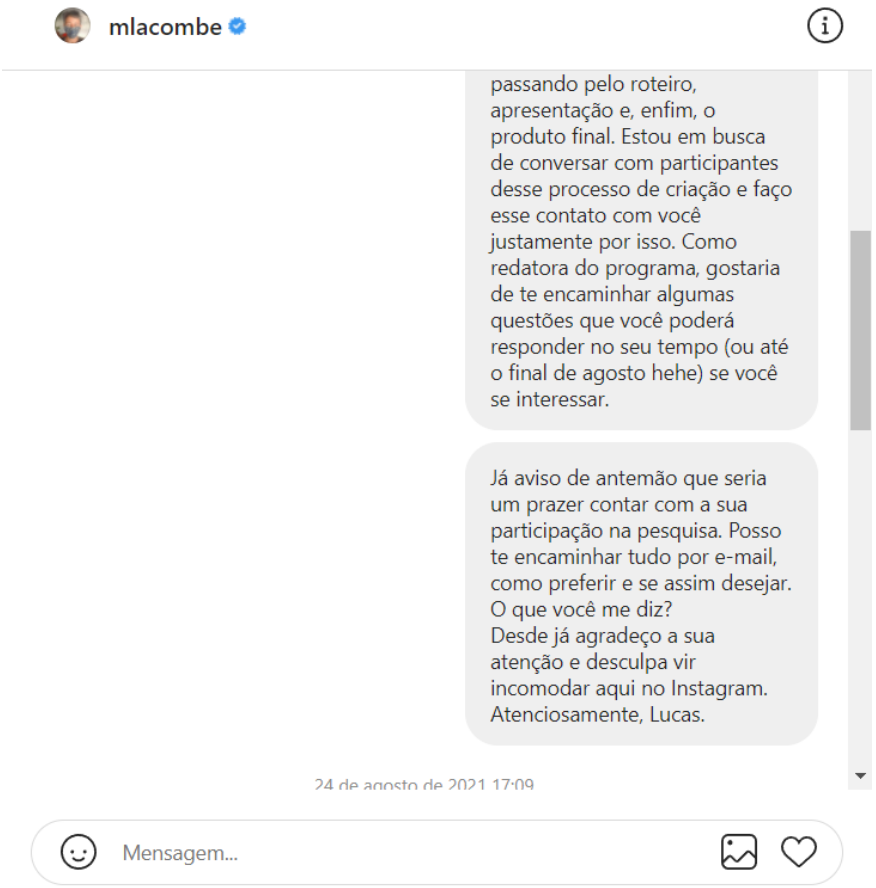
6. Mesmo com a queda da audiência na última temporada, o *Amor e Sexo* era líder nos dias e horário em que era apresentado. A repercussão nas redes sociais também era grande e, dependendo do tema trabalhado, o assunto se estendia por dias. Em 2017, o colunista da Folha de São Paulo Tony Goes elogiou o programa e destacou que ele passava por "reencarnações", já que teve fim decretado em 2013, mas se manteve na linha de produção da Rede Globo até 2018. O que você acha que foi ponto determinante para essa continuidade da atração? O sucesso nas redes sociais, principalmente no Twitter, foram pontos positivos para dar sobrevida ao *Amor e Sexo*?

7. Uma das marcas registradas do programa *Amor e Sexo* era o uso do humor, sendo ele mais sutil ou mais escrachado, porém, várias vezes o programa tratou de temas delicados como, por exemplo, o aumento da violência contra as mulheres. Como foi equilibrar humor e informação? Que critérios você e a equipe (direção e redação) adotavam para que o humor não ultrapassasse a seriedade e para que o tom do programa não se aproximasse

ANEXO D - TENTATIVA DE CONTATO COM FERNANDA LIMA E MILLY LACOMBE VIA *INSTAGRAM*


fernandalima
encantou.
Eu gostaria muito de te entrevistar Fernanda.
Porém, tanto eu quanto minha orientadora, a professora Adriana Schleder, sabemos da agenda cheia que você deve ter. Por isso, a ideia é que eu encaminhe um questionário com algumas perguntas para você responder.
Porém, se quiser fazer uma vídeo chamada, seria igualmente bom.
Espero que alguém veja isso!!
Beijossss
Mensagem...

mlacombe
15 de agosto de 2021 16:10
Olá Milly, tudo bem com você? Eu me chamo Lucas de Souza Marques, sou estudante de jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul e estou produzindo meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o programa "Amor e Sexo". O objetivo da pesquisa é mostrar o protagonismo do programa, na televisão brasileira, ao levar, semanalmente, temas de relevância social para as noites da maior emissora de TV do país e atingir um público muito grande.
Sempre admirei o programa e como ele se comunicou com seu público, desde a produção, passando pelo roteiro, apresentação e, enfim, o produto final. Estou em busca de conversar com participantes
Mensagem...


mlacombe
passando pelo roteiro, apresentação e, enfim, o produto final. Estou em busca de conversar com participantes desse processo de criação e faço esse contato com você justamente por isso. Como redatora do programa, gostaria de te encaminhar algumas questões que você poderá responder no seu tempo (ou até o final de agosto hehe) se você se interessar.
Já aviso de antemão que seria um prazer contar com a sua participação na pesquisa. Posso te encaminhar tudo por e-mail, como preferir e se assim desejar. O que você me diz?
Desde já agradeço a sua atenção e desculpa vir incomodar aqui no Instagram.
Atenciosamente, Lucas.
24 de agosto de 2021 17:09
Mensagem...